



As Virgens Suicidas

Jeffrey Eugenides

O LIVRO QUE DEU ORIGEM AO FILME DE SOFIA COPPOLA

COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Sumário

Capa

Rosto

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Sobre o autor

JEFFREY EUGENIDES

As virgens suicidas

Tradução

Daniel Pellizzari



Para Gus e Wanda

Um

Na manhã em que a última filha dos Lisbon resolveu que tinha chegado sua hora de se suicidar — foi Mary desta vez, e remédios para dormir, como Therese — os dois paramédicos chegaram à casa sabendo exatamente onde ficava a gaveta de facas, o forno a gás e a viga no porão, na qual era possível atar uma corda. Saíram da ambulância, em nossa opinião com a lerdeza de sempre, e o gordo disse baixinho: “não estamos na TV, pessoal, isso é o mais rápido possível”. Carregando o peso do respirador e da unidade cardíaca, passou pelos arbustos, que tinham crescido até ficarem monstruosos, e cruzou o gramado exuberante que costumava ser discreto e imaculado treze meses antes, quando os problemas começaram.

Cecilia, a mais jovem, com apenas treze anos, foi a primeira, cortando os pulsos dentro da banheira como um estoico, e quando a encontraram, flutuando na piscina rosada com os olhos amarelos de uma possuída e o corpinho exalando um cheiro de mulher madura, os paramédicos ficaram tão assustados com sua tranquilidade que congelaram, hipnotizados. Mas então a sra. Lisbon entrou correndo e gritando no banheiro e a realidade se restabeleceu: sangue no tapete; a navalha do sr. Lisbon mergulhada no vaso sanitário, marmorizando a água. Os paramédicos retiraram Cecilia da água morna, que acelerava o sangramento, e aplicaram um torniquete em seus braços. O cabelo molhado escorria pelas costas, e as extremidades da menina já estavam azuis. Ela não disse coisa alguma, mas quando separaram suas mãos encontraram o santinho laminado da Virgem Maria que ela segurava contra os seios em botão.

Isso foi em junho, temporada das efeméridas, quando ano após ano nossa cidade fica coberta pelos restos desses insetos de vida curta. Depois de irromperem em nuvens das algas do lago poluído, obscurecem janelas, recobrem carros e postes de luz, emplastram as docas municipais e adornam os cordames dos veleiros, sempre com a mesma ubiquidade parda de escória voadora. A sra. Scheer, que mora no fim da rua, nos contou ter visto Cecilia um dia antes de ela tentar o suicídio. Estava parada ao lado do meio-fio, usando como sempre o antigo vestido de noiva com a bainha desfeita e olhando para um Thunderbird forrado de efeméridas. “Melhor arranjar uma vassoura, meu bem”, recomendou a sra. Scheer. Mas Cecilia a encarou com seu olhar intenso de espiritualista. “Estão mortas”, respondeu. “Só vivem por vinte e quatro horas. Saem do ovo, se reproduzem e morrem. Nem chegam a comer.” E, ao dizer isso, enfiou a mão na camada espumosa de insetos, desenhando suas iniciais: C.L.

Tentamos organizar as fotografias em ordem cronológica, ainda que a passagem de tantos anos tenha dificultado a tarefa. Algumas são nebulosas, mas ainda assim reveladoras. A Peça nº 1 exhibe a casa dos Lisbon um pouco antes da tentativa de suicídio de Cecilia. Foi tirada pela sra. Carmina D’Angelo, uma corretora imobiliária contratada pelo sr. Lisbon para vender a casa que havia muito tinha ficado pequena demais para sua vasta família. De acordo com o instantâneo, o telhado de ardósia ainda não tinha começado a perder as telhas, a varanda ainda era visível sobre os arbustos e as janelas ainda se mantinham no lugar sem a ajuda de tiras de fita-crepe. Uma confortável casa de subúrbio. Um borrão na janela superior direita do andar de cima foi identificado pela sra. Lisbon como sendo Mary Lisbon. “Ela vivia tentando aumentar o volume do cabelo, que achava muito fino”, comentou anos depois, lembrando a aparência da filha em sua curta passagem pela terra. Na fotografia, Mary foi surpreendida usando o secador de cabelo. Sua cabeça parece estar em chamas, mas é apenas um efeito da luz. Era 13 de junho, vinte e nove graus no lado de fora, céu ensolarado.

Satisfeitos por terem reduzido o sangramento a um filete, os paramédicos colocaram Cecilia sobre uma maca e carregaram-na até a ambulância estacionada em frente à casa. Parecia uma pequena Cleópatra sobre uma liteira imperial. Vimos o paramédico desengonçado com bigode de Wyatt Earp sair primeiro — foi batizado de “xerife” quando o conhecemos melhor por conta dessas tragédias domésticas — e, em seguida, apareceu o gordo, que segurava a outra extremidade da maca e atravessava o gramado com passos delicados, examinando os próprios pés como se estivesse procurando merda de cachorro. Mais tarde, quando ficamos mais familiarizados com o equipamento, descobrimos que na verdade ele estava conferindo o mostrador de pressão sanguínea. Suando, um tanto atrapalhados, avançaram até a ambulância que tremia e piscava. O gordo tropeçou em um solitário arco de croqué. Vingou-se dele com um chute; o arco saltou como uma mola, erguendo um jorro de terra, e caiu sobre o asfalto com um ruído metálico. Enquanto isso, a sra. Lisbon irrompeu na varanda, arrastando a camisola de flanela de Cecilia, e emitiu um gemido interminável que fez o tempo parar. Sob as mudas de árvores e sobre a grama fulgurante e banhada de luz, essas quatro figuras congelaram como se formassem um quadro vivo: os dois escravos oferecendo a vítima ao altar (colocando a maca dentro da ambulância), a sacerdotisa brandindo a tocha (sacudindo a camisola de flanela) e a virgem dopada se erguendo, apoiada nos cotovelos, com um sorriso sobrenatural nos lábios pálidos.

A sra. Lisbon acomodou-se na parte de trás da ambulância, mas o sr. Lisbon a seguiu ao volante do furgão, atento ao limite de velocidade. Duas das meninas Lisbon estavam longe de casa: Therese em Pittsburgh, em uma convenção científica, e Bonnie no acampamento musical, tentando aprender a tocar flauta depois de ter abandonado o piano (suas mãos eram pequenas demais), o violino (seu queixo doía), o violão (as pontas dos seus dedos sangravam) e o trompete (seu lábio superior inchava). Ao escutarem

a sirene, Mary e Lux atravessaram a rua às pressas, interrompendo sua aula de voz com o sr. Jessup. Invadiram o banheiro lotado e sentiram o mesmo choque de seus pais diante da visão de Cecilia com antebraços salpicados de sangue e uma nudez pagã. Fora da casa, se abraçaram sobre um canteiro intocado que tinha sido ignorado por Butch, o garoto musculoso que cortava grama aos sábados. Do outro lado da rua, um caminhão cheio de homens do Departamento de Parques cuidava de alguns dos nossos olmos moribundos. A sirene da ambulância guinchava, cada vez mais distante, e o botânico e sua equipe deixaram de lado o inseticida para acompanhar a movimentação. Quando a ambulância sumiu, voltaram a borrifar. O majestoso olmo, também visível no primeiro plano da Peça nº 1, acabou sucumbindo ao fungo disseminado pelo besouro da grafiose, e foi cortado.

Os paramédicos levaram Cecilia para o Hospital Bon Secours, na Kercheval com a Maumee. Na sala de emergência, Cecilia assistiu com um distanciamento lúgubre ao empenho em salvar sua vida. Seus olhos amarelos não piscaram, e ela não esboçou reação quando lhe enfiaram uma agulha no braço. O dr. Armonson suturou as feridas nos pulsos. Após cinco minutos de transfusão, declarou que ela estava fora de perigo. Segurando o queixo da menina com delicadeza, o médico perguntou: “O que você está fazendo aqui, meu bem? Você nem tem idade para saber o quanto a vida pode se tornar ruim”.

E foi então que Cecilia forneceu oralmente aquilo que seria sua única forma de bilhete de suicídio, e ainda por cima um bilhete inútil, porque ela sobreviveria: “É óbvio, doutor”, ela disse, “você nunca foi uma menina de treze anos”.

As meninas Lisbon tinham treze (Cecilia), catorze (Lux), quinze (Bonnie), dezesseis (Mary) e dezessete (Therese). Eram baixinhas, com nádegas apertadas nas calças de brim e bochechas redondas que

lembravam a mesma maciez dorsal. Sempre que conseguíamos dar uma espiadela, seus rostos pareciam uma revelação indecente, como se estivéssemos acostumados a ver apenas mulheres de véu. Ninguém conseguia entender como o sr. e a sra. Lisbon tinham produzido filhas tão bonitas. O sr. Lisbon dava aulas de matemática para o ensino médio. Era magro, jovial, desconcertado com seus cabelos grisalhos. Sua voz era muito aguda, e quando Joe Larson nos disse que o sr. Lisbon chorou no dia em que Lux foi levada ao hospital, depois de sua tentativa de suicídio, que aconteceu mais tarde, conseguimos imaginar sem dificuldade o som afeminado de seus gemidos.

Sempre que víamos a sra. Lisbon, procurávamos em vão algum sinal da beleza que ela devia ter tido um dia. Mas os braços roliços, o cabelo de palha de aço com corte tosco e os óculos de bibliotecária sempre frustravam nossas tentativas. Era vista raramente, ou de manhã cedo, saindo para apanhar os litros de leite molhados de orvalho, já vestida com as roupas do dia, ainda que o sol não tivesse nascido, ou aos domingos, quando a família entrava na perua decorada com frisos de madeira para ir até a igreja católica de St. Paul, perto do lago. Nessas manhãs, a sra. Lisbon assumia um ar gélido, digno de uma rainha. Agarrada a sua única bolsa bonita, conferia se havia sinais de maquiagem em cada uma das filhas antes de permitir que entrassem no carro, e não era incomum que mandasse Lux voltar para vestir uma blusa mais discreta. Como nenhum de nós ia à igreja, tínhamos muito tempo para observar os pais vestidos de cores lavadas, como se fossem negativos de fotografias, e então as cinco filhas resplandcentes com vestidos feitos em casa, cheios de babados e rendas, inchados com suas carnes em flor.

Um único garoto tinha recebido permissão para entrar na casa. Peter Sissen ajudara o sr. Lisbon a instalar uma maquete do sistema solar na sala de aula da escola, e em troca foi convidado para jantar. Contou que as meninas não paravam de chutá-lo por baixo da mesa, de todos os lados, de modo que ele não conseguiria dizer quem era a responsável. Elas o

encararam com olhos azuis e febris e sorriram mostrando os dentes acavalados, único traço das meninas Lisbon no qual conseguimos encontrar algum defeito. Bonnie foi a única que não deu nenhuma olhada ou chute às escondidas em Peter Sissen. Apenas rezou e fez a refeição em silêncio, absorta em sua devoção de garota de quinze anos. Depois de comer, ele pediu para ir ao banheiro, e como Therese e Mary estavam juntas no banheiro do térreo, entre risadinhas e cochichos, ele teve de usar o das meninas, no andar de cima. Voltou com histórias de quartos repletos de calcinhas amassadas, de bichos de pelúcia abraçados até a morte pela paixão das meninas, de um crucifixo ornamentado com um sutiã, de câmaras diáfanas e camas com dossel, e dos eflúvios de tantas meninas jovens se tornando mulheres, todas juntas no mesmo espaço apertado. No banheiro, com a torneira ligada para disfarçar os sons de sua busca, Peter Sissen encontrou o esconderijo dos cosméticos de Mary Lisbon, amarrados dentro de uma meia sob a pia: tubos de batom vermelho, a camada de blush e base e a cera depilatória que nos dava indícios de um bigode que nunca havíamos notado. Na verdade não sabíamos a quem pertencia a maquiagem encontrada por ele até duas semanas mais tarde, quando avistamos Mary Lisbon no píer com uma boca carmesim que condizia com o tom descrito por ele.

Peter Sissen inventariou desodorantes, perfumes e lixas para eliminar pele morta, e ficamos surpresos ao descobrir que não havia duchas higiênicas em lugar algum, porque achávamos que meninas usavam duchas todas as noites, com a mesma frequência com que escovavam os dentes. Mas essa decepção foi anulada no instante seguinte, quando Sissen mencionou uma descoberta que transcendia nossos delírios mais ousados. Na lixeira havia um absorvente interno usado, ainda fresco das entranhas de uma das meninas Lisbon. Ele falou que sentiu vontade de nos trazer aquilo, que não era nojento, era uma coisa linda, a gente precisava ver, parecia uma pintura moderna ou algo assim, e então revelou que tinha contado doze caixas de Tampax no armário. Foi só nesse instante que Lux

bateu na porta, perguntando se ele tinha morrido ali dentro, e Sissen a abriu às pressas. O cabelo dela, preso por um grampo durante o jantar, agora caía sobre os ombros. Lux não deu sequer um passo para dentro do banheiro, mas encarou Sissen direto nos olhos. E então, com sua risada de hiena, o empurrou para o lado e entrou, dizendo “Parou de monopolizar o banheiro? Preciso pegar uma coisa”. Caminhou até o armário e então parou, entrelaçando as mãos nas costas. “É privado. Dá licença?”, pediu, e Peter Sissen desceu as escadas correndo, com o rosto vermelho, e, depois de agradecer ao sr. e à sra. Lisbon, veio direto nos contar que Lux Lisbon estava sangrando pelo meio das pernas naquele exato momento, enquanto as efeméridas deixavam o céu imundo e os postes de luz começavam a se acender.

Quando Paul Baldino ouviu a história de Peter Sissen, jurou que conseguiria entrar na casa dos Lisbon e ver coisas ainda mais impensáveis do que as testemunhadas por Sissen. “Vou ver essas meninas tomando banho”, jurou. Aos catorze anos, Paul Baldino já tinha a mesma barriga de gângster e o rosto de matador de aluguel do pai, Sammy “Tubarão” Baldino, e de todos os homens que entravam e saíam do casarão da sua família, com dois leões esculpidos em pedra ao lado dos degraus de entrada. Ele se movia com a insolência vagarosa dos predadores urbanos que cheiram a colônia e fazem as unhas. Tínhamos medo dele e dos seus primos imponentes e rechonchudos, Rico Manollo e Vince Fusilli, e não apenas porque a casa dele vivia aparecendo no jornal, ou por causa das limusines negras à prova de balas que deslizavam pelo acesso circular ladeado por loureiros importados da Itália, mas por conta de suas olheiras, seus quadris descomunais e seus sapatos pretos, brilhantes de tão engraxados, que ele usava mesmo quando jogava beisebol. Paul Baldino já tinha invadido outros locais proibidos no passado e, ainda que nem sempre voltasse com informações confiáveis, sempre ficávamos impressionados

com a coragem de suas operações de reconhecimento. Na sexta série, quando passaram um filme só para as meninas no auditório, foi o Paul Baldino que se infiltrou na sala e ficou escondido na velha cabine de votação, para depois nos contar do que se tratava. Ficamos no parquinho remexendo no cascalho e esperando por ele, e quando enfim apareceu, mastigando um palito de dente e brincando com seu anel de ouro, estávamos sem fôlego de tanta expectativa.

“Vi o filme”, anunciou. “Descobri o assunto. Escutem essa. Quando as meninas estão com mais ou menos doze anos” — ele se inclinou em nossa direção — “os peitos delas sangram.”

Mesmo que àquela altura já fôssemos mais entendidos, Paul Baldino ainda nos inspirava medo e respeito. Seus quadris de rinoceronte tinham ficado ainda maiores, e as olheiras se aprofundaram até ganhar uma cor de cinza de charuto misturada com lama, fazendo com que ele parecesse um amigo íntimo da morte. Foi mais ou menos nessa época que começaram os boatos sobre o túnel de fuga. Uns anos antes, por trás da cerca pontiaguda dos Baldino, vigiada por dois pastores-alemães brancos e idênticos, surgiu certa manhã um grupo de trabalhadores. Penduraram lonas em escadas para esconder o que faziam, e três dias depois, quando retiraram as lonas, havia um tronco artificial bem no meio do gramado. Era feito de cimento, pintado para se parecer com casca de árvore, e tinha como acabamento um nó de madeira falso e dois ramos podados apontando para o céu com o fervor dos tocos amputados. No meio da árvore, uma abertura feita com serra circular abrigava uma grelha de metal.

Paul Baldino falou que era uma churrasqueira, e acreditamos nele. Mas, com o passar do tempo, percebemos que ninguém a usava. Segundo os jornais, a instalação daquela churrasqueira tinha custado cinquenta mil dólares, mas ela nunca havia sido usada para grelhar um único hambúrguer ou uma única salsicha. Logo começou a circular o boato de que o tronco era na verdade um túnel de fuga que levava a um esconderijo mais adiante, no rio, onde Sammy “Tubarão” guardava uma lancha, e os

trabalhadores tinham pendurado as lonas para esconder a escavação. Então, alguns meses após o início dos boatos, Paul Baldino começou a aparecer em porões alheios, saindo dos bueiros. Surgiu na casa de Chase Buell coberto por uma poeira cinzenta que tinha um cheiro simpático de merda; se espremeu até o porão de Danny Zinn, desta vez carregando uma lanterna, um taco de beisebol e um saco contendo dois ratos mortos; e por fim surgiu do outro lado do aquecedor de Tom Faheem, fazendo-o soar três vezes.

Sempre nos explicava que andava explorando um bueiro embaixo de sua própria casa e acabou se perdendo, mas começamos a suspeitar que ele estivesse brincando com o túnel de fuga do pai. Quando se vangloriou de que iria ver as meninas Lisbon tomando banho, todos acreditamos que entraria na casa dos Lisbon da mesma forma que tinha entrado nas outras. Nunca soubemos ao certo o que aconteceu, embora a polícia o tenha interrogado por mais de uma hora. Paul Baldino disse a eles apenas o que havia dito para nós. Falou que tinha se arrastado pelo esgoto pluvial sob o porão da sua casa e começado a caminhar, um passo depois do outro. Descreveu o tamanho surpreendente dos canos, os copos de café e as bitucas de cigarro deixados pelos trabalhadores e os desenhos em carvão de mulheres nuas que lembravam pinturas rupestres. Contou que tinha escolhido túneis a esmo e que, quando passava por baixo da casa dos outros, conseguia sentir o cheiro do que estava sendo preparado na cozinha. Enfim conseguiu passar pela grade do bueiro no porão dos Lisbon. Depois de se limpar, saiu à procura de alguém no térreo, mas não havia ninguém em casa. Chamou diversas vezes, indo de um quarto a outro. Subiu as escadas até o andar de cima. Ao final do corredor, escutou água correndo. Chegou mais perto da porta do banheiro. Insistiu no ponto de que bateu na porta. E então Paul Baldino contou que entrou no banheiro e encontrou Cecilia nua, com os pulsos se esvaindo em sangue, e que, depois de se recuperar do choque, precisou descer as escadas correndo

e telefonar para a polícia antes de qualquer outra coisa, porque era isso que o seu pai sempre lhe dissera para fazer.

Os paramédicos encontraram primeiro o santinho, é claro, que em meio à crise o gordo colocou no bolso. Somente no hospital lembrou de dar a imagem laminada ao sr. e à sra. Lisbon. Àquela altura Cecilia estava fora de perigo, e seus pais descansavam na sala de espera, aliviados mas confusos. O sr. Lisbon agradeceu ao paramédico por salvar a vida da filha. Então virou o santinho e leu o texto impresso no verso:

A Virgem Maria tem aparecido em nossa cidade, trazendo sua mensagem de paz a um mundo em ruínas. Como em Lourdes e Fátima, Nossa Senhora concedeu sua presença a pessoas como você. Para mais informações, ligue para 555-MARIA

O sr. Lisbon leu três vezes aquelas palavras. Em seguida comentou, num tom derrotado: “A menina foi batizada, crismada, e agora acredita nessa bobagem”.

Foi sua única blasfêmia durante todo o suplício. A sra. Lisbon reagiu amassando o santinho com uma das mãos (ele sobreviveu; temos uma fotocópia).

O jornal local não publicou nada a respeito da tentativa de suicídio porque o sr. Baubee, o editor, julgou que uma informação tão deprimente não se encaixaria em lugar algum entre o artigo de primeira página sobre a Exposição de Flores da Liga Júnior e as fotografias de noivas sorridentes na última página. Na edição daquele dia, a única notícia relevante dizia respeito à greve dos funcionários do cemitério (corpos se empilhando, nenhum acordo à vista), mas isso só na página 4, logo abaixo dos resultados da Liga Secundária.

Depois de voltarem para casa, o sr. e a sra. Lisbon se trancaram com as meninas e não fizeram comentário algum sobre o que tinha acontecido.

Quando foi pressionada a tocar no assunto pela sra. Scheer, a sra. Lisbon se referiu ao “acidente da Cecilia”, como se a menina tivesse caído e se cortado. Mas Paul Baldino, que já estava cansado de tanto ver sangue, nos descreveu com precisão e objetividade o que tinha visto, sem deixar dúvidas de que Cecilia havia cometido uma violência contra si mesma.

A sra. Buck achou estranho que a navalha tivesse ido parar dentro do vaso sanitário. “Se você estivesse cortando os pulsos na banheira”, comentou, “não deixaria a navalha bem ao lado?” Depois disso começamos a nos perguntar se Cecilia tinha cortado os pulsos depois de imersa na água da banheira ou se ainda estava de pé em cima do tapete, que tinha manchas de sangue. Paul Baldino não tinha dúvidas: “Ela se cortou na privada”, afirmou. “Depois entrou na banheira. Sujou o lugar inteirinho, cara.”

Cecilia foi mantida sob observação por uma semana. Os registros do hospital mostram que a artéria no pulso direito foi seccionada por inteiro, porque ela era canhota, mas que o corte no pulso esquerdo não tinha sido tão profundo, deixando intacta a parte inferior da artéria. Ela levou vinte e quatro pontos em cada um dos pulsos.

Voltou ainda usando o vestido de noiva. A sra. Patz, cuja irmã era enfermeira no Bon Secours, disse que Cecilia se recusou a vestir a camisola hospitalar, exigindo que trouxessem seu vestido de noiva, e o dr. Hornicker, psiquiatra da equipe, julgou que era melhor fazer sua vontade. Cecilia voltou do hospital em meio a uma tempestade. Estávamos na casa do Joe Larson, do outro lado da rua, quando ouvimos a primeira trovoadá. Do térreo, a mãe de Joe gritou para que fechássemos todas as janelas, e corremos para obedecer. Lá fora, um vácuo profundo deixou o ar parado. Uma lufada de vento atingiu uma sacola de papel, que se elevou, voando pelos ramos mais baixos das árvores. Em seguida, o vácuo se rompeu com o aguaceiro, o céu ficou negro e a perua dos Lisbon tentou passar incógnita na escuridão.

Chamamos a mãe de Joe para assistir. Em poucos segundos, escutamos seus pés velozes nos degraus forrados com carpete, e ela se juntou a nós diante da janela. Era terça-feira, e ela cheirava a lustra-móveis. Juntos, vimos a sra. Lisbon usar um dos pés para abrir a porta do carro e, em seguida, sair com a bolsa sobre a cabeça, para não se molhar. Franzindo o cenho, quase agachada, abriu a porta de trás. A chuva continuava. O cabelo da sra. Lisbon caía sobre seu rosto. Por fim, surgiu a cabecinha de Cecilia, indistinta em meio à chuva, emergindo com estranhos movimentos de impulsão por conta das tipoias que lhe imobilizavam os braços. Ela levou um tempo para reunir energia suficiente para ficar de pé. Quando enfim conseguiu cambalear para fora, ergueu as duas tipoias como se fossem asas de lona, então a sra. Lisbon tomou seu cotovelo esquerdo e a conduziu para dentro de casa. A essa altura, a chuva desabava com força total e não conseguíamos mais enxergar o outro lado da rua.

Nos dias seguintes vimos Cecilia muitas vezes. Ficava sentada nos degraus de entrada da casa, apanhando e comendo frutinhas vermelhas dos arbustos ou manchando as mãos com o sumo. Estava sempre usando o vestido de noiva, com os pés descalços e sujos. À tarde, quando o sol iluminava o jardim, assistia às formigas atravessando rachaduras na calçada ou se deitava de barriga para cima sobre a grama fertilizada e olhava para as nuvens. Estava sempre acompanhada de alguma das irmãs. Therese levava livros de ciências para os degraus e ficava estudando fotografias do espaço profundo, levantando os olhos sempre que Cecilia se aproximava dos limites do jardim. Lux estendia toalhas de praia e tomava banho de sol enquanto Cecilia rabiscava arabescos na própria perna usando um graveto. E, algumas vezes, Cecilia se aproximava da guardiã, abraçava-lhe o pescoço e cochichava em seu ouvido.

Todo mundo tinha uma teoria para explicar por que ela havia tentado se matar. Para a sra. Buell, a culpa era dos pais. “Aquela menina não queria morrer”, disse a nós. “Tudo que ela queria era sair daquela casa.” E a sra. Scheer completou: “Querida sair daquele estilo de decoração”. No dia em

que Cecilia voltou do hospital, as duas senhoras levaram um bolo *bundt* como demonstração de solidariedade, mas a sra. Lisbon se negou a admitir que qualquer calamidade tivesse ocorrido. Encontramos a sra. Buell muito envelhecida, imensa de gorda, ainda dormindo em um quarto separado do do marido, o cientista cristão. Apoiada na cama, ainda usava óculos escuros em estilo gatinho durante o dia, com armação perolada, e ainda chacoalhava cubos de gelo no copo alto que garantia conter somente água; mas havia nela um novo odor de indolência vespertina, um cheiro de novela. “Assim que Lily e eu aparecemos com aquele bolo, a mulher mandou as meninas subirem. Dissemos que ainda estava quente, ‘vamos todas comer um pedaço’, mas ela pegou o bolo e colocou na geladeira. Bem na nossa frente.” A lembrança da sra. Scheer era diferente. “Odeio dizer uma coisa dessas, mas faz anos que Joan vive bêbada. A verdade é que a sra. Lisbon nos agradeceu de um modo bem afável. Não havia nenhum sinal de algo errado. Comecei a pensar que talvez fosse verdade que a menina tivesse apenas caído e se cortado. A sra. Lisbon nos convidou para ir até o jardim de inverno, onde cada uma de nós comeu uma fatia de bolo. Em dado momento, Joan desapareceu. Talvez tenha voltado para casa porque queria tomar mais um trago. Não me surpreenderia.”

Encontramos o sr. Buell um pouco mais adiante, num quarto decorado com tema esportivo que ficava no mesmo corredor do quarto da esposa. Na prateleira havia um retrato de sua primeira mulher, que ele continuava amando mesmo após o divórcio, e, quando ele se levantou para nos cumprimentar, vimos que ainda estava encurvado por conta do ferimento no ombro que a fé não conseguiu curar inteiramente. “Foi como qualquer outra coisa nesta sociedade triste”, disse. “Elas não tinham uma relação com Deus.” Quando mencionamos o santinho da Virgem Maria, respondeu: “Ela deveria estar com uma imagem de Jesus”. Por trás das rugas e das sobrancelhas brancas e revoltas, era possível discernir o rosto bonito do homem que tinha nos ensinado a jogar futebol americano muitos anos antes. O sr. Buell fora piloto na Segunda Guerra Mundial.

Abatido sobre a Birmânia, conduziu seus homens por uma trilha de cento e cinquenta quilômetros pelo meio da selva até chegarem a um lugar seguro. Depois disso, nunca mais aceitou qualquer remédio, nem mesmo aspirina. Em certo inverno, quebrou o braço esquiando, mas só conseguiram convencê-lo a tirar uma radiografia e nada mais. Desse momento em diante, passou a fazer caretas de dor quando tentávamos derrubá-lo em uma jogada, varria folhas secas usando apenas uma das mãos, e parou de dar espetáculos com a frigideira ao fazer panquecas nas manhãs de domingo. Mesmo assim, perseverou, e sempre nos repreendeu com delicadeza quando pronunciávamos o nome de Deus em vão. No quarto, o ombro incorporou-se a uma graciosa corcunda. “Como é triste pensar naquelas meninas”, disse. “Que desperdício de vida.”

A teoria mais popular da época colocava a culpa em Dominic Palazzolo. Dominic era imigrante, morava com parentes até que sua família se estabelecesse no Novo México. Foi o primeiro garoto da vizinhança a usar óculos escuros, e uma semana depois de chegar se apaixonou. Seu objeto de desejo não era Cecilia, mas Diana Porter, uma garota de cabelos castanhos e um rosto atraente, ainda que equino, que morava em uma casa coberta de hera perto do lago. Infelizmente, Diana não percebia Dominic espiando pela cerca enquanto ela jogava tênis na quadra de saibro, nem quando ela se deitava na espreguiçadeira da piscina, transpirando néctar. No nosso canto, no nosso grupo, Dominic Palazzolo não participava das conversas sobre beisebol ou tipos de ônibus, porque só sabia falar algumas palavras em inglês, mas, de vez em quando, inclinava a cabeça para trás, fazendo os óculos escuros refletirem o céu, e dizia: “Eu amo ela”. E a cada vez que dizia isso, parecia entregue a uma profundidade que o fascinava, como se tivesse expelido uma pérola. No início de junho, quando Diana Porter saiu de férias para a Suíça, Dominic entrou em parafuso. “Foda-se a Virgem Maria”, disse, abalado. “Foda-se Deus.” Para mostrar seu desespero e a validade do amor que sentia, subiu no telhado da casa dos parentes e pulou.

Ficamos olhando para ele. Ficamos olhando Cecilia Lisbon olhando para ele do seu jardim. Dominic Palazzolo, com calças apertadas, botas Dingo e cabelo *pompadour*, entrou na casa, e o vimos passando pelas janelas panorâmicas de vidro laminado do térreo; em seguida apareceu em uma janela do andar superior, com um lenço de seda no pescoço. Escalando o peitoril, passou para o telhado plano. Parado ali em cima ele parecia frágil, doente e temperamental, como esperávamos que um europeu se parecesse. Andou na ponta dos pés pela borda do telhado como se fosse um atleta de salto ornamental e então sussurrou “Eu amo ela” para si mesmo enquanto desabava diante das janelas até pousar nos arbustos bem-cuidados do jardim.

Não se machucou. Levantou-se logo após a queda, tendo provado seu amor. Alguns diziam que naquele exato momento e naquele mesmo quarteirão o amor de Cecilia Lisbon desabrochou. Amy Schraff, que conheceu Cecilia na escola, mencionou que na semana anterior à formatura ela só falava em Dominic. Em vez de estudar para as provas, ficava na sala de estudos da biblioteca lendo na enciclopédia o verbete ITÁLIA. Começou a dizer “ciao” e escapulir até a igreja católica de St. Paul, perto do lago, para salpicar água benta na testa. Na cantina, mesmo nos dias quentes em que o lugar era tomado pelos vapores densos da comida institucional, Cecilia sempre escolhia espaguete com almôndegas, como se ficasse mais próxima de Dominic Palazzolo ao comer a mesma refeição que ele. No auge da paixonite, comprou o crucifixo que mais tarde Peter Sissen viu decorado com o sutiã.

Os defensores dessa teoria sempre apontavam um fato central: na semana anterior à tentativa de suicídio de Cecilia, os pais de Dominic Palazzolo o chamaram para o Novo México. Ele voltou a mandar Deus se foder o tempo todo, porque o Novo México ficava ainda mais distante da Suíça, onde naquele exato instante Diana Porter desfilava à sombra das árvores do verão, se afastando irreversivelmente do mundo que ele herdaria como proprietário de um serviço de limpeza de carpetes. Segundo Amy

Schraff, Cecilia tinha vertido sangue na banheira porque era isso que faziam os antigos romanos quando a vida se tornava intolerável, e ela imaginou que quando Dominic ouvisse falar disso na estrada, passando pelos cactos, entenderia que era ela quem o amava.

O relatório do psiquiatra ocupa a maior parte do registro hospitalar de Cecilia. Depois de falar com a menina, o dr. Hornicker diagnosticou sua tentativa de suicídio como um ato agressivo gerado pela repressão de impulsos libidinais adolescentes. Diante de três manchas de tinta completamente diferentes, ela respondeu “uma banana”. Também enxergou “grades de prisão”, “um pântano”, “um *black power*” e “a terra depois de uma bomba atômica”. Quando ele perguntou a ela por que tentou se matar, ela disse apenas “Foi um erro”, e se fechou como uma ostra quando o dr. Hornicker insistiu. “Apesar da gravidade dos ferimentos”, ele escreveu, “não creio que a paciente quisesse mesmo acabar com a própria vida. O ato foi um pedido de ajuda”. Encontrou-se com o sr. e a sra. Lisbon e recomendou que afrouxassem as regras da família. O médico achou que Cecilia se beneficiaria de “uma válvula de escape social, fora da codificação escolar, que permita a ela interagir com garotos da mesma idade. Aos treze anos, Cecilia deveria ter autorização para usar o tipo de maquiagem que é popular entre meninas de sua idade, pois só assim firmará vínculos com elas. Imitar costumes compartilhados pelo grupo é um passo indispensável no processo de individuação”.

Daí em diante, a casa dos Lisbon começou a mudar. Quase todos os dias, e mesmo quando não estava de olho em Cecilia, Lux tomava sol sobre uma toalha, usando o traje de banho que inspirou o amolador de facas a lhe conceder uma demonstração de quinze minutos a troco de nada. Como alguma das meninas estava sempre entrando ou saindo às pressas, a porta de entrada ficava sempre aberta. Certa vez, quando estávamos jogando bola na frente da casa do Jeff Maldrum, vimos um grupo de meninas dançando rock na sala de estar. Pareciam muito dedicadas a aprender os passos e movimentos corretos, e ficamos maravilhados ao

descobrir que meninas dançam juntas para se divertir. Jeff Maldrum ficou batendo no vidro e fazendo sons de beijo, até baixarem a cortina. Antes de desaparecerem, enxergamos Mary Lisbon bem ao fundo, perto da estante de livros, usando calças jeans boca de sino com um coração bordado no traseiro.

Aconteceram outras mudanças milagrosas. Butch, que cortava a grama dos Lisbon, recebeu permissão para entrar e beber um copo d'água, sem precisar mais beber da torneira externa. Sem camisa, coberto de suor e tatuagens, entrava sem hesitação na cozinha onde as meninas Lisbon viviam e respiravam, mas nunca perguntamos a ele o que tinha visto porque sentíamos medo dos seus músculos e de sua pobreza.

Presumimos que o sr. e a sra. Lisbon estavam de acordo a respeito dessa nova tolerância, mas anos depois, quando nos encontramos com o sr. Lisbon, ele nos contou que a esposa nunca tinha concordado com o psiquiatra. “Ela apenas cedeu por algum tempo”, revelou. Divorciado na época, morava sozinho num conjugado cujo piso estava coberto pelas aparas de suas esculturas em madeira. Pássaros e sapos esculpidos forravam as prateleiras. Segundo o sr. Lisbon, havia muito ele tinha dúvidas quanto ao rigor da esposa, sabendo em seu íntimo que garotas impedidas de dançar só atrairiam maridos com pele ruim e peito afundado. Além disso, o odor de todas aquelas meninas confinadas tinha começado a incomodá-lo. Às vezes sentia como se morasse no viveiro de pássaros do zoológico. Para onde quer que olhasse, encontrava grampos e pentes cheios de cabelo, e como eram tantas as fêmeas que zanzavam pela casa, acabavam esquecendo que ele era um macho e debatiam abertamente as menstruações na sua frente. Cecilia tinha acabado de menstruar, no mesmo dia do mês que as outras meninas, cujos ritmos lunares eram todos sincronizados. Eram os piores cinco dias do mês para o sr. Lisbon, que precisava fornecer aspirinas como se estivesse alimentando patos e consolar acessos de choro causados pela morte de um cachorro na televisão. Revelou também que as meninas demonstravam uma feminilidade

dramática durante “aqueles dias” do mês. Ficavam mais lânguidas, desciam as escadas como se fossem atrizes e não paravam de repetir, piscando um dos olhos: “o primo Herbie veio fazer uma visita”. Em algumas noites elas mandavam o pai sair para comprar mais Tampax, não apenas uma caixa, mas quatro ou cinco, e os jovens balconistas de bigodinho sorriam com malícia. O sr. Lisbon amava as filhas, eram preciosas para ele, mas também ansiava pela presença de alguns garotos.

Foi por isso que, duas semanas depois de Cecilia voltar para casa, o sr. Lisbon convenceu a esposa a permitir que as meninas dessem a primeira e única festa de suas curtas vidas. Todos nós recebemos convites de cartolina feitos a mão, com nossos nomes escritos com canetinha dentro de balões. Nosso espanto ao receber um convite formal para uma casa que só tínhamos visitado em fantasias dentro do banheiro foi tão grande que tivemos de comparar nossos convites para acreditar. Foi sensacional descobrir que as meninas Lisbon sabiam nossos nomes, que suas cordas vocais delicadas tinham pronunciado aquelas sílabas, que eles significavam alguma coisa em suas vidas. Elas tiveram que se esforçar para garantir as grafias corretas, além de conferir os endereços na lista telefônica ou nos números de metal pregados nas árvores.

À medida que a noite da festa se aproximava, vigiamos a casa em busca de algum sinal de decoração ou outros preparativos, mas não vimos nada. Os tijolos amarelos mantinham o ar de orfanato religioso, e o silêncio no gramado era absoluto. Nenhuma cortina farfalhou, e nenhum furgão entregou tonéis de batatas fritas ou sanduíches feitos com pães de um metro e oitenta.

E enfim chegou a noite. Com blazers azuis, calças cáqui e gravatas com elástico, avançamos pela calçada em frente à casa dos Lisbon como muitas vezes antes, mas desta vez fizemos uma curva, subimos os degraus da entrada entre os vasos de gerânios vermelhos e tocamos a campainha. Peter Sissen assumiu o papel de líder e parecia até um pouco entediado, repetindo sem parar: “Esperem só pra ver”. A porta se abriu. Na penumbra,

o rosto da sra. Lisbon tomou forma acima de nós. Ela nos convidou a entrar, nós esbarramos uns nos outros ao passar pela porta e, assim que encostamos os pés no tapete de macramê do saguão, ficou claro que as descrições da casa feitas por Peter Sissen eram completamente equivocadas. Em vez de encontrarmos uma atmosfera intoxicante de caos feminino, descobrimos que a casa era um lugar arrumadinho, de aparência austera, que cheirava levemente a pipoca. Sobre o arco havia um quadro bordado com a inscrição “Abençoe Este Lar”, e à direita, em uma prateleira sobre o aquecedor, cinco pares de sapatinhos de bebê banhados a bronze eternizavam uma fase pouco empolgante das meninas Lisbon, a infância. A sala de jantar era ocupada por um mobiliário colonial muito austero. Em uma das paredes se via uma pintura em que peregrinos depenavam um peru. A sala de estar exibia carpetes cor de laranja e um sofá de vinil marrom. O sr. Lisbon tinha uma poltrona do papai que ficava ao lado de uma mesinha, sobre a qual havia um modelo parcialmente completo de caravela: não possuía cordame, e a sereia peituda da proa estava escondida pela tinta.

Fomos orientados a descer até a sala de jogos. Os degraus eram altos e tinham beiras metálicas e, à medida que descíamos, a luz no fundo ia ficando mais brilhante, como se estivéssemos nos aproximando do magma terrestre. Quando chegamos no último degrau, estava ofuscante. Lâmpadas fluorescentes zumbiam sobre nossas cabeças; abajures ardiam sobre todas as superfícies. O piso de linóleo xadrez verde e vermelho flamejava sob os nossos sapatos de fivela. Sobre uma mesa de jogo, a tigela de ponche explodia em lava. As paredes forradas resplandeciam e, nos primeiros segundos, as meninas Lisbon eram apenas uma mancha brilhante, como se formassem uma congregação angelical. Mas logo nossos olhos se acostumaram à luz e nos informaram uma coisa que nunca havíamos notado: as meninas Lisbon eram pessoas diferentes. Em vez de cinco réplicas com o mesmo cabelo loiro e as mesmas bochechas gorduchas, vimos que eram seres distintos, com personalidades que começavam a

transformar seus rostos e reconfigurar suas expressões. Percebemos de cara que Bonnie, agora se apresentando como Bonaventure, tinha a tez amarelada e o nariz pontiagudo de uma freira. Seus olhos marejavam, e era trinta centímetros mais alta que qualquer uma das irmãs, especialmente por conta da extensão de seu pescoço, que um dia penderia de uma corda. Therese Lisbon tinha um rosto mais pesado, com as bochechas e os olhos de uma vaca, e quase tropeçou nos próprios pés ao se adiantar para nos receber. O cabelo de Mary Lisbon era mais escuro, com dois pega-rapazes na testa; o buço sobre o lábio superior sugeria que sua mãe tinha encontrado a cera depilatória. Lux Lisbon era a única que se encaixava em nossa imagem das meninas Lisbon. Irradiava saúde e safadeza. Trajava um vestido apertado, e quando se aproximava para nos cumprimentar, usava um dos dedos para fazer cócegas em segredo na palma das nossas mãos, isso tudo enquanto soltava uma risada estranha e rouca. Cecilia, como de hábito, estava com o vestido de noiva com a bainha desfeita. Era um original da década de 1920. Tinha lantejoulas na altura do busto, que ela ainda não tinha como preencher. Alguém, Cecilia ou a proprietária da loja de roupas usadas, havia eliminado a parte de baixo do vestido com um corte irregular, de modo que ele terminava logo acima dos joelhos esfolados de Cecilia. Estava sentada em um banco alto, olhando sem piscar para o copo de ponche, e o vestido mais parecia um saco que tinha sido largado sobre ela. Os lábios estavam pintados com giz de cera vermelho, o que dava ao seu rosto um ar de rameira degenerada, mas Cecilia agia como se mais ninguém estivesse ali.

Sentimos que era melhor manter a distância. Os curativos tinham sido removidos, mas Cecilia usava uma coleção de pulseiras para esconder as cicatrizes. Nenhuma das outras meninas estava com pulseiras, e concluímos que haviam emprestado a Cecilia todas as que tinham. Para que não deslizassem, as pulseiras estavam presas à pele de Cecilia com fita adesiva. O vestido de noiva estava manchado de comida de hospital,

cenouras e beterrabas ensopadas. Pegamos nossos ponches e nos postamos em um dos lados da sala, enquanto as meninas Lisbon ficaram do outro.

Nunca tínhamos ido a uma festa vigiada. Estávamos acostumados com as festas promovidas por irmãos mais velhos quando nossos pais viajavam, salas escuras vibrando com massas corpóreas, vômitos musicais, banheiras recheadas de gelo e barris de cerveja, tumultos nos corredores e destruição de bibelôs nas salas de estar. Aquilo era completamente diferente. A sra. Lisbon usava uma concha para servir ponche enquanto observávamos Therese e Mary jogando dominó, e do outro lado da sala o sr. Lisbon abria seu kit de ferramentas. Mostrou as chaves catracas, girando-as na mão para que zumbissem, e um tubo comprido e pontudo que chamou de fresa, e outro coberto de massa de vidraceiro, que chamou de raspadeira, e ainda outro com extremidade denteada, que afirmou ser uma goiva. Falava em voz baixa enquanto exibia os instrumentos, mas nunca olhava para nós, apenas para as ferramentas, passando os dedos por sua extensão ou testando as pontas com a parte macia do polegar. Uma ruga vertical solitária se abriu em sua testa, e no centro do rosto seco os lábios se umedeceram.

Em meio a tudo isso, Cecilia permanecia em seu banco.

Ficamos felizes quando Joe Retardado apareceu. Chegou de braços dados com a mãe, usando bermudas folgadas e boné de beisebol azul e, como de costume, sorria, exibindo o rosto que compartilhava com todos os outros mongoloides. Trazia o convite amarrado ao pulso com uma fita vermelha, o que significava que as meninas Lisbon tinham soletrado o nome dele com o mesmo cuidado dos nossos, e chegou balbuciando com sua mandíbula desproporcional e os lábios frouxos, os minúsculos olhos japoneses, o rosto macio barbeado pelos irmãos. Ninguém sabia ao certo a idade de Joe Retardado, mas desde nossas primeiras lembranças ele tinha barba. Os irmãos costumavam levá-lo à varanda com um balde e o barbeavam, gritando que ficasse quieto, dizendo que se acabassem cortando seu pescoço a culpa não seria deles, e Joe ficava branco e imóvel como um lagarto. Também sabíamos que retardados não vivem muito e

envelhecem mais rápido que as outras pessoas, o que explicava os cabelos grisalhos que escapavam pelo boné de beisebol do Joe. Quando éramos crianças, imaginávamos que Joe Retardado estaria morto quando chegássemos à adolescência, mas já éramos adolescentes e Joe continuava sendo uma criança.

Depois que ele chegou, pudemos mostrar às meninas Lisbon todas as coisas que sabíamos a respeito de Joe: como as orelhas sacudiam quando alguém coçava o queixo dele, como ele só conseguia dizer “cara” quando alguém atirava uma moeda, e nunca “coroa”, porque isso era complicado demais para ele, e mesmo quando a gente pedia “agora diz coroa, Joe” ele dizia “cara!”, e sempre achava que tinha vencido, porque deixávamos que ele pensasse assim. Fizemos ele cantar a música de sempre, ensinada pelo sr. Eugene. Joe cantou: “Oh, os macacos não têm rabo em Sambo Wango, oh, os macacos não têm rabo em Sambo Wango, oh, os macacos não têm rabo, as baleias lhe deram cabo”, e batemos palmas, e as meninas Lisbon bateram palmas, e Lux bateu palmas e se encostou em Joe Retardado, que era tapado demais para valorizar uma coisa dessas.

Quando a festa estava começando a ficar divertida, Cecilia desceu do banco e abriu caminho até a sua mãe. Mexendo nas pulseiras do braço esquerdo, pediu licença para sair. Foi a única vez que a ouvimos falar, e ficamos surpresos com a maturidade da sua voz. Acima de tudo, Cecilia soava velha e cansada. Ela ficou mexendo nas pulseiras até a sra. Lisbon dizer: “Se é isso mesmo que você quer, Cecilia. Mas tivemos um trabalhão para dar uma festa para você”.

Cecilia puxou as pulseiras até a fita se descolar da pele. Então congelou. “Certo”, cedeu a sra. Lisbon. “Pode subir. Vamos nos divertir sem você.” Assim que recebeu permissão, Cecilia tomou o rumo da escada. Manteve o rosto voltado para o chão, avançando com seu isolamento particular, olhos de girassol fixos na aflição de sua vida, que nunca entenderíamos. Subiu os degraus que levavam até a cozinha, fechou a porta às suas costas e seguiu pelo corredor do térreo. Dava para ouvir seus passos logo acima de nós. No

meio da escada que levava ao andar de cima, os passos já não faziam mais barulho, mas passaram-se apenas trinta segundos e escutamos o som úmido do corpo de Cecilia caindo sobre a cerca que rodeava a casa. Primeiro foi o som do vento, um ruído súbito que, mais tarde, concluímos ter sido causado pelo vestido de noiva se enchendo de ar. Durou pouco. Um corpo humano cai rápido. O principal foi mesmo isto: o fato de uma pessoa assumir propriedades inteiramente físicas, caindo na mesma velocidade de uma pedra. Não importava se o cérebro de Cecilia continuou funcionando ao longo do trajeto, se ela se arrependeu do que tinha feito, ou se teve tempo de se concentrar nas pontas da cerca se aproximando a toda velocidade. A mente dela já não existia de uma maneira relevante. O vento soprou uma única vez e em seguida fomos sacudidos pelo baque úmido, o som de uma melancia se partindo ao meio, e a partir daquele instante todos ficamos imóveis e contidos como se estivessem assistindo a uma orquestra, as cabeças inclinadas para permitir que os ouvidos trabalhassem, ainda sem acreditar. Então a sra. Lisbon, como se estivesse sozinha, disse: “Oh, meu Deus”.

O sr. Lisbon subiu as escadas correndo. A sra. Lisbon correu até o topo e se agarrou no corrimão. Dava para enxergar a silhueta dela pelo vão da escada, as pernas grossas, a corcunda, a cabeçorra paralisada de pânico, os óculos se projetando no espaço, preenchidos de luz. Ela ocupava boa parte do espaço na escada, e nós hesitamos em passar até que as meninas Lisbon acorreram. Aí nos esprememos. Chegamos na cozinha. Por uma porta lateral, enxergamos o sr. Lisbon parado diante dos arbustos. Quando saímos pela porta da frente, vimos que estava segurando Cecilia, uma mão apoiando o pescoço e outra sob os joelhos da filha. Tentava erguê-la da ponta que lhe tinha perfurado o seio esquerdo, atravessado aquele coração inexplicável, separado duas vértebras sem estilhaçá-las e então saído pelas costas, rasgando o vestido e reencontrando o ar. A ponta atravessou com tanta rapidez que nem ficou manchada de sangue. Estava perfeitamente limpa, e Cecilia parecia meramente equilibrada sobre ela, como se fosse

uma ginasta, e o vestido de noiva esvoaçante colaborava para esse efeito circense. O sr. Lisbon insistia em tentar erguer Cecilia com delicadeza, mas mesmo em nossa ignorância sabíamos que não adiantava mais, que os olhos abertos e a boca que se contraía como a de um peixe cravado em um anzol eram apenas os nervos, e que ela havia conseguido, na segunda tentativa, lançar-se para fora do mundo.

Dois

Não tínhamos entendido por que Cecilia havia se matado pela primeira vez, e entendemos menos ainda quando fez isso de novo. Seu diário, inspecionado pela polícia como parte da investigação rotineira, não confirmou as suposições de amor não correspondido. Dominic Palazzolo só era mencionado uma vez naquele livrinho de papel de arroz e iluminuras feitas com canetinhas coloridas, que o tornavam parecido com um Livro de Horas ou uma Bíblia medieval. Desenhos em miniatura cobriam as páginas. Anjos rosa-chiclete mergulhavam das margens mais altas ou raspavam as asas entre parágrafos apertados. Donzelas de cabelo dourado pingavam lágrimas azul-marinho na lombada do livro. Baleias cor de uva esguichavam sangue ao redor de um recorte de jornal (colado na página) contendo uma lista de recém-chegados à categoria das espécies em risco de extinção. Seis pintinhos gritavam em meio a cascas de ovo, perto de uma entrada feita na Páscoa. Cecilia tinha enchido as páginas com uma profusão de cores e arabescos, escadas feitas de guloseimas e trevos listrados, mas o registro sobre Dominic dizia apenas: “Hoje o Palazzolo pulou do telhado por causa da Porter, aquela vagabunda endinheirada. Quanta burrice”.

Os paramédicos voltaram, a mesma dupla, embora tenhamos levado algum tempo para reconhecê-los. Por medo e polidez, tínhamos atravessado a rua e nos sentamos no capô do Oldsmobile do sr. Larson. Enquanto saíamos, nenhum de nós pronunciou uma palavra sequer, exceto Valentine Stamarowski, que após cruzar o gramado gritou para o sr. e a sra. Lisbon: “Obrigado pela festa”. O sr. Lisbon ainda estava

mergulhado até a cintura em arbustos, sacudindo as costas como se estivesse tentando arrancar Cecilia ou apenas soluçando. Na varanda, a sra. Lisbon mandou as outras meninas virarem-se na direção da casa. O sistema de irrigação, programado para ligar às oito e quinze, acordou para a vida assim que a ambulância apareceu no fim do quarteirão, avançando a uns vinte e cinco quilômetros por hora com as luzes e a sirene desligadas, como se os paramédicos já soubessem que não havia mais nada a fazer. Primeiro saiu o magrinho de bigode, depois o gordo. Pegaram a maca imediatamente, em vez de examinar a vítima antes, um lapso que mais tarde aprendemos com profissionais médicos se tratar de uma violação de procedimentos. Não sabíamos quem tinha chamado os paramédicos, ou como eles já sabiam que naquele dia não passariam de agentes funerários. Tom Faheem disse que Therese tinha entrado em casa e telefonado, mas fora ele todos nos lembrávamos de ter visto as quatro meninas Lisbon restantes imóveis na varanda até a chegada da ambulância. Mais ninguém na nossa rua sabia o que tinha acontecido. Os gramados idênticos ao longo do quarteirão estavam vazios. Alguém fazia um churrasco em algum lugar. Nos fundos da casa do Joe Larson dava para ouvir os dois maiores jogadores de badminton do mundo debatendo uma peteca sem parar.

Os paramédicos afastaram o sr. Lisbon para conseguir examinar Cecilia. Não havia sinal de batimentos cardíacos, mas seguiram em frente e tentaram salvá-la assim mesmo. O gordo serrou a cerca enquanto o magrinho se preparou para segurar Cecilia, pois puxar a menina pela ponta farpada era mais perigoso que deixá-la perfurada. Quando a estaca se soltou com um estalo, o magrinho cambaleou para trás por conta do peso de Cecilia. Então recuperou o equilíbrio, deu uma volta em torno do próprio eixo e colocou-a sobre a maca. Enquanto carregavam Cecilia para a ambulância, a estaca serrada mantinha o lençol erguido, como se fosse o pau de uma barraca.

Já eram quase nove horas. Do telhado da casa do Chase Buell, onde nos reunimos para acompanhar o que aconteceria em seguida depois de termos

tirado as roupas engomadas, podíamos enxergar, mais além de uma porção de árvores que irrompiam no céu, a demarcação abrupta do ponto onde essas árvores terminavam e começava a cidade. O sol se punha em meio à névoa das fábricas distantes, e nos cortiços adjacentes os vidros dispersos apanhavam o brilho cru do pôr do sol filtrado pela poluição. Ali no alto, escutávamos sons que geralmente não chegavam até nós, e agachados sobre as telhas cobertas de alcatrão, com as mãos apoiando o queixo, atinamos aos poucos com uma fita indecifrável que tocava de trás para a frente os gritos e clamores da vida urbana: o latido de um cão acorrentado, buzinas de carros, vozes de meninas gritando números em um jogo obscuro e obstinado — sons da parte empobrecida da cidade, que nunca tínhamos visitado, misturados e abafados, desprovidos de sentido, carregados pelo vento desde aquele lugar. Então: escuridão. Luzes de carros se movendo ao longe. Mais perto, luzes amarelas sendo acesas dentro de residências e revelando famílias reunidas ao redor de televisores. Um por um, fomos todos para casa.

Nunca tinha acontecido um funeral em nossa cidade, pelo menos não durante nossas vidas. Quase todas as mortes haviam ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, quando ainda não existíamos e nossos pais eram jovens de uma magreza impossível nas fotos em preto e branco — pais em pistas de pouso no meio da selva, pais com espinhas e tatuagens, pais com *pinups*, pais que escreviam cartas de amor para garotas que se tornariam nossas mães, pais inspirados por razões militares desidratadas, solidão e caos glandular criando, em meio ao ar tomado pela malária, delírios poéticos que cessaram de imediato quando voltaram para casa. Naquela altura nossos pais já estavam na meia-idade, barrigudos, e suas canelas já tinham perdido todos os pelos depois de muitos anos usando calças, mas ainda estavam muito longe da morte. E os pais deles, que falavam línguas estrangeiras e moravam em sótãos reformados como se fossem urubus,

tinham à sua disposição o melhor acompanhamento médico possível e ameaçavam seguir vivendo até o século seguinte. Nenhum avô tinha morrido, nenhuma avó, nenhum pai, só alguns cachorros: Muffin, o beagle do Tom Burke, que se engasgou com um chiclete Bazooka Joe, e então, naquele verão, uma criatura que, se fosse um cachorro, ainda seria um filhote — Cecilia Lisbon.

No dia em que ela morreu, a greve dos funcionários do cemitério tinha entrado na sexta semana. Como a maioria de nós nunca tinha ido a um cemitério, ninguém havia dado muita atenção à greve ou às reivindicações dos funcionários. Às vezes ouvíamos tiros vindos do gueto, mas nossos pais insistiam que eram apenas carros com problemas no escapamento. Assim, quando os jornais informaram que os enterros na cidade haviam sido inteiramente suspensos, nunca imaginamos que isso nos afetaria. Ainda na casa dos quarenta e com um grupo de filhas jovens, o sr. e a sra. Lisbon também tinham dado pouca atenção à greve, até que essas mesmas filhas começaram a se matar.

Os funerais continuaram, mas sem a consumação do enterro. Caixões eram levados até sepulturas fechadas; sacerdotes realizavam sermões fúnebres; lágrimas eram derramadas; em seguida, os caixões eram levados até o frio congelante do necrotério e lá ficavam à espera de um acordo. A cremação ganhou popularidade. Mas a sra. Lisbon era contrária a essa ideia, temendo que fosse pagã, e chegou a apontar uma passagem bíblica que sugere que os mortos se levantarão corporalmente no Juízo Final, sendo as cinzas portanto proibidas.

Havia apenas um cemitério em nosso subúrbio, um terreno letárgico que ao longo dos anos foi propriedade de diversas denominações religiosas, dos luteranos aos católicos, passando pelos episcopais. Abrigava três caçadores de peles franco-canadenses, uma linhagem de padeiros chamados Kropp, e J. B. Milbank, inventor de um refrigerante local parecido com *root beer*. Com lápides tortas, entrada de saibro em forma de ferradura e muitas árvores nutridas por carcaças bem alimentadas, o

cemitério tinha esgotado sua lotação havia muito tempo, na época das últimas mortes. Por conta disso, o agente funerário, sr. Alton, foi obrigado a levar o sr. Lisbon numa excursão para oferecer possíveis alternativas.

Ainda se lembrava bem da viagem. Não era fácil esquecer os dias da greve do cemitério, mas o sr. Alton também confessou outros motivos. “Foi o meu primeiro suicídio. E uma menina tão jovem. As condolências de sempre não serviriam. Eu estava meio assustado com aquilo, para falar a verdade.” Visitaram um cemitério silencioso na área palestina do West Side, mas o sr. Lisbon não gostou do som estrangeiro do muezim chamando as pessoas para a reza e tinha ouvido falar que os vizinhos ainda matavam bodes em rituais dentro da banheira. “Aqui não”, disse, “aqui não.” Depois deram uma volta por um pequeno cemitério católico, que parecia perfeito até o sr. Lisbon chegar aos fundos e deparar-se com três quilômetros de aterro que o fizeram lembrar de fotografias de Hiroshima. “Era Poletown, a cidade dos polacos”, explicou o sr. Alton. “A GM tinha contratado uns vinte e cinco mil poloneses para construir uma fábrica de automóveis gigantesca. Derrubaram vinte e quatro quarteirões da cidade, e o dinheiro acabou. O lugar todo ficou cheio de mato e entulho. Era desolador, sem dúvida, mas só se você espiasse o que havia depois da cerca dos fundos.” Enfim chegaram a um cemitério público e ecumênico localizado entre duas rodovias, e foi ali que Cecilia Lisbon recebeu todos os derradeiros ritos fúnebres da Igreja católica, exceto o sepultamento. Oficialmente, a morte de Cecilia foi incluída nos registros da igreja como “acidental”, assim como as mortes das outras meninas um ano mais tarde. Quando questionamos o padre Moody a respeito disso, ele respondeu: “Achamos melhor não entrar em detalhes. Como ter certeza de que ela não escorregou?”. Quando mencionamos os remédios para dormir, a força e todo o resto, ele disse: “O suicídio, como pecado mortal, é uma questão de intenção. É muito difícil saber o que se passava no coração daquelas meninas. O que estavam realmente tentando fazer”.

Quase todos os nossos pais compareceram ao velório, nos deixando a salvo em casa para que não fôssemos contaminados pela tragédia. Todos concordaram que era o cemitério mais plano que já tinham visto na vida. Não havia lápides nem monumentos, somente placas de granito cravadas na terra e, nos túmulos de veteranos de guerra, bandeiras americanas de plástico castigadas pela chuva ou guirlandas de arame sustentando flores mortas. O carro fúnebre teve dificuldades de atravessar os portões por causa dos piquetes, mas quando os grevistas ficaram sabendo a idade da falecida, abriram caminho na mesma hora, e chegaram até a baixar os cartazes raivosos. Do lado de dentro, era evidente o descuido resultante da greve. Havia pilhas de terra ao redor de algumas sepulturas e uma escavadeira paralisada, com as mandíbulas cravadas na grama, como se a convocação do sindicato tivesse ocorrido bem no meio de um enterro. Alguns familiares, atuando como zeladores, fizeram tentativas comoventes de enfeitar os locais de descanso final dos seus entes queridos. O uso excessivo de adubo fez com que fosse queimada parte do gramado, que assumiu um tom amarelo brilhante. O uso excessivo de água acabou transformando outra parte num pântano. Como a água precisava ser carregada à mão (o sistema de irrigação tinha sido sabotado), uma trilha de pegadas profundas de um túmulo a outro dava a impressão de que os mortos andavam passeando durante a noite.

A grama não era cortada havia quase sete semanas. Os enlutados esperavam o caixão passar com os tornozelos mergulhados no mato. Por conta da baixa taxa de mortalidade juvenil, os fornecedores produziam poucos caixões de tamanho médio. Fabricavam uma pequena quantidade de caixões infantis, um pouco maiores que porta-pães. A categoria seguinte já era o tamanho máximo, maior do que Cecilia precisava. Quando abriram o caixão para o velório na casa funerária, tudo o que se podia ver era o travesseiro de cetim e o forro encrespado da tampa do caixão. “Por um instante achei que o negócio estava vazio”, confessou a sra. Turner. Mas logo em seguida, com os quarenta quilos deixando uma marca muito

sutil no forro do caixão, a pele e o cabelo claros se misturando ao cetim branco, Cecilia emergia do plano de fundo como uma silhueta numa ilusão de óptica. Não estava usando o vestido de noiva, que tinha sido jogado fora pela sra. Lisbon, mas um vestido bege com gola rendada, um presente de Natal da avó que ela tinha se recusado a usar em vida. A parte aberta da tampa do caixão revelava não apenas o rosto e os ombros, mas também as mãos com unhas roídas, os cotovelos ásperos, as saliências gêmeas dos quadris e até mesmo os joelhos.

Só a família desfilou diante do caixão. Primeiro as meninas, todas atônitas e sem expressão alguma, e mais tarde se diria que aqueles rostos denunciavam tudo o que aconteceria em seguida. “É como se estivessem piscando para ela”, disse a sra. Carruthers. “Deveriam estar abrindo o berreiro, mas o que elas fizeram? Foram até o caixão, deram uma olhadinha e saíram. Como não percebemos?” Curt van Osdol, o único garoto que compareceu ao funeral, disse que teria arriscado uma última bolinada, bem na frente do padre e de todo mundo, se estivéssemos lá para apreciar o ato. Depois que as meninas passaram, a sra. Lisbon, de braços dados com o marido, deu dez passos atordoados e baixou a cabeça cansada diante do rosto de Cecilia, maquiado com ruge pela primeira e última vez. “Olha essas unhas”, o sr. Burton acha que a ouviu dizer. “Não podiam ter feito alguma coisa com as unhas dela?”

Ao que o sr. Lisbon respondeu: “Vão crescer. Unhas continuam crescendo. Agora ela não tem mais como roê-las, querida”.

Nossos conhecimentos a respeito de Cecilia também continuaram a aumentar depois da sua morte, com a mesma persistência forjada. Embora Cecilia raramente abrisse a boca e não tivesse nenhum amigo verdadeiro, todos tinham lembranças vívidas da menina. Alguns de nós a tinham carregado no colo por cinco minutos quando ela era um bebê, enquanto a sra. Lisbon voltava correndo para dentro de casa para buscar a bolsa.

Alguns de nós tínhamos brincado com ela na caixa de areia do parquinho, brigado por causa de uma pá ou baixado as calças para ela atrás da amoreira que crescia como carne deformada pela cerca de arame. Tivemos de entrar na fila para tomar as vacinas de varíola com Cecilia, que também estava ali quando cubos de açúcar com vacina antipólio foram colocados debaixo das nossas línguas. Ensinamos a menina a pular corda e a acender serpentes de faraó, impedimos diversas vezes que arrancasse casquinhas de ferida e a advertimos dos perigos de encostar a boca no bebedouro do Three Mile Park. Alguns poucos nos apaixonamos por ela, mas isso foi mantido em segredo, pois sabíamos que era a irmã esquisita.

O quarto de Cecilia — enfim obtivemos uma descrição de Lucy Brock — confirmou essa avaliação de sua personalidade. Além de um móbile com o zodíaco, Lucy encontrou uma coleção de ametistas poderosas e, debaixo do travesseiro, um baralho de cartas de tarô que ainda cheirava a incenso e cabelo. Lucy conferiu — a pedido nosso — se os lençóis haviam sido lavados, e informou que não. O quarto fora deixado intacto, como se estivesse em exposição. A janela de onde Cecilia tinha pulado continuava aberta. Na gaveta mais alta da cômoda, Lucy encontrou sete pares de calcinhas, todas tingidas de preto com Rit, uma tintura para tecidos. Encontrou também dois pares imaculados de tênis de cano alto no guarda-roupa. Nenhuma dessas coisas nos surpreendeu. Fazia tempo que sabíamos das calcinhas pretas de Cecilia, porque sempre que ela se levantava sobre os pedais da bicicleta para ganhar velocidade dávamos uma espiada por baixo do vestido. Também já tínhamos visto como ela se sentava nos degraus do fundo da casa, esfregando os tênis com uma escova de dentes e uma xícara de detergente Ivory Liquid.

O diário de Cecilia começa um ano e meio antes de seu suicídio. Muitas pessoas sentiram que as páginas e suas iluminuras formavam hieróglifos de um desespero ilegível, ainda que, em sua maioria, as imagens parecessem alegres. O diário tinha uma tranca, mas o David Barker, que tinha conseguido o objeto com Skip Ortega, o assistente do

encanador, disse pra gente que o Skip o tinha encontrado ao lado da privada no banheiro principal, com a tranca já arrombada, como se tivesse sido lido pelo sr. e a sra. Lisbon. Tim Winer, o crânio, insistiu em examinar o diário. Nós o levamos ao escritório que seus pais tinham construído para ele, com abajures verdes para leitura, globo topográfico e enciclopédias com bordas douradas. “Instabilidade emocional”, ele disse, analisando a caligrafia. “Deem uma olhada nos pingos destes ‘is’. Que bagunça.” E então, inclinando-se para a frente e exibindo as veias azuis sob sua pele de jovem fracote, completou: “Em suma, o que temos aqui é uma sonhadora. Uma pessoa sem contato com a realidade. Quando pulou, deve ter imaginado que sairia voando”.

Agora sabemos partes do diário de cor. Quando o levamos ao sótão do Chase Buell, lemos trechos inteiros em voz alta. Passamos o diário de mão em mão, marcando páginas e procurando ansiosos por nossos nomes. Mas aos poucos ficamos sabendo que, embora Cecilia sempre ficasse encarando todo mundo, nada pensava a respeito de nenhum de nós. Nem sobre si mesma. O diário constitui um documento de adolescência bastante incomum, pois só em raros momentos retrata as manifestações de um ego ainda em formação. Não há evidência alguma das inseguranças, lamentos, paixões e devaneios costumeiros. Em vez disso, Cecilia escreve sobre as irmãs e sobre si mesma como se formassem uma única entidade. Muitas vezes é difícil identificar de qual irmã ela está falando, e várias frases estranhas suscitam na mente do leitor a imagem de uma criatura mítica, com dez pernas e cinco cabeças, deitada na cama comendo junk food ou tolerando visitas de tias afetuosas. A maior parte do diário nos informa mais sobre como as meninas foram crescendo do que sobre o motivo pelo qual vieram a se matar. Ficamos cansados de ler sobre o que tinham comido (“Segunda-feira, 13 de fevereiro. Hoje comemos pizza congelada...”), ou o que tinham vestido, ou que cores preferiam. Todas detestavam creme de milho. Mary tinha lascado um dente no trepa-trepa e usava uma jaqueta de porcelana. (“Não falei?”, disse o Kevin Head ao ler isso). E assim nos

inteiramos de suas vidas e adquirimos lembranças coletivas de eventos que não tínhamos vivido, guardando imagens particulares de Lux se inclinando sobre a amurada de um navio para acariciar uma baleia pela primeira vez e dizendo “Não imaginava que fediam tanto”, ao que Therese respondeu “São as algas apodrecendo na boca”. Ficamos íntimos dos céus estrelados contemplados anos antes pelas meninas em acampamentos, e do tédio de verões que passavam se deslocando do quintal para o jardim e vice-versa, e mesmo de um certo odor indefinível que brotava dos vasos sanitários em noites chuvosas e era definido pelas meninas como “cloacal”. Ficamos sabendo como era ver um garoto sem camisa, e por que isso tinha levado Lun a escrever o nome Kevin com canetinha roxa por todo o seu fichário e até mesmo nos sutiãs e calcinhas, e compreendemos sua fúria ao voltar para casa um dia e descobrir que a sra. Lisbon tinha colocado suas coisas de molho em água sanitária, descolorindo-as até apagar todos os “Kevins”. Conhecemos o incômodo do vento subindo por baixo da saia no inverno e o sofrimento de manter os joelhos colados durante a aula, e descobrimos como era monótono e irritante ter de pular corda enquanto os meninos jogavam beisebol. Nunca conseguimos entender por que as meninas queriam tanto ser maduras, ou por que se sentiam na obrigação de elogiar umas às outras, mas às vezes, depois que um de nós lia algum trecho mais longo do diário em voz alta, precisávamos lutar contra o ímpeto de nos abraçarmos ou de dizermos um ao outro como éramos bonitos. Sentimos o encarceramento de ser uma menina, como isso deixava a mente ativa e sonhadora, e como elas acabavam sabendo naturalmente quais cores combinam melhor. Ficamos sabendo que as meninas eram gêmeas nossas, que todos existíamos no mesmo espaço como animais de peles idênticas, e que elas sabiam tudo a nosso respeito embora não entendêssemos coisa alguma sobre elas. Ficamos sabendo, enfim, que na verdade as meninas eram mulheres disfarçadas, que compreendiam o amor e também a morte, e que o nosso trabalho era apenas gerar o ruído que parecia fasciná-las.

À medida que o diário avança, Cecilia começa a se afastar das irmãs e, aliás, de qualquer forma de narrativa pessoal. A primeira pessoa do singular desaparece quase por inteiro, em um efeito semelhante ao de uma câmera se afastando dos personagens no final de um filme para mostrar, em uma série de dissoluções, a casa, a rua, a cidade, o país e por fim o planeta, que não apenas torna minúsculas todas as coisas que vieram antes, como também as oblitera. Sua prosa precoce se volta para temas impessoais, como o comercial do índio choroso remando a canoa ao longo de um riacho poluído ou a contagem de mortos da guerra noturna. Em seu último terço, o diário alterna dois estados de ânimo. Em trechos românticos, Cecilia se desespera com o desaparecimento dos nossos olmos. Em registros mais cínicos, sugere que as árvores nem sequer estão doentes e que os cortes são um complô “para deixar tudo plano”. Surgem referências ocasionais a esta ou àquela teoria da conspiração — os Illuminati, o complexo militar-industrial —, mas ela só ameaça ir por esse caminho, como se tais nomes fossem vagos poluentes químicos. Sem pausas, passa dessas investidas para os devaneios poéticos. Achamos bonitos dois versos a respeito do verão, de um poema nunca terminado:

*As árvores, como pulmões, preenchendo o ar
Minha irmã, a malvada, o meu cabelo a puxar*

Esse fragmento data de 26 de junho, três dias depois de ela voltar do hospital, quando costumávamos vê-la deitada na grama do jardim.

* * *

Pouco se sabe a respeito do estado de espírito de Cecilia em seu último dia de vida. Segundo o sr. Lisbon, ela parecia contente com a festa. Quando desceu para conferir os preparativos, ele encontrou Cecilia em cima de uma cadeira, prendendo balões no teto com fitas vermelhas e azuis. “Mandei-a descer. O médico tinha dito que ela não podia levantar as

mãos acima da cabeça. Por causa dos pontos.” Cecilia obedeceu a ordem e passou o resto do dia deitada no tapete do quarto, olhando para o móbil do zodíaco e escutando os estranhos discos de música celta que tinha encomendado pelo correio. “Era sempre alguma soprano cantando sobre charcos e rosas mortas.” Aquela música melancólica alarmou o sr. Lisbon, que a comparou às canções otimistas da sua própria juventude, mas quando passou pelo corredor, se deu conta de que aquilo sem dúvida não era pior que a barulheira do rock de Lux ou mesmo os guinchos desumanos do equipamento radioamador de Therese.

Das duas da tarde em diante Cecilia ficou de molho na banheira. Essas maratonas não eram incomuns, mas depois do que tinha acontecido na última vez, o sr. e a sra. Lisbon não corriam mais riscos. “Fizemos com que ela deixasse uma frestinha da porta aberta”, explicou a sra. Lisbon. “Ela não gostou nada disso, é claro. E agora tinha nova munição. Aquele psiquiatra tinha dito que, na idade em que estava, a Ceel precisava de muita privacidade.” O sr. Lisbon passou a tarde inventando desculpas para passar pela porta do banheiro. “Eu ficava esperando até ouvir um barulho de água, e então passava. Tínhamos tirado todas as coisas afiadas de dentro do banheiro, é claro.”

Às quatro e meia, a sra. Lisbon mandou Lux subir para dar uma olhada na irmã. Lux parecia bem despreocupada quando voltou ao térreo, e nada em sua atitude sugeria que ela tivesse alguma suspeita do que Cecilia acabaria fazendo mais tarde naquele mesmo dia. “Tudo certo com ela”, disse Lux. “Está deixando o lugar todo fedido com aqueles sais de banho.”

Às cinco e meia, Cecilia saiu da banheira e se vestiu para a festa. A sra. Lisbon a escutou entrando e saindo dos quartos das irmãs (Bonnie dividia o quarto com Mary, Therese com Lux). O chacoalhar das pulseiras tranquilizava os pais, permitindo que acompanhassem seus movimentos como se ela fosse um animal com um guizo na coleira. De tempos em tempos, nas horas que antecederam a nossa chegada, o sr. Lisbon escutava

o tilintar das pulseiras de Cecilia, que subia e descia as escadas, experimentando vários sapatos diferentes.

Segundo o que nos contaram mais tarde, em ocasiões e estados diferentes, o sr. e a sra. Lisbon não acharam estranho o comportamento de Cecilia durante a festa. “Ela sempre ficava quieta na frente dos outros”, afirmou a sra. Lisbon. E, talvez por não estarem habituados a socializar, o sr. e a sra. Lisbon se lembravam da festa como um evento bem-sucedido. A sra. Lisbon, aliás, ficou surpresa quando Cecilia pediu licença para sair. “Achei que ela estivesse se divertindo.” Mesmo a esta altura, as outras meninas não deram sinal algum de saber o que estava prestes a acontecer. Tom Faheem lembra que Mary conversava com ele sobre um macacão da Penney’s que ela estava louca para comprar. Therese e Tim Winer debatiam ansiosos sobre suas expectativas de entrar em alguma das faculdades da Ivy League.

Conforme indícios descobertos mais tarde, parece que a subida de Cecilia ao quarto não foi tão rápida quanto nos lembrávamos. Depois de deixar a festa e antes de subir as escadas para o andar de cima, ela teve tempo de tomar o suco de uma lata de peras, por exemplo (deixou a lata em cima do balcão, aberta com um único furo, desdenhando o método obrigatório determinado pela sra. Lisbon). Antes ou depois de beber o suco, foi até a porta dos fundos. “Pensei que ela estivesse partindo em viagem”, admitiu a sra. Pitzenberger. “Estava carregando uma valise.”

A valise nunca foi encontrada. A única maneira de explicar o testemunho da sra. Pitzenberger é encará-lo como a alucinação de uma usuária de lentes bifocais, ou então como uma profecia dos suicídios posteriores, em que a bagagem assumiria um papel central. Qualquer que fosse a verdade, a sra. Pitzenberger viu Cecilia fechar a porta dos fundos, e poucos segundos depois ela subiu as escadas, como ouvimos tão nitidamente lá de baixo. Ao entrar no quarto, acendeu as luzes, embora ainda estivesse claro lá fora. Do outro lado da rua, o sr. Buell a viu abrir a janela do quarto. “Acenei, mas ela não me viu”, contou. Foi quando ouviu

a esposa gemendo no outro quarto. Ele só ficou sabendo o que tinha acontecido com Cecilia depois que a ambulância foi embora. “Infelizmente, tínhamos nossos próprios problemas”, disse. Foi socorrer a esposa doente no mesmo instante em que Cecilia enfiou a cabeça pela janela, em direção ao ar rosado, úmido e aconchegante.

Três

As flores chegaram mais tarde do que era de costume à casa dos Lisbon. Dada a natureza da morte, a maioria das pessoas decidiu não mandar flores para a casa funerária. Em geral, todos postergaram o envio, sem saber se o melhor seria deixar a catástrofe passar em silêncio ou agir como se tivesse sido uma morte natural. Mas, no fim, todos mandaram alguma coisa: coroas de rosas brancas, ramalhetes de orquídeas, peônias com gotas de orvalho. Peter Loomis, que fazia entregas para uma floricultura, disse que a sala inteira da casa dos Lisbon ficou coberta de flores. Buquês proliferavam de poltronas e se espalhavam pelo chão. “Nem chegaram a colocá-las em vasos”, disse. Quase todos optaram por cartões genéricos que diziam “Meus pêsames” ou “Condolências”, ainda que os mais conservadores, acostumados a escrever bilhetes para todas as ocasiões, tenham se esforçado na composição de recados mais pessoais. A sra. Beards citou versos de Walt Whitman, que passamos a murmurar entre nós: *“All goes onward and outward, nothing collapses, / and to die is different from what any one supposed, and luckier”*.^{*} Chase Buell deu uma olhada no cartão escrito pela sua mãe enquanto o enfiava por baixo da porta dos Lisbon. Dizia: “Não sei o que vocês estão sentindo. Não vou nem fingir”.

Alguns reuniram coragem para fazer visitas. O sr. Hutch e o sr. Peters foram até a casa dos Lisbon em ocasiões distintas, mas houve pouca diferença em seus relatos. O sr. Lisbon os convidou a entrar, mas antes que pudessem mencionar o assunto doloroso foram colocados diante de uma partida de beisebol. “Ele não parava de falar dos reservas no aquecimento”, contou o sr. Hutch. “Diabos, eu fui lançador na faculdade. Tive que

esclarecer algumas coisas básicas. Para início de conversa, ele queria tirar o Miller, que era nosso único arremessador decente. Acabei esquecendo o que tinha ido fazer lá.” Segundo o sr. Peters, “O sujeito não estava inteiro ali. Não parava de mexer no controle de tonalidade da televisão, deixando o campo praticamente azul. Aí sentava. Então levantava de novo. Uma das meninas apareceu — vocês conseguiam saber quem era quem? — e nos trouxe umas cervejas. Ele tomou um gole da sua e a deixou de lado”.

Nenhum dos homens mencionou o suicídio. “Eu queria ter mencionado, queria mesmo”, confessou o sr. Hutch. “Mas não consegui.”

O padre Moody demonstrou mais persistência. O sr. Lisbon recebeu o clérigo da mesma forma que os outros, convidando-o a se sentar diante do jogo de beisebol. Alguns minutos mais tarde, Mary apareceu com cervejas, como se tudo aquilo tivesse sido combinado. Mas o padre Moody não se dispersou. Durante o segundo inning, disse: “Que tal pedir para a sua esposa descer? Vamos conversar um pouco?”.

O sr. Lisbon se inclinou em direção à tela. “Receio que ela não esteja falando com ninguém no momento. Anda indisposta.”

“Ela não se recusaria a falar com seu sacerdote”, disse o padre Moody.

E se levantou. O sr. Lisbon ergueu dois dedos. Seus olhos estavam cheios d’água. “Padre”, disse. “Queimada dupla, padre.”

Paolo Conelli, um coroinha, ouviu por acaso o padre Moody contar a Fred Simpson, o maestro do coro, como tinha se afastado “daquele homem estranho, Deus me perdoe por dizer uma coisa dessas, mas foi Ele quem o criou assim” e subido as escadas. A casa já exibia alguns sinais de descuido, mas nada comparado ao que viria depois. Bolotas de poeira cobriam os degraus. Um sanduíche comido pela metade jazia esquecido no patamar, onde alguém tinha se sentido triste demais para terminar de comê-lo. Como a sra. Lisbon tinha parado de lavar roupas e até mesmo de comprar sabão em pó, as garotas tinham passado a lavá-las à mão na banheira, e quando o padre Moody passou pelo banheiro, viu blusas, calças e roupas de baixo penduradas na cortina do chuveiro. “Era um som até bem

agradável”, admitiu. “Parecia chuva.” Um vapor emanava do piso, junto com o cheiro de sabonete de jasmim (semanas mais tarde, pedimos à moça dos cosméticos na Jacobsen’s um pouco de sabonete de jasmim para que pudéssemos sentir o cheiro). O padre Moody parou do lado de fora do banheiro, acanhado demais para ingressar naquela caverna úmida que servia de ambiente comum entre os dois quartos compartilhados pelas meninas. Se não fosse padre e tivesse bisbilhotado o interior do banheiro, teria visto o vaso sanitário parecido com um trono onde as meninas Lisbon defecavam publicamente e a banheira que usavam como sofá, forrando-a com travesseiros para que duas irmãs pudessem se esparramar enquanto outra cacheava os cabelos. Teria visto o aquecedor sustentando pilhas de copos e latas de coca-cola e também a saboneteira em formato de concha que, quando necessário, era usada como cinzeiro. Desde que tinha doze anos, Lux passava horas fumando cigarros no banheiro, soltando a fumaça pela janela ou em uma toalha molhada que depois pendurava do lado de fora. Mas o padre Moody não viu nada disso. Atravessou aquela corrente de ar tropical, e nada mais. Às suas costas, sentiu as correntes de ar mais frias da casa, que carregavam grãos de poeira e o cheiro específico da família, daqueles que marcam todas as casas e são reconhecíveis assim que entramos — a casa do Chase Buell tinha cheiro de pele, a casa do Joe Larson tinha cheiro de maionese e a casa dos Lisbon, de pipoca velha, na nossa opinião, ainda que o padre Moody, que só entrou na casa depois que as mortes começaram, tenha dito que “era uma mistura de casa funerária com armário de vassouras. Todas aquelas flores. Toda aquela poeira”. Sentiu vontade de recuar até a brisa de jasmim, mas enquanto estava parado ali, escutando a chuva pingar nos azulejos do banheiro e lavar as pegadas das meninas, ouviu vozes. Fez uma ronda rápida pelo corredor, chamando pela sra. Lisbon, mas ela não respondeu. Voltou ao topo das escadas e já tinha começado a descer quando enxergou as meninas Lisbon pela fresta de uma porta entreaberta.

“Nessa época, aquelas meninas não tinham intenção alguma de repetir o erro de Cecilia. Sei que todos acham que foi um plano, ou que lidamos mal com a situação, mas elas estavam tão chocadas quanto eu.” O padre Moody bateu de leve na porta e pediu licença para entrar. “Estavam todas sentadas no chão, e dava para ver que tinham chorado. Acho que tinham organizado uma espécie de festa do pijama. Havia travesseiros por todos os lados. Odeio mencionar isso, e lembro que na mesma hora me repreendi por ter pensado uma coisa dessas, mas estava claro: elas não tinham tomado banho.”

Perguntamos ao padre Moody se ele tinha conversado sobre a morte de Cecilia ou sobre o sofrimento das meninas, mas ele respondeu que não. “Mencionei o assunto algumas vezes, mas elas não mordeceram a isca. Aprendi que não se pode forçar uma coisa dessas. É preciso esperar a hora certa e a pessoa deve estar com o coração aberto.” Quando pedimos a ele que resumisse sua impressão do estado emocional das meninas àquela altura, disse: “Abatidas, mas não derrotadas”.

Nos dias que se seguiram ao funeral, nosso interesse pelas meninas Lisbon só aumentou. Seu fascínio tinha ganhado o bônus de um sofrimento novo e misterioso, perfeito em seu silêncio, visível no inchaço azulado sob seus olhos ou na maneira como às vezes paravam subitamente de caminhar e sacudiam a cabeça como se discordassem da vida. A dor fez as meninas perambularem. Foram vistas caminhando sem rumo por Eastland, cruzando o centro comercial iluminado em meio aos tímidos chafarizes e às salsichas de cachorro-quente espetadas sob lâmpadas de calor. De vez em quando, apontavam para uma blusa ou vestido, mas nunca compravam nada. Woody Clabault viu Lux Lisbon conversando com uma gangue de motoqueiros em frente ao Hudson’s. Um motoqueiro perguntou se ela não queria dar uma volta. Depois de olhar na direção de casa, que estava a mais de quinze quilômetros de distância, ela aceitou.

Abraçou o motoqueiro pela cintura. Ele deu a partida na máquina. Mais tarde, Lux foi vista voltando a pé sozinha para casa, carregando os sapatos nas mãos.

No porão dos Krieger, deitados em sobras de carpete, sonhávamos com todas as maneiras possíveis de acalmar as meninas Lisbon. Alguns queriam se deitar na grama com elas, ou tocar violão e cantar. Paul Baldino queria levá-las a Metro Beach para que se bronzeassem. Chase Buell, cada vez mais influenciado pelo pai, o cientista cristão, disse apenas que as meninas precisavam de uma “ajuda que não é deste mundo”. Quando perguntamos o que ele queria dizer com isso, deu de ombros e respondeu: “Nada”. Ainda assim, quando as meninas passavam, muitas vezes o víamos agachado ao lado de uma árvore, movendo os lábios com os olhos fechados.

Mas nem todo mundo pensava nas meninas. Mesmo antes do funeral de Cecilia, algumas pessoas só conseguiam falar no perigo representado pela cerca sobre a qual ela tinha pulado. “Aquilo era um acidente esperando uma chance de acontecer”, comentou o sr. Frank, que trabalhava com seguros. “Seria impossível fazer uma apólice que cobrisse isso.”

“Nossos filhos também podem pular em cima dela”, insistiu a sra. Zaretti na hora do café, depois da missa de domingo. Pouco tempo depois, um grupo de pais começou a escavar a terra em volta da cerca, sem cobrar nada. Acabaram descobrindo que ela ficava na propriedade dos Bates. O sr. Buck, que era advogado, negociou a remoção da cerca com o sr. Bates e nem chegou a consultar o sr. Lisbon. Todos, é claro, presumiram que os Lisbon ficariam agradecidos.

Era raro vermos nossos pais usando botas de trabalho, remexendo a terra e empunhando podadeiras novinhas. Brigaram com a cerca, encurvados sobre ela como os marines hasteando a bandeira em Iwo Jima. Foi a maior demonstração de esforço coletivo na história do nosso bairro. Todos aqueles advogados, médicos e gerentes imobiliários de braços dados na vala, enquanto nossas mães traziam refresco Kool-Aid de laranja. Por um breve

instante, nosso século voltou a ser nobre. Até os pardais nos cabos telefônicos pareciam atentos. Nenhum carro passava. A neblina industrial da cidade fazia os homens parecerem moldados em liga metálica, mas a tarde avançou e eles ainda não tinham conseguido arrancar a cerca do lugar. O sr. Hutch teve a ideia de serrar as estacas, como tinham feito os paramédicos e, por algum tempo, os homens se revezaram nessa tarefa, mas seus braços, acostumados com o trabalho burocrático, logo cederam. Por fim, amarraram a cerca no para-choque traseiro do Bronco 4x4 do Tio Tucker. Ninguém deu a mínima para o fato de o Tio Tucker não ter carteira (os examinadores sempre sentiam o cheiro de bebida, mesmo quando ele ficava três dias sem beber antes do teste, porque farejavam o álcool evaporando pelos poros). Nossos pais gritaram “Pisa fundo!” e o Tio Tucker enterrou o pé no acelerador, mas a cerca não se moveu. No fim da tarde, acabaram desistindo do esforço e optando por recolher dinheiro para contratar um serviço profissional. Uma hora mais tarde, um homem solitário apareceu num guincho, prendeu um gancho na cerca, apertou um botão para fazer girar o guindaste e, com um som que parecia emanar das profundezas da terra, a cerca assassina se soltou. “Dá pra ver sangue”, disse Anthony Turkis, e todos olhamos para ver se o sangue que não apareceu no momento do suicídio tinha chegado mais tarde. Alguns disseram que a mancha estava na terceira estaca, outros que estava na quarta, mas aquilo era tão impossível quanto encontrar a pá ensanguentada na contracapa de *Abbey Road*, onde todos os indícios proclamavam que Paul estava morto.

Nenhum Lisbon ajudou na remoção da cerca. No entanto, de tempos em tempos, víamos seus rostos pululando nas janelas. Assim que o guindaste arrancou a cerca, o sr. Lisbon em pessoa saiu pela porta lateral e começou a enrolar uma mangueira de jardim. Nem chegou perto da vala. Levantou uma das mãos como saudação, em um gesto de boa vizinhança, e voltou para dentro de casa. O homem do guincho atou os pedaços da cerca ao veículo e, em seguida — recebendo dinheiro por isso —, passou

por cima do gramado do sr. Bates, deixando marcas profundas de rodas. Ficamos impressionados ao ver que nossos pais permitiram uma coisa dessas, que em geral virava caso de polícia, mas o sr. Bates não gritou nem tentou anotar a placa do guincho; nem mesmo a sra. Bates, que uma vez chorou quando estouramos umas bombinhas no meio das suas tulipas vencedoras do concurso estadual — eles não disseram nada, e nossos pais não disseram nada, e então percebemos como eles eram antigos, como estavam acostumados a traumas, depressões e guerras. Compreendemos que a versão do mundo que eles nos apresentavam não correspondia ao mundo em que realmente acreditavam, e que, apesar de todos os cuidados e reclamações sobre ervas daninhas, eles não davam a mínima para os gramados.

Quando o guincho foi embora, nossos pais voltaram a se reunir em torno do buraco, encarando as minhocas que se retorciam, as colheres de cozinha e uma pedra que o Paul Little jurou ser a ponta de uma flecha indígena. Apoiaram-se sobre as pás e enxugaram o suor da testa, ainda que não tivessem feito coisa alguma. Todos se sentiam bem melhor, como se o lago ou o ar tivessem sido purificados, ou como se as bombas do adversário tivessem sido destruídas. Não havia muito o que pudesse ser feito para nos salvar, mas pelo menos a cerca tinha desaparecido. Apesar da devastação, o sr. Bates aparou a grama e o velho casal de alemães surgiu debaixo da parreira para bebericar um vinho de sobremesa. Como de costume, estavam com chapéus tiroleses, sendo que o do sr. Hessen tinha uma peninha verde. O *schnauzer* do casal fungava na ponta da coleira, e as uvas explodiam em cachos acima de suas cabeças. A corcunda da sra. Hessen mergulhava e emergia em meio às grandes roseiras que ela borrifava com inseticida.

Em dado momento, olhamos para o céu e vimos que todas as efeméridas tinham morrido. O ar já não estava marrom, mas azul. Com vassouras de palha, varremos os insetos dos postes, das janelas e dos fios elétricos. Enfiamos todos eles em sacos, milhares e milhares de corpos de insetos

com asas de seda crua, e Tim Winer, o crânio, observou que as caudas das efeméridas se pareciam com caudas de lagosta. “São menores”, pontificou, “mas têm basicamente o mesmo desenho. As lagostas pertencem ao filo dos Artrópodes, assim como os insetos. São bichos do mesmo tipo. Insetos são apenas lagostas que aprenderam a voar.”

Ninguém nunca conseguiu entender o que deu na gente naquele ano, ou por que odiávamos tanto a crosta de insetos mortos sobre nossas vidas. Mas, de uma hora para a outra, não conseguíamos mais tolerar aquelas efeméridas forrando as piscinas, recheando as caixas de correio, encobrendo as estrelas das bandeiras. A escavação coletiva da vala inspirou um trabalho cooperativo de varrer, carregar sacos e lavar pátios com mangueiras. Montes de vassouras avançavam em todas as direções, perfeitamente sincronizadas, enquanto os fantasmas pálidos das efeméridas desabavam das paredes como cinza. Esfregamos os insetos entre os dedos até exalarem um cheiro de carpa, e examinamos seus rostinhos de feiticeiros. Tentamos queimá-los, mas não pegavam fogo (e isso fazia com que as efeméridas parecessem mais mortas que qualquer outra coisa). Golpeamos arbustos, batemos tapetes, acionamos limpadores de para-brisas a toda velocidade. As efeméridas entupiam os bueiros de tal modo que tivemos de empurrá-las para baixo com a ajuda de gravetos. Agachados na sarjeta, conseguíamos ouvir o rio fluindo por baixo da cidade. Jogávamos pedras e escutávamos o tibum na água.

Não nos limitamos a nossas próprias casas. Quando nossos muros e paredes ficaram limpos, o sr. Buell pediu ao Chase que começasse a tirar os insetos da casa dos Lisbon. Por causa de suas crenças religiosas, o sr. Buell tinha o costume de sempre fazer um esforço a mais, invadindo o quintal dos Hessen com o ancinho, limpando a neve da calçada e, às vezes, jogando até sal grosso. Para ele, não havia nada de errado em pedir que o Chase começasse a varrer a casa dos Lisbon, ainda que eles morassem do outro lado da rua e não na casa ao lado. Como o sr. Lisbon tinha apenas filhas, garotos e homens já tinham ido ajudá-lo a arrastar galhos que

havam caído durante tempestades. Assim, quando Chase se aproximou, segurando a vassoura acima da cabeça como se fosse uma bandeira regimental, ninguém disse nada. Mas então o sr. Krieger mandou o Kyle ir até lá para varrer um pouco, e o sr. Hutch mandou o Ralph, e logo estávamos todos na casa dos Lisbon, esfregando as paredes e escovando as cascas de insetos até se descolarem. Eles tinham ainda mais insetos que nós; as paredes estavam com quase três centímetros de espessura. Paul Baldino lançou uma charada: “O que é, o que é: cheira a peixe e é gostoso de comer, mas não é peixe?”.

Assim que chegamos às janelas da casa dos Lisbon, novos sentimentos inexplicáveis pelas garotas vieram à tona. Enquanto derrubávamos os insetos, avistamos Mary Lisbon na cozinha, segurando uma caixa de macarrão com queijo da Kraft. Parecia estar ponderando se deveria abri-la ou não. Leu as instruções, virou a caixa para ver a fotografia vívida da refeição pronta e devolveu a caixa à prateleira. Anthony Turkis, pressionando o rosto contra a janela, opinou: “Ela devia comer alguma coisa”. Mary pegou a caixa de novo. Ficamos de olho, esperançosos. Mas então ela se virou e desapareceu.

Estava escurecendo. As luzes se acenderam por todo o quarteirão, mas não na casa dos Lisbon. Não conseguíamos mais enxergar coisa alguma lá dentro, e as vidraças começaram a refletir nossos rostos boquiabertos. Eram apenas nove horas, mas tudo confirmava o que andavam dizendo: desde o suicídio de Cecilia, os Lisbon mal podiam esperar pela chegada da noite, quando se entregavam ao sono e ao esquecimento. Na janela de um dos quartos do andar de cima, as três velas votivas de Bonnie brilhavam em meio a uma bruma avermelhada, mas, salvo por isso, a casa absorvia as sombras da noite. Por todos os lados os insetos despertavam em seus esconderijos, vibrando no instante em que virávamos as costas. Todo mundo os chamava de grilos, mas nunca encontramos nenhum deles nos arbustos borrifados com inseticida ou nos gramados aerados, e não fazíamos ideia de sua aparência. Apenas os escutávamos. Nossos pais eram

mais íntimos dos grilos. Ao que parecia, para eles o zumbido não soava mecânico. Vinha de todas as direções, sempre de cima das nossas cabeças, e sempre com a sugestão de que o mundo dos insetos era mais sensível que o nosso. Enquanto ouvíamos os grilos, imóveis e encantados, o sr. Lisbon saiu pela porta lateral e nos agradeceu. Seu cabelo parecia ainda mais grisalho que de costume, mas o sofrimento não tinha alterado o tom agudo de sua voz. Vestia um macacão, e um dos joelhos estava coberto de serragem. “Fiquem à vontade para usar a mangueira”, disse, e em seguida olhou para o caminhão de sorvetes Good Humour que passava. O tilintar do sino pareceu detonar uma lembrança, então ele sorriu ou fez uma careta de dor — não conseguimos definir sua expressão — e voltou para dentro.

Só mais tarde entramos atrás dele, invisíveis, com os fantasmas de nossas perguntas. Aparentemente, assim que ele pisou em casa, viu Therese saindo da sala de jantar. A menina estava enchendo a boca de guloseimas — pelas cores, eram M&Ms —, mas parou assim que viu o pai. Engoliu o que já estava na boca sem mastigar. Sua testa ampla brilhou à luz da rua, e os lábios de cupido estavam mais vermelhos, menores e mais definidos do que ele se recordava, especialmente em contraste com as bochechas e o queixo, que tinham ganhado volume. Os cílios estavam incrustados, como se tivessem sido grudados com cola pouco antes. Naquele instante o sr. Lisbon sentiu que não sabia quem ela era, que filhos eram apenas estranhos com os quais você concorda em morar, e estendeu os braços para conhecer Therese pela primeira vez. Descansou as mãos sobre os ombros da filha e em seguida soltou os braços ao lado do corpo. Therese afastou o cabelo da frente do rosto, sorriu e começou a subir as escadas, bem devagar.

O sr. Lisbon seguiu adiante em sua habitual ronda noturna, conferindo se a porta da frente estava trancada (não estava), se a luz da garagem estava apagada (estava) e se alguma das bocas do fogão tinha sido deixada acesa (nenhuma). Apagou a luz do banheiro do térreo e encontrou o aparelho

ortodôntico de Kyle Krieger na pia, que o garoto esqueceu ali depois de retirá-lo para comer bolo durante a festa. O sr. Lisbon abriu a torneira e posicionou o aparelho sob o jato d'água, examinando a concha rosada feita sob medida para ajustar-se ao céu da boca de Kyle, as ameias que circundavam as torres dos dentes no plástico, o arco frontal de arame arqueado em pontos-chave (dava para ver as marcas de alicate) de modo a propiciar uma pressão modulada. O sr. Lisbon sabia que os deveres de pai e vizinho implicavam que ele colocasse o aparelho dentro de um saco Ziploc, telefonasse para os Krieger e informasse que o caro aparato ortodôntico estava bem guardado. Atos como esse — simples, humanos, escrupulosos, compreensivos — davam sentido à vida. Alguns dias antes ele teria sido capaz de agir assim. Mas, naquele momento, pegou o aparelho e o jogou dentro do vaso sanitário. Apertou a descarga. Impulsionado pela onda, o aparelho desapareceu através da garganta de porcelana e, quando as águas se acalmaram, voltou a flutuar, triunfante e zombeteiro. O sr. Lisbon esperou que a caixa voltasse a se encher de água e deu a descarga novamente, mas a mesma coisa aconteceu. A réplica da boca do menino ficou presa no declive branco.

Nesse instante, uma coisa reluziu no canto do seu olho. “Achei que tinha visto alguém, mas quando olhei, não havia nada.” Também não viu coisa alguma quando deu a volta pelos fundos, adentrou o saguão e subiu as escadas. No andar de cima, encostou o ouvido nas portas dos quartos das meninas, mas escutou apenas Mary, tossindo enquanto dormia, e Lux, que ouvia rádio em volume baixo e cantava junto. Entrou no banheiro das filhas. Um raio de luz da lua, que estava alta no céu, penetrava pela janela e iluminava parte do espelho. Em meio a impressões digitais borradas, havia um pequeno círculo limpo, onde as meninas podiam contemplar suas imagens, e, logo acima do espelho, Bonnie havia colado uma pomba branca feita de cartolina. O sr. Lisbon entreabriu os lábios em uma careta de dor e enxergou no círculo o canino morto e solitário que começava a ficar verde, do lado esquerdo da sua boca. As portas que levavam aos

quartos compartilhados das meninas não estavam completamente fechadas, e delas emanavam respirações e murmúrios. O sr. Lisbon ficou escutando aqueles sons, como se eles pudessem lhe dizer o que as meninas estavam sentindo e como consolá-las. Lux desligou o rádio e tudo ficou em silêncio. “Não consegui entrar”, ele nos confessou anos mais tarde. “Não sabia o que dizer.” Logo que saiu do banheiro, também ansiando pelo esquecimento que acompanhava o sono, o sr. Lisbon viu o fantasma de Cecilia. Ela estava de pé em seu antigo quarto, usando novamente o vestido de noiva, tendo de alguma forma se livrado do vestido bege com gola de renda que tinha usado no caixão. “A janela ainda estava aberta”, ele disse. “Acho que nunca nos lembramos de fechá-la. Tudo me pareceu bem claro. Eu sabia que precisava fechar aquela janela, senão ela continuaria pulando dali para sempre.”

Segundo a sua história, ele não gritou. Não queria estabelecer contato com a sombra da filha, descobrir por que ela tinha se matado, pedir perdão ou repreendê-la. Apenas avançou, esbarrando nela, para fechar a janela. Mas ao fazer isso, o fantasma se virou e o sr. Lisbon viu que era apenas Bonnie, enrolada em um lençol. “Não se preocupe”, ela disse baixinho. “Eles tiraram a cerca.”

* * *

Com um bilhete manuscrito que exibia a caligrafia aperfeiçoada de seus tempos de pós-graduando em Zurique, o dr. Hornicker convocou o sr. e a sra. Lisbon para uma segunda consulta, mas eles não compareceram. Em vez disso, pelo que observamos no resto do verão, a sra. Lisbon voltou a tomar as rédeas da casa, enquanto seu marido recolheu-se na névoa. Depois desse episódio, sempre que víamos o sr. Lisbon, ele tinha o ar encabulado de um parente pobre. Ao fim de agosto, nas semanas de preparação para o início das aulas, ele começou a sair pela porta dos fundos, como se quisesse passar despercebido. Seu carro parecia ganir dentro da garagem, e quando a porta automática subia, o veículo emergia

hesitante e um pouco bambo, como um bicho pernetta. Através do parabrisa enxergávamos o sr. Lisbon ao volante, com o cabelo ainda molhado e o rosto às vezes salpicado de espuma de barbear, mas ele não reagia quando o escapamento batia no meio-fio, como sempre acontecia, levantando faíscas. Às seis da tarde ele voltava para casa. Quando se aproximava da garagem, a porta estremecia para engolfar o carro, e aí não víamos mais até a manhã seguinte, quando o tinido do escapamento anunciava sua partida.

O único contato mais extenso com as meninas ocorreu no fim de agosto, quando Mary apareceu sem marcar hora no consultório dentário do dr. Becker. Conversamos com ele muitos anos mais tarde, com dezenas de moldes ortodônticos de gesso nos lançando sorrisos tortos do alto de armários envidraçados. Cada conjunto de dentes trazia o nome da infeliz criança que tinha sido forçada a tolerar a massa dentro da boca, e aquele panorama nos recordava das torturas medievais de nossas próprias histórias odontológicas. O dr. Becker falou por algum tempo antes de começarmos a prestar atenção, pois voltamos a sentir o dentista martelando grampos metálicos em nossos molares, ou usando borrachinhas para prender nossos dentes de cima aos dentes de baixo. Nossas línguas saíram à cata dos bolsões de tecido cicatrizado deixados por aparelhos que puxaram nossas arcadas para trás, e mesmo quinze anos depois os sulcos ainda pareciam adocicados pelo sangue. Mas o dr. Becker estava falando. “Lembro de Mary porque ela veio sem os pais. Foi a primeira vez que uma criança fez isso. Quando perguntei o que queria, ela colocou dois dedos dentro da boca e levantou o lábio superior. Aí perguntou: ‘Quanto?’. Estava com medo que os pais não tivessem como pagar.”

O dr. Becker se recusou a fazer um orçamento para Mary Lisbon. “Traga sua mãe aqui e a gente conversa”, respondeu. De fato, o processo teria sido bem complicado, já que Mary, como as irmãs, parecia ter um par de caninos a mais. Decepcionada, ela se recostou na cadeira do dentista, colocando os pés para cima, enquanto um tubo prateado derramava água

dentro de um copo com canudo. “Precisei deixar a menina sentada na cadeira”, contou o dr. Becker. “Cinco crianças estavam esperando. Depois minha enfermeira contou que ouviu ela chorar.”

As meninas não apareceram mais em grupo até o dia da volta às aulas. No dia 7 de setembro, em que o frio arruinou todas as esperanças de um veranico de outono, Mary, Bonnie, Lux e Therese vieram para a escola como se nada tivesse acontecido. Ainda que tenham passado quase todo o tempo grudadas, mais uma vez conseguimos enxergar novas diferenças entre elas, e sentimos que se continuássemos prestando tanta atenção era capaz que começássemos a entender o que estavam sentindo e quem eram. Como a sra. Lisbon não tinha levado as meninas para comprar uniformes novos, estavam usando os mesmos do ano anterior. As vestimentas empertigadas estavam justas demais (apesar de tudo, as meninas continuaram crescendo) e elas pareciam desconfortáveis. Mary tinha enfeitado o traje com acessórios: um bracelete com cerejas de madeira no mesmo tom de vermelho-vivo da echarpe. A saia xadrez do uniforme estava curta demais para Lux, deixando à mostra seus joelhos e quase três centímetros das coxas. Bonnie vestia um negócio que mais parecia uma tenda, com acabamento em zigue-zague. Therese usava um vestido branco que lembrava um jaleco. Ainda assim, as meninas desfilaram com uma dignidade inesperada enquanto um silêncio se abatia sobre o auditório. Bonnie tinha colhido um singelo buquê de dentes-de-leão temporãos no jardim da escola. Colocou as flores sob o rosto de Lux para brincar com a irmã. Não se percebia sinal algum do trauma recente. Mas deixaram um assento vazio quando se sentaram, como se estivessem guardando lugar para Cecilia.

As meninas não faltaram a um único dia de aula, e nem o sr. Lisbon, que seguiu lecionando com o entusiasmo costumeiro. Continuou pressionando os alunos por respostas, fingindo que ia estrangulá-los, e apagando as equações em meio a uma nuvem de giz. Mas na hora do almoço, em vez de ir para a sala dos professores, começou a comer dentro

da sala de aula, em sua mesa, trazendo da cantina uma maçã e um prato de queijo *cottage*. Exibiu outros comportamentos estranhos. Foi visto caminhando pelo Setor de Ciências e conversando com as clorófitas que pendiam dos painéis geodésicos. Depois da primeira semana, começou a dar as aulas sentado na cadeira giratória: deslizava até o quadro-negro e voltava sem nunca se levantar, explicando que o problema era o seu nível de glicose sanguínea. Como técnico assistente do time de futebol, depois das aulas ficava parado atrás das traves, anunciando cada gol com indiferença, e quando o treino chegava ao fim, zanzava pelo campo, empoeirado e sujo de giz, recolhendo as bolas em um saco de lona cheio de manchas.

Ia sozinho para a escola, de carro, uma hora antes das filhas, que dormiam até tarde e iam de ônibus. Depois de adentrar o prédio pela porta da frente e passar pela armadura (nossos times esportivos eram chamados de Os Cavaleiros), ia direto para a sala de aula, onde os nove planetas do nosso sistema solar pendiam de painéis furados no teto (sessenta e seis furos em cada quadrado, segundo o Joe Hill Conley, que contou um por um durante a aula). Fios brancos quase invisíveis prendiam os planetas em um trilho. Todo dia realizavam seus movimentos de rotação e translação, o cosmos inteiro controlado pelo sr. Lisbon, que girava a manivela ao lado do apontador depois de consultar uma tabela astronômica. Debaixo dos planetas pendiam triângulos pretos e brancos, hélices cor de laranja e cones azuis com extremidades removíveis. Sobre a mesa, o sr. Lisbon expunha um cubo Soma que, com a ajuda de uma fita adesiva, se mantinha resolvido para todo o sempre. Ao lado do quadro-negro, uma presilha de arame sustentava cinco pedaços de giz, de modo que ele pudesse desenhar partituras para o coral masculino. Era professor havia tanto tempo que tinha até uma pia em sua sala.

Já as meninas entravam pela porta lateral, passando pelo canteiro de narcisos inertes que eram cultivados na primavera pela esposa do diretor, uma mulher esbelta e aplicada. Em seguida se separavam, dirigiam-se aos

seus armários e voltavam a se encontrar na cantina, durante o intervalo. Julie Freeman costumava ser a melhor amiga de Mary Lisbon, mas depois do suicídio elas pararam de se falar. “Era uma menina legal, mas eu não conseguia lidar com aquilo. Ela meio que me assustava. E também comecei a sair com o Todd na mesma época.” As irmãs desfilavam com elegância pelos corredores, segurando livros contra o peito e encarando um ponto fixo no espaço que não conseguíamos enxergar. Eram como Eneias, que (segundo conseguimos visualizar em meio à nuvem de cê-cê do dr. Timmerman) tinha ido até o mundo subterrâneo, visto os mortos e voltado, chorando por dentro.

Quem poderia saber o que pensavam ou sentiam? Lux ainda dava risadinhas idiotas, Bonnie manipulava o rosário no fundo do bolso da saia de veludo cotelê, Mary usava os terninhos que lhe davam ares de primeira-dama, Therese continuava andando pelos corredores com óculos de segurança — mas elas se afastaram de nós, das outras meninas, do pai, e nós as víamos paradas no pátio, debaixo da garoa, dando mordidas na mesma rosquinha, olhando para o céu enquanto se deixavam lentamente encharcar.

Começamos a falar com elas aos pouquinhos: cada um de nós adicionava uma frase a uma conversa compartilhada. Mike Orriyo foi o primeiro. O armário dele ficava ao lado do armário de Mary, e um dia ele olhou por cima da porta e perguntou: “Tudo bem?”. Ela estava com a cabeça baixa, o cabelo na cara, e ele não sabia se a menina tinha escutado a pergunta, até que ela balbuciou: “Nada mal”. Evitando se virar e olhar para ele, Mary bateu com força a porta de metal do armário e se afastou, agarrada aos livros. Depois de alguns passos, puxou a parte de trás da saia para baixo.

No dia seguinte Mike esperou por ela, e quando Mary abriu o armário ele incluiu uma nova frase: “Sou o Mike”. Dessa vez ela respondeu algo

compreensível através do cabelo: “Eu sei quem você é. Estudei a vida inteira nessa escola, sabia?”. Mike Orriyo quis dizer mais alguma coisa, mas quando enfim ela virou de frente, ele emudeceu. Ficou parado olhando para ela, sem conseguir encontrar uma palavra, até que ela disse: “Você não precisa falar comigo”.

Outros caras foram mais bem-sucedidos. Chip Willard, o rei das detenções escolares, caminhou até Lux, que estava sentada numa área ensolarada — era um dos últimos dias quentes do ano — e, enquanto o observávamos de um dormitório no segundo andar, sentou-se ao lado dela. Lux estava com a saia xadrez do uniforme e meias brancas que iam até os joelhos. Os mocassins pareciam novos. Antes de Willard se aproximar, ela estava esfregando os calçados na terra, com um ar preguiçoso. Aí esticou bem as pernas, apoiou as mãos nas costas e virou o rosto na direção dos últimos raios de sol da estação. Willard adentrou a área ensolarada e começou a falar. Lux juntou as pernas, coçou um dos joelhos e voltou a abri-las. Willard repousou sua massa bruta sobre o chão macio. Em seguida se inclinou na direção dela, sorrindo, e ainda que nunca tenha dito qualquer coisa inteligente em nossa presença, fez Lux cair na gargalhada. Parecia saber muito bem o que estava fazendo, e ficamos impressionados com o conhecimento que ele tinha adquirido nos porões e arquibancadas de sua delinquência. Amassou uma folha seca sobre a cabeça de Lux. Pedacinhos caíram por trás de sua blusa, e ela bateu nele. Não demorou para que começassem a andar juntos pelos fundos da escola, atravessando as quadras de tênis, cruzando o memorial de olmos até chegar à cerca alta que demarcava o terreno das mansões na rua particular logo atrás.

Não foi apenas Willard. Paul Wanamaker, Kurt Siles, Peter McGuire, Tom Sellers e Jim Czeslawski também tiveram seus poucos dias de namoro firme com Lux. Todos sabiam que o sr. e a sra. Lisbon não permitiam que as filhas namorassem, e que especialmente a sra. Lisbon reprovava danças, bailes escolares e a expectativa generalizada de que adolescentes deveriam ter permissão para se agarrar no banco de trás dos carros. As breves uniões

de Lux eram clandestinas. Brotavam nas horas mortas das salas de estudo, floresciam a caminho do bebedouro e eram consumadas no quartinho que servia de depósito, sobre o auditório, em meio ao desconforto de luzes e cabos teatrais. Os garotos se encontravam com Lux quando ela estava em trânsito entre breves missões sancionadas, no corredor da farmácia enquanto a sra. Lisbon aguardava no carro e, certa vez, no encontro mais ousado, dentro da própria perua, durante os quinze minutos em que a sra. Lisbon ficou esperando na fila do banco. Mas os garotos que escapuliam com Lux eram sempre os mais idiotas, os mais egoístas e maltratados em casa, e acabavam sendo terríveis fontes de informação. Não importava o que perguntássemos, sempre davam respostas obscenas como “os peitos são uma beleza, vou te contar” ou “se quer saber o que rolou, cara, vem aqui e cheira meus dedos”. Ao aceitar os encontros com eles em esconderijos e matagais da escola, Lux apenas demonstrava a extensão do seu desequilíbrio. Perguntamos se ela mencionava Cecilia, mas os garotos sempre respondiam que não tinham ficado de conversa mole se é que você me entende.

Nesse período, o único garoto confiável que se envolveu com Lux foi o Trip Fontaine, mas seu senso de honra nos deixou no escuro por anos a fio. Dezoito meses antes dos suicídios, Trip Fontaine perdeu as dobrinhas infantis e se tornou o deleite de meninas e mulheres. E já que o tínhamos conhecido como um menino gorducho cujos dentes escapavam da boca eternamente aberta, o que o tornava parecido com um peixe abissal, levamos algum tempo para notar sua transformação. Somado a isso, nossos pais e irmãos mais velhos, além dos nossos tios decrepitos, tinham nos garantido que a aparência não importava quando se tratava de um garoto. Não estávamos atentos ao surgimento da beleza masculina em nosso meio, e de fato acreditávamos que ela não fazia muita diferença até que as meninas que conhecíamos, junto com suas mães, se apaixonaram por Trip Fontaine. Era um desejo silencioso, mas magnífico, como mil margaridas acompanhando a trajetória do sol. De início, mal percebemos os bilhetes

dobrados que chegavam pelas frestas do armário de Trip, nem as brisas equatoriais que o perseguiram pelo corredor por conta de tanto sangue quente; mas enfim, ao sermos confrontados com bandos de meninas inteligentes enrubescendo à presença de Trip, ou puxando as próprias tranças para evitar sorrir em demasia, nos demos conta de que nossos pais, irmãos e tios tinham mentido, e de que ninguém jamais nos amaria por causa de nossas boas notas. Anos mais tarde, no decrépito rancho de desintoxicação onde tinha se internado para abandonar a bebida, financiado pelo resto das economias da ex-mulher, Trip Fontaine lembrou as paixões abrasadoras que irromperam na época em que ele estava começando a ter cabelos no peito. Começou durante uma viagem a Acapulco, quando o pai de Trip saiu para dar um passeio na praia com o namorado e deixou o filho se virando sozinho no hotel. (A Peça nº 7, um retrato tirado durante essa viagem, mostra um sr. Fontaine bronzeado posando ao lado de Donald, ambos sentados de coxas coladas em uma cadeira externa do hotel, que mais parecia o trono de Montezuma rodeado de palmeiras.) No bar para menores Trip conheceu Gina Desander, que tinha acabado de se divorciar e lhe pagou sua primeira piña colada. Sempre um cavalheiro, ao voltar da viagem Trip Fontaine nos revelou somente os detalhes mais decorosos da vida de Gina Desander, que era crupiê em Las Vegas e o ensinou a ganhar no vinte e um, que escrevia poemas e comia cocos inteiros usando apenas um canivete suíço. Somente anos mais tarde, fitando o deserto com olhos arruinados, quando seu cavalheirismo enfim se tornou incapaz de proteger uma mulher que àquela altura já era cinquentona, Trip confessou que Gina Desander tinha sido sua “primeira transa”.

Isso explicava muita coisa. Explicava por que ele nunca tirava o colar de conchas havaianas que ela lhe havia dado. Explicava o pôster turístico sobre a cama, com a imagem de um homem sobrevoando a baía de Acapulco em um parapente puxado por uma lancha. Explicava por que ele tinha começado a se vestir de um modo diferente no ano anterior aos

suicídios, trocando camisas e calças escolares por roupas de caubói, camisas com botões de madrepérola, bolsos com abas decorativas e ombros pespontados, itens escolhidos a dedo para que ele se parecesse com os homens de Las Vegas de braços dados com Gina Desander nas fotografias que ela guardava na carteira e que mostrou a Trip durante os sete-dias-e-sete-noites juntos do pacote de viagem. Aos trinta e sete anos, Gina Desander vislumbrou a masculinidade latente nas formas rechonchudas de Trip Fontaine, sempre de sunga, e ao longo da semana que compartilharam no México, ela o moldou até que ganhasse a forma de um homem. Nunca saberemos com detalhes o que aconteceu naquele quarto de hotel, com Trip bêbado de suco de abacaxi misturado com álcool, assistindo Gina Desander embaralhar e dar as cartas rapidamente no meio da cama desfeita. A porta de correr que dava para a sacadinha de concreto tinha saído do trilho. Trip, no papel de homem, tentou consertá-la. As penteadeiras e os criados-mudos estavam cobertos de detritos da festinha particular da noite anterior — copos vazios, varetas para misturar drinques tropicais, restos de fatias de laranja. Com o bronzeado das férias, o visual de Trip devia estar como nos finais de verão, quando ficava andando em volta da piscina com os mamilos parecendo duas cerejas rosadas incrustadas em açúcar mascavo. A pele avermelhada e ligeiramente enrugada de Gina Desander queimava fácil, com a idade, como uma pilha de folhas secas. Ás de copas. Dez de paus. Vinte e um. Você ganhou. Ela acariciava o cabelo do garoto e dava as cartas novamente. Trip nunca nos revelou detalhe algum, nem mesmo mais tarde, quando todos já éramos adultos o bastante para entender. Mas encaramos o ocorrido como uma iniciação maravilhosa, ministrada por uma mãe clemente, e embora aquela noite permanecesse um segredo, concedeu a Trip uma certa aura de amante. Quando ele voltou escutamos sua nova voz, mais grave, soando trinta centímetros acima de nossas cabeças; notamos o corte mais justo dos jeans, sem entendê-lo; sentimos o cheiro da colônia e comparamos nossas peles cor de queijo com a dele. Mas o odor almiscarado, o rosto macio

como se estivesse coberto de óleo de coco, os grãos dourados da areia obstinada que ainda reluzia nas sobranceiras não nos afetaram tanto quanto às meninas, que, uma por uma e depois em grupos, desfaleceram.

Ele recebeu cartas decoradas por dez lábios diferentes (os contornos das bocas eram tão nítidos quanto uma impressão digital). Parou de se preparar para as provas por causa de todas as garotas que apareciam para estudar com ele na cama. Passava o tempo inteiro administrando o bronzado, flutuando sobre um colchão d'água na piscina, que era pequena como uma banheira. As meninas estavam certas ao escolherem Trip para amar, pois ele era o único garoto que conseguia ficar de boca fechada. Por natureza, Trip Fontaine tinha a descrição dos grandes amantes, dos sedutores que são melhores que Casanova porque não deixaram doze volumes de memórias e nem sequer imaginamos quem sejam. No campo de futebol americano ou pelado no vestiário, Trip Fontaine nunca comentava as fatias de torta que apareciam dentro do seu armário embaladas cuidadosamente em papel-alumínio, nem os elásticos de cabelo amarrados na antena do carro, nem mesmo o pé de tênis pendurado por um laço malfeito no retrovisor, com um bilhete molhado na ponta que dizia: “O jogo do amor está empatado. Você saca, Trip”.

Os corredores começaram a ecoar o nome dele, aos sussurros. Enquanto nós o chamávamos de “Tripster” ou “Fountainhead”, as meninas só falavam de Trip para cá e Trip para lá, ele era o único assunto, e quando foi eleito o “Mais Bonito”, o “Mais Bem-Vestido”, a “Melhor Personalidade” e o “Melhor Atleta” (ainda que, por despeito, nenhum de nós tenha votado nele, que nem era assim tão habilidoso), compreendemos enfim o grau da obsessão das meninas. Até nossas mães comentavam sua beleza e o convidavam para o jantar, ignorando o cabelo oleoso e meio comprido. Sem demora ele começou a ter uma vida de paxá, aceitando tributos na corte de sua colcha sintética: notas de baixo valor surrupiadas de carteiras maternas, saquinhos de entorpecentes, anéis de formatura, biscoitos de flocos de arroz embalados em papel-manteiga, ampolas de nitrito de amila,

garrafas de espumante Asti, queijos holandeses variados e às vezes uns belos pedaços de haxixe. As meninas apareciam com trabalhos datilografados, cheios de notas de rodapé, e resumos de livros para que Trip não precisasse ler sequer uma página. Com o passar do tempo, graças à abundância das oferendas, ele compilou a exposição “Grandes Baseados do Mundo”, em que cada amostra ficava guardada dentro de um potinho de tempero vazio disposto em fila na estante de livros, de “Blue Hawaiian” a “Panama Red” com diversas paradas nos territórios pardacentos intermediários, que incluíam uma maconha que tinha aparência e cheiro de carpete. Não sabíamos muita coisa sobre as meninas que iam para a casa de Trip Fontaine, apenas que dirigiam os próprios carros e sempre pegavam alguma coisa no porta-malas. Era o tipo de garota que usa brincos metálicos, tem o cabelo descolorido nas pontas e calça sapatos com salto de cortiça amarrados em volta dos tornozelos. Carregando saladeiras cobertas com panos de prato coloridos, cruzavam o gramado de pernas arqueadas, mascarando chiclete e sorrindo. No andar de cima, na cama, davam de comer a Trip na colherinha e limpavam a boca dele com o lençol antes de jogarem as saladeiras no chão e se derreterem em seus braços. De vez em quando o sr. Fontaine passava, indo ou voltando do quarto de Donald, mas sua própria conduta duvidosa o impedia de questionar os sussurros que escapavam pela porta do quarto do filho. Ambos, pai e filho, viviam como colegas de moradia, trombando-se em seus idênticos roupões compridos e discutindo sobre quem terminou com o pó de café, mas à tarde boiavam juntos no espaço apertado da piscina, compatriotas na busca por alguma paixão na terra.

Tinham os bronzeados de pai-e-filho mais lustrosos da cidade. Mesmo empreiteiros italianos, trabalhando debaixo do sol todos os dias, não conseguiam obter aquele tom de mogno. Ao anoitecer, as peles do sr. Fontaine e de Trip ficavam quase azuladas, e quando colocavam os turbantes de toalha pareciam krishnas gêmeos. A piscininha circular, acima do nível do chão, ficava encostada na cerca do quintal, e a água às vezes

ensopava o cachorro dos vizinhos. Marinados em óleo para bebê, o sr. Fontaine e Trip embarcavam nos colchões d'água equipados com descansos para as costas e apoios para copos e boiavam sob o tépido céu do norte como se estivessem na Costa del Sol. Nós assistíamos, acompanhando a transformação gradual do tom dos bronzeados em algo que lembrava graxa para sapatos. Começamos a suspeitar que o sr. Fontaine clareava o cabelo, e pouco a pouco se tornou doloroso contemplar a luminosidade dos dentes daqueles dois. Nas festas, garotas com olhos ensandecidos agarravam nossos braços apenas porque conhecíamos Trip, e depois de um tempo aprendemos que, nas mãos do amor, elas ficavam tão perdidas quanto nós. Certa noite, quando se encaminhava para o carro, Mark Peters sentiu alguém segurando sua perna. Ao olhar para baixo, viu Sarah Sheed, que confessou estar tão apaixonada por Trip que não conseguia mais andar. Mark ainda se lembra do olhar cheio de pânico que ela lhe lançou lá de baixo, uma menina grande e saudável, famosa pelo tamanho dos seios, deitada daquele jeito na grama molhada de orvalho, como se fosse uma aleijada.

Ninguém sabia como Trip e Lux tinham se conhecido, nem o que tinham dito um ao outro, nem se a atração tinha sido mútua. Mesmo anos depois, Trip foi reticente ao mencionar o assunto, fiel aos votos de fidelidade às quatrocentas e dezoito meninas e mulheres com quem transou no decorrer de sua longa carreira. Disse apenas: “Nunca superei aquela menina, cara. Nunca”. No deserto, tremendo de abstinência, estava com bolsas amareladas de aparência doentia sob os olhos, mas seu olhar estava claramente voltado para tempos melhores. Aos poucos, com nossa persuasão incessante e em grande parte graças à necessidade de tagarelar que domina todo dependente químico em recuperação, conseguimos juntar os retalhos que contavam a história daquele amor.

Começou no dia em que Trip Fontaine entrou na sala errada de história. Durante o intervalo para estudos do quinto período, Trip Fontaine foi até o carro, como de costume, para fumar a maconha que consumia de forma

tão regular como Peter Petrovich, diabético, tomava insulina. Petrovich comparecia três vezes por dia à enfermaria para tomar as injeções, sempre aplicando ele mesmo a agulha hipodérmica como um *junkie* que não resiste ao vício, ainda que depois de se picar tocasse piano no auditório com um refinamento espantoso, como se a insulina fosse o elixir da genialidade. Trip Fontaine ia até o carro três vezes por dia, às dez e quinze, ao meio-dia e quinze e às três e quinze e, como Petrovich, usava um relógio de pulso que apitava na hora de cada dose. Sempre deixava seu Trans Am na parte mais distante do estacionamento, de frente para a escola, para que conseguisse avistar a aproximação ocasional de algum professor. O capô inclinado, o teto reluzente e a traseira curva tornavam o carro parecido com um escaravelho aerodinâmico. Ainda que os sinais do tempo estivessem começando a estragar o acabamento dourado, Trip tinha renovado a pintura dos frisos esportivos laterais e lustrado as calotas pontiagudas que se pareciam com armas. No interior do carro, os assentos reclináveis de couro guardavam marcas idiossincráticas de transpiração — dava para ver onde o sr. Fontaine tinha descansado a cabeça durante engarrafamentos e onde a química do spray de cabelo tinha transformado o marrom do couro em um tom claro de roxo. O aroma sutil do purificador de ar Boots and Saddle ainda se fazia sentir, mesmo que àquela altura o carro estivesse mais permeado pelo cheiro do almíscar e da maconha de Trip. As portas de carro de corrida se fechavam hermeticamente, e Trip costumava dizer que dentro daquele carro dava para ficar mais chapado do que em qualquer outro lugar, porque era só ficar respirando a fumaça que estava presa. Em qualquer intervalo para lanche, almoço e estudo, Trip Fontaine saracoteava até o carro e submergia naquela sauna. Quinze minutos depois, quando ele abria a porta, a fumaça escapava como se estivesse saindo por uma chaminé, dispersando-se em anéis ao som da música — em geral, Pink Floyd ou Yes — que Trip continuava escutando enquanto conferia o motor e lustrava o teto (os supostos motivos das visitas ao estacionamento). Depois de trancar o carro, Trip caminhava pelos

fundos da escola para arejar as roupas. Escondia uma caixinha de balas de menta dentro do nó no tronco de uma árvore (plantada em memória de Samuel O. Hastings, formando da turma de 1918). Das janelas das salas de aula, as garotas assistiam Trip, que se sentava de pernas cruzadas como um índio debaixo das árvores, sozinho e irresistível, e antes que ele se levantasse elas já imaginavam as discretas manchas de terra nas nádegas. Era sempre a mesma coisa: Trip Fontaine ficava perfeitamente ereto, ajustava a armação dos óculos de aviador, puxava os cabelos para trás, fechava o zíper do bolso da frente da jaqueta de couro marrom e saía caminhando com o rolo compressor de suas botas. Descia pelo memorial de olmos, cruzava o jardim dos fundos, passava pelos canteiros de hera e entrava na escola pela porta dos fundos.

Nunca houve um garoto tão cool e sereno. Fontaine dava a impressão de ter passado ao estágio seguinte da vida, de ter agarrado o coração do mundo real, enquanto o resto de nós ainda estava decorando matérias e implorando por notas. Embora sempre pegasse os livros no armário antes das aulas, sabíamos que eram apenas objetos cênicos e que ele estava destinado ao capitalismo e não à erudição, como já prenunciavam suas transações com drogas. Mas naquele dia, do qual ele se lembraria para sempre, uma tarde de setembro em que as folhas tinham começado a mudar de cor, Trip Fontaine entrou na escola e viu o diretor, o sr. Woodhouse, se aproximando. Trip estava acostumado a encontrar figuras de autoridade quando estava chapado, e nos garantiu que nunca tinha ficado paranoico. Não conseguiu explicar por que sentiu o pulso acelerando e um suor leve brotando na nuca ao avistar nosso diretor, de calças curtas e meias amarelo-vivo. De qualquer modo, Trip escapuliu num movimento displicente, entrando na sala de aula mais próxima.

Não olhou para rosto nenhum enquanto se sentava. Não enxergou nem professor nem alunos, tomando consciência apenas da luz celestial na sala, um brilho alaranjado que vinha das folhagens outonais no lado de fora. A sala de aula parecia inundada por um líquido doce e viscoso, um mel

quase tão leve quanto o ar, que ele aspirou. O tempo ficou mais vagaroso e, no ouvido esquerdo, ele escutou o zumbido do Om cósmico soando nítido como uma campainha de telefone. Quando sugerimos que esses detalhes tinham sido captados devido ao efeito do THC em seu sangue, Trip Fontaine ergueu um dos dedos, e essa foi a única vez em que suas mãos pararam de tremer durante toda a entrevista. “Sei muito bem como é ficar chapado”, afirmou. “Aquilo foi diferente.” Na luz alaranjada, as cabeças dos alunos pareciam anêmonas ondulando em silêncio, e a quietude da sala de aula era a mesma do fundo do oceano. “Cada segundo é eterno”, explicou Trip enquanto descrevia como, no momento em que ele tomava seu assento, a menina em frente, sem nenhum motivo discernível, se virou e olhou para ele. Trip não conseguia dizer se ela era bonita, pois tudo o que conseguia enxergar eram seus olhos. O restante do rosto — os lábios carnudos, a penugem loira nas bochechas, as narinas translúcidas, de um cor-de-rosa quase artificial — foi registrado vagamente enquanto os dois olhos azuis o transportaram para a crista de uma onda e o mantiveram suspenso. “Ela era o ponto imóvel do mundo em rotação”, ele nos disse, citando Eliot, cujos *Poemas reunidos* ele tinha encontrado na estante da clínica de desintoxicação. Durante a eternidade em que Lux Lisbon o encarou, Trip Fontaine devolveu o olhar, e o amor que ele sentiu naquele momento, mais verdadeiro que todos os amores subsequentes, porque nunca precisou sobreviver à vida real, ainda o atormentava, mesmo ali no deserto, com a aparência e a saúde devastadas. “Nunca se sabe o que pode detonar a lembrança”, ele comentou. “O rosto de um bebê. Um sininho na coleira de um gato. Qualquer coisa.”

Não trocaram uma palavra sequer. Mas nas semanas seguintes, Trip passou os dias vagando pelos corredores, esperando por Lux, a pessoa mais nua que ele já tinha visto com roupas. Mesmo usando os sapatos fechados do uniforme, ela arrastava os pés como se estivesse descalça, e as roupas largas compradas pela sra. Lisbon serviam apenas para aumentar o encanto, como se depois de tirar a roupa ela tivesse se vestido com o que

estava mais à mão. As calças de veludo cotelê faziam suas coxas se esfregarem uma na outra, chiando, e sempre havia pelo menos um desleixo maravilhoso para Trip decifrar: uma ponta de camisa para fora da calça, uma meia furada, uma costura desfeita mostrando os pelos na axila. Lux carregava os livros de uma sala de aula para a outra, mas nunca abria nenhum deles. As canetas e os lápis pareciam tão temporários quanto a vassoura da Cinderela. Quando ela sorria, a boca revelava dentes em excesso, mas à noite Trip Fontaine sonhava em ser mordido por cada um deles.

Trip não fazia ideia do primeiro passo para cortejar Lux Lisbon, porque ele sempre tinha sido o cortejado. Pouco a pouco, informando-se com as garotas que subiam até o seu quarto, descobriu onde ela morava, ainda que tivesse de ser discreto com as perguntas para não provocar ciúmes. Começou a passar de carro diante da casa dos Lisbon na esperança de avistar Lux de relance ou, como prêmio de consolação, alguma das irmãs. Ao contrário de nós, Trip Fontaine nunca confundiu as meninas Lisbon, mas desde o início enxergou Lux como o pináculo radiante do grupo. Abria as janelas do Trans Am enquanto passava, aumentando o volume do som para que ela ouvisse do quarto sua música predileta. Outras vezes, sem conseguir controlar o tumulto nas vísceras, pisou no acelerador, deixando atrás de si, como prova de amor, somente o cheiro de borracha queimada.

Não entendia como Lux o tinha enfeitiçado, nem por que havia se esquecido de sua existência logo em seguida, e em momentos de desespero ele perguntava ao espelho por que a única garota que o deixava maluco era também a única garota que não era maluca por ele. Por um bom tempo apelou aos seus métodos garantidos de atrair garotas, penteando o cabelo para trás enquanto Lux passava ou colocando os pés em cima da mesa, e uma vez chegou até a baixar os óculos espelhados para conceder a ela a dádiva do seu olhar. Mas ela nem deu bola.

A verdade é que até os garotos mais fracotes eram melhores que Trip em convidar garotas para sair, porque seus peitos de pombo e joelhos virados

para dentro os tinham ensinado a ser perseverantes, enquanto Trip nunca tinha precisado nem discar o número de uma garota. Tudo era novo para ele: decorar falas estratégicas, ensaiar possíveis conversas, respirar profundamente como um iogue, todos passos que conduziam ao mergulho cego e impetuoso no oceano de eletricidade estática das linhas telefônicas. Ele nunca tinha sofrido a eternidade do toque prestes a ser atendido, não conhecia a taquicardia ao ouvir de repente aquela voz incomparável ligada à sua, e a sensação de estar próximo demais até mesmo para enxergá-la, de na verdade estar *dentro do ouvido dela*. Nunca tinha sentido a dor das respostas sem vontade, o pavor do “Ah... Oi” ou a aniquilação imediata do “Quem?”. Sua beleza o tinha deixado sem astúcia, e, em meio ao desespero, ele confessou a paixão ao seu pai e a Donald. Eles compreenderam a situação, e depois de o acalmarem com um gole de sambuca, deram-lhe um conselho que só poderia ter vindo de duas pessoas que tinham experiência em carregar o fardo do amor secreto. Para começar, afirmaram que ele não deveria de modo algum telefonar para Lux. “É tudo uma questão de sutileza”, disse Donald. “Uma questão de nuance.” Em vez de fazer declarações ostensivas, sugeriram que Trip só falasse com Lux a respeito das coisas mais triviais, o clima, os trabalhos da escola, qualquer coisa que fornecesse uma oportunidade de se comunicar com a linguagem silenciosa, mas certa, do contato visual. Fizeram com que ele se livrasse das lentes espelhadas e usasse laquê para manter o cabelo longe do rosto. No dia seguinte, Trip Fontaine se sentou no Setor de Ciências e esperou que Lux passasse a caminho dos armários. O sol matinal avermelhava os painéis em formato de favo de mel. Cada vez que se abriam as portas da rampa, Trip enxergava o rosto de Lux flutuando até que olhos, nariz e boca se reorganizavam no rosto de outra garota. Encarou isso como um mau presságio, como se Lux estivesse sempre usando disfarces para escapar dele. Temia que ela nunca aparecesse ou, pior ainda, que aparecesse.

Depois de uma semana sem vê-la, resolveu tomar providências extraordinárias. Na tarde da sexta-feira seguinte, deixou seu lugar no Setor de Ciências e se dirigiu à palestra no salão nobre. Era a primeira vez em três anos que comparecia a uma palestra, pois cabular essas palestras era mais fácil que cabular qualquer outro período e Trip preferia passar esse tempo fumando o narguilé encaixado no porta-luvas do carro. Sem ter ideia de onde Lux se sentaria, ficou plantado perto do bebedouro, planejando segui-la. Contrariando o conselho do pai e de Donald, colocou os óculos escuros para disfarçar a vigilância do corredor. Por três vezes sentiu o coração dar um salto com a aparição de alguma das irmãs de Lux, mas o sr. Woodhouse já tinha apresentado o orador do dia — um meteorologista da televisão local — quando Lux enfim saiu do banheiro das meninas. Trip Fontaine se concentrou nela com um foco tão intenso que ele mesmo deixou de existir. Naquele momento o mundo continha apenas Lux. Uma aura indistinta a cercava, um brilho como o de átomos se rompendo, causado, concluímos mais tarde, pelo fluxo de sangue abandonando a cabeça de Trip. Lux passou reto por ele, sem perceber sua presença, e naquele instante ele não sentiu cheiro algum de cigarro, como esperava, mas sim de chiclete de melancia.

Trip a seguiu na claridade colonial do auditório, com a abóboda de Monticello, as pilastras dóricas e os falsos lampiões a gás que costumávamos encher de leite. Ficou sentado ao seu lado na última fila, e ainda que tenha evitado olhar para ela, de nada adiantou: com órgãos de sentidos que nunca soube que tinha, Trip Fontaine sentiu Lux ao seu lado, registrou a temperatura corporal, os batimentos cardíacos e a respiração, todo o pulso e o fluxo de seu corpo. As luzes do auditório diminuíram quando o homem do tempo começou a mostrar slides, e logo eles estavam juntos no escuro, sozinhos apesar dos quatrocentos alunos e quarenta e cinco professores. Paralisado de amor, Trip não se moveu sequer uma vez enquanto os tornados piscavam na tela, e foram necessários quinze minutos até que ele tomasse coragem para encostar um pedacinho do braço no

apoio do assento. Depois de ter feito isso, dois centímetros ainda os separavam, de modo que nos vinte minutos seguintes, com avanços infinitesimais que faziam o corpo inteiro suar, Trip Fontaine moveu seu braço em direção ao de Lux. Enquanto todos os outros olhos assistiam ao furacão Zelda devastando uma cidade litorânea no Caribe, os pelos no braço de Trip raspavam no braço de Lux e a eletricidade atravessou o circuito recém-formado. Sem se virar, sem respirar, Lux respondeu com uma pressão idêntica, ao que Trip aumentou a força e ela respondeu, e assim por diante, até que seus cotovelos se encostaram. E foi nesse instante que aconteceu: um engraçadinho na primeira fila colocou as mãos em concha diante da boca e produziu um ruído de flatulência que fez o recinto inteiro cair na gargalhada. Lux corou e afastou o braço, mas Trip Fontaine aproveitou a oportunidade para sussurrar as primeiras palavras que falou em seu ouvido: “Deve ter sido o Conley”, disse. “Vou acabar com ele.”

Em resposta, Lux nem moveu a cabeça. Mas Trip, ainda inclinado na direção dela, continuou: “Vou pedir ao seu pai pra sair com você”.

“Boa sorte”, respondeu Lux, sem olhar para ele. As luzes foram acesas e os alunos começaram a bater palmas ao redor deles. Trip esperou pelo ápice dos aplausos antes de falar novamente. Disse então: “Primeiro vou até sua casa assistir televisão. Agora, neste domingo. Depois vou pedir pra sair com você”. Mais uma vez esperou que ela falasse alguma coisa, mas o único sinal de que ela tinha escutado veio de sua mão que, virada com a palma para cima, sugeriu que ele podia fazer o que bem entendesse. Trip se levantou para ir embora, mas antes se inclinou sobre o encosto do assento vago enquanto as palavras que guardava dentro de si havia semanas enfim se derramaram.

“Você é uma gata de arrasar”, disse, e saiu.

Trip Fontaine se tornou o primeiro garoto, depois de Peter Sissen, a entrar sozinho na casa dos Lisbon. Simplesmente disse a Lux quando apareceria, deixando que ela transmitisse a informação aos pais. Não

entendemos como não o vimos entrar, sobretudo quando insistiu durante a entrevista inteira que não fez nada para se esconder, chegando com o carro à vista de todos e estacionando o Trans Am em frente a um toco de olmo, para que não ficasse coberto de seiva. Cortou o cabelo para a ocasião e, em vez de roupas de caubói, vestiu camisa branca e calças pretas, como um garçom de bufê. Ela o recebeu na porta e, sem dizer muita coisa (estava atenta ao tricô), levou Trip até o assento marcado no sofá da sala de estar. Ele se sentou ao lado da sra. Lisbon, e Lux depois dela. Trip Fontaine contou que as meninas lhe deram pouca atenção, sem dúvida bem menos do que o esperado por um galã da escola. Therese ficou sentada em um canto, segurando uma iguana empalhada e explicando a Bonnie o que as iguanas comiam, como se reproduziam e como era seu habitat natural. A única das irmãs que falou com Trip foi Mary, que se ofereceu várias vezes para encher seu copo de coca. Estava passando um especial da Walt Disney, que os Lisbon assistiam com a resignação de uma família acostumada ao entretenimento morno, rindo juntos das mesmas piadas sem graça e esticando as costas nos momentos de suspense forçado. Trip Fontaine não viu sinal algum de perturbação nas meninas, ainda que mais tarde tenha comentado: “Qualquer um no lugar delas se mataria só pra ter alguma coisa pra fazer”. A sra. Lisbon supervisionava o tricô de Lux. Antes que trocassem de canal, ela consultou o *Guia da TV* para julgar a adequação do programa. As cortinas eram grossas como lona. Havia algumas plantas esguias no peitoril da janela, e isso era uma diferença tão gritante com relação à sua exuberante sala de estar (o sr. Fontaine tinha a jardinagem como hobby) que Trip teria se sentido em um planeta morto se não fosse a vida pulsante de Lux na outra ponta do sofá. Ele via seus pés descalços toda vez que ela os apoiava sobre a mesinha de centro. As solas estavam pretas, as unhas dos pés salpicadas de esmalte rosa. Sempre que os pés apareciam, eram cutucados pela sra. Lisbon com uma agulha de tricô e voltavam para debaixo da mesa.

E isso foi tudo o que aconteceu. Trip não conseguiu se sentar ao lado de Lux, nem falar com ela, nem mesmo olhar para ela, mas a proximidade factual daquela presença radiante ainda cintilava em sua mente. Às dez horas, atendendo a uma indireta da esposa, o sr. Lisbon deu um tapinha nas costas de Trip e disse: “Bem, filho, está na nossa hora de dormir”. Trip apertou sua mão e em seguida a da sra. Lisbon, mais fria, e Lux deu um passo à frente para acompanhá-lo até o lado de fora. Ela deve ter percebido que a situação toda não tinha salvação, pois mal olhou para ele durante o curto trajeto até a porta. Caminhou de cabeça baixa, enfiando o dedo no ouvido para tirar cera, e olhou para cima enquanto abria a porta, concedendo a ele um sorriso triste que prometia apenas frustração. Trip Fontaine foi embora arrasado, sabendo que tudo o que podia esperar seria outra noite no sofá ao lado da sra. Lisbon. Atravessou o gramado, que não era cortado desde a morte de Cecilia. Sentou-se dentro do carro e ficou fitando a casa, observando como as luzes do térreo eram substituídas pelas luzes do andar de cima, que em seguida, uma por uma, se apagaram. Pensou em Lux se preparando para dormir, e a mera imagem dela segurando uma escova de dentes o excitou mais que a nudez completa que ele testemunhava dentro do próprio quarto quase todas as noites. Descansou a cabeça no encosto do banco, abriu a boca para diminuir a pressão que sentia no peito, e de repente o ar se agitou no interior do carro. Trip se sentiu agarrado pelas lapelas, puxado para a frente e empurrado para trás enquanto uma criatura com cem bocas começava a lhe sugar o tutano dos ossos. Ela não disse nada ao se abater sobre ele como um animal faminto, e Trip não teria descoberto quem era se não fosse o gosto do chiclete de melancia, que ele mesmo se viu mastigando depois dos primeiros beijos tórridos. Ela já não estava usando calças, e sim uma camisola de flanela. Os pés, molhados pela grama, tinham cheiro de pasto. Trip sentiu as canelas úmidas, os joelhos quentes, as coxas eriçadas, e em seguida, aterrorizado, enfiou o dedo na boca esfomeada do animal que se alojava abaixo da cintura da menina. Foi como se nunca tivesse encostado

em uma garota antes; sentiu uma pelagem e uma substância oleosa como a camada de isolamento térmico das lontras. Duas feras viviam no carro, uma em cima, bufando e mordendo, e outra embaixo, lutando para escapar da jaula úmida e abafada. Com valentia, Trip fez o possível para alimentá-las, apaziguá-las, mas a sensação de insuficiência foi aumentando, e depois de alguns minutos, com nada mais que as palavras “preciso voltar antes da ronda”, Lux o abandonou, mais morto do que vivo.

Ainda que o ataque-relâmpago tenha durado apenas três minutos, deixou marcas em Trip. Ele falava nisso como alguém que descreve uma experiência religiosa, uma aparição, uma visão, uma ruptura na vida cotidiana causada por algo vindo do além, impossível de descrever em palavras. “Às vezes acho que sonhei”, confessou, lembrando a voracidade daquelas cem bocas que lhe sugaram o sumo no escuro, e ainda que tenha levado adiante sua vida amorosa invejável, Trip Fontaine confessou que foi tudo anticlimático. Nunca mais sentiu as tripas se revirando com uma força tão deliciosa, nem voltou a se sentir ensopado pela saliva de outra pessoa. “Era como se eu fosse um selo”, descreveu. Anos mais tarde, continuava fascinado com a tenacidade e o foco de Lux, a falta completa de inibições, a mutabilidade mítica que lhe permitia possuir três ou quatro braços de uma só vez. “A maioria das pessoas nunca experimenta esse tipo de amor”, falou, tomando coragem em meio às ruínas de sua vida. “Pelo menos eu provei disso uma vez, cara.” Em comparação, os amores do início de sua vida adulta e da maturidade eram criaturas dóceis, com flancos macios e gritos previsíveis. Mesmo durante o ato sexual, Trip conseguia imaginá-las trazendo leite quente na cama, fazendo seu imposto de renda ou guardando aos prantos seu leito de morte. Eram calorosas, carinhosas, mulheres bolsa-de-água-quente. Mesmo as que gritavam, quando ele se tornou adulto, pareciam estar fingindo, e nenhuma intensidade erótica jamais se equiparou ao silêncio em meio ao qual Lux Lisbon o esfolou vivo.

Nunca soubemos se a sra. Lisbon surpreendeu Lux enquanto ela tentava voltar para casa às escondidas, mas, por algum motivo, quando Trip tentou marcar outro encontro para ficar sentado no sofá, Lux lhe disse que estava de castigo e que a mãe tinha proibido qualquer visita futura. Na escola, Trip Fontaine se recusava a comentar o que tinha acontecido entre eles, e ainda que circulassem boatos dos dois escapulindo juntos para os mais diversos lugares, ele insistiu que a única vez em que se tocaram foi dentro do carro. “Na escola, nunca encontrávamos um lugar para ir. O velho dela estava sempre de olho. Era uma agonia, cara. Uma agonia fodida.”

Na opinião do dr. Hornicker, a promiscuidade de Lux era uma reação corriqueira à carência emocional. “Adolescentes tendem a buscar o amor onde podem encontrá-lo”, escreveu em um dos muitos artigos que esperava publicar. “Lux confundia o ato sexual com amor. Para ela, o sexo se tornou um substituto do consolo de que precisava em relação ao suicídio da irmã.” Alguns dos garotos forneceram detalhes que sustentavam essa teoria. Willard contou que uma vez, enquanto estavam deitados no vestiário, Lux perguntou se ele achava que tinham feito algo sujo. “Eu sabia o que dizer. Respondi que não. Aí ela pegou minha mão e disse ‘você gosta de mim, né?’. Eu não disse nada. É melhor deixar as meninas na dúvida.” Anos mais tarde, Trip Fontaine se irritou quando sugerimos que a paixão de Lux podia ter sido causada por uma carência fora de lugar. “Como assim? Então quer dizer que fui apenas um veículo? Não dá pra fingir uma coisa daquelas, cara. Foi real.” Conseguimos abordar o assunto com a sra. Lisbon durante nossa única entrevista, na lanchonete de uma rodoviária, mas ela ficou tensa. “Nunca faltou amor a nenhuma das minhas filhas. Tínhamos muito amor em casa.”

Era difícil dizer. Quando outubro chegou, a casa dos Lisbon passou a ter uma aparência de desânimo. O telhado de ardósia azul, que sob certas luzes parecia uma lagoa suspensa no ar, escureceu visivelmente. Os tijolos

amarelos ficaram marrons. Morcegos saíam voando da chaminé quando anoitecia, como faziam na mansão dos Stamarowski, no outro quarteirão. Estávamos acostumados a ver morcegos voando em círculos sobre a casa dos Stamarowski, rasgando o céu em zigue-zague e mergulhando de repente enquanto as meninas gritavam e protegiam os cabelos compridos. O sr. Stamarowski ficava parado na varanda com seus blusões pretos de gola rulê, e ao cair da tarde nos deixava correr pelo seu imenso gramado. Uma vez encontramos no canteiro de flores um morcego morto, e seu rosto parecia a cabeça encolhida de um velho com um par de dentes dignos de prêmio. Sempre achamos que os morcegos tinham vindo da Polônia com os Stamarowski; parecia fazer sentido que eles sobrevoassem aquela casa sombria com cortinas de veludo e ar decadente do Velho Mundo, mas não as duplas chaminés tão práticas da casa dos Lisbon. Havia outros sinais de desolação crescente. A campainha iluminada se apagou. O alimentador de passarinhos desabou no quintal e foi deixado no chão. Na caixa de leite, a sra. Lisbon deixou um recado bem sucinto ao leiteiro: “Pare de trazer leite azedo!”. Relembrando essa época, a sra. Higbie insistiu que a sra. Lisbon tinha fechado as persianas externas com uma vara comprida. Quando perguntamos aos outros, todos concordaram. Mas a Peça nº 3, uma fotografia tirada pelo sr. Buell, mostra Chase prestes a usar seu novo taco de beisebol e, ao fundo, a casa dos Lisbon com todas as persianas abertas (uma lupa foi de grande ajuda para nós). A foto foi tirada em 13 de outubro, aniversário do Chase e dia de abertura do Campeonato Nacional de Beisebol.

Tirando a escola e a igreja, as meninas Lisbon nunca iam a lugar nenhum. Uma vez por semana um caminhão do supermercado Kroger entregava as compras. Little John Buell e Vince Fusilli o detiveram uma vez, estendendo uma corda imaginária sobre a rua, um de cada lado, e sacudindo o ar como gêmeos de Marcel Marceaux. O motorista deixou que subissem no caminhão e eles conferiram as listas de compras, mentindo que queriam ser entregadores quando crescessem. A lista com o

pedido dos Lisbon, que Vince Fusilli enfiou no bolso, se revelou semelhante a uma requisição de suprimentos militares.

1 pct – 2 kg farinha Krog.
5 lat – 3 l leite pó Carnat.
18 rolos pap. hig. Wh. Cld.
24 latas pês. (calda) Del.
24 latas ervil. a. Del.
5 kg carne mo.
3 pão Won.
1 mant. amend. Jif
3 Sucr. Kell.
5 Atum Stkst.
1 Maion. Krog.
1 alface
½ kg bacon O. May.
1 mant. L. Lks.
1 Tang lar.
1 choc. Hersh.

Esperamos para ver o que aconteceria com as folhas. Estavam caindo havia duas semanas, cobrindo os gramados, pois naquela época ainda tínhamos árvores. Hoje, no outono, apenas algumas poucas folhas mergulham do topo dos olmos restantes, e a maioria cai a pouco mais de um metro de mudas escoradas em estacas, substitutos esqueléticos que a prefeitura plantou para nos consolar com a visão de como nossas ruas se parecerão daqui a cem anos. Ninguém sabe ao certo que tipo de árvores elas são. O homem do Departamento dos Parques informou apenas que foram selecionadas pela sua “resistência ao besouro da grafiose”.

“Isso significa que nem os insetos gostam delas”, comentou a sra. Scheer.

No passado, o outono começava com um chacoalhar coletivo no topo das árvores; então, em uma profusão infinita, as folhas se soltavam e desciam flutuando, traçando círculos e se agitando com rajadas ascendentes de vento, como se o próprio mundo estivesse trocando de casca. Deixávamos que as folhas se acumulassem. Ficávamos por perto, aproveitando aquela desculpa para não fazer nada enquanto, dia após dia, os retalhos visíveis de céu cresciam entre os ramos.

No primeiro final de semana após a queda das folhas, assumíamos formações militares e começávamos a varrer, acumulando pilhas no meio da rua. As diferentes famílias empregavam diferentes métodos. Os Buell faziam uma formação em trinca, com dois varredores trabalhando no sentido longitudinal e outro usando o ancinho em ângulo reto, imitando uma formação que o sr. Buell tinha usado em sua época de piloto na Segunda Guerra. Os Pitzenberger trabalhavam em dez pessoas — o pai, a mãe, sete adolescentes e o temporão de dois anos, tipicamente católico, empunhando um ancinho de brinquedo. A gorda sra. Amberson usava uma máquina de soprar folhas. Todos fazíamos nossa parte. Depois, a grama meticulosamente aparada, como um cabelo penteado com cuidado, nos proporcionava um prazer que sentíamos nas entranhas. Às vezes o prazer era tão intenso que arrancávamos um pouco da grama, expondo pedaços de terra. Ao fim do dia, ficávamos no meio-fio analisando os gramados: todas as folhas de grama achatadas, todos os torrões de terra obliterados e até mesmo alguns dos bulbos dormentes de açafão violados. Naquela época, anterior à poluição universal, não era proibido queimar as folhas, e à noite, em um dos derradeiros rituais de nossa tribo em desintegração, todos os pais saíam de casa para acender a pilha de folhas da família.

Em geral o sr. Lisbon limpava sozinho as folhas da família, cantando com sua voz de soprano, mas Therese começou a ajudar quando

completou quinze anos, varrendo recurvada, vestida com roupas masculinas: botas de borracha que iam até os joelhos e boné de pescador. À noite o sr. Lisbon incendiava a pilha de folhas como os outros pais, mas o medo de que o fogo saísse do controle diminuía seu prazer. Ele vigiava a pilha, atirando folhas no centro, organizando a queimada, e quando o sr. Wadsworth oferecia um gole de sua garrafinha de bolso monogramada, como fazia alternadamente com todos os pais de família, o sr. Lisbon respondia: “Obrigado não, obrigado não”.

No ano dos suicídios as folhas dos Lisbon não foram varridas. O sr. Lisbon não colocou o pé para fora de casa naquele sábado. De vez em quando, enquanto varríamos com nossos ancinhos, dávamos uma olhada na casa dos Lisbon, nas paredes que acumulavam a umidade do outono, na grama suja e variegada, cercada por gramados cada vez mais expostos e verdes. Quanto mais folhas varríamos, mais folhas pareciam se acumular no gramado dos Lisbon, sufocando os arbustos e cobrindo o primeiro dos degraus que levava até a varanda. Quando acendemos as fogueiras naquela noite, todas as casas se destacaram, iluminadas pelas chamas alaranjadas. Só a casa dos Lisbon continuou escura, um túnel, um vazio, imune à nossa fumaça e ao nosso fogo. As semanas se passaram e as folhas continuaram ali. Quando foram sopradas pelo vento até os gramados alheios, houve queixas. “Essas folhas não são *minhas*”, disse o sr. Amberson, enfiando-as dentro de uma lata. Choveu duas vezes e as folhas ficaram encharcadas e marrons, deixando o gramado dos Lisbon parecido com um terreno baldio enlameado.

Foi a deterioração crescente da casa que atraiu os primeiros repórteres. O sr. Baubee, editor do jornal local, seguiu defendendo sua postura contrária a noticiar tragédias pessoais, como suicídios. Em vez disso, preferiu investigar a controvérsia sobre a nova cerca que bloqueava nossa vista do lago, ou o impasse nas negociações da greve dos funcionários do

cemitério, que já alcançava o quinto mês (os corpos estavam sendo transportados para fora do estado em trailers refrigerados). A seção “Bem-vindo, Vizinho” continuou apresentando os moradores recém-chegados, atraídos pelo verde e pelo silêncio de nossa cidade, pelas varandas de tirar o fôlego — um primo de Winston Churchill em sua casa no Windmill Pointe Boulevard, que parecia magro demais para ser parente do primeiro-ministro; a sra. Shed Turner, primeira mulher branca a penetrar as selvas de Papua-Nova Guiné, segurando no colo o que parecia ser uma cabeça atrofiada, ainda que a legenda identificasse o borrão como “seu *yorkshire* William, o Conquistador”.

Durante o verão, os jornais da cidade deixaram de fazer qualquer menção ao suicídio de Cecilia, que foi considerado prosaico demais. Devido às demissões em massa nos complexos da indústria automobilística, raramente se passava um dia sem que alguma alma desesperada se afogasse na maré da recessão: homens encontrados em garagens dentro de carros com o motor ligado, ou retorcidos debaixo do chuveiro ainda com o uniforme do trabalho. Apenas assassinatos seguidos de suicídio chegavam aos jornais, e mesmo assim somente às páginas 3 ou 4: histórias de pais abatendo as próprias famílias com escopetas antes de voltarem a arma contra si mesmos, descrições de homens ateando fogo às próprias casas depois de bloquearem as portas. O sr. Larkin, editor do maior jornal da cidade, morava a pouco menos de um quilômetro dos Lisbon, e não havia dúvidas de que sabia o que havia acontecido. Joe Hill Conley, que volta e meia se engraçava com Missy Larkin (ela passou um ano inteiro apaixonada por ele, ainda que seu rosto estivesse sempre cortado pela navalha), nos confidenciou que Missy e a mãe dela tinham conversado a respeito do suicídio na presença do sr. Larkin, que não demonstrou interesse algum e permaneceu esparramado na *chaise* sob o sol, com um pano molhado sobre os olhos. Ainda assim, no dia 15 de outubro, mais de três meses depois, foi publicada uma carta ao editor que descrevia de forma muito genérica os detalhes do suicídio de Cecilia e convocava as escolas a

lidarem com a “ansiedade opressora dos adolescentes de hoje”. A carta era assinada pela “sra. Magnânima Clemente”, um evidente pseudônimo, mas algumas minúcias indicavam que se tratava de alguém da nossa rua. Em primeiro lugar, àquela altura o resto da cidade já tinha se esquecido do suicídio de Cecilia, enquanto a dilapidação crescente da casa dos Lisbon não nos deixava esquecer os problemas contidos em seu interior. Anos mais tarde, quando não havia mais filhas a salvar, a sra. Denton confessou ter escrito a carta durante um surto de justa indignação, sentada debaixo do secador de cabelos no salão de beleza. Não se arrependia disso. “Não dá para simplesmente ficar parada enquanto a vizinhança escoia pelo ralo”, afirmou. “Aqui só tem gente boa.”

No dia seguinte à aparição da carta, um Pontiac azul estacionou na frente da casa dos Lisbon e uma mulher jovem e desconhecida saiu do carro. Depois de conferir o endereço em um pedaço de papel, subiu até a varanda onde ninguém era visto havia semanas. Shaft Tiggs, o entregador de jornal, tinha passado a atirar os jornais em direção à porta da casa a três metros de distância. Tinha até parado de cobrar o pagamento nas quintas-feiras (a mãe dele cobria a diferença com seus próprios trocados, pedindo que ele não contasse nada ao pai). A varanda dos Lisbon, onde nos detivemos pela primeira vez para ver Cecilia na cerca, tinha se tornado uma espécie de rachadura na calçada: pisar ali dava azar. O capacho de grama artificial estava com os cantos revirados. Jornais intocados formavam uma pilha encharcada, com tinta vermelha escorrendo das fotografias coloridas das páginas de esportes. A caixa de correio metálica exalava um odor de ferrugem. A jovem mulher afastou os jornais com a ponta do sapato azul e bateu na porta. Uma fresta se abriu e a mulher, apertando os olhos para conseguir enxergar na escuridão, desatou a falar. Em dado momento, percebeu que estava falando com alguém trinta centímetros mais baixo do que o ponto para o qual estava olhando, e reajustou o foco. Tirou do bolso e sacudi um bloco de notas como os espiões que sacodem

documentos falsos em filmes de guerra. Funcionou. A porta se abriu mais alguns centímetros para que ela pudesse entrar.

A matéria de Linda Perl apareceu no dia seguinte, mas o sr. Larkin se negou terminantemente a expor os motivos que o levaram a publicá-la. Continha um relato detalhado do suicídio de Cecilia. A partir das citações da matéria (que você pode ler, se quiser; está incluída como Peça nº 9), fica claro que a srta. Perl, uma repórter recém-contratada que havia trabalhado em um jornal regional de Mackinac, entrevistou apenas Bonnie e Mary, antes de ser expulsa pela sra. Lisbon. A história avança conforme os ditames das inúmeras matérias de “interesse humano” que começaram a se proliferar na época. Pinta um retrato da casa dos Lisbon em termos muito amplos. Frases como “O subúrbio aristocrático, mais conhecido por festas de debutante do que por funerais de meninas com idade para debutar” e “As meninas espertas e inquietas demonstram poucos sinais da tragédia recente” dão uma ideia do estilo da srta. Perl. Depois de fazer uma descrição estritamente superficial de Cecilia (“Gostava de pintar e escrever em seu diário”), a matéria resolve o mistério da sua morte recorrendo a conclusões deste quilate: “Os psicólogos concordam que hoje os adolescentes são vítimas de pressões e complexidades maiores que no passado. Muitas vezes, no mundo atual, a infância prolongada que os Estados Unidos concederam aos jovens se revela uma terra arrasada, onde os adolescentes se sentem isolados tanto da infância quanto da vida adulta. A expressão individual também pode ser frustrada. Mais e mais, afirmam os médicos, essa frustração pode levar a atos de violência cuja realidade o adolescente não consegue discernir do drama pretendido”.

A matéria tenta claramente evitar o sensacionalismo, informando os leitores sobre um risco social comum. No dia seguinte, publicaram um artigo genérico sobre o suicídio de adolescentes, também da srta. Perl, fundamentado por tabelas e gráficos, que mencionava Cecilia apenas na primeira frase: “O suicídio de uma adolescente do East Side no verão passado deflagrou a conscientização pública a respeito de uma crise

nacional”. Daí em diante, foi um vale-tudo. Saíram artigos que listavam todos os suicídios de adolescentes do estado no ano anterior. Estampavam fotografias, em geral retratos escolares de jovens perturbados vestidos de forma elegante, meninos com bigodinhos ralos e gravatas com nós que mais pareciam papadas de bócio, meninas com o cabelo transformado em merengue pelo laquê, pescoços vulneráveis envolvidos por correntes de ouro com nomes como “Sherri” e “Gloria”. Fotos caseiras apresentavam os adolescentes sorrindo em tempos mais felizes, muitas vezes diante de bolos de aniversário iluminados por velas arrematadoras. Como o sr. e a sra. Lisbon se recusavam a conceder entrevistas, os jornais tiveram de obter fotografias de Cecilia em nosso anuário da escola, o *Spirit*. Na página arrancada (Peça nº 4), o rosto penetrante de Cecilia espia por entre os ombros cobertos por suéteres de dois colegas recortados da foto. Equipes de televisão apareceram para filmar o exterior cada vez mais lúgubre da casa dos Lisbon: primeiro o Canal 2, depois o Canal 4 e por fim, o Canal 7. Assistimos para ver a casa dos Lisbon na TV mas eles não usaram as cenas até meses mais tarde, quando o resto das meninas se matou, e nessa altura tudo já tinha ido por água abaixo. Enquanto isso, um programa local se dedicou à temática “suicídio de adolescentes”, convidando duas garotas e um garoto e pedindo que explicassem os motivos por trás de suas tentativas. Ouvimos com atenção, mas ficou claro que tinham passado por terapia demais para conhecer a verdade. As respostas pareciam ensaiadas, baseadas em conceitos de autoestima e outras palavras que soavam deslocadas em suas bocas. Uma das meninas, Rannie Jilson, tinha tentado acabar com a própria vida assando uma torta cheia de veneno de rato, que então comeria sem atrair suspeitas, mas a torta serviu apenas para matar sua avó de oitenta e seis anos, apaixonada por doces. Nesse ponto Rannie começou a chorar, foi consolada pelo apresentador e entraram os comerciais.

Muitas pessoas protestaram contra os artigos e os programas de televisão, especialmente por terem aparecido tanto tempo depois do fato consumado. “Por que não deixam ela descansar em paz?”, questionou a sra. Eugene,

enquanto a sra. Larson lamentou que a atenção da mídia tenha chegado “bem quando as coisas estavam voltando ao normal”. Ainda assim, a cobertura chamou nossa atenção para sinais de alerta que não conseguimos deixar de procurar. Será que as meninas Lisbon estavam com as pupilas dilatadas? Usavam descongestionantes nasais em excesso? Colírio? Tinham perdido interesse em atividades escolares, esportes, hobbies? Tinham se afastado dos colegas? Sofriam de ataques de choro sem motivo algum? Reclamavam de insônia, dores no peito, fadiga constante? Chegaram panfletos verde-escuros com letras brancas, enviados pela Câmara do Comércio local. “Achamos que o verde era alegre, mas não alegre demais”, explicou o sr. Babson, o antigo presidente da Câmara do Comércio. “O verde também era uma cor séria. Então acabou sendo a nossa escolha.” Os panfletos não faziam menção alguma à morte de Cecilia, concentrando-se nas causas genéricas do suicídio. Aprendemos que ocorriam oitenta suicídios por dia nos Estados Unidos, trinta mil por ano, que uma tentativa bem ou malsucedida acontecia a cada minuto e uma tentativa bem-sucedida a cada dezoito minutos, que três a quatro vezes mais homens cometiam suicídio, mas que as tentativas eram três vezes mais comuns em mulheres, que mais brancos que não brancos cometiam suicídio, que a taxa de suicídio entre os jovens (quinze a vinte e quatro anos) havia triplicado nas últimas quatro décadas, que o suicídio era a segunda maior causa de morte entre alunos do ensino médio, que vinte e cinco por cento dos suicídios ocorriam na faixa etária de quinze a vinte e quatro anos, mas que, ao contrário de nossas expectativas, a mais alta taxa de suicídio era atribuída aos homens brancos com mais de cinquenta anos. Depois disso, vários homens comentaram que alguns membros da diretoria da Câmara do Comércio local, os senhores Babson, Laurie, Peterson e Hocksteder, tinham demonstrado grande antevisão ao prever a publicidade negativa que a histeria suicida traria para nossa cidade, assim como a queda subsequente na atividade comercial. Enquanto duraram os suicídios, e por algum tempo subsequente, a Câmara do Comércio ficou menos

preocupada com o influxo de consumidores negros do que com o refluxo dos brancos. Alguns negros mais corajosos vinham se infiltrando na vizinhança havia anos, embora quase sempre fossem mulheres, que se confundiam com as nossas empregadas. O centro da cidade tinha atingido tamanho grau de deterioração que a maioria dos negros não tinha mais aonde ir. Não era por escolha própria que passavam por nossas vitrines, onde manequins elegantes exibiam saias verdes, alpercatas cor-de-rosa e bolsas de mão azuis com fechos dourados em forma de rãs se beijando. Embora sempre tivéssemos escolhido brincar de índio, e não de caubói, e considerássemos Travis Williams um dos melhores jogadores de futebol americano de todos os tempos e Willie Horton o melhor rebatedor de beisebol, nada nos deixava mais chocados do que ver uma pessoa negra fazendo compras na Kercheval. Era inevitável suspeitar que algumas “melhorias” no Village tinham sido realizadas para afugentar os negros. O fantasma na vitrine da loja de fantasias, por exemplo, tinha uma cabeça muito parecida com um capuz pontudo, e o restaurante, sem dar explicação nenhuma, tirou o frango frito do cardápio. Mas nunca soubemos ao certo se essas mudanças tinham sido planejadas, pois assim que os suicídios começaram a Câmara do Comércio voltou a atenção para uma “Campanha pelo Bem-estar”. Sob um pretexto educativo, a Câmara armou mesas em ginásios escolares para distribuir informações sobre vários problemas de saúde, do câncer retal ao diabetes. Os hare krishna foram autorizados a aparecer cantando de cabeça raspada e a distribuir comida vegetariana adocicada de graça. Misturados a essa nova abordagem, vieram os panfletos verdes e as sessões de terapia familiar, em que as crianças precisavam se levantar e descrever seus pesadelos. Willie Kuntz, levado a uma dessas sessões pela mãe, contou: “Eles não iam me deixar sair antes que eu chorasse e dissesse pra minha mãe que amava ela. Aí eu fiz isso. Mas a parte de chorar eu fingi. É só esfregar os olhos até doer. Dá mais ou menos certo”.

Em meio ao escrutínio crescente, as meninas conseguiram manter a discrição na escola. Diversas de suas aparições na época convergiram numa imagem genérica do grupo avançando unido pelo corredor central. Passavam por baixo do imenso relógio da escola, e o dedo negro do ponteiro dos minutos apontava para suas cabeças macias. Sempre imaginamos que o relógio acabaria caindo, mas isso nunca aconteceu, e logo as meninas deixavam o perigo para trás, com suas saias transparentes por causa da luz que vinha da outra extremidade do corredor, revelando os ossos da sorte de suas pernas. Mas quando as seguíamos, as meninas desapareciam, e espiando dentro das salas de aula nas quais poderiam ter entrado, víamos inúmeros rostos que não pertenciam a elas, ou perdíamos seu rastro e acabávamos no setor de Educação Infantil, em meio a uma espiral sem sentido de pinturas a dedo. O cheiro de têmpera de ovo ainda nos faz lembrar daquelas perseguições infrutíferas. Os corredores, limpos à noite por zeladores solitários, eram silenciosos, e éramos capazes de seguir por uns quinze metros uma flecha desenhada a lápis na parede por algum garotinho, repetindo para nós mesmos que aquela seria a vez em que falaríamos com as meninas Lisbon e perguntaríamos o que as atormentava. Às vezes enxergávamos meias compridas dobrando uma esquina ou esbarrávamos em alguma delas quando estava recurvada, enfiando livros em um escaninho e afastando o cabelo dos olhos. Mas era sempre a mesma coisa: seus rostos brancos passando por nós em câmera lenta enquanto fingíamos que não tínhamos estado à procura delas, que nem sabíamos que elas existiam.

Temos alguns documentos da época (Peças de n^{os} 13 a 15): os relatórios de química de Therese, o trabalho de história de Bonnie sobre Simone Weil, as frequentes dispensas da educação física falsificadas por Lux. Ela sempre usava o mesmo método: copiava os tês e bês rígidos da assinatura da mãe e em seguida, para destacar sua própria caligrafia, assinava logo abaixo o nome Lux Lisbon com um par de eles suplicantes, um se estendendo na direção do outro sobre a vala do u e do xis de arame

farpado. Julie Winthrop também costumava faltar à educação física e passou muitas aulas com Lux no vestiário das meninas. “A gente subia nos armários para fumar”, contou. “Não dava pra ver a gente lá de baixo, e se algum professor aparecia, não tinha como saber de onde vinha a fumaça. Geralmente achavam que a pessoa que tinha fumado já tinha ido embora.” Segundo Julie Winthrop, ela e Lux eram apenas “colegas de cigarro” e não conversavam muito em cima dos armários, ocupadas demais em tragar ou escutar o barulho de passos. Mas comentou que Lux era de uma dureza afetada, que podia ser uma reação ao sofrimento. “Vivia dizendo ‘foda-se essa escola’ ou ‘não vejo a hora de sair daqui’. Mas muita gente fazia isso.” Certa vez, porém, depois que acabaram de fumar, Julie pulou do armário e se dirigiu à saída. Como Lux não a seguiu, Julie a chamou. “Ela não respondeu, então voltei e dei uma olhada pro alto dos armários. Ela estava deitada, dando um abraço nela mesma. Sem fazer nenhum barulho. Tremendo como se estivesse com muito frio.”

Nossos professores se lembravam de diferentes características das meninas nesse período, que dependiam da matéria que ensinavam. O sr. Nillis comentou sobre Bonnie: “Eu lecionava pré-cálculo. Ninguém ficava exatamente emotivo”; o *señor* Lorca fez o seguinte comentário sobre Therese: “Que menina grande! Se fosse menor, talvez tivesse sido mais feliz. O mundo e o coração dos homens são assim”. Ao que parece, embora não tivesse um talento natural para idiomas, Therese tinha um sotaque castelhano convincente e uma imensa capacidade de memorizar vocabulário. “Ela sabia falar espanhol”, explicou o *señor* Lorca, “mas não *sentia* a língua.”

Em uma resposta por escrito às nossas perguntas (ela pediu tempo para “refletir e ponderar”), a professora de artes, srta. Arndt, disse: “As aquarelas de Mary tinham algo que, por falta de palavra melhor, chamarei de ‘pesar’. Mas de acordo com a minha experiência, na verdade só existem dois tipos de criança: as de cabeça vazia (flores, cães e veleiros fauvistas) e as inteligentes (guaches da decadência urbana, abstrações sombrias) —

parecidas com as pinturas que fiz na época da faculdade e durante aqueles três anos estonteantes no Village. Se eu poderia prever que ela cometeria suicídio? Infelizmente não. No mínimo dez por cento dos meus alunos nasceram com tendências modernistas. Pergunto: será a estupidez uma dádiva? A inteligência uma maldição? Tenho quarenta e sete anos e vivo sozinha”.

Dia após dia as meninas se marginalizavam. Como ficavam sempre em grupo, as outras garotas achavam difícil conversar ou andar com elas, e muitas deduziram que elas queriam ser deixadas em paz. E quanto mais as meninas Lisbon eram deixadas em paz, mais elas se afastavam. Sheila David comentou como foi participar de um grupo de estudos de inglês com Bonnie Lisbon. “A gente estava debatendo o livro *Retrato de uma senhora*. Tínhamos que descrever o perfil de um personagem chamado Ralph. De início Bonnie não falou muito. Mas então ela nos lembrou de que Ralph estava sempre com as mãos nos bolsos. Então lá vou eu, como uma idiota: ‘É muito triste quando ele morre’. Nem pensei no que estava dizendo. Grace Hilton me deu um cutucão com o cotovelo e eu fiquei roxa de vergonha. Aí veio um silêncio total.”

Foi a sra. Woodhouse, esposa do diretor, que apareceu com a ideia do “Dia do Luto”. Tinha se formado em psicologia e duas vezes por semana era voluntária em um programa educativo na região pobre da cidade. “Não paravam de escrever a respeito do suicídio no jornal, mas sabia que não o mencionamos nem uma vez na escola durante aquele ano todo?”, ela nos disse quase vinte anos depois. “Eu queria que o Dick abordasse o assunto no discurso de volta às aulas, mas ele tinha outra opinião e tive que ceder. Mas pouco a pouco, à medida que o assunto foi entrando em evidência, ele aceitou o meu ponto de vista.” (Na verdade o sr. Woodhouse tinha tocado no assunto, ainda que de forma indireta, durante o discurso de boas-vindas na volta às aulas. Depois de apresentar os novos professores, disse: “Foi um verão longo e difícil para alguns de nós aqui presentes. Mas hoje se inicia um novo ano, cheio de esperança e desafios”.) A sra. Woodhouse levou sua

ideia a alguns chefes de departamento durante um jantar na modesta residência em estilo de rancho que veio junto com o cargo do marido, e na semana seguinte fez a mesma proposta em uma reunião com todos os professores. O sr. Pulff, que pouco tempo depois saiu da escola para trabalhar com publicidade, ainda se lembrava de algumas das palavras da sra. Woodhouse naquele dia. “O luto é natural”, ela disse. ‘Superá-lo é uma questão de escolha.’ Lembro disso porque mais tarde usei a mesma ideia para um produto dietético: ‘Comer é natural. Ganhar peso é uma escolha sua’. Talvez vocês tenham visto.” O sr. Pulff votou contra o Dia do Luto, mas ficou em minoria. A data foi estabelecida.

A maioria das pessoas se lembra do Dia do Luto como um feriado obscuro. As primeiras três horas de aula foram canceladas e permanecemos nas salas de orientação. Os professores distribuíram textos mimeografados relativos ao tema do dia, que nunca foi anunciado oficialmente porque a sra. Woodhouse achava inadequado chamar a atenção para a tragédia das meninas. Como resultado, a tragédia se tornou difusa e universalizada. Como disse Kevin Tiggs, “Parecia que a gente tinha de sofrer por tudo que já tinha acontecido na história do mundo, tudo”. Os professores tinham liberdade para utilizar materiais de sua escolha. O sr. Hedlie, professor de inglês que ia de bicicleta para a escola com as barras da calça presas com cliques de metal, distribuiu uma antologia da poeta vitoriana Christina Rossetti. Deborah Ferentell relembrou alguns versos de um poema intitulado “Rest”:

*O Earth, lie heavily upon her eyes;
Seal her sweet eyes weary of watching, Earth;
Lie close around her; leave no room for mirth
With its harsh laughter, nor for sound of sighs.
She hath no questions, she hath no replies.***

O reverendo Pike falou sobre a mensagem cristã de morte e renascimento, recorrendo a uma história pessoal de desolação e perda, quando seu time de futebol americano universitário não conseguiu conquistar o título nacional. O sr. Tonover, que ensinava química e ainda morava com a mãe, não soube o que dizer na ocasião, e deixou os alunos cozinharem crocante de amendoim no bico de Bunsen. Outras turmas, divididas em grupos, participaram de jogos em que se imaginavam como estruturas arquitetônicas. “Se você fosse um prédio”, perguntava o líder, “que tipo de prédio você seria?” Eles tinham que descrever essas estruturas nos mínimos detalhes, e então aprimorá-las. As meninas Lisbon, separadas em diferentes salas de orientação, ou se negavam a participar do jogo, ou ficavam pedindo licença para ir ao banheiro. Nenhum dos professores insistiu que elas participassem, e o resultado foi que todo o processo de cura se deu entre aqueles que não tinham ferida alguma. Ao meio-dia, Becky Talbridge viu as meninas Lisbon juntas no banheiro feminino do Setor de Ciências. “Tinham trazido cadeiras do saguão e ficaram sentadas ali, esperando. A meia de nylon de Mary estava desfiando — dá pra acreditar que ela usava meias de nylon? — e ela tentava resolver o problema com esmalte de unha. As irmãs estavam meio que assistindo, mas pareciam bem entediadas. Entrei numa das cabines, mas como sentia a presença delas do lado de fora eu não consegui, sabe, usar o banheiro.”

A sra. Lisbon nunca ficou sabendo do Dia do Luto. A data não foi mencionada nem pelo marido nem pelas filhas quando voltaram para casa naquele dia. O sr. Lisbon, é claro, estivera presente na reunião de professores em que a sra. Woodhouse fez a proposta, mas os relatos sobre sua reação são divergentes. O sr. Rodriguez lembra que ele “sacudiu a cabeça, mas não disse nada”, ao passo que, nas lembranças da srta. Shuttleworth, ele abandonou a reunião logo após o início e não voltou mais. “Nem ouviu nada sobre o Dia do Luto. Saiu com um ar distraído e um casaco de inverno”, ela disse, ainda nos desafiando com construções retóricas (neste caso, zeugma) que precisávamos identificar antes de pedir

licença para ir embora. Quando a srta. Shuttleworth entrou na sala para ser entrevistada, levantamos em sinal de respeito, como sempre tínhamos feito, e mesmo que estivéssemos chegando à meia-idade, alguns até com sinais de calvície, ela ainda nos chamava de “crianças”, como fazia na sala de aula tanto tempo atrás. O busto de gesso de Cícero e a réplica de urna grega que demos a ela na formatura ainda estavam sobre a sua mesa, e ela ainda exalava o ar de uma polímata celibatária coberta de blush. “Não acredito que o sr. Lisbon tenha ficado sabendo do *Dies Lacrimarum* antes que ele começasse de fato. Passei por sua sala durante o segundo período e ele estava diante do quadro-negro, sentado em sua cadeira, lecionando. Não creio que alguém tenha tido coragem de informá-lo a respeito das atividades do dia.” De fato, quando conversamos com ele anos mais tarde, o sr. Lisbon tinha apenas uma vaga lembrança do Dia do Luto. “Que tal década do luto?”, ele nos disse.

Por muito tempo, ninguém conseguia saber se as inúmeras tentativas de lidar com o suicídio de Cecilia tinham sido bem-sucedidas. Para a sra. Woodhouse, o Dia do Luto havia servido a um propósito vital, e muitos professores ficaram satisfeitos com a quebra do silêncio em torno do assunto. Uma orientadora psicológica foi contratada para ocupar uma vez por semana o pequeno gabinete da enfermeira da escola. Qualquer aluno que sentisse vontade de conversar era encorajado a falar com ela. Nunca fizemos isso, mas todas as sextas-feiras ficávamos de olho para ver se alguma das meninas Lisbon se encontrava com a psicóloga, que se chamava srta. Lynn Kilsem. Um ano mais tarde, porém, depois dos outros suicídios, ela sumiu sem dar explicação. Seu diploma em Serviço Social havia se revelado falso e ninguém sabia ao certo se ela realmente se chamava Lynn Kilsem, ou quem ela era, ou para onde se mandou. De qualquer modo, foi uma das poucas pessoas que não conseguimos rastrear, e conforme a típica ironia do destino, era uma das poucas pessoas que poderiam nos revelar alguma coisa. Pois, ao que parece, as meninas visitavam a srta. Kilsem regularmente às sextas-feiras, ainda que nunca as

tenhamos visto em meio ao escasso material médico daquele arremedo de enfermaria. Os registros de pacientes da srta. Kilsem foram perdidos cinco anos mais tarde num incêndio do gabinete (uma cafeteira, um fio de extensão velho), e não temos nenhuma informação precisa a respeito das sessões. Muffie Perry, todavia, que usou a srta. Kilsem como psicóloga esportiva, lembrou-se de ter visto Lux ou Mary frequentemente na enfermaria, além de Therese e Bonnie, às vezes. Também tivemos muita dificuldade de localizar Muffie Perry, por conta dos inúmeros rumores relacionados a seu nome de casada. Alguns diziam que agora ela se chamava Muffie Friewald e outros falavam em Muffie von Rechewicz, mas quando finalmente a descobrimos, cuidando das orquídeas raras legadas pela avó ao Jardim Botânico de Belle Isle, ela nos revelou que ainda se chamava Muffie Perry e ponto final, como em seus dias de glória no hóquei sobre a grama. De início não a reconhecemos em meio às trepadeiras vorazes e aos espessos cipós no ar enevoado da estufa, e mesmo quando a persuadimos a ficar sob uma das lâmpadas de crescimento artificial percebemos que tinha ficado inchada e coberta de rugas e que as grandes costas de vencedora estavam encurvadas, mas os dentinhos continuavam idênticos nas gengivas vistosas. A decadência de Belle Isle contribuiu para o tom sombrio de nossa reavaliação. Lembrávamos da ilha delicada em forma de figo, perdida entre o Império americano e o pacífico Canadá, como ela havia sido anos antes, dando as boas-vindas com um canteiro vermelho, branco e azul em forma de bandeira, chafarizes jorrantes, um cassino europeu e trilhas para cavalos que cruzavam bosques onde índios haviam transformado árvores em arcos gigantes. Agora, a grama crescia em tufos até a praia suja, onde crianças pescavam com lacres de latinhas de refrigerante amarrados a cordas. A tinta descascava em gazebos outrora resplandecentes. Bebedouros irrompiam em meio a poças de lama, com degraus de tijolos quebrados. No meio do caminho, o rosto em granito do herói da Guerra Civil havia sido pichado de preto com spray de tinta. A sra. Huntington Perry doara as orquídeas premiadas ao Jardim

Botânico numa época anterior aos tumultos, quando as verbas públicas ainda eram altas, mas desde sua morte a base tributária decrescente forçou cortes que levaram à demissão de um jardineiro experiente por ano, e assim, plantas que haviam sobrevivido à transplantação de regiões equatoriais e voltado a florescer naquele paraíso agora definhavam, ervas daninhas surgiam em meio a placas de identificação meticulosas e a luz solar artificial brilhava apenas algumas horas por dia. A única coisa que se mantinha era o vapor, pontilhando as janelas inclinadas da estufa e preenchendo nossas narinas com a umidade e o aroma de um mundo em decomposição.

Foi a deterioração que trouxe Muffie Perry de volta. As *Cycnoches* de sua avó tinham quase morrido por causa de ferrugens; parasitas infestaram os três extraordinários dendróbios; e o canteiro de minúsculas masdeválias, cujas pétalas roxas e aveludadas com pontas vermelho-sangue tinham sido criadas pela própria sra. Huntington Perry mediante elaborada hibridização, mais pareciam um bando de amores-perfeitos vulgares. A neta voluntariava seu tempo na esperança de restaurar a antiga glória daquelas flores, mas nos disse que já não havia esperança, não havia esperança. Esperava-se que as plantas crescessem na luminosidade de uma masmorra. Marginais pulavam a cerca dos fundos e invadiam a estufa, arrancando plantas pela raiz a troco de nada. Muffie Perry havia ferido um dos vândalos, armada com uma espátula de jardim. Tivemos muito trabalho para desviar sua atenção daquele mundo de janelas quebradas, pilhas de lixo, entradas não pagas e ratos fazendo ninhos em papiros do Egito. Mas aos poucos, enquanto alimentava os rostos diminutos das orquídeas usando um conta-gotas cheio de algo que se parecia com leite, ela nos contou como as meninas estavam quando apareceram durante suas sessões com a srta. Kilsem. “De início elas ainda pareciam bem deprimidas. Mary estava com olheiras imensas. Era como uma máscara.” Muffie Perry ainda se lembrava do odor supersticioso de antisséptico da enfermaria, que ela sempre pensou ser o cheiro do sofrimento das meninas.

Em geral, estavam de saída quando ela chegava, com os olhos baixos e os sapatos desamarrados, mas sempre se lembravam de pegar um chocolate com menta da tigela que a enfermeira colocava sobre a mesa ao lado da porta. Deixavam a srta. Kilsem oscilando ao sabor de o que quer que lhe houvessem dito. Muitas vezes ela ficava sentada à mesa, de olhos fechados, apertando pontos de acupressão com os polegares, e passava um minuto inteiro sem falar nada. “Sempre tive a impressão de que era na srta. Kilsem que elas confiavam”, disse Muffie Perry. “Por algum motivo. Talvez por isso ela tenha sumido.”

Quer as meninas confiassem na srta. Kilsem ou não, a terapia pareceu ajudar. O humor delas melhorou quase de imediato. Quando chegava para o seu horário, Muffie Perry as ouvia gargalhando ou conversando empolgadas. Segundo ela, às vezes a janela estava aberta para Lux e a srta. Kilsem fumarem juntas, violando as regras, e às vezes as meninas assaltavam a tigela de chocolates, cobrindo a mesa da srta. Kilsem de embalagens amassadas.

Também percebemos a mudança. As meninas pareciam menos cansadas. Durante a aula, ficavam menos tempo olhando pela janela, levantavam mais a mão, falavam. Por um tempo se esqueceram do estigma ligado a elas e voltaram a participar das atividades escolares. Therese compareceu a reuniões do Clube de Ciências na sala lúgubre do sr. Tonover, com suas mesas à prova de fogo e cubas negras e fundas. Mary ajudou a senhora divorciada a costurar novas fantasias para a peça da escola, duas tardes por semana. Bonnie chegou até a aparecer num encontro do grupo cristão na casa de Mike Firkin, que mais tarde se tornou missionário e morreu de malária na Tailândia. Lux fez um teste para o musical da escola e, como Eugie Kent tinha uma queda por ela e o sr. Oliphant, diretor do teatro, tinha uma queda por Eugie Kent, ela conseguiu um papel coadjuvante no coro, cantando e dançando como se estivesse feliz. Mais tarde, Eugie comentou que a tática do sr. Oliphant consistia em sempre manter Lux em cena quando Eugie não estava no

palco, para que ele nunca a encontrasse na escuridão dos bastidores e se enroscasse com ela nas cortinas. Quatro semanas mais tarde, é claro, depois do encarceramento final das meninas, Lux abandonou a peça, mas aqueles que assistiram à performance disseram que Eugie Kent cantou seus números com a voz estridente e insossa de sempre, mais apaixonado por si mesmo que pela garota do coro cuja ausência ninguém percebeu.

Nessa época, o outono tinha ficado sombrio, trancafiando os céus com aço. Na sala de aula do sr. Lisbon, os planetas avançavam alguns centímetros todos os dias, e bastava olhar para cima para entender que a Terra tinha voltado sua face azul para longe do Sol e que estava deslizando pelo seu próprio beco escuro no espaço, rumo ao ponto em que as teias de aranha se acumulavam no canto do teto, fora do alcance da vassoura do zelador. Enquanto a umidade do verão se tornava uma lembrança, o verão em si começou a parecer irreal, até sumir de vista. A pobre Cecilia surgia em nossa consciência em momentos estranhos, quase sempre logo que acordávamos, ou quando olhávamos pela janela rajada de chuva do carro que nos levava para a escola — ela surgia em seu vestido de noiva, enlameado pela vida após a morte, mas então alguma buzina soava, ou os alarmes de nossos rádios detonavam uma canção popular, e voltávamos de repente à realidade. Outras pessoas arquivaram a lembrança de Cecilia com uma facilidade ainda maior. Quando a mencionavam, era para dizer que sempre acharam que Cecilia acabaria mal, e que, longe de pensar que as Lisbon pertenciam a uma só espécie, sempre tinham visto Cecilia como algo à parte, uma aberração da natureza. O sr. Hillyer resumiu os sentimentos da maioria na época: “Essas meninas têm um futuro brilhante à sua frente. Aquela outra ia mesmo acabar maluca”. Pouco a pouco, as pessoas pararam de debater o mistério do suicídio de Cecilia, preferindo enxergá-lo como inevitável ou como algo que era melhor deixar para trás. Ainda que a sra. Lisbon levasse adiante sua existência fantasmagórica, saindo de casa raramente e pedindo as compras por telefone, ninguém criticou sua atitude e alguns até demonstraram compaixão. “É da mãe que

eu tenho mais pena”, disse a sra. Eugene. “Ela sempre vai ficar se perguntando se poderia ter feito alguma coisa.” Já as sofridas meninas sobreviventes adquiriram um status semelhante ao da família Kennedy. Os outros alunos voltaram a sentar ao lado delas no ônibus. Leslie Tompkins pegou emprestada a escova de Mary para dar um jeito nos longos cabelos ruivos. Julie Winthrop fumou com Lux no topo dos armários, e disse que o episódio da tremedeira não se repetiu. Dia após dia, as meninas pareciam estar superando a perda.

Foi durante esse período de convalescença que Trip Fontaine resolveu agir. Sem consultar ninguém ou confessar o que sentia por Lux, adentrou a sala de aula do sr. Lisbon e ficou em posição de sentido diante da mesa. Encontrou o sr. Lisbon sozinho, na cadeira giratória, encarando sem expressão os planetas que pendiam sobre sua cabeça. Um tufo juvenil saltava de seu cabelo grisalho. “Estamos no quarto período, Trip”, disse, com ar cansado. “Você só tem aula comigo no quinto.”

“Não vim pra aula de matemática.”

“Não?”

“Vim pra informar ao senhor que minhas intenções em relação à sua filha são inteiramente respeitadas.”

As sobrancelhas do sr. Lisbon se ergueram, mas sua expressão parecia exausta, como se seis ou sete garotos tivessem feito a mesma declaração naquela manhã.

“E quais seriam essas intenções?”

Trip aproximou uma bota da outra. “Quero convidar Lux para o baile de volta às aulas.”

Nessa altura o sr. Lisbon pediu que Trip se sentasse, e pelos minutos seguintes, com uma voz paciente, explicou que ele e a esposa tinham certas regras, regras que tinham sido as mesmas para as meninas mais velhas, e que ele não podia simplesmente criar agora novas regras para as meninas mais novas, e mesmo que ele quisesse fazer isso a esposa nunca permitiria, ha ha, e que embora Trip pudesse aparecer outra vez para

assistir TV numa boa, ele não poderia, repetindo, não poderia, sair com Lux, especialmente de carro. Trip nos contou que o sr. Lisbon falou tudo isso com uma simpatia surpreendente, como se ele se lembrasse das dores púbicas da adolescência. Também percebeu como o sr. Lisbon sentia falta de um filho, porque enquanto falava, ele se levantou e deu três sacudidas amistosas nos ombros de Trip. “Sinto dizer, mas é apenas o nosso regulamento”, concluiu enfim.

Trip Fontaine viu as portas se fechando. Então viu a fotografia da família sobre a mesa do sr. Lisbon. Em frente a uma roda-gigante, Lux segurava com o punho cerrado uma maçã do amor cuja superfície polida refletia as dobrinhas infantis do seu queixo. De um lado, os lábios cobertos de açúcar tinham se descolado, mostrando um dente.

“E se fôssemos vários?”, sugeriu Trip Fontaine. “E se levássemos também suas outras filhas, tipo em grupo? E voltássemos na hora que o senhor determinar?”

Trip Fontaine fez essa oferta com um tom de voz controlado, mas suas mãos tremiam e seus olhos ficaram úmidos. O sr. Lisbon o encarou por um longo tempo.

“Você está no time de futebol americano, filho?”

“Sim, senhor.”

“Em qual posição?”

“No ataque ofensivo, como *tackle*.”

“Na minha época eu jogava na defesa, como *safety*.”

“Uma posição crucial. Não existe mais nada entre você e a *goal line*.”

“Exatamente.”

“Acontece, sr. Lisbon, que temos uma grande partida de volta às aulas contra o Country Day, e depois o baile e tudo mais, e todos os caras do time vão levar alguma menina.”

“Você é um rapaz bonito. Aposto que muitas meninas iriam com você.”

“Não estou interessado em muitas meninas, senhor”, respondeu Trip Fontaine. O sr. Lisbon recostou-se na cadeira. Respirou fundo. Olhou para

o retrato da família, em que um dos rostos, sorrindo como em um sonho, não existia mais. “Vou falar com a mãe delas”, cedeu enfim. “Vou fazer o que puder.”

Foi assim que alguns de nós acabamos levando as garotas ao único encontro não supervisionado de suas vidas. Assim que deixou a sala de aula do sr. Lisbon, Trip Fontaine começou a montar o time. No treino de futebol americano daquela tarde, durante os piques de velocidade, informou: “Vou levar a Lux Lisbon pro baile. Preciso que três caras levem as outras meninas. Quem vai ser?”. Correndo intervalos de vinte metros, arfando e sem fôlego, com protetores desajeitados e meias esportivas sujas, tentamos convencer Trip Fontaine a nos escolher. Jerry Burden ofereceu três baseados. Parkie Denton falou que podiam usar o Cadillac do pai. Todos dissemos alguma coisa. Buzz Romano, apelidado de “Corda” por conta do animal de estimação espantosamente bem-treinado que nos exibiu nos chuveiros, usou as mãos para cobrir o púbis e desabou gemendo na *end zone*: “Estou morrendo! Estou morrendo! Você precisa me escolher, Tripster!”.

No fim, Parkie Denton venceu por causa do Cadillac, Kevin Head por ter ajudado Trip Fontaine a envenenar o carro e Joe Hill Conley por ter recebido todos os prêmios da escola, o que Trip julgou que impressionaria o sr. e a sra. Lisbon. No dia seguinte, Trip apresentou a lista ao sr. Lisbon, e quando a semana chegou ao fim, o sr. Lisbon anunciou a decisão tomada por ele e pela esposa. As meninas poderiam ir ao baile, mas sob as seguintes condições: (1) iriam em grupo; (2) iriam ao baile e a nenhum outro lugar; (3) estariam em casa antes das onze. O sr. Lisbon informou a Trip que seria impossível negociar essas condições. “Vou ser um dos professores presentes no baile”, anunciou.

É difícil saber o que esse encontro significou para as meninas. Quando o sr. Lisbon lhes concedeu a permissão, Lux correu e o abraçou, beijando o

pai com o afeto inocente de uma garotinha. “Fazia anos que ela não me beijava daquele jeito”, contou. As outras meninas reagiram com menos entusiasmo. Therese e Mary jogavam xadrez chinês, observadas por Bonnie. Desviaram a atenção do tabuleiro metálico apenas por um instante, para pedir que o pai revelasse a identidade dos outros garotos. Ele contou a elas. “Quem vai levar quem?”, Mary perguntou.

“Eles vão fazer um sorteio”, disse Therese, e então avançou seis casas até chegar em sua zona de segurança.

A reação morna fazia sentido no contexto da história familiar. Junto com outras mães da igreja, a sra. Lisbon já tinha organizado encontros em grupo. Os garotos Perkins tinham remado para as meninas Lisbon em cinco canoas de alumínio por um canal turvo de Belle Isle, enquanto o sr. e a sra. Lisbon e o sr. e a sra. Perkins supervisionavam de longe, a bordo de pedalinhos. A sra. Lisbon acreditava que os impulsos mais sombrios dos encontros poderiam ser saciados mediante brincadeiras a céu aberto — amor sublimado em folias na grama. Durante uma viagem de carro que fizemos recentemente (sem motivo especial, além do tédio e do céu cinzento), paramos na Pensilvânia e, comprando velas em uma lojinha humilde, aprendemos sobre o costume *amish* de cortejo: enquanto o rapaz leva a moça, vestida com roupas simples, para dar uma volta numa charrete negra, os pais da garota seguem o casal, em outra charrete. A sra. Lisbon também era adepta do romance vigiado. Mas enquanto o rapaz *amish* volta mais tarde, no meio da noite, para atirar pedrinhas na janela da menina (pedrinhas que todos consentem em não ouvir), na doutrina da sra. Lisbon não havia anistia noturna. As canoas nunca levavam a fogueiras.

As meninas só podiam esperar mais do mesmo. E, com o sr. Lisbon na supervisão, elas seriam mantidas na rédea curta de sempre. Já era difícil o bastante ter um pai professor, presente dia após dia, com um de seus três ternos, ganhando a vida. As meninas Lisbon não pagavam mensalidade graças ao cargo do pai, mas certa vez Mary comentou com Julie Ford que isso a fazia se sentir “recebendo caridade”. Agora ele patrulharia o baile

com outros professores que tinham se oferecido ou sido forçados a isso, em geral os professores mais descoordenados, que não eram treinadores de nenhum esporte, ou os mais ineptos socialmente, para quem o baile era um modo de preencher mais uma noite solitária. Lux não parecia se importar, porque seus pensamentos estavam preenchidos por Trip Fontaine. Ela tinha voltado a escrever nomes nas roupas de baixo, agora com tinta solúvel, de modo que pudesse lavar todos os “Trips” antes que eles fossem vistos pela mãe. (Ao longo do dia, contudo, o nome dele se fazia presente, encostado em sua pele.) Supostamente, ela teria confessado às irmãs o que sentia por Trip, mas nenhuma garota da escola sequer a ouviu mencionar seu nome. Trip e Lux se sentavam juntos no almoço, e às vezes os víamos caminhando pelos corredores, em busca de um armário, depósito ou duto de aquecimento onde pudessem se deitar às escondidas, mas mesmo na escola o sr. Lisbon ficava a postos, e depois de alguns passeios contidos, eles passavam pela cantina, subiam a rampa forrada com tapetes de borracha que levava até a sala de aula do sr. Lisbon e, encostando as mãos muito brevemente, tomavam cada um seu caminho.

As outras meninas mal conheciam os rapazes com quem iriam ao baile. “Nem chegaram a ser *convidadas*”, disse Mary Peters. “Parecia um casamento arranjado ou algo do tipo. Sinistro.” Ainda assim, permitiram que o encontro fosse levado adiante, para agradar a Lux, para agradar a si mesmas ou apenas para quebrar a monotonia de mais uma noite de sexta-feira. Quando falamos com a sra. Lisbon anos mais tarde, ela nos disse que não fez oposição alguma ao encontro, mencionando em defesa dessa afirmação os vestidos que costurou especialmente para a noite. Na semana anterior ao baile, de fato, ela levou as meninas a uma loja de tecidos. Elas vagaram em meio às prateleiras; cada uma com o esboço de um vestido dos sonhos em papel de seda, mas no fim o padrão que escolheram não fez diferença alguma. A sra. Lisbon adicionou quase três centímetros no busto e cinco centímetros na cintura e bainha, de modo que os quatro vestidos ficaram com a mesma aparência de saco disforme.

Uma fotografia dessa noite sobreviveu (Peça nº 10). As meninas estão enfileiradas, com os vestidos da festa, encostadas ombro a ombro como desbravadoras. Seus rígidos penteados (“despenteados”, segundo a esteticista Tessie Nepi) têm a qualidade estoica e presunçosa que é própria à maneira europeia de enfrentar intempéries. Os vestidos também são dignos de desbravadoras, com peitilhos rendados e golas altas. Lá estão elas, como as conhecemos na época e como ainda estamos aprendendo a conhecê-las: Bonnie, a assustadiça, encolhendo-se diante do flash; Therese, pressionando as fendas desconfiadas dos olhos com a caixa craniana; Mary, alinhada e fazendo pose; e Lux, que em vez de olhar para a câmera olha para cima. Chovia naquela noite, e uma goteira tinha aparecido bem em cima da cabeça dela, atingindo sua bochecha um segundo antes do sr. Lisbon dizer “Xis”. Embora essa não seja a fotografia ideal (uma fonte de luz entra pela esquerda e distrai o olhar), ela transmite, ainda assim, o orgulho de uma prole atraente e de ritos de passagem. Um ar de expectativa ilumina o rosto das meninas. Agarradas umas às outras, espremendo-se para caber no quadro, parecem prontas para alguma descoberta ou mudança de vida. De *vida*. É assim, ao menos, que enxergamos. Por favor, não toque. Agora vamos colocar a fotografia de volta no envelope.

Depois do retrato, as meninas esperaram pelos rapazes, cada uma ao seu modo. Bonnie e Therese se sentaram para jogar baralho enquanto Mary ficou de pé no meio da sala, muito imóvel, tentando não amassar o vestido. Lux abriu a porta da frente e bamboleou até a varanda. A princípio achamos que ela tinha torcido o tornozelo, mas logo percebemos que estava de salto alto. Subiu e desceu, ensaiando, até que o carro de Parkie Denton apareceu no fim do quarteirão. Aí ela se virou, tocou a campainha para alertar as irmãs e voltou para dentro, sumindo novamente.

Abandonados, observamos os garotos chegarem de carro. O Cadillac amarelo de Parkie Denton flutuava pela rua, com os rapazes suspensos na atmosfera interna do veículo. Ainda que estivesse chovendo e os

limpadores de para-brisa estivessem acionados, do interior do carro radiava um brilho cálido. Quando passaram pela casa de Joe Larson, os garotos fizeram um sinal de joia para nós.

Trip Fontaine saiu primeiro. Tinha arregaçado as mangas do paletó, como os modelos masculinos nas revistas de moda do pai. Usava uma gravata fina. Parkie Denton vestia um blazer azul, assim como Kevin Head. Joe Hill Conley saltou do banco de trás com um enorme blazer de tweed que pertencia ao pai dele, o professor comunista. Nesse momento, eles hesitaram, rodeando o carro e ignorando a garoa, até que Trip Fontaine enfim se dirigiu à entrada da casa. Perdemos os garotos de vista quando passaram pela porta, mas eles nos contaram que o começo do encontro foi igual a qualquer outro. As meninas tinham ido para o andar de cima, fingindo que não estavam prontas, e o sr. Lisbon conduziu os garotos até a sala.

“As meninas já vão descer”, anunciou, olhando para o relógio. “Nossa. Também preciso me arrumar.” A sra. Lisbon surgiu debaixo da arcada. Pressionava a têmpora com a mão, como se estivesse com dor de cabeça, mas seu sorriso era educado.

“Olá, meninos.”

“Olá, sra. Lisbon” (em uníssono).

Mais tarde, Joe Hill Conley comentou que ela transmitia a integridade de alguém que acabava de sair do cômodo ao lado, onde estivera chorando. Ele também sentiu (isso foi dito muitos anos depois, é claro, quando Joe Hill Conley alegava ser capaz de acessar a energia dos chacras a seu bel-prazer) uma dor ancestral emanando da sra. Lisbon, a soma dos sofrimentos de sua gente. “Ela vinha de uma raça triste”, afirmou. “Não era apenas Cecilia. A tristeza tinha começado muito antes. Antes dos Estados Unidos. Também estava presente nas garotas.” Nunca tinha percebido que ela usava lentes bifocais. “Dividiam os olhos dela ao meio.”

“Quem vai dirigir?”, a sra. Lisbon perguntou.

“Eu”, respondeu Parkie Denton.

“Há quanto tempo você tem carteira?”

“Dois meses. Mas tive licença provisória por um ano antes disso.”

“Geralmente não gostamos que as meninas saiam de carro. São tantos acidentes hoje em dia. Está chovendo, o asfalto fica escorregadio. Espero que tomem muito cuidado.”

“Vamos tomar.”

“Certo”, disse o sr. Lisbon. “Acabou o interrogatório. Meninas!” — gritou em direção ao teto — “Preciso ir. Vejo vocês no baile, rapazes.”

“Até lá, sr. Lisbon.”

Ele saiu, deixando os meninos a sós com a esposa. Ela não encarou nenhum deles, mas deu uma olhada geral, como uma enfermeira-chefe passando tabelas em revista. Então se dirigiu ao pé da escada e olhou para cima. Nem mesmo Joe Hill Conley conseguiu imaginar em que ela estava pensando. Em Cecília, talvez, subindo aqueles mesmos degraus quatro meses antes. Nos degraus que ela mesma tinha descido em seu primeiro encontro. Em sons que somente uma mãe consegue ouvir. Nenhum dos garotos se lembrava de ter visto a sra. Lisbon tão distraída antes. Era como se de repente tivesse esquecido que eles estavam ali. Encostou a mão na têmpora (*era* uma dor de cabeça).

Enfim as meninas surgiram no alto da escada. Estava um pouco escuro lá em cima (três das doze lâmpadas do lustre tinham queimado), e elas seguraram o corrimão de leve enquanto desciam. Os vestidos folgados fizeram Kevin Head se lembrar de túnicas de coristas. “Mas elas nem pareciam notar. Pessoalmente, acho que elas gostaram dos vestidos. Ou ficaram tão felizes de sair que nem se importaram com o que estavam vestindo. Eu também não me importei. Estavam ótimas.”

Só quando as meninas chegaram ao fim da escadaria os garotos se deram conta de que ainda não tinham decidido quem levaria quem. Trip Fontaine, é claro, ficaria com Lux, mas as outras três ainda estavam livres. Por sorte, tinham se tornado homogêneas, graças aos vestidos e penteados. Mais uma vez os garotos não conseguiam sequer diferenciar uma menina

da outra. Em vez de perguntar, fizeram a única coisa que lhes veio à cabeça: ofereceram a elas pequenos buquês.

“São brancos”, disse Trip Fontaine. “Não sabíamos de que cor vocês estariam vestidas. O cara da floricultura disse que branco combina com tudo.”

“Que bom que são brancos”, Lux respondeu. Ela estendeu a mão e pegou o buquê, abrigado em um estojinho plástico.

“Não quisemos pegar aqueles de prender no pulso”, explicou Parkie Denton. “Sempre desmontam.”

“É, são uma porcaria”, Mary concordou. Ninguém disse mais nada. Ninguém se mexeu. Lux examinou a flor dentro da cápsula do tempo. Ao fundo, a sra. Lisbon sugeriu: “Por que não deixam os meninos prenderem os buquês?”

As meninas deram um passo à frente e, tímidas, apresentaram a parte da frente dos vestidos. Os garotos manusearam os buquês sem muito jeito, tirando as flores dos estojos e tomando cuidado com os alfinetes decorativos. Sentiam a vigilância da sra. Lisbon, e ainda que estivessem próximos o bastante para sentir o hálito das meninas e o cheiro do primeiro perfume que elas tinham recebido permissão de usar, os garotos tentaram não ficar muito tempo perto delas ou mesmo tocá-las. Puxaram com delicadeza o tecido do busto das meninas e prenderam as flores brancas sobre seus corações. Cada menina Lisbon tornou-se par do garoto que fixou seu buquê. Quando terminaram, deram boa-noite à sra. Lisbon e conduziram as meninas para fora, até o Cadillac, segurando os estojos vazios sobre a cabeça das Lisbon para proteger seus cabelos da garoa.

Dali em diante tudo saiu melhor que o esperado. Em casa, cada um dos garotos tinha visualizado as Lisbon em meio ao cenário padrão de nossas imaginações empobrecidas — pulando ondas na praia ou brincando de fugir pela pista de patinação no gelo, sacudindo pompons de gorros de esqui diante dos nossos rostos como se fossem frutas maduras. Mas no carro, ao lado das meninas em carne e osso, os garotos se deram conta da

insignificância dessas imagens. Percepções inversas também foram descartadas: as meninas em nada pareciam traumatizadas ou dementes. (A velha louca que encontramos dia após dia no elevador se revela perfeitamente lúcida quando enfim conversamos com ela.) Essa revelação pesou sobre os garotos. “Elas não eram tão diferentes assim da minha irmã”, comentou Kevin Head. Lux quis se sentar na frente, alegando que nunca tinha essa chance. Ela se espremeu entre Trip Fontaine e Parkie Denton. Mary, Bonnie e Therese se apertaram no banco de trás, com Bonnie bem no meio. Joe Hill Conley e Kevin Head sentaram no fundo, encostados nas portas traseiras.

Mesmo de perto, as meninas não pareciam deprimidas. Tomaram seus lugares sem se incomodar com o aperto. Mary estava praticamente sentada no colo de Kevin Head. Começaram a tagarelar de imediato. Sempre tinham algo a dizer sobre as famílias que viviam nas casas que iam passando, o que significava que nos observavam do lado de fora com a mesma atenção que dedicávamos a observá-las do lado de dentro. Dois verões antes, tinham visto o sr. Tubbs, figurão do movimento sindical, dar um soco na mulher que havia seguido sua esposa no caminho de casa após uma colisão leve. Suspeitavam que os Hessen fossem nazistas, ou pelo menos simpatizantes. Abominavam a cerca de alumínio dos Krieger. “O sr. Belvedere ataca novamente”, disse Therese, referindo-se ao presidente da empresa de materiais de construção em seu comercial noturno na TV. Assim como nós, as meninas tinham memórias distintas relacionadas a inúmeros arbustos, árvores e telhados de garagem. Evocaram os conflitos raciais, quando tanques despontaram em nosso quarteirão e soldados da Guarda Nacional pousaram de paraquedas em nossos quintais. Eram, afinal, nossas vizinhas.

De início os garotos não falaram nada, oprimidos pela tagarelice das Lisbon. Quem poderia imaginar que elas falavam tanto, eram tão cheias de opinião e tão críticas em relação a tudo? Em meio aos nossos vislumbres esporádicos, as meninas seguiram suas vidas e se desenvolveram de

maneiras que nem podíamos imaginar, lendo todos os livros nas prateleiras censuradas da estante da casa. E, de algum modo, também conseguiram se manter atualizadas com relação à etiqueta dos encontros, por meio da televisão ou do que viam na escola, de modo que sabiam como manter a conversa fluindo ou preencher silêncios constrangedores. A inexperiência em encontros se revelava apenas nos cabelos armados com grampos, que tinham a aparência do estofamento quando vaza pelos rasgos de um sofá ou de uma fiação à mostra. A sra. Lisbon nunca tinha dado dicas de beleza às meninas, e proibia revistas femininas em casa (uma enquete da *Cosmopolitan*, “Você tem orgasmos múltiplos?”, tinha sido a gota d’água). Elas fizeram tudo o que puderam.

Lux passou o trajeto inteiro sintonizando o rádio em busca de sua canção predileta. “Isso me deixa maluca”, explicou. “Saber que ela está tocando em algum lugar, mas ter que ficar procurando.” Parkie Denton dirigiu até a Jefferson Avenue, passando pela casa Wainwright com seu marco histórico verde, rumo às mansões em frente ao lago. Em cada esquina, uma empregada negra esperava pelo ônibus. Seguiram adiante com o carro, deixando o lago resplandecente para trás, e enfim passaram por baixo do túnel todo desigual de olmos perto da escola.

“Espera aí”, Lux disse. “Quero fumar um cigarro antes de entrar.”

“Papai vai sentir o cheiro”, Bonnie alertou do banco de trás.

“Vai nada, eu trouxe balas de menta.” Sacudiu a caixinha.

“Ele vai sentir o cheiro na roupa.”

“É só dizer que tinha gente fumando no banheiro.”

Parkie Denton abaixou o vidro da frente enquanto Lux fumava. Ela não se apressou, exalando fumaça pelo nariz. Em dado momento ela apontou o queixo para Trip Fontaine, fez um bico e, parecendo um chimpanzé de perfil, exalou três perfeitos anéis de fumaça.

“Não deixe que morra virgem”, anunciou Joe Hill Conley, antes de se inclinar para a frente e enfiar o dedo no meio de um dos anéis.

“Que nojo”, disse Therese.

“É, Conley”, protestou Trip Fontaine. “Vê se cresce.”

Na entrada do baile, os casais se separaram. Bonnie prendeu um dos saltos no cascalho e se apoiou em Joe Hill Conley enquanto puxava o sapato. Trip Fontaine e Lux entraram juntos; já eram um casal. Kevin Head seguiu com Therese, e Parkie Denton ofereceu o braço a Mary.

A chuva leve tinha parado por um instante e as estrelas apareceram aqui e ali. Quando o sapato de Bonnie se soltou, ela olhou para cima e chamou a atenção de todos para o céu. “É sempre o Grande Carro”, disse. “Você olha nos mapas do céu e vê estrelas por toda parte, mas quando olha para cima só enxerga o Grande Carro.”

“É por causa das luzes”, Joe Hill Conley explicou. “Da cidade.”

“Dã”, Bonnie respondeu.

As meninas estavam sorrindo quando entraram no ginásio em meio às abóboras brilhantes e aos espantalhos vestidos com as cores da escola. O comitê tinha decidido pela colheita como tema do baile. Cobriram de palha a quadra de basquete, e cornucópias derramavam cabaças tumorosas sobre a mesa de sidra. O sr. Lisbon já tinha chegado, com a gravata cor de laranja que reservava para ocasiões festivas. Conversava com o sr. Tonover, o professor de química. Não deu sinal algum de perceber a chegada das meninas, mas pode ser que não as tenha visto. Os refletores do ginásio foram cobertos com os filtros cor de laranja do teatro e as arquibancadas estavam às escuras. Uma bola de espelhos alugada pendia do placar, salpicando o recinto de luz.

A essa altura nós havíamos chegado com nossos próprios pares, e dançávamos com elas como se estivéssemos segurando manequins, espiando por cima de seus ombros de chiffon em busca das meninas Lisbon. Vimos quando elas entraram se equilibrando sobre os saltos altos. Com olhos arregalados, deram uma olhada no interior do ginásio, e então, conversando entre si, abandonaram os pares para fazer a primeira de sete excursões ao banheiro. Hopie Riggs estava na pia quando as meninas entraram. “Dava pra ver que estavam com vergonha dos vestidos”, disse.

“Não falaram nada, mas dava pra ver. Naquela noite eu estava com um vestido com corpete de veludo e saia de tafetá. Ainda me serve.” Somente Mary e Bonnie precisavam usar o banheiro, mas Lux e Therese foram fazer companhia a elas. Lux olhou para o espelho por um instante, como se quisesse confirmar sua beleza, enquanto Therese o evitava a todo custo.

“Não tem papel”, disse Mary de sua cabine. “Joguem um pouco pra mim.”

Lux arrancou algumas toalhas de papel do porta-toalhas e atirou-as por cima da cabine.

“Está nevando”, disse Mary.

“Elas falavam muito alto”, contou Hopie Riggs. “Agiam como se fossem donas do lugar. Mas tinha alguma coisa presa na parte de trás do meu vestido, e foi Therese quem tirou.” Quando perguntamos se as meninas Lisbon tinham falado sobre seus pares no ambiente confessional do banheiro, Hopie respondeu: “Mary disse que estava feliz porque o cara dela não era um nerd completo. Mas foi só isso. Não acho que elas se importavam tanto com os pares, o importante mesmo era estar no baile. Eu sentia a mesma coisa. Tinha ido com Tim Carter, o tampinha”.

Quando as meninas saíram do banheiro, o salão estava ficando cada vez mais lotado e os casais circulavam lentamente pelo ginásio. Kevin Head convidou Therese para dançar e em pouco tempo os dois se perderam no tumulto. “Nossa, eu era tão jovem”, ele comentou anos mais tarde. “Estava tão *assustado*. E ela também. Peguei a mão dela e não sabíamos o que fazer. Se devíamos entrelaçar os dedos ou não. Acabamos fazendo isso. É minha lembrança mais forte. Essa coisa dos dedos.”

Parkie Denton se lembrava dos movimentos estudados de Mary, de sua segurança. “*Ela* me conduziu”, declarou. “Tinha um lenço de papel embolado em uma das mãos.” Durante a dança ela manteve uma conversa educada, como faziam as belas jovens quando valsavam com duques em filmes antigos. Mantinha-se muito ereta, como Audrey Hepburn, que todas as mulheres idolatram e que nunca passa pela cabeça dos homens. Parecia

ter uma imagem mental do padrão que seus pés deveriam seguir sobre a pista, da aparência que eles deviam ter ao dançar, e se concentrou intensamente em busca disso. “A expressão dela parecia calma, mas por dentro ela estava tensa”, disse Parkie Denton. “Os músculos das costas eram como cordas de piano.” Quando entrava uma música mais rápida, Mary não dançava tão bem. “Me lembrou de velhos tentando dançar em festas de casamento.”

Lux e Trip só foram dançar mais tarde, e antes disso caminharam pelo ginásio em busca de um lugar onde pudessem ficar sozinhos. Bonnie os seguiu. “Então eu fui atrás”, disse Joe Hill Conley. “Ela fingiu que estava caminhando a esmo, mas acompanhava de canto de olho os passos da Lux.” Misturaram-se à multidão que dançava e saíram do outro lado. Costearam a parede mais afastada do ginásio, passando por baixo da rede de basquete decorada, e acabaram perto das arquibancadas. Entre duas músicas, o sr. Durid, decano dos alunos, abriu a votação para Rei e Rainha do Baile de Volta às Aulas, e enquanto todos olhavam para a urna de vidro sobre a mesa da sidra, Trip Fontaine e Lux Lisbon escapuliram para debaixo das arquibancadas.

Bonnie continuou a persegui-los. “Era como se ela tivesse medo de ficar sozinha”, disse Joe Hill Conley. Embora ela não houvesse pedido, ele também a seguiu. Lá embaixo, em meio às faixas de luz que passavam pelas tábuas, viu Trip Fontaine aproximando uma garrafa do rosto de Lux para que ela conseguisse ler o rótulo. “Alguém viu você entrando?”, Lux perguntou à irmã.

“Não.”

“E você?”

“Não”, respondeu Joe Hill Conley.

Então ninguém disse mais nada. A atenção de todos se voltou para a garrafa que Trip Fontaine segurava nas mãos. Reflexos da bola de espelhos cintilavam na superfície da garrafa, iluminando a fruta chamejante no rótulo.

“*Schnapps* de pêsego”, explicou Trip Fontaine anos mais tarde, no deserto, se recuperando disso e de todo o resto. “As garotas adoram.”

Tinha comprado a bebida com uma identidade falsa naquela tarde, e passou a tarde inteira com a garrafa escondida no forro do paletó. Naquele momento, observado pelos outros três, girou a tampa da garrafa e bebericou o xarope, que parecia néctar ou mel. “Você tem que experimentar com um beijo”, explicou. Encostou a garrafa nos lábios de Lux, dizendo: “Não engole”. Então, enchendo a boca com outro gole, aproximou seus lábios da boca de Lux num beijo com sabor de pêsego. A garganta dela gorgolejou de alegria represada. Ela riu, um fio de *schnapps* correu pelo seu queixo e foi contido por uma mão cheia de anéis, mas em seguida os dois ficaram sérios, com os rostos grudados, engolindo e se beijando. Quando pararam, Lux disse: “Esse negócio é muito bom”.

Trip passou a garrafa para Joe Hill Conley. Ele encostou a garrafa nos lábios de Bonnie, mas ela virou a cara. “Não quero”, protestou.

“Vai”, disse Trip. “Só um golinho.”

“Deixa de ser certinha”, provocou Lux.

Só se enxergava uma faixa dos olhos de Bonnie, e eles se encheram de lágrimas sob a luz prateada. Mais abaixo, na escuridão onde estava sua boca, Joe Hill Conley pressionou a garrafa. Os olhos dela, úmidos, se arregalaram. As bochechas se encheram. “Não engole”, Lux ordenou. E então Joe Hill Conley derramou o conteúdo de sua própria boca dentro da boca de Bonnie. Segundo ele, Bonnie manteve as mandíbulas cerradas durante todo o beijo, expondo os dentes como uma caveira. O *schnapps* de pêsego foi e voltou de uma boca à outra até que ele sentiu Bonnie engolir, e relaxar. Anos mais tarde, Joe Hill Conley se gabaria de conseguir analisar a estrutura emocional de uma mulher a partir do gosto de sua boca, e insistiria no ponto de ter tido esse insight naquela noite, debaixo das arquibancadas, com Bonnie. Conseguiu senti-la por inteiro, afirmou, como se a alma dela tivesse escapado pelo beijo, crença comum na Renascença. Primeiro sentiu a oleosidade do hidratante labial, depois o sabor triste de

couve-de-bruxelas da última refeição, e por fim a poeira de tardes desperdiçadas e o sal dos dutos lacrimais. O *schnapps* de pêsego se desvaneceu enquanto ele provava o sumo dos órgãos internos, todos levemente ácidos de sofrimento. Às vezes os lábios dela ficavam estranhamente frios e, ao dar uma espiada, ele percebeu que Bonnie o beijava com os olhos arregalados de medo. Depois disso, o *schnapps* foi e voltou. Perguntamos aos garotos se tinham conversado sobre algum assunto mais íntimo com as meninas, ou feito perguntas a respeito de Cecilia, mas ambos disseram que não. “Eu não queria estragar uma coisa boa”, disse Trip Fontaine. E Joe Hill Conley: “Existem horas para falar e horas para calar”. Ainda que tivesse sentido o gosto de profundezas misteriosas na boca de Bonnie, não se empenhou em tal busca, porque não queria que ela parasse de beijá-lo.

Vimos as meninas saírem de baixo das arquibancadas, arrastando os vestidos e limpando a boca. Lux se movia ao som da música com um ar petulante. Foi então que Trip Fontaine enfim conseguiu dançar com ela, e anos mais tarde ele nos contou que o vestido folgado só tinha feito o seu desejo aumentar. “Dava pra sentir como ela era magrinha por baixo de todo aquele pano. Isso acabou comigo.” Conforme a noite avançava, as meninas se acostumavam aos vestidos e aprendiam a se mover dentro deles. Lux encontrou uma maneira de arquear as costas que fazia o vestido ficar justo na frente. Cruzávamos com elas sempre que podíamos, indo ao banheiro vinte vezes e tomando vinte copos de sidra. Ficamos no pé dos garotos para que nos deixassem participar dos encontros de forma indireta, mas eles não largavam as meninas a sós nem por um minuto. Quando a votação para Rei e Rainha chegou ao fim, o sr. Durid montou um palco portátil e anunciou os vencedores. Todos sabiam que o Rei e a Rainha só poderiam ser Trip Fontaine e Lux Lisbon, e até as meninas com vestidos de cem dólares aplaudiram enquanto eles abriam caminho na multidão. Depois eles foram dançar, e todos fomos dançar, barrando Head, Conley e Denton para que também pudéssemos dançar com as meninas Lisbon.

Estavam vermelhas quando se aproximaram da gente, úmidas debaixo dos braços, e exalavam calor pelas golas altas. Seguramos suas mãos suadas, fazendo seus corpos girarem debaixo da bola de espelhos. Perdemos as meninas na imensidão de seus vestidos e voltamos a encontrá-las, esprememos a polpa de seus corpos e inalamos o perfume do seu esforço. Alguns de nós reunimos coragem suficiente para inserir nossas pernas entre suas pernas e pressionar nossa agonia contra elas. Dentro dos vestidos, as meninas Lisbon pareciam idênticas mais uma vez, enquanto fluíam de mão em mão, sorrindo, dizendo obrigada, obrigada. Um fio solto enroscou no relógio de David Stark, e enquanto Mary tentava soltá-lo ele perguntou: “Está se divertindo?”.

“Nunca me diverti tanto na vida”, ela respondeu.

Estava dizendo a verdade. Nunca tínhamos visto as meninas Lisbon tão animadas, interagindo tanto ou falando com tanta naturalidade. Depois de dançar uma música, Therese e Kevin Head foram tomar ar fresco na entrada, e Therese perguntou: “Por que vocês resolveram convidar a gente?”.

“Como assim?”

“Vocês têm pena da gente?”

“Claro que não.”

“Mentiroso.”

“Eu acho vocês bonitas. Foi por isso.”

“Você também acha que somos loucas?”

“Quem é que acha isso?”

Ela não respondeu, só estendeu a mão para fora da porta para ver se estava chovendo. “Cecilia era esquisita, mas nós não somos como ela.” E então: “A gente só quer viver. Se alguém deixar”.

Mais tarde, a caminho do carro, Bonnie fez Joe Hill Conley parar mais uma vez para olhar as estrelas. Estava totalmente nublado. Enquanto miravam o céu opaco, ela perguntou: “Você acha que Deus existe?”.

“Sim.”

“Eu também.”

A essa altura já eram dez e meia e as meninas só tinham meia hora para voltar pra casa. O baile estava chegando ao fim, e o carro do sr. Lisbon surgiu do estacionamento dos professores, tomando o rumo de casa. Kevin Head e Therese, Joe Hill Conley e Bonnie, Parkie Denton e Mary foram todos para o Cadillac, mas Lux e Trip não apareceram. Bonnie voltou correndo até o ginásio para conferir, mas não havia nem sinal deles.

“Talvez tenham voltado para casa com o seu pai”, sugeriu Parkie Denton.

“Duvido”, respondeu Mary com os olhos fixos na escuridão, passando os dedos pelas flores amassadas do buquê. As meninas tiraram os sapatos de salto para caminhar melhor e saíram à procura da irmã em meio aos carros estacionados, e também na região que ficava perto do mastro onde uma bandeira tinha sido hasteada a meio pau no dia em que Cecilia morreu, ainda que fosse verão e ninguém além do pessoal que cortava a grama houvesse notado. As meninas, tão alegres momentos antes, ficaram quietas e se esqueceram de seus pares. Moviam-se em bando: separavam-se e juntavam-se de novo. Vasculharam os arredores do teatro, os fundos do Setor de Ciências e até o pátio com a estatueta doada em memória de Laura White, uma menina cuja saia de bronze começava a oxidar. Simbolicamente, cicatrizes cruzavam seus pulsos soldados, mas as meninas Lisbon não perceberam nem disseram nada quando voltaram para o carro às dez para as onze. Entraram para que as levassem pra casa.

A viagem de volta transcorreu quase inteira em silêncio. Joe Hill Conley e Bonnie sentaram-se no banco de trás, ao lado de Kevin Head e Therese. Parkie Denton foi dirigindo, e mais tarde se queixou de não ter tido chance de dar em cima de Mary. Mary, todavia, passou o trajeto inteiro arrumando o cabelo no espelhinho do quebra-sol. “Pode ter certeza”, Therese disse a ela. “A gente vai se dar mal.”

“Quem vai se dar mal é a Luxie, não a gente.”

“Alguém tem bala ou chiclete?”, Bonnie perguntou. Como ninguém tinha, ela se virou para Joe Hill Conley. Examinou-o por um momento e então, com as pontas dos dedos, arrumou o cabelo dele para o lado esquerdo. “Assim fica melhor”, disse. Passadas quase duas décadas, o pouco cabelo que ainda lhe resta continua dividido pela mão invisível de Bonnie.

Do lado de fora da casa dos Lisbon, Joe Hill Conley beijou Bonnie pela última vez e ela permitiu. Therese ofereceu o rosto a Kevin Head. Os garotos olharam para a casa através das janelas embaçadas pelo vapor. O sr. Lisbon já tinha voltado e uma luz estava acesa no quarto do casal.

“A gente leva vocês até a porta”, disse Parkie Denton.

“Não precisa”, Mary respondeu.

“Por que não?”

“Não e pronto.” Ela saiu do carro sem dar um mero aperto de mão.

“A gente se divertiu muito”, disse Therese do banco de trás. Bonnie cochichou no ouvido de Joe Hill Conley: “Me liga?”.

“Com certeza.”

As portas do carro se abriram com um rangido. As meninas saíram, se apuraram e entraram em casa.

O Tio Tucker tinha acabado de tomar o rumo da geladeira da garagem para pegar outro pacote com seis latas de cerveja quando o táxi chegou, duas horas mais tarde. Vimos Lux sair e remexer a bolsa atrás da nota de cinco dólares que a sra. Lisbon tinha dado a cada uma das filhas antes de partirem, naquela noite. “Sempre tenham o dinheiro do táxi” era o seu lema, embora aquela tenha sido a primeira vez que ela deixou as meninas saírem e, assim, a primeira vez que precisaram dele. Lux nem esperou pelo troco. Saiu às pressas pelo gramado, com o vestido erguido, olhando para o chão. A parte de trás do casaco estava suja de branco. A porta da frente se abriu e o sr. Lisbon saiu na varanda. Estava sem paletó, mas continuava com a gravata cor de laranja. Desceu as escadas e se encontrou com Lux no meio do caminho. Ela começou a se desculpar, gesticulando muito. Baixou a cabeça ao ser interrompida pelo sr. Lisbon e, relutante, assentiu.

O Tio Tucker não lembra do momento exato em que a sra. Lisbon se juntou à cena. Mas em algum ponto ele tomou consciência da música que tocava ao fundo e, olhando para a casa, enxergou a sra. Lisbon parada na porta aberta. Estava com um roupão xadrez e segurava um drinque. A música soava atrás dela, cheia de órgãos reverberantes e harpas angelicais. Como começara a beber ao meio-dia, o Tio Tucker tinha quase chegado ao fim da caixa de cerveja que consumia diariamente. Começou a chorar, olhando da garagem, enquanto a música preenchia a rua como o próprio ar. “Era o tipo de música que tocam quando alguém morre”, explicou.

Era música religiosa, uma compilação dos três discos que a sra. Lisbon gostava de tocar várias vezes seguidas aos domingos. Já tínhamos lido sobre essas músicas no diário de Cecília (“Domingo de manhã. Mamãe está ouvindo aquela porcaria de novo”), e meses mais tarde, quando os Lisbon foram embora, encontramos os discos no meio do lixo que eles deixaram perto do meio-fio. Os discos eram — conforme relacionamos no Registro de Evidências Físicas — *Songs of Faith*, de Tyrone Little and the Believers, *Eternal Rapture*, do Toledo Baptist Choir, e *Singing Thy Praises*, dos Grand Rapids Gospellers. Todas as capas com nuvens perfuradas por raios de luz. Não colocamos os discos para tocar uma única vez. É o mesmo tipo de música que pulamos quando toca no rádio, entre a Motown e o rock and roll, um fecho de luz em um mundo de escuridão, e uma bosta completa. O canto coral de vozes arianas, a ascensão de escalas até crescendos harmônicos, como marshmallow espumando dentro dos ouvidos. Sempre nos perguntamos quem ouvia esse tipo de música, visualizando viúvas solitárias em asilos, ou famílias de pastores passando adiante bandejas de presunto. Nunca imaginamos aquelas vozes devotas atravessando as tábuas do piso para santificar os nichos onde as meninas Lisbon se ajoelhavam para lixar calos nos dedões dos pés. Nas poucas vezes em que apareceu para o café nas tardes de domingo, o padre Moody escutou essa música. “Não fazia meu gênero”, ele nos confidenciou mais tarde. “Gosto de coisas mais respeitáveis. O *Messias* de Handel. O *Réquiem* de Mozart. Isso era

basicamente, se me permitem dizer, o que eu esperaria ouvir em uma casa de protestantes.”

Enquanto a música tocava, a sra. Lisbon permaneceu no vão da porta, imóvel. O sr. Lisbon conduziu Lux para dentro. Lux subiu os degraus que faltavam e cruzou a varanda, mas a mãe não a deixou entrar. A sra. Lisbon disse alguma coisa que o Tio Tucker não conseguiu ouvir, se inclinou para a frente e ficou com o rosto perto do rosto de Lux, imóvel. “Bafômetro”, Tio Tucker nos explicou. O teste não durou nem cinco segundos, e a sra. Lisbon recuou para dar um tapa no rosto da filha. Lux fez uma careta, mas o golpe não veio. Braço erguido, a sra. Lisbon congelou. Virou-se para a rua escura, como se uma centena de olhos a estivessem observando, e não apenas os de Tio Tucker. O sr. Lisbon também se virou. Assim como Lux. Os três ficaram olhando para a vizinhança, quase toda às escuras, onde as árvores seguiam pingando e os carros dormiam nas garagens e abrigos, com os motores estalando a noite inteira enquanto esfriavam. Os três ficaram muito quietos, e então a mão da sra. Lisbon pendeu debilmente ao lado do corpo e Lux enxergou sua chance. Passou em disparada pela mãe, subiu as escadas e entrou no quarto.

Só anos mais tarde descobrimos o que aconteceu com Lux e Trip Fontaine. Mesmo assim, Trip Fontaine nos contou a história com relutância extrema, insistindo, conforme exigiam os Doze Passos, que ele era um novo homem. Depois de dançarem como Rei e Rainha do Baile de Volta às Aulas, Trip conduziu Lux pelo aglomerado de súditos que os aplaudiam, até a mesma porta onde Therese e Kevin Head tinham ido tomar um pouco de ar. “Dançar tinha deixado a gente com calor”, explicou. Lux ainda estava com a tiara de Miss Estados Unidos que o sr. Durid tinha colocado em sua cabeça. Os dois exibiam faixas reais que cruzavam o peito. “E agora, o que a gente faz?”, Lux perguntou.

“O que a gente quiser.”

“Mas como Rei e Rainha. Temos que fazer alguma coisa?”

“Era isso. Dançamos. Ganhamos faixas. Só vale por esta noite.”

“Achei que valia pelo ano todo.”

“Bem, vale. Mas a gente não faz mais nada.”

Lux refletiu um pouco. “Acho que parou de chover”, comentou.

“Vamos lá fora.”

“Melhor não. Daqui a pouco a gente precisa voltar pra casa.”

“Podemos ficar de olho no carro. Eles não vão embora sem a gente.”

“E o meu pai?”, Lux perguntou.

“Diga que teve de guardar a coroa no armário.”

De fato havia parado de chover, mas o ar estava tomado pela névoa quando eles atravessaram a rua e caminharam de mãos dadas pelo campo de futebol americano encharcado. “Está vendo aquele buraco na grama?”, apontou Trip Fontaine. “Foi ali que derrubei um cara hoje. Uma bela jogada.”

Passaram pela linha de cinquenta metros e pela linha de quarenta metros, até que chegaram na *end zone*, onde ninguém podia vê-los. A faixa branca que mais tarde o Tio Tucker enxergou no casaco de Lux tinha vindo da *goal line*, sobre a qual ela se deitou. Durante todo o ato, refletores varreram o campo, passando sobre eles e iluminando as traves. Bem no meio, Lux disse: “Eu sempre estrago tudo. Sempre”, e começou a chorar. Trip Fontaine não nos contou mais muita coisa.

Perguntamos se ele a colocou dentro do táxi, mas Trip disse que não. “Naquela noite eu voltei pra casa a pé. Nem quis saber como ela ia voltar. Simplesmente fui embora.” Então: “É estranho. Quer dizer, eu gostava dela. Gostava mesmo. Só que naquela hora fiquei com nojo”.

Os outros garotos ficaram o resto da noite dirigindo pelo nosso subúrbio. Passaram pelo Clubinho, pelo Iate Clube, pelo Clube de Caça. Passaram pelo Village, onde a decoração de Halloween tinha dado lugar à de Ação de Graças. À uma e meia da madrugada, sem conseguir parar de pensar nas meninas, cuja presença ainda preenchia o carro, decidiram dar uma última passada pela casa dos Lisbon. Fizeram uma parada para que Joe Hill Conley se aliviasse em uma árvore, e então seguiram pela Cadieux,

acelerando em frente às casas menores, que um dia tinham servido de cabanas para trabalhadores temporários. Atravessaram um loteamento que um dia tinha abrigado uma das grandes mansões da vizinhança, com seus jardins ornamentais que foram substituídos por casas de tijolo vermelho com portas antiquadas e garagens mastodônticas. Viraram na Jefferson, passando pelo Memorial de Guerra e pelos portões negros dos milionários que ainda restavam, e avançaram em silêncio na direção das meninas que enfim haviam se tornado reais para eles. Ao se aproximarem da casa dos Lisbon, viram uma luz acesa na janela de um dos quartos. Parkie Denton levantou a mão para que os outros garotos fizessem o cumprimento de sempre. “Que achado”, disse. Mas a alegria durou pouco. Antes mesmo que o carro parasse, já sabiam o que tinha acontecido. “Entender que aquelas meninas nunca mais poderiam marcar um encontro foi como levar um soco no estômago”, disse Kevin Head anos mais tarde. “Aquela velha escrota tinha trancado elas de novo. Não me pergunte como eu sabia. Eu apenas sabia.” As persianas estavam fechadas como pálpebras, e os canteiros desgrenhados faziam a casa parecer abandonada. Mas na janela iluminada, a persiana se sacudiu. Uma mão puxou-a para trás, revelando uma fatia de rosto de um amarelo quente — Bonnie, Mary, Therese ou até mesmo Lux — olhando lá de cima para a rua. Parkie Denton buzinou, de um toque breve e esperançoso, mas assim que a menina encostou a palma da mão no vidro, a luz se apagou.

* “Tudo avança e se expande, nada desmorona,/ e morrer é diferente do que se supõe, e mais feliz.” (N. T.)

** ‘Repouso’: Ó Terra, cobre os olhos dela com teu peso;/ Laca, Terra, os doces olhos cansados de ver;/ Deita junto dela; não deixa espaço para o júbilo/ E seu riso implacável, nem para o som de suspiros./ Ela não tem perguntas, ela não tem respostas.” (N. T.)

Quatro

Algumas semanas depois de a sra. Lisbon trancafiar a casa em um regime de segurança máxima, as aparições de Lux transando no telhado tiveram início.

Passado o Baile de Volta às Aulas, a sra. Lisbon fechou as persianas do térreo. Só conseguíamos enxergar as sombras encarceradas das meninas, que zanzavam soltas em nossas imaginações. Além disso, enquanto o outono se tornava inverno, as árvores no quintal curvavam-se e engordavam, escondendo a casa, ainda que a ausência de folhas devesse ter aberto a vista. Parecia que uma nuvem estava sempre pairando sobre o telhado dos Lisbon. Não havia outra explicação além da paranormal, segundo a qual a casa tinha se recolhido às sombras para atender a vontade da sra. Lisbon. O céu ficou mais escuro, a luz abandonou o dia, e nos vimos existindo num eterno negrume atemporal, em que o único modo de discernir o horário era o gosto dos arrotos: pasta de dentes pela manhã, e à tarde a carne com gelatina das refeições da cantina da escola.

Sem explicação alguma, as meninas foram tiradas da escola. Simplesmente não apareceram certa manhã, e nem na seguinte. Quando o sr. Woodhouse questionou o sr. Lisbon a esse respeito, ele parecia não fazer ideia de que as meninas não estavam mais indo às aulas. “Ele ficava repetindo: ‘Vocês conferiram lá atrás?’.”

Jerry Burden decifrou a combinação da tranca do armário de Mary e ali encontrou quase todos os livros dela. “Tinha uns cartões-postais colados do lado de dentro da porta. Umas coisas bizarras. Sofás, essas porras.” (Na verdade eram cartões-postais de museus de arte, com uma cadeira

Biedermeier e um sofá Chippendale de chintz cor-de-rosa.) Os cadernos estavam empilhados na prateleira de cima, cada um com o nome de uma nova disciplina que ela nunca chegou a estudar. Dentro de *História dos Estados Unidos*, entre anotações intermitentes, Jerry Burden encontrou o seguinte rabisco: uma menina de maria-chiquinha está curvada sob o peso de um rochedo gigante. Suas bochechas estão inchadas, e seus lábios apertados expõem vapor. Uma nuvem crescente de vapor abriga a palavra *Pressão*, reforçada em tom mais escuro.

Todos pensavam que Lux sofreria alguma represália por não chegar a tempo do toque de recolher, mas poucos imaginaram que seria tão drástica. Quando anos mais tarde conversamos com a sra. Lisbon, contudo, ela insistiu que sua decisão nunca teve um intuito punitivo. “Naquela época a escola só estava piorando as coisas”, afirmou. “Nenhuma das crianças estava falando com as meninas. Só os garotos, e vocês sabem muito bem o que eles queriam. As meninas precisavam de um tempo para si mesmas. Uma mãe percebe essas coisas. Achei que se ficassem em casa elas melhorariam mais rápido.” Nossa entrevista com a sra. Lisbon foi breve. Ela nos encontrou na estação rodoviária da cidadezinha onde mora atualmente, pois era o único lugar que servia café. Suas mãos estavam vermelhas e as gengivas, retraídas. A tragédia não a havia tornado mais acessível, e na verdade lhe conferia a qualidade incognoscível de uma pessoa que sofreu mais do que pode ser expressado. Ainda assim, queríamos falar com ela mais do que com qualquer outra pessoa, pois imaginávamos que, sendo a mãe das meninas, entenderia melhor que os outros por que elas tinham se matado. Mas ela disse: “Isso é o mais assustador. Eu não entendo. Depois que saem de nós, as crianças viram pessoas diferentes, elas são assim”. Quando perguntamos por que ela nunca recorreu ao acompanhamento psicológico oferecido pelo dr. Hornicker, a sra. Lisbon ficou irritada. “Aquele médico queria colocar a culpa em nós dois. Ele achava que Ronnie e eu éramos culpados.” Então um ônibus chegou na rodoviária e, pela porta aberta do Portão 2, uma lufada de monóxido de

carbono soprou sobre o balcão com pilhas de rosquinhas fritas. A sra. Lisbon disse que precisava ir embora.

Ela tinha feito mais do que retirar as meninas da escola. No domingo seguinte, ao chegar em casa depois de um sermão intenso na igreja, ordenou que Lux destruísse os discos de rock. A sra. Pitzenberger (que por coincidência estava redecorando um cômodo na casa ao lado) ouviu a discussão acalorada. “Agora!”, a sra. Lisbon repetia enquanto Lux tentava argumentar e negociar, até explodir em lágrimas. Pela janela do corredor do andar de cima, a sra. Lutzenberger viu Lux caminhar decidida até o quarto e voltar com uma coleção de caixotes de madeira. Eram caixotes pesados, e Lux os fez deslizar pela escada como se fossem trenós. “Achei que ela ia deixar as caixas escorregarem até se estatelarem lá embaixo. Mas ela sempre as segurava antes que isso acontecesse.” A sra. Lisbon tinha acendido a lareira na sala de estar, e Lux, agora chorando em silêncio, começou a entregar os discos às chamas, um por um. Nunca ficamos sabendo quais discos tinham sido condenados naquele auto de fé, mas ao que parece Lux ergueu um álbum após o outro, implorando a misericórdia da sra. Lisbon. Logo o cheiro ficou insuportável e o plástico derreteu sobre o cão da lareira, de modo que a sra. Lisbon pediu para Lux parar. (Depois jogou fora o resto dos discos com o lixo da semana). Ainda assim, Will Timber, que tinha saído para comprar um refri de uva, disse que sentiu o cheiro do plástico queimado durante todo o caminho até a Sr. Z, a loja de festas na Kercheval.

Nas semanas que se seguiram, mal vimos as meninas. Lux nunca mais falou com Trip Fontaine, e Joe Hill Conley não ligou para Bonnie como tinha prometido. A sra. Lisbon levou as meninas até a casa da avó para que recebessem conselhos de uma mulher idosa que já tinha passado por tudo. Quando telefonamos para ela em Roswell, no Novo México, para onde tinha se mudado depois de morar por quarenta e três anos na mesma casa térrea, a idosa (sra. Lema Crawford) não respondeu às perguntas sobre seu envolvimento no castigo, por teimosia ou talvez pelo excesso de

interferências na linha, causadas por seu aparelho auditivo. Mas fez referência ao infortúnio que viveu nas mãos do amor, cerca de sessenta anos mais cedo. “Você nunca supera”, disse. “Mas uma hora deixa de incomodar tanto.” E em seguida, antes de desligar: “Aqui o clima é fantástico. A melhor coisa que fiz na vida foi largar tudo e sair daquela cidade”.

O som enfumaçado da sua voz avivou a cena em nossas mentes: a idosa sentada à mesa da cozinha, o cabelo ralo puxado para cima em um turbante elástico; a sra. Lisbon, severa e taciturna, sentada diante dela; e as quatro penitentes, de cabeças baixas, remexendo bugigangas e bibelôs de porcelana. Ninguém pergunta como elas se sentem, nem o que querem da vida; existe apenas a ordem descendente — avó, mãe, filhas —, a chuva caindo no quintal, e a horta entregue à morte.

O sr. Lisbon continuou indo trabalhar de manhã e a família continuou comparecendo à igreja aos domingos, mas parava por aí. A casa se recolheu entre as brumas da juventude que eram aos poucos sufocadas, e até mesmo nossos pais começaram a fazer comentários sobre a aparência sombria e insalubre do lugar. Os vapores miasmáticos atraíam guaxinins à noite, e não era incomum topar com um dos animais morto, esmagado por um carro enquanto tentava escapar das latas de lixo dos Lisbon. Certa semana, na varanda, a sra. Lisbon acendeu bombinhas de fumaça que emitiam um fedor sulfuroso. Ninguém tinha visto aquelas coisas antes, mas correram boatos de que se tratava de uma defesa contra guaxinins. Então, quando a primeira onda de frio chegou, as pessoas começaram a ver Lux copulando no telhado com garotos e homens sem rosto.

De início era impossível dizer o que estava acontecendo. Um corpo de celofane sacudia os braços para cima e para baixo deitado sobre as telhas de ardósia, como uma criança desenhando um anjo na neve. Então outro corpo mais escuro se fazia enxergar, às vezes com um uniforme de lanchonete de fast-food, às vezes com uma coleção de correntes de ouro, certa vez com o terno cinzento e banal de um contador. Através dos

bronquíolos dos galhos desfolhados dos olmos, a partir do sótão dos Pitzenberger, conseguimos enfim discernir o rosto de Lux, sentada, envolta num cobertor listrado, fumando um cigarro, impossivelmente próxima no círculo de nossos binóculos, movendo os lábios a poucos centímetros de distância, mas sem emitir som algum.

Não entendíamos como ela podia fazer uma coisa daquelas na própria casa, com os pais dormindo por perto. Sim, era impossível que o sr. e a sra. Lisbon enxergassem o próprio telhado, e uma vez instalados, Lux e seus parceiros gozavam de relativa segurança; mas havia os inevitáveis ruídos anteriores, quando ela descia às escondidas para abrir a porta aos garotos e homens, quando os acompanhava pela escadaria de degraus que rangiam em uma escuridão carregada de ansiosas vibrações, enquanto barulhos noturnos zumbiam em seus ouvidos e os homens suavam, sujeitando-se a possíveis acusações de estupro presumido, à perda de suas carreiras, ao divórcio, tudo para que fossem guiados até o andar de cima, passassem por uma janela e chegassem ao telhado, onde no auge da paixão esfolavam os joelhos e rolavam sobre poças de água parada. Nunca descobrimos como Lux os conhecia. Até onde sabíamos, ela nunca saía de casa. Não saía nem mesmo à noite, quando poderia escapar para fazer aquelas coisas em um terreno baldio ou mais perto do lago, mas preferia transar no mesmo território em que estava confinada. De nossa parte, aprendemos muito sobre as técnicas do amor, e por não conhecermos as palavras que denotavam o que víamos, foi preciso inventá-las. É por isso que falávamos em “cantar na fenda” e “amarrar o tubo”, em “gemer no fosso”, “mostrar a cabeça de tartaruga” e “mastigar a erva daninha”. Anos mais tarde, quando perdemos as virgindades, apelamos em meio ao pânico a pantomimas das evoluções de Lux sobre o telhado, tanto tempo atrás; e mesmo agora, se fôssemos sinceros, precisaríamos admitir para nós mesmos que é sempre com aquele espectro pálido que transamos, sempre os pés dela enroscados na calha, sempre aquela mão solitária buscando apoio na chaminé, não importa o que os pés e as mãos das nossas amantes do presente estejam

fazendo. E também precisaríamos admitir que em nossos momentos mais íntimos, sozinhos à noite com o coração palpitante, pedindo a Deus que nos salve, quem mais aparece é Lux, súcubo daquelas noites binoculares.

Os relatos das aventuras eróticas chegavam das fontes mais improváveis, garotos de bairros de classe baixa com cabelos arrepiados que juravam ter subido no telhado com Lux, e ainda que os interrogássemos, em busca de inconsistências nas histórias, nunca conseguimos encontrar nada. Eles diziam que dentro da casa era sempre escuro demais para enxergar e que a mão de Lux era a única coisa viva, ao mesmo tempo urgente e entediada, puxando cada um deles pela fivela do cinto. O chão era uma pista de obstáculos. Dan Tyco, com seu pescoço de touro, pisou em algo macio no alto da escada e se abaixou para pegar. Só depois de passar pela janela e subir no telhado, guiado por Lux, conseguiu enxergar à luz da lua o que estava segurando: era o sanduíche comido pela metade que o padre Moody tinha encontrado cinco meses antes. Outros garotos acharam tigelas de espaguete coagulado e latas vazias, como se a sra. Lisbon tivesse parado de cozinhar para as meninas e elas sobrevivessem coletando alimentos.

Segundo as descrições dos garotos, Lux tinha perdido peso, ainda que não pudéssemos afirmá-lo com os binóculos. Todos os dezesseis mencionaram as costelas salientes e a escassez das coxas, e um deles, que subiu no telhado com Lux durante a chuva de um inverno quente, contou que as saboneteiras dela se enchiam de água. Alguns garotos mencionaram o gosto ácido da saliva — o gosto de fluidos digestivos sem ter o que fazer —, mas nenhum desses sinais de subnutrição, doença ou luto (as feridinhas nos cantos da boca, a falha no cabelo acima da orelha esquerda) prejudicava a impressão avassaladora de Lux como um anjo carnal. Eles disseram que se sentiram presos contra a chaminé por duas asas imensas e agitadas, e que a leve pilosidade loira sobre o lábio superior parecia uma plumagem. Os olhos dela brilhavam, ardiam, concentrados na missão de um modo que só seria possível a uma criatura que não alimentasse dúvidas quanto à glória da Criação, ou sua ausência de sentido. As palavras usadas

pelos garotos, as sobrancelhas inquietas, o medo, a perplexidade, deixavam claro que eles só tinham servido como degraus insignificantes na ascensão de Lux, e ainda que tivessem sido carregados ao topo, não conseguiam nos dizer o que havia além. Alguns deles chamaram atenção à caridade incomensurável que sentiam emanar de Lux.

Embora ela tenha se envolvido em raras conversas mais longas, conseguimos ter alguma ideia de seu estado de espírito a partir do pouco que soubemos do pouco que ela disse. Comentou com Bob McBrearley que não conseguia viver sem “fazer aquilo regularmente”, ainda que tenha pronunciado a frase com um sotaque do Brooklyn, como se estivesse imitando uma cena de filme. Um senso de atuação permeava boa parte do seu comportamento. Willie Tate admitiu que, apesar da voracidade, “ela não parecia estar curtindo muito”, e vários garotos descreveram um desinteresse semelhante. Ao erguer a cabeça do apoio macio do pescoço de Lux, topavam com seus olhos abertos e o cenho franzido em reflexão; ou, no auge da paixão, sentiam-na espremer uma espinha em suas costas. Ainda assim, no telhado, Lux teria pronunciado súplicas como: “Metete. Só um minutinho. Vai fazer a gente se sentir mais perto”. Outras vezes tratava o ato como uma obrigação corriqueira, posicionando os garotos e abrindo zíperes e fivelas com o enfado de uma caixa de supermercado. Oscilava loucamente nos cuidados contraceptivos. Alguns mencionaram procedimentos complexos envolvendo a inserção de três ou quatro géis ou cremes ao mesmo tempo, coroados com um espermicida branco que ela chamava de “cream cheese”. Às vezes parecia suficiente usar o “método australiano”, que envolvia chacoalhar uma garrafa de coca-cola e esguichar o conteúdo dentro de si. Em momentos mais rígidos, ela usava um bordão como ultimato: “Sem proteção, sem ereção”. Usava com frequência produtos farmacêuticos higienizados; outras vezes, provavelmente tolhida pelo bloqueio da sra. Lisbon, recorria a métodos engenhosos criados por esposas de séculos passados. O vinagre se provou útil, assim como o suco de tomate. A minúscula embarcação do amor soçobrava em mares ácidos.

Lux guardava uma coleção de garrafas atrás da chaminé, acompanhadas de um trapo imundo. Nove meses mais tarde, quando os telhadores contratados pelo jovem casal de novos vizinhos encontraram as garrafas, gritaram para a jovem esposa: “Parece que alguém andou comendo salada aqui em cima”.

Era loucura transar no telhado em qualquer época do ano, mas transar no telhado no inverno sugeria um nível de perturbação, desespero e autodestruição que superava qualquer prazer que pudesse ser obtido debaixo das árvores gotejantes. Embora Lux fosse encarada por alguns de nós como uma força da natureza, insensível ao frio, uma deusa de gelo engendrada pela própria estação, no geral sabíamos que ela era apenas uma menina correndo o risco de morrer de frio, ou até mesmo tentando pegar uma gripe fatal. Assim, não ficamos surpresos quando, na terceira semana de aparições de Lux nas alturas, a ambulância voltou a aparecer. Já era o terceiro resgate, e àquela altura o carro já era tão familiar quanto a voz histérica da sra. Buell chamando Chase para dentro. Quando avançou como um foguete até a casa dos Lisbon, a familiaridade nos impediu de perceber as novas rodas para neve, os anéis de sal incrustados em cada para-lama. Vimos Xerife — o magrinho de bigode — saltar do assento do motorista antes mesmo que este o fizesse, e depois disso cada cena tinha gosto de *déjà-vu*. Estávamos preparados para enxergar as meninas correndo de camisola pelas janelas, para as luzes que registrariam o progresso dos paramédicos em direção à vítima: primeiro a luz do saguão, então a do corredor, a do corredor do andar de cima, a do quarto da direita, até a casa se acender inteira, como uma máquina de *pinball*. Já passava das nove da noite e não havia lua. Pássaros tinham feito ninhos nos velhos postes, de modo que a luz era filtrada por palha e penas. Os pássaros tinham voado para o sul havia muito tempo, mas foi sob esses raios mosqueados que o Xerife e o gordo ressurgiram na porta da casa dos Lisbon. Estavam carregando a maca, como esperávamos, mas quando a luz da varanda se acendeu vimos algo inesperado: Lux Lisbon, sentada e muitíssimo viva.

Parecia estar sentindo dor, mas enquanto era carregada para fora de casa teve a presença de espírito de pegar uma *Reader's Digest*, que mais tarde leu de cabo a rabo no hospital. Aliás, apesar das convulsões (ela não tirava as mãos da barriga), Lux tinha ousado aplicar o batom cor-de-rosa proibido que — segundo os relatos dos garotos no telhado — tinha gosto de morango. A irmã de Woody Clabault tinha um batom da mesma marca e certa vez, depois de invadirmos o armário de bebidas dos pais dele, fizemos ele passar o batom e beijar cada um de nós, para que também soubéssemos qual era o gosto. Além do sabor dos drinques que improvisamos naquela noite — parte gengibirra, parte bourbon, parte suco de limão, parte uísque — sentimos o gosto de cera de morango nos lábios de Woody Clabault, que se transformaram, diante da lareira artificial, nos lábios de Lux. Rock jorrava do toca-fitas; atirávamo-nos nas cadeiras, flutuando sem corpo até o sofá de tempos em tempos para mergulhar a cabeça no tonel de morangos, mas no dia seguinte nos recusamos a lembrar que essas coisas tinham acontecido, aliás, é a primeira vez que falamos nisso. De qualquer modo, a lembrança daquela noite foi suplantada pela imagem de Lux sendo colocada na ambulância, porque, apesar das discrepâncias de tempo e espaço, foi dos lábios de Lux que provamos, e não dos de Clabault.

Estava na cara que ela precisava lavar o cabelo. George Pappas, que alcançou a ambulância antes do Xerife fechar a porta, descreveu como o sangue tinha se acumulado nas bochechas de Lux. “Dava pra enxergar as veias”, afirmou. Segurando a revista com uma das mãos e mantendo a outra na barriga, Lux se equilibrou na maca oscilante como num bote salva-vidas. A inquietude, os ganidos e as caretas de agonia só enfatizavam a prostração de Cecilia, que agora, na memória, víamos ainda mais morta do que estivera de fato. A sra. Lisbon não pulou para dentro da ambulância como na vez anterior, mas permaneceu no gramado, acenando como se Lux tivesse embarcado num ônibus rumo à colônia de férias. Nem Mary, nem Bonnie, nem Therese saíram. Debatendo o assunto mais tarde, concluimos que muitos de nós sentimos ter sofrido um colapso mental

naquele momento, que só piorou no decurso das mortes subsequentes. O principal sintoma desse estado era a incapacidade de rememorar qualquer som. As portas da ambulância bateram em silêncio; a boca de Lux (onze obturações, segundo os registros do dr. Roth) gritou em silêncio; e na rua, os galhos rangentes das árvores, o poste de luz que emitia cores diferentes, o zumbido elétrico da faixa de segurança para pedestres — todas essas vozes normalmente ruidosas se abafaram, ou haviam começado a gritar em um tom agudo demais para os nossos ouvidos, ainda que fizessem calafrios percorrerem as nossas espinhas. O som só voltou quando Lux foi embora. Risadas enlatadas explodiram nas televisões. Pais se espalharam, afundando as costas doloridas.

Levou meia hora até a irmã da sra. Patz telefonar do Bom Secours com o boletim preliminar, segundo o qual Lux sofria de apêndice supurado. Ficamos surpresos ao ouvir que o problema não tinha sido autoinflingido, ainda que a sra. Patz tenha comentado: “É o estresse. A coitadinha passou por tanto estresse que o apêndice explodiu. Aconteceu a mesma coisa com a minha irmã”. Brent Christopher, que quase tinha decepado a própria mão com uma serra elétrica naquela noite (estava instalando uma cozinha nova), viu Lux ser levada sobre a maca até a sala de emergência. Ainda que estivesse com o braço enfaixado e o cérebro entorpecido por analgésicos, lembra-se de ter visto os residentes colocando Lux no leito ao lado do dele. “Ela estava respirando pela boca, hiperventilando, com as mãos na barriga. Ficava repetindo ‘Ai’ bem claramente, quase em câmera lenta.” Ao que parece, depois de os residentes saírem correndo em busca do médico, houve um momento em que Brent Christopher e Lux ficaram a sós. Ela parou de chorar e olhou para ele. Ele levantou a mão envolta em gaze. Ela olhou para a mão dele sem demonstrar interesse. Então ergueu o braço e fechou a cortina que separava os leitos.

Lux foi examinada por um certo dr. Finch (ou French — os registros são ilegíveis). Ele perguntou onde doía, tirou seu sangue, apalpou-a, fez com que engasgasse com um depressor de língua e examinou seus olhos,

ouvidos e nariz. Conferiu a região lateral e não encontrou inchaço algum. Na verdade ela não demonstrava mais sinais de dor, e depois dos minutos iniciais, o médico parou de fazer perguntas relacionadas ao apêndice. Algumas pessoas disseram que para o olhar de um médico experiente os sinais eram óbvios: ar de ansiedade, mãos que não saem da barriga. Qualquer que fosse o problema, o médico entendeu desde o início. “Quando foi sua última menstruação?”, perguntou.

“Faz um tempinho.”

“Um mês?”

“Quarenta e dois dias.”

“Não quer que seus pais saibam?”

“Não, obrigada.”

“Por que tanta agitação? Por que a ambulância?”

“Era o único jeito de sair de casa.”

Estavam cochichando, o médico inclinado sobre o leito, Lux sentada. Brent Christopher ouviu um som que identificou como dentes se chocando. Então Lux disse: “Só quero um teste. Posso fazer?”.

O médico não concordou verbalmente com o teste, mas por algum motivo, ao pisar no corredor, disse o seguinte à sra. Lisbon, que tinha acabado de chegar, deixando o marido em casa com as meninas: “Sua filha vai ficar bem”. Então entrou no consultório, onde mais tarde foi encontrado pela enfermeira fumando cachimbo sem parar. Ficamos imaginando tudo o que pode ter passado pela cabeça do dr. Finch naquele dia: que ele se apaixonou por uma menina de catorze anos com a menstruação atrasada, que estava calculando mentalmente quanto dinheiro tinha no banco, quanta gasolina tinha no carro, quão longe conseguiriam chegar antes que a esposa e os filhos dele descobrissem tudo. Nunca entendemos por que Lux foi para o hospital em vez de ir para uma clínica de planejamento familiar, mas a maioria das pessoas concordou que ela estava falando a verdade e que, no fim das contas, ela não tinha mesmo outra forma de falar com um médico. Ao voltar, o dr. Finch informou:

“Vou dizer para a sua mãe que vamos fazer uns exames gastrointestinais”. Nesse momento Brent Christopher se levantou, jurando em silêncio que ajudaria pessoalmente na fuga de Lux. Ouviu ela perguntar: “Quanto tempo leva pra descobrir?”.

“Cerca de meia hora.”

“Vocês usam mesmo um coelho?”

O médico deu risada.

De pé, Brent Christopher sentiu a mão pulsar, os olhos embaçarem, e ficou tonto; mas antes de perder os sentidos, enxergou o dr. Finch caminhando em direção à sra. Lisbon. Ela foi a primeira a saber, e depois as enfermeiras, e depois nós. Joe Larson atravessou a rua correndo para se esconder nos arbustos dos Lisbon, e foi então que ouviu o choro afeminado do sr. Lisbon, um som bastante musical, segundo ele. O sr. Lisbon estava sentado na poltrona do papai, os pés para cima, as mãos sobre o rosto. O telefone tocou. Ele olhou para o aparelho. Atendeu. “Graças a Deus”, disse, “graças a Deus”. Lux, no fim das contas, tinha sofrido apenas um caso grave de indigestão.

Além do teste de gravidez, o dr. Finch pediu um exame ginecológico completo de Lux. Foi a srta. Angelica Turnette, uma burocrata do hospital, que mais tarde nos entregou os documentos que hoje guardamos entre nossos bens mais preciosos (o salário dela, que não é sindicalizada, mal paga as contas). Em uma série de números excitantes, o relatório do médico mostra Lux subindo na balança, vestida com uma rígida bata de papel (45), abrindo a boca para o termômetro (37,1) e urinando em um copinho plástico (piócitos 6-8 por campo, agregados; filamentos de muco; leucócitos 2+). O sucinto comentário “lesões leves” avalia a condição das paredes uterinas, e com um avanço que desde então foi interrompido, tirou-se uma fotografia do cérvix rosado, que parece um obturador de câmera regulado para uma exposição extremamente baixa. (Agora ele nos encara como um olho inflamado, imobilizando-nos todos em silenciosa acusação.)

“O teste de gravidez deu negativo, mas ficou claro que ela era sexualmente ativa”, explicou a srta. Turnette. “Ela tinha HPV [vírus do papiloma humano, um precursor de verrugas genitais]. Quanto mais parceiros, mais HPV. Simples assim.”

O dr. Hornicker estava de plantão naquela noite e conseguiu examinar Lux por alguns minutos sem o conhecimento da sra. Lisbon. “A menina ainda estava esperando o resultado dos exames, então era compreensível que estivesse tensa”, explicou. “Mas mesmo assim, ela tinha alguma coisa de estranho, um desconforto adicional.” Lux tinha se vestido e estava sentada na beira do leito da sala de emergência. Quando o dr. Hornicker se apresentou, ela disse: “Você é o médico que falou com minha irmã”.

“Isso mesmo.”

“Vai ficar me fazendo perguntas?”

“Só se você quiser.”

“Estou aqui” — ela baixou a voz — “só pra ver o gineco.”

“Então não quer que eu faça perguntas?”

“Ceel contou pra gente tudo sobre os seus testes. Só não estou no clima agora.”

“Em que clima você está?”

“Sem clima. Estou meio cansada, só isso.”

“Dormindo pouco?”

“Eu durmo o tempo todo.”

“E mesmo assim está cansada?”

“É.”

“Por que você acha que isso acontece?”

Até então Lux tinha dado respostas curtas, sacudindo os pés, que nem alcançavam o chão. Mas nesse momento fez uma pausa e encarou o dr. Hornicker. Ela se endireitou e retraiu a cabeça, de modo que a dobrinha sutil apareceu debaixo do queixo.

“Sangue pobre em ferro”, disse. “É de família. Vou pedir umas vitaminas para o médico.”

“Ela estava em negação profunda”, comentou o dr. Hornicker mais tarde. “Claramente não dormia — um sintoma clássico da depressão —, mas estava fingindo que o seu problema nada tinha de importante, assim como o problema de sua irmã Cecília, por associação.” O dr. Finch apareceu em seguida com o resultado dos exames, e Lux saltou alegre do leito. “Mas mesmo a satisfação dela tinha um quê de maníaca. Ela quicava pelas paredes.”

Logo depois dessa reunião, no segundo de seus diversos relatórios, o dr. Hornicker começou a repensar sua visão sobre as meninas Lisbon. Citando um estudo recente da dra. Judith Weisberg, que examinava “o processo de luto de adolescentes que perderam um irmão por suicídio” (ver *Lista de Estudos Financiados*), o dr. Hornicker forneceu uma explicação para o comportamento instável das meninas Lisbon — o recolhimento, os surtos repentinos de emoção ou catatonia. Segundo o relatório, como resultado do suicídio de Cecília, as Lisbon sobreviventes passaram a sofrer de Transtorno de Estresse Pós-Traumático. “Não é incomum”, escreveu o dr. Hornicker, “que o irmão de um A.V.S. [adolescente vítima de suicídio] encene um comportamento suicida, numa tentativa de lidar com a dor. Há uma alta incidência de suicídios repetidos em uma única família.” Então, numa anotação na margem do texto, abandonou a postura médica e rabiscou: “Lemingses”.

Essa teoria convenceu muita gente ao circular nos meses seguintes, porque simplificava as coisas. Em retrospecto, o suicídio de Cecília já tinha assumido a estatura de um evento havia muito profetizado. Ninguém mais o considerava chocante, e aceitá-lo como Causa Primeira dispensava qualquer necessidade de explicações adicionais. Como disse o sr. Hutch: “Transformaram Cecília em vilã”. Dessa perspectiva, seu suicídio era uma espécie de doença que infectava os mais próximos. Na banheira, cozinhando no caldo de seu próprio sangue, Cecília tinha liberado um vírus que as outras meninas contraíram pelo ar, mesmo quando tentaram salvá-la. Ninguém se preocupou em saber como Cecília havia contraído

esse vírus. O contágio se tornou a explicação. As outras meninas, a salvo dentro dos quartos, tinham sentido um cheiro estranho e farejado algo no ar, mas ignoraram. Filamentos negros de fumaça haviam se infiltrado pelas portas, crescendo por trás de suas costas estudiosas para então assumirem as formas malignas que fumaça e sombra tomam em desenhos animados: um assassino de chapéu negro brandindo uma adaga; uma bigorna prestes a cair. O suicídio contagioso tornou tudo isso palpável. Bactérias pontiagudas se alojaram no ágar da garganta das meninas. De manhã, o sapinho havia brotado em suas amígdalas. As meninas estavam letárgicas. Na janela, a luz do mundo parecia ter diminuído. Esfregaram os olhos, mas não adiantava. Sentiam-se pesadas e com a mente lenta. Objetos domésticos perderam o sentido. Um relógio de cabeceira tornou-se um pedaço de plástico moldado, que informava uma coisa conhecida como tempo, em um mundo que por algum motivo registra sua passagem. Quando pensávamos dessa forma nas meninas, era como se elas fossem criaturas febris, exalando um hálito de sopa, sucumbindo dia a dia em sua enfermaria isolada. Saíamos de cabelo molhado na esperança de também pegar gripe e, assim, talvez compartilhar de seu delírio.

À noite, os gritos dos gatos transando ou brigando e seus miados no escuro nos diziam que o mundo era pura emoção, atirada de um lado para o outro por suas criaturas, a agonia do siamês caolho em nada diferia da agonia das meninas Lisbon, e até mesmo as árvores estavam mergulhadas em sensações. A primeira telha de ardósia escorregou do telhado, errou a varanda por alguns centímetros e cravou-se no gramado macio. Mesmo de longe, conseguíamos ver o alcatrão por baixo da grama, deixando a água passar. Na sala de estar, o sr. Lisbon posicionou uma velha lata de tinta sob uma goteira e então a observou enquanto se enchia com o tom azul-escuro do teto do quarto de Cecilia (ela tinha escolhido esse tom para dar uma impressão de céu noturno; a lata estava guardada havia anos). Nos dias

subsequentes, outras latas apararam torrentes no topo do aquecedor, no consolo da lareira e na mesa da sala de jantar, mas ninguém apareceu para consertar o telhado, provavelmente, acreditávamos, porque os Lisbon já não aguentariam que uma pessoa sequer invadisse a casa. Suportaram sozinhos as goteiras, permanecendo em meio à floresta tropical da sala de estar. Mary mantinha as aparências, buscando a correspondência (contas de calefação e folhetos de propaganda, nunca mais qualquer tipo de correspondência pessoal), saindo com suéteres verde-limão ou cor-de-rosa enfeitados com corações vermelhos. Bonnie usava uma espécie de avental que começamos a chamar de camisa cabeluda, por causa das penas espetadas que o recobriam. “O travesseiro dela deve estar vazando”, disse Vince Fusilli. A plumagem não era branca, como se esperaria, mas parda, proveniente de patos de segunda linha, criaturas mantidas em confinamento cujo odor de galinheiro era arrastado pelo vento sempre que Bonnie aparecia envolta em plumas. Mas ninguém chegava muito perto. Ninguém mais se arriscava a ir até a casa, nem nossas mães ou nossos pais, e nem o padre; e mesmo o carteiro, para não encostar na caixa de correio, erguia a sua tampa com a lombada da revista *Family Circle* da sra. Eugene. A essa altura, a desintegração gradual da casa começava a ficar mais explícita. Percebemos como as cortinas estavam esfarrapadas e em seguida nos demos conta de que não estávamos olhando para cortinas, e sim para uma camada fina de sujeira, com áreas limpas circulares criadas pelas meninas para espionar o mundo exterior. Não havia nada melhor do que vê-las criando um desses círculos: a carne rosada de uma mão que se esmagava contra o vidro, e então se esfregava para frente e para trás até revelar o mosaico brilhante de um olho a nos encarar. Além disso, as calhas estavam entupidas.

Só o sr. Lisbon saía de casa, e nosso único contato com as meninas vinha dos sinais que elas deixavam nele. O cabelo parecia excessivamente penteado, como se as meninas, impossibilitadas de se enfeitar para os outros, o enfeitassem. As bochechas já não exibiam pedaços de papel

higiênico salpicados de sangue, como pequenas bandeiras do Japão, sugerindo a muitos que as filhas tinham começado a barbeá-lo, com bem mais cuidado do que o despendido pelos irmãos do Joe Retardado quando faziam sua barba. (A sra. Loomis, por outro lado, defendia que o sr. Lisbon tinha comprado um barbeador elétrico depois do que aconteceu com Cecilia.) Seja lá quais forem os detalhes, o sr. Lisbon se tornou o médium através do qual vislumbrávamos os espíritos das meninas. Nós as enxergávamos nos problemas que causavam a ele: os olhos vermelhos e inchados que mal se abriam para ver as filhas definhando; os sapatos arranhados de tanto subir escadas que sempre continham a ameaça de levá-lo até outro corpo inerte; a tez amarelada e pálida morrendo com elas por empatia; e o olhar perdido de um homem que se dera conta de que aquela morte toda seria a sua única vida. Quando ele saía para o trabalho, não era mais fortalecido pela sra. Lisbon com uma caneca de café. Ainda assim, ao volante, estendia a mão automaticamente em busca da caneca no suporte do painel... e encostava o café frio da semana anterior nos lábios. Na escola, ele percorria os corredores com um sorriso falso e olhos aflitos ou, em demonstrações de espírito juvenil, gritava “Atenção!” e prendia os alunos contra a parede. Mas segurava os meninos por um tempo longo demais, ficando congelado até que dissessem “eu me rendo” ou “agora o senhor vai para o chuveiro”, qualquer coisa que fizesse com que o sr. Lisbon voltasse a si. Kenny Jenkins levou um mata-leão do sr. Lisbon e falou apenas da serenidade que tomou conta de ambos. “Foi esquisito. Dava até pra sentir o bafo dele, mas eu nem tentei me soltar. Era como estar debaixo de uma pilha de gente, sendo esmagado, mas ao mesmo tempo sentindo que está tudo bem, sabe?” Algumas pessoas admiraram o sr. Lisbon por continuar trabalhando; outros o condenaram, pois viam aquilo como um sinal de frieza no coração. Aos poucos ele parecia esquelético debaixo do terno verde, como se Cecilia, ao morrer, tivesse puxado o pai bruscamente para o outro lado. Ele lembrava Abraham

Lincoln, desengonçado, silencioso, carregando nas costas o sofrimento do mundo. Nunca passava por um bebedouro sem provar de seu breve alívio.

Então, de repente, menos de seis semanas depois de as meninas saírem da escola, o sr. Lisbon pediu demissão. Por meio de Dini Fleisher, a secretária da diretoria, ficamos sabendo que o sr. Woodhouse havia convocado o sr. Lisbon para uma reunião sobre as férias de Natal. Dick Jensen, presidente do Conselho de Gestores, também compareceu. O sr. Woodhouse pediu que Dini servisse o *eggnog* da caixa que ficava no frigobar do escritório. Antes de aceitar, o sr. Lisbon perguntou: “Não tem álcool, certo?”.

“É Natal”, respondeu o sr. Woodhouse.

O sr. Jensen falou sobre o Rose Bowl. Perguntou ao sr. Lisbon: “Você estudou na U. de M., não foi?”.

Nessa altura, o sr. Woodhouse fez um gesto para que Dini saísse da sala, mas antes que ela cruzasse a porta, ouviu o sr. Lisbon dizer: “Sim. Mas acho que nunca contei isso para você, Dick. Pelo jeito você andou lendo minha ficha”.

Os homens riram, sem alegria. Dini fechou a porta.

No dia 7 de janeiro, quando as aulas recomeçaram, o sr. Lisbon não fazia mais parte do corpo docente. Tecnicamente, ele havia tirado uma licença, mas a nova professora de matemática, a srta. Kolinski, claramente se sentia segura o bastante no cargo, a ponto de remover os planetas de sua órbita no teto. Os globos caídos se amontoaram em um canto como a derradeira pilha de lixo do Universo, Marte incrustado na Terra, Júpiter rachado ao meio, os anéis de Saturno fatiando o pobre Netuno. Nunca ficamos sabendo exatamente o que foi dito na reunião, mas a essência era clara: Dini Fleisher nos contou que alguns pais tinham começado a reclamar logo depois de Cecilia ter se matado. Defendiam que uma pessoa incapaz de administrar a própria família não deveria estar dando aula para seus filhos, e o coro de desaprovação foi ficando cada vez mais alto à medida que a casa dos Lisbon se deteriorava. O comportamento do sr.

Lisbon não ajudou, o perpétuo terno verde, o esforço para evitar a sala de almoço dos professores, o tenor agudo penetrando pelo grupo de canto masculino como o lamento fúnebre de uma senhora idosa. Ele foi dispensado. E voltou para uma casa onde, em certas noites, as luzes nunca se acendiam, nem mesmo no começo da noite, e a porta da frente nunca se abria.

Então a casa morreu de fato. Quando o sr. Lisbon ia e voltava da escola, ele fazia circular pela casa uma tênue corrente de vida, trazia guloseimas para as meninas — bombons de coco cobertos de chocolate, picolés de laranja, sacolés multicoloridos. Podíamos imaginar o que as meninas sentiam por dentro, pois sabíamos o que estavam comendo. Podíamos compartilhar suas dores de cabeça por excesso de sorvete. Podíamos passar mal de tanto comer chocolate. Mas quando o sr. Lisbon parou de sair de casa, parou também de levar doces. Não conseguíamos nem saber se as meninas estavam comendo alguma coisa. Ofendido pelo bilhete da sra. Lisbon, o leiteiro parou de entregar leite, fosse fresco *ou* azedo. O supermercado Kroger parou de entregar as compras. A mãe da sra. Lisbon, Lema Crawford, mencionou, durante aquele mesmo telefonema cheio de estalos para o Novo México, que havia dado à filha quase todos os pickles e conservas que fizera no verão (ela hesitou ao dizer “verão”, porque tratava-se do verão em que Cecilia tinha se matado, ao passo que os pepinos, os morangos e ela mesma, com setenta e um anos de idade, tinham continuado a crescer e viver). Ela também nos contou que a sra. Lisbon mantinha um estoque abundante de alimentos enlatados no porão, bem como água potável e outros preparativos para um ataque nuclear. Ao que parece, havia um abrigo antibombas no porão dos Lisbon, bem ao lado da sala de jogos de onde tínhamos visto Cecilia subir rumo à sua morte. O sr. Lisbon tinha inclusive instalado uma daquelas privadas de acampamento que funcionam com propano. Mas isso foi na época em que eles esperavam que os perigos viessem de fora, porque depois do suicídio de Cecilia nada

fazia menos sentido do que um cômodo de sobrevivência enterrado numa casa que aos poucos se tornava um grande caixão.

Nossa preocupação aumentou quando vimos Bonnie definhando, claramente. Logo depois do amanhecer, quando o Tio Tucker estava indo para a cama, ele costumava ver Bonnie, que por engano julgava que todos na rua estavam dormindo e surgia na varanda. Estava sempre vestida com o avental coberto de penas e às vezes carregava o travesseiro que o Tio Tucker chamava de “bolsa de água quente”, por causa do jeito como ela se agarrava a ele. Uma borda rasgada espalhava penas que esvoaçavam pelo ar ao redor de sua cabeça. Bonnie espirrou. Seu longo pescoço era delgado e branco e seus passos tinham o ritmo vacilante e dolorido de um famélico de Biafra, como se faltasse lubrificação nas articulações dos quadris. Como ele também era magérrimo graças à dieta líquida de cerveja, acreditamos nas declarações do Tio Tucker a respeito do peso de Bonnie. Não era como se a sra. Amberson tivesse dito que Bonnie estava definhando. Comparados a ela, todos estávamos. Mas a fivela turquesa e prata do cinto do Tio Tucker parecia tão grande em relação ao corpo dele quanto o cinturão cravejado de joias de um campeão dos pesos-pesados. Ele sabia do que estava falando. E, espiando da garagem, com uma das mãos na geladeira, observou Bonnie Lisbon se aproximar dos degraus da varanda com movimentos descoordenados, atravessar o gramado até chegar ao montinho de terra produzido meses antes na escavação e, no local da morte da irmã, começar a rezar o terço. Segurando o travesseiro com uma das mãos, passava as contas com a outra, cuidando para terminar antes que a primeira luz se acendesse no quarteirão e a vizinhança acordasse.

Não sabíamos se era ascetismo ou inanição. Segundo o Tio Tucker, ela parecia tranquila, sem o apetite febril de Lux ou a expressão severa e rígida de Mary. Perguntamos se ela estava carregando um santinho laminado da Virgem, mas ele achava que não. Parece que ela saía todas as manhãs, embora às vezes, quando algum filme do Charlie Chan estava passando, o Tio Tucker se esquecesse de conferir.

O Tio Tucker também foi o primeiro a detectar o odor que nunca conseguimos identificar. Certa manhã, quando Bonnie saiu em direção ao montinho de terra, deixou a porta da frente aberta, e o Tio Tucker percebeu um cheiro diferente de qualquer outro que já tinha sentido. De início, achou que fosse apenas uma intensificação do odor de ave molhada de Bonnie, mas o cheiro persistiu mesmo depois que ela voltou para dentro, e quando acordamos, também o sentimos. Mesmo quando começou a desabar, expelindo lufadas de madeira podre e carpete encharcado, a casa dos Lisbon começou a exalar esse outro cheiro, que invadia nossos sonhos e nos fazia lavar as mãos incontáveis vezes. Era um cheiro tão espesso que parecia líquido, e topar com aquela corrente era como receber um esguicho no rosto. Tentamos localizar a fonte, procurando esquilos mortos no quintal ou algum saco de adubo, mas o cheiro era pegajoso demais para pertencer à própria morte. Certamente estava nos domínios da vida, e fez David Black se lembrar de uma salada chique de cogumelos que havia comido com os pais em uma viagem a Nova York.

“É o cheiro de bacorinha presa”, afirmou Paul Baldino com ar circunspecto. Não tínhamos conhecimento suficiente para discordar, mas achamos difícil imaginar um aroma daqueles saindo dos ventrículos do amor. O cheiro era uma mistura de mau hálito com queijo, leite e saburra de língua, mas era também o cheiro de queimado dos dentes quando são perfurados pela broca. Era o tipo de mau hálito com o qual você se acostuma à medida que se aproxima, até não sentir mais nada, porque ele se mistura com seu próprio hálito. Com o passar dos anos, é claro, bocas abertas de mulheres lançaram sobre os nossos rostos alguns ingredientes desse cheiro original, e às vezes, deitados sobre lençóis estranhos, no escuro da traição ou do encontro aleatório daquela noite, demos as boas-vindas a qualquer novo fedor, por conta da conexão parcial com os eflúvios que começaram a soprar da casa dos Lisbon pouco depois que ela se fechou, e nunca cessaram. Mesmo agora, se nos concentrarmos, ainda conseguimos

senti-lo. O cheiro nos encontrou em nossas camas, e na pracinha enquanto brincávamos de queimada; desceu as escadas da casa dos Karafilis, de modo que a velha sra. Karafilis sonhou que tinha voltado a Bursa e estava cozinhando folhas de parreira. Chegou até nós, sobrepujando mesmo o fedor de charuto do avô do Joe Barton enquanto ele nos mostrava o álbum de fotografias de sua época na Marinha, explicando que as mulheres voluptuosas com pouca roupa eram apenas suas primas. O estranho é que, ainda que o cheiro fosse opressor, nunca cogitamos prender a respiração, ou, como último recurso, respirar pela boca, e depois dos primeiros dias passamos a sugar o aroma como se fosse leite materno.

Meses mortíços e dormentes se seguiram: janeiro preso no gelo; fevereiro implacável; março sujo e lamacento. Naquela época ainda tínhamos invernos, nevascas vigorosas, dias de aula cancelados. Presos em casa durante manhãs de neve, ouvindo no rádio os nomes de escolas fechadas (um desfile de nomes indígenas de condados, Washtenaw, Shiawassee, até chegar a nossa anglo-saxônica Wayne), ainda conhecíamos a sensação estimulante de ficar nos aquecendo dentro de um abrigo, como desbravadores. Hoje em dia, graças aos deslocamentos de ar causados pelas fábricas e ao aumento da temperatura do planeta, a neve nunca mais chega num ataque súbito e furioso, mas somente em vagarosas acumulações noturnas, flocos momentâneos. O mundo, um artista cansado, nos oferece outro arremedo de estação. Na época das meninas Lisbon, a neve caía toda semana, e munidos de pás abríamos caminho para os carros, formando pilhas mais altas que os próprios automóveis. Caminhões despejavam sal. Ergueram-se as luzes de Natal e o velho Wilson tomou a dianteira com sua decoração extravagante anual: um homem de neve com seis metros de altura e três renas mecanizadas puxando um gordo Papai Noel no trenó. A decoração sempre atraía uma fila de automóveis até a nossa rua, mas naquele ano os carros paravam duas vezes. Víamos famílias apontando e sorrindo para o Papai Noel e em seguida congelando ávidas diante da casa dos Lisbon, como curiosos mórbidos diante de um acidente. O fato de os

Lisbon não terem acendido luz alguma até o Natal passar fez a casa parecer ainda mais lúgubre. No gramado dos Pitzenberger, na casa ao lado, três anjos presos na neve sopravam trombetas vermelhas. Nos Bates, do outro lado da rua, jujubas coloridas brilhavam dentro dos arbustos congelados. Só em janeiro, depois de uma semana sem trabalho, o sr. Lisbon apareceu para pendurar algumas luzes. Cobriu os arbustos da frente, mas quando ligou as luzes na tomada não gostou do resultado. “Uma dessas luzes pisca”, comentou com o sr. Bates enquanto este caminhava até o carro. “A caixa diz que ela tem a ponta vermelha, mas conferi todas e não consigo encontrar a culpada. Odeio luzes que piscam.” Talvez odiasse mesmo, mas elas seguiram piscando sempre que ele se lembrava de ligá-las na tomada, à noite.

Durante o inverno inteiro, as meninas permaneceram esquivas. Às vezes uma ou outra saía de casa, se abraçando de frio, o hálito anuviando o rosto, e voltava para dentro depois de um minuto. À noite, Therese continuava a usar o equipamento de radioamador, telegrafando mensagens que a levavam para longe da casa, a quentes estados sulistas e até mesmo ao extremo da América do Sul. Tim Winer vasculhou as ondas do rádio em busca da frequência de Therese e algumas vezes alegou tê-la encontrado. Uma vez ela estava conversando com um homem na Georgia a respeito do cachorro dele (artrite nos quadris, operar ou não?), e em outra ocasião ela falava, através daquela mídia sem gênero ou nação, com um ser humano cujas poucas respostas Winer conseguiu registrar. Tudo transcrito em pontos e traços, mas fizemos ele traduzir para o inglês. A conversa foi mais ou menos assim:

“Você também?”

“Meu irmão.”

“Que idade?”

“Vinte e um. Bonito. Lindo ao violino.”

“Como?”

“Ponte perto. Corrente forte.”

“Como superar?”

“Nunca vou.”

“Como é a Colômbia?”

“Quente. Tranquila. Vem.”

“Gostaria.”

“Você está enganada a respeito dos *bandidos*.”

“Preciso ir. Mamãe chamando.”

“Pinte o teto azul como você disse.”

“Tchau.”

“Tchau.”

E foi isso. Achamos que a interpretação é bem óbvia, e mostra que ainda em março Therese estava tentando entrar em contato com um mundo mais livre. Mais ou menos nessa época, ela requisitou as fichas de inscrição de uma lista de faculdades (mais tarde os repórteres fariam uma festa com isso). As meninas também pediram catálogos de itens que nunca poderiam comprar, e a caixa de correio dos Lisbon voltou a ficar repleta: catálogos de móveis da Scott Shuptrine, roupas de luxo, férias exóticas. Impossibilitadas de ir a qualquer lugar, as meninas viajavam na imaginação até templos siameses com telhados de ouro ou cruzavam com um velho senhor armado de balde e vassoura de piaçava cuidando de um canto coberto de limo no Japão. Assim que obtivemos os nomes dessas brochuras, também as requisitamos, para ver aonde as meninas gostariam de ir. *Aventuras no Extremo Oriente. Excursões Livres e Soltas. Excursões Túnel da China. Expresso do Oriente*. Recebemos todas. E, virando as páginas, caminhamos por trilhas empoeiradas com as meninas, paramos de vez em quando para ajudá-las a tirar as mochilas, colocando as mãos nos ombros quentes e úmidos e contemplando o pôr do sol cor de mamão, dia após dia. Tomamos chá com elas num pavilhão à beira d'água, observando velozes peixes dourados. Fazíamos tudo o que tínhamos vontade, e Cecilia não havia se matado: era uma noiva em Calcutá, com um véu vermelho e as plantas dos pés tingidas de hena. Só conseguíamos nos sentir próximos das

meninas por meio dessas excursões impossíveis, que nos deixaram cicatrizes eternas e nos fizeram, em sonhos, mais felizes do que esposas poderiam nos fazer. Alguns de nós abusamos dos catálogos, ficando a sós com eles entre quatro paredes ou escondendo-os debaixo da camiseta. Mas não tínhamos muito mais a fazer, e a neve caiu, e o céu assumiu um cinza incansável.

Gostaríamos de poder relatar com propriedade como eram as coisas no interior da casa dos Lisbon, ou como as meninas se sentiam presas ali dentro. Às vezes, exaustos da investigação, sonhamos com alguma migalha de evidência, alguma Pedra de Roseta que enfim explicasse as meninas. Aquele inverno não foi nada feliz, sem dúvida, mas não podemos afirmar muita coisa além disso. Tentar localizar com precisão a dor das meninas é como fazer o autoexame que os médicos nos recomendam com insistência (se já chegamos a essa idade). Somos regularmente forçados a explorar com distanciamento clínico nossa bolsa mais íntima e, ao pressioná-la, ficamos impressionados com a realidade anatômica: dois ovos de tartaruga repousando em um ninho de minúsculos tunicados, tubos serpenteando para dentro e para fora, amontoados com nódulos de cartilagem. Nesse lugar escassamente mapeado, em meio a grumos e circunvoluções naturais, temos de procurar vasos repentinos. Nunca nos demos conta de que possuíamos tantos caroços até começarmos a vasculhar. E assim deitamos de barriga para cima, explorando, recuando, voltando a explorar, e as sementes da morte se perdem em meio à confusão que Deus fez de nós.

Com as meninas não é diferente. Mal começamos a apalpar o sofrimento e já estávamos nos perguntando se aquela ferida em especial foi mortal ou não, ou se (em nossa medicina cega) era de fato uma ferida. Poderia muito bem ser uma boca, igualmente úmida e quente. A cicatriz pode estar tanto sobre o coração como no joelho. Não sabemos. Tudo o que podemos fazer é seguir tateando pernas e braços até chegar ao macio

torso bivalve, até o rosto imaginado. Está falando conosco. Mas não conseguimos escutar.

Toda noite vigiávamos as janelas dos quartos das meninas. Ao redor das mesas de jantar, as conversas invariavelmente se voltavam para a situação da família. Será que o sr. Lisbon conseguiria outro emprego? Como sustentaria a família? Por quanto tempo as meninas aguentariam ficar trancafiadas? Até mesmo a velha sra. Karafilis empreendeu uma rara jornada ao térreo (ainda que não fosse dia de banho) só para fitar a casa dos Lisbon do outro lado da rua. Não conseguimos nos lembrar de outra ocasião em que a velha sra. Karafilis tivesse demonstrado algum interesse pelo mundo, porque desde que a conhecíamos ela morava no porão, esperando pela morte. Às vezes Demo Karafilis nos levava até o porão para jogar pebolim e, depois de passarmos por entre canos de aquecimento, camas de campanha e malas surradas, chegávamos como que por um túnel ao quartinho que a velha sra. Karafilis tinha decorado de modo que se parecesse com a Ásia Menor. Uvas artificiais pendiam de uma treliça no teto; caixas decorativas abrigavam bichos-da-seda; as paredes de concreto estavam pintadas exatamente com o mesmo azul do céu do velho país. Cartões-postais colados com fita adesiva serviam como janelas para outro tempo e lugar, nos quais a velha sra. Karafilis ainda vivia. Montanhas verdejantes se erguiam ao fundo, deixando um espaço para tumbas otomanas dilapidadas, telhados vermelhos, vapor subindo da barraca tecnicolor onde um homem vende pães quentes. Demo Karafilis nunca nos explicou qual era o problema da avó, nem achava estranho que a mantivessem ali no porão, em meio à imensa caldeira e aos ralos gorgolijantes (nosso subúrbio, construído numa baixada, era dado a alagamentos). Ainda assim, o jeito como ela se detinha diante dos cartões-postais, lambendo um dos polegares e o apertando sempre contra o mesmo ponto embranquecido, o jeito de sorrir com os dentes de ouro, meneando a

cabeça diante das paisagens como se estivesse cumprimentando os passantes, tudo isso nos dizia que a velha sra. Karafilis tinha sido moldada e entristecida por uma história da qual nada sabíamos. Quando acontecia de ela nos enxergar, dizia “Fecha a luz, *mou* queridinho”, e era isso que fazíamos, deixando-a no escuro, enquanto se abanava com o leque que a cada Natal recebia de brinde da casa funerária que havia enterrado seu marido. (O leque, de papelão barato grampeado num palito de picolé, mostrava Jesus rezando no Getsêmani com nuvens portentosas se acumulando às suas costas, e do outro lado havia uma propaganda de serviços funerários.) Além dos dias em que tomava banho, a velha sra. Karafilis só deixava o porão — com uma corda amarrada na cintura, o pai do Demo puxando levemente, Demo e os irmãos ajudando por trás — quando *Trem para Istambul* passava na televisão, uma vez a cada dois anos. Então ela se sentava no sofá, empolgada como uma garotinha, inclinava-se para a frente e esperava pela cena de dez segundos em que o trem passa por algumas colinas verdes que eram donas do seu coração. Ela erguia os dois braços e soltava um grito de abutre quando o trem — era sempre assim, todas as vezes — desaparecia dentro do túnel.

A velha sra. Karafilis nunca deu muita atenção às fofocas da vizinhança, principalmente porque não conseguia entender quase nada, e o pouco que entendia parecia trivial. Quando jovem, ela se escondeu dentro de uma caverna para não ser morta pelos turcos. Passou um mês inteiro comendo somente azeitonas, engolindo os caroços para ficar mais satisfeita. Viu parentes serem massacrados e homens pendurados ao sol com as partes pudendas enfiadas na boca, e ao ouvir que Tommy Riggs tinha batido o Lincoln dos pais e causado perda total, ou que a árvore de Natal dos Perkins tinha pegado fogo e matado o gato, não conseguia entender qual era o drama. A única vez em que demonstrou interesse foi quando mencionaram as meninas Lisbon, e mesmo assim não foi para fazer perguntas ou obter detalhes, mas para entrar em contato telepático com elas. Quando conversávamos sobre as meninas ao alcance do seu ouvido, a

velha sra. Karafilis levantava a cabeça, em seguida se erguia dolorosamente da cadeira e, com auxílio da bengala, cruzava o piso de cimento frio. Em um dos cantos do porão, uma janela rebaixada deixava entrar uma luz fraca e, chegando perto das vidraças frias, a velha sra. Karafilis encarava um pedaço de céu que se enxergava em meio às rendas de teias de aranha. Era o máximo que conseguia ver do mundo das meninas, apenas o mesmo céu que se via sobre a casa delas, mas era o suficiente. Cogitamos que talvez ela e as meninas conseguissem ler sinais secretos de desgraça nas nuvens, que apesar da discrepância de idades alguma coisa atemporal se comunicava entre elas, como se a velha sra. Karafilis estivesse aconselhando as meninas em seu grego murmurado: “Não percam tempo vivendo”. Folhas secas e em decomposição enchiam o poço da janela rebaixada, delimitado por uma cadeira quebrada que tínhamos usado para construir um forte. A luz transpassava o vestido caseiro da velha sra. Karafilis, fino e sem graça como uma toalha de papel. As sandálias eram perfeitas para usar numa *hammam*, sauna turca, mas não naquele piso gélido. No dia em que ela ficou sabendo do novo encarceramento das meninas, levantou a cabeça em um solavanco e assentiu sem sorrir. Mas já parecia saber de tudo.

Em seu banho semanal com sais de Epsom, falava das meninas, ou com elas, nunca conseguimos saber ao certo. Não chegávamos perto demais nem escutávamos pela fechadura, pois ficamos constrangidos com os poucos vislumbres que tivemos da velha sra. Karafilis sem roupa, os peitos seculares caídos, as pernas azuis, o cabelo solto de um comprimento e um brilho impressionantes, dignos de uma garota. Até mesmo o som da água na banheira nos fazia corar, a voz abafada dela soando por cima, reclamando de dores enquanto a senhora negra, também não muito jovem, a convencia a entrar no banho, as duas sozinhas com sua decrepitude atrás da porta do banheiro, gritando, cantando, primeiro era a senhora negra, depois a velha sra. Karafilis que entoava alguma canção grega, e por fim somente o ruído da água, cuja cor não conseguíamos imaginar, marulhando. Depois ela ressurgia, tão pálida quanto antes, a cabeça

envolta em uma toalha. Dava para ouvir os pulmões se inflando enquanto a senhora negra ajustava a corda ao redor da cintura da velha sra. Karafilis e começava a conduzi-la escada abaixo. Apesar do desejo de morrer o quanto antes, a velha sra. Karafilis sempre parecia sentir medo durante essas descidas, agarrando o corrimão, os olhos ampliados pelas lentes dos óculos sem aro. Às vezes, enquanto ela passava, contávamos as últimas novidades sobre as meninas e ela gritava “*Mana!*”, que significava algo como “Putá merda!”, Demo disse, mas ela nunca parecia estar realmente surpresa. Para além das janelas que contemplava semanalmente, para além da rua, vivia o mundo, que estava morrendo, a velha sra. Karafilis sabia, havia anos.

No fim não foi a morte que a surpreendeu, mas a teimosia da vida. Ela não conseguia entender como os Lisbon ficavam tão quietos, como não urravam para os céus nem enlouqueciam. Ao ver o sr. Lisbon pendurando luzes de Natal, ela sacudiu a cabeça e resmungou. Soltou o corrimão geriátrico especial instalado em todo o andar térreo, deu alguns passos sem apoio ao nível do mar e, pela primeira vez em sete anos, não sentiu dor alguma. Demo nos explicou da seguinte maneira: “Nós, gregos, somos um povo de humor instável. O suicídio faz sentido para nós. Instalar luzes natalinas depois que a própria filha se matou — isso não faz sentido algum. O que minha *yia yia* nunca conseguiu entender sobre os Estados Unidos é por que as pessoas passam o tempo inteiro fingindo que estão felizes”.

O inverno é a estação do alcoolismo e do desespero. Conte os bêbados na Rússia ou os suicidas em Cornell. Às vésperas das provas finais, tantos alunos se atiraram nas gargantas daquele campus montanhoso que a universidade resolveu decretar feriado no meio do inverno para diminuir a tensão (descobrimos esse feriado, conhecido popularmente como “Dia do Suicídio”, em uma pesquisa que fizemos no computador. O termo apareceu entre expressões como “bilhete de suicídio” e “suicídio assistido”). Também não conseguimos entender esses jovens de Cornell, uma certa Bianca que usava seu primeiro diafragma e tinha a vida inteira

pela frente se jogando da passarela, amortecida apenas pelo colete acolchoado; Bill, sombrio e existencialista, com seus cigarros de cravo e um sobretudo do Exército de Salvação, que não pulou como Bianca mas se pendurou no parapeito e ficou ali cortejando a morte antes de se soltar (os músculos dos ombros apresentam lesões em trinta e três por cento das pessoas que escolhem pontes; os outros sessenta e sete por cento simplesmente pulam). Mencionamos isso agora somente para demonstrar que até mesmo estudantes universitários, livres para encher a cara e fornicar, buscam a morte em número considerável. Imagine como eram as coisas para as meninas Lisbon, trancafiadas em casa, sem som alto ou *bong* à disposição.

Os jornais, que escreveram mais tarde sobre o que batizaram de “pacto suicida”, trataram as meninas como autômatos, criaturas tão parcamente vivas que pouco foram transformadas pela morte. No ímpeto dos relatos da srta. Perl, que resumia dois ou três meses e o sofrimento de quatro indivíduos em um único parágrafo intitulado “Quando a juventude não vê futuro”, as meninas surgem como personagens indistinguíveis, marcando letras “x” pretas em calendários ou dando as mãos em Missas Negras improvisadas. Insinuações a respeito de satanismo ou alguma forma leve de magia negra infestam as especulações da srta. Perl, que deu uma enorme ênfase ao episódio da queima de discos e fez várias menções a letras de rock que aludiam à morte ou ao suicídio. A srta. Perl fez amizade com um DJ local e passou uma noite inteira ouvindo os discos que os colegas de Lux tinham listado como seus prediletos. Dessa “pesquisa” veio o achado favorito da srta. Perl: uma música da banda Cruel Crux intitulada “Virgin Suicide”. O refrão foi reproduzido abaixo, ainda que nem a srta. Perl nem nós tenhamos descoberto se o disco estava entre aqueles que a sra. Lisbon forçou Lux a queimar:

Virgin suicide

What was that she cried?

No use in stayin’

*On this holocaust ride
She gave me her cherry
She's my virgin suicide**

Não se pode negar que a música se encaixa muito bem na ideia de que uma força oculta tomou conta das meninas, uma forma monolítica de mal pela qual não tínhamos responsabilidade alguma. Mas não havia nada de monolítico no comportamento delas. Enquanto Lux tinha encontros sexuais no telhado, Therese criava cavalos-marinhos fluorescentes em um copo d'água e, ao fim do corredor, Mary passava horas encarando um espelho portátil. Encaixado em uma oval de plástico cor-de-rosa, o espelho era cercado de lâmpadas expostas, como o espelho no camarim de uma atriz. Um interruptor permitia que Mary simulasse diversos horários e climas. Havia um controle para “manhã”, “tarde” e “noite”, e outro que permitia a escolha entre “sol radiante” e “nublado”. Mary ficava horas sentada diante do espelho, vendo o próprio rosto se transformar através daqueles mundos falsificados. Ela usava óculos escuros quando o sol brilhava, e se empacotava sob as nuvens. Às vezes o sr. Lisbon a surpreendia acionando o interruptor alternadamente, passando por dez ou vinte dias de uma só vez, e muitas vezes ela convencia alguma das irmãs a se sentar diante do espelho para que ela pudesse dar conselhos. “Viu, as olheiras aparecem quando está nublado. É porque nossa pele é muito branca. Na luz do sol... só um segundinho... viu, olha só, sumiram. Por isso você precisa usar mais base ou corretivo em dias nublados. Em dias de sol nossa tez fica meio desbotada, então precisamos de alguma cor. Batom, até mesmo sombra.”

O holofote da prosa da srta. Perl também tende a desbotar os traços das meninas. Usa bordões para descrevê-las, chamando-as de “misteriosas” ou “solitárias”, e em dado momento chega ao ponto de dizer que eram “atraídas pelo lado pagão da Igreja católica”. Nunca conseguimos entender

precisamente o que ela quis dizer com essa frase, mas para muita gente era uma referência à tentativa das meninas de salvar o olmo da família.

A primavera tinha enfim chegado. As árvores floresciam. As ruas estalavam com o degelo. O sr. Bates registrou novos buracos no asfalto, como fazia todos os anos, enviando uma lista datilografada para a Secretaria dos Transportes. No início de abril, o Departamento de Parques voltou para substituir as fitas que cercavam as árvores condenadas, desta vez usando, no lugar das vermelhas, fitas amarelas com a inscrição “Esta árvore foi diagnosticada com grafiose e será removida para evitar maior contágio. Por determinação do Depto. de Parques”. Era preciso dar três voltas na árvore para ler a frase inteira. O olmo no gramado em frente à casa dos Lisbon (ver Peça nº 1) estava entre as árvores condenadas, e ainda fazia frio quando um caminhão cheio de funcionários do Departamento chegou para cortá-lo.

Conhecíamos a técnica. Primeiro um homem subia até o topo da árvore dentro de uma gaiola de fibra de vidro e, depois de fazer um buraco na casca, encostava o ouvido no tronco como se tentasse escutar os batimentos defeituosos da árvore; em seguida, sem a menor cerimônia, começava a podar galhos menores, que caíam nas atentas luvas alaranjadas dos homens que estavam no chão. Estes então empilhavam os galhos de forma ordenada, como se fossem tábuas, e os faziam passar pela serra circular instalada na parte de trás do caminhão. Uma chuva de serragem se espalhava pela rua, e anos mais tarde, sempre que entrávamos em bares à moda antiga, a serragem no piso nos levava de volta à execução de nossas árvores. Depois de desnudar o tronco, os homens iam embora para desnudar outros, e por algum tempo a árvore permanecia arruinada, tentando erguer os braços aleijados, uma criatura reduzida ao mutismo, cuja repentina falta de voz permitia enfim que nos déssemos conta de que estivera falando o tempo inteiro. Diante daquele corredor da morte, as árvores lembravam a churrasqueira dos Baldino, e compreendemos que Sammy “Tubarão” tinha demonstrado uma enorme clarividência ao

planejar o túnel de fuga, pois considerou o aspecto que as árvores iriam adquirir, e não a aparência que elas tinham então, de modo que, se no futuro ele fosse mesmo obrigado a fugir, poderia escapar através de um entre cem troncos idênticos.

Normalmente, as pessoas saíam para se despedir de suas árvores. Não era incomum ver uma família reunida no gramado, a uma distância segura das motosserras, mães e pais cansados com dois ou três adolescentes cabeludos e um poodle com lacinho no pelo. As pessoas se sentiam donas das árvores. Seus cães tinham deixado suas marcas nelas diariamente. Seus filhos haviam usado as árvores em brincadeiras. Elas já estavam ali quando se mudaram e prometeram que estariam ali quando fossem embora. Mas quando o Departamento de Parques veio cortá-las, ficou claro que as árvores não pertenciam a nós, mas à cidade, que podia fazer o que bem entendesse com elas.

Os Lisbon, entretanto, não saíram de casa durante o corte dos galhos. As meninas assistiram a tudo de uma janela do andar de cima, os rostos brancos de creme de beleza. Investindo e recuando, o homem no alto da árvore arrancou a grandiosa coroa verde do olmo. Cortou fora o membro doente que tinha cedido no verão anterior e do qual brotaram folhas amarelas. Seguiu adiante para cortar também os membros saudáveis, deixando o tronco postado como um pilar cinzento no gramado em frente à casa dos Lisbon. Quando os homens foram embora no caminhão, não sabíamos ao certo se a árvore estava viva ou morta.

Nas duas semanas que se seguiram, ficamos esperando que o Departamento de Parques concluísse o trabalho, mas eles levaram três semanas para voltar. Dessa vez dois homens com motosserras desceram do caminhão. Deram a volta no veículo, tirando medidas, e então pegaram as motosserras e puxaram os cordões de partida. Estávamos no porão do Chase Buell nessa hora, jogando minibilhar, mas o zumbido chegou até nós através dos caibros. Os respiradouros de alumínio da calefação chacoalharam. As bolas coloridas tremeram sobre o feltro verde. O som das

motosserras preencheu nossas cabeças como uma broca de dentista, e corremos até o lado de fora para ver os homens avançando na direção do olmo. Usavam óculos de proteção contra lascas de madeira, mas, salvo por isso, exibiam o tédio vagaroso de homens acostumados ao massacre. Ergueram as guias rosnantes. Um dos homens cuspiu saliva cheia de tabaco. Então, acionando os motores, estavam a um passo de despedaçar a árvore quando um mestre de obras pulou do caminhão, agitando os braços furiosamente. Do outro lado do gramado, em formação de falange, as meninas Lisbon corriam na direção dos homens. A sra. Bates, que assistia a tudo, disse ter achado que as meninas se atirariam sobre as motosserras. “Estavam caminhando direto para cima dos homens. E tinham um olhar selvagem.” Os homens do Departamento de Parques não entenderam por que o mestre de obras estava pulando daquele jeito. “Minha visão estava bloqueada”, disse um deles. “As meninas apareceram bem diante da minha serra. Graças a Deus enxerguei elas a tempo.” Os dois homens as viram e ergueram as motosserras no ar, recuando. As meninas passaram reto por eles. Podia ser um jogo. Olharam para trás, como se estivessem com medo de serem apanhadas. Mas então chegaram à zona de segurança. Os homens desligaram as motosserras e o ar pulsante deu lugar ao silêncio. As meninas cercaram a árvore e deram as mãos, formando uma ciranda.

“Vão embora”, Mary ordenou. “Essa árvore é nossa.”

Não estavam de frente para os homens, mas para a árvore, pressionando os rostos contra o tronco. Therese e Mary estavam calçadas, mas Bonnie e Lux tinham saído descalças de casa, o que levou muitos a acreditarem que o resgate tinha sido uma ideia espontânea. Elas abraçavam o tronco, que se elevava sobre elas em direção ao nada.

“Meninas, meninas”, o mestre de obras tentou argumentar. “É tarde demais. Essa árvore já está morta.”

“Isso é o que você diz”, Mary respondeu.

“Ela está com besouros. Precisamos derrubar para que eles não passem para as outras árvores.”

“Não existe qualquer evidência científica de que a remoção sirva para limitar a infestação”, Therese protestou. “Essas árvores são ancestrais. Têm estratégias evolucionárias para lidar com besouros. Por que vocês não deixam as coisas nas mãos da natureza?”

“Se deixarmos as coisas nas mãos da natureza não vai sobrar árvore nenhuma.”

“Mas pelo jeito é isso mesmo que vai acabar acontecendo”, Lux disse.

“Pra começar, se navios não tivessem trazido o fungo da Europa”, disse Bonnie, “nada disso estaria acontecendo.”

“Não adianta chorar sobre o leite derramado, meninas. Agora precisamos usar a nossa tecnologia para salvar o que for possível.”

Na verdade talvez nada disso tenha sido dito. Montamos o diálogo por meio de relatos parciais e podemos garantir somente o conteúdo geral. As meninas de fato sentiam que as árvores tinham mais chances de sobreviver se fossem deixadas em paz, e culpavam a arrogância humana pela doença. Mas para muita gente isso não passava de uma desculpa. Aquele olmo, como todos sabiam, tinha sido o predileto de Cecilia. O nó no tronco, coberto de alcatrão, ainda guardava a pequena marca da mão dela. A sra. Scheer se lembrava de ter visto Cecilia muitas vezes debaixo daquela árvore na primavera, tentando apanhar os projéteis giratórios de suas sementes. (De nossa parte, temos na memória essas sementes verdes alojadas em uma única asa fibrosa, e a maneira como desciam como helicópteros até o chão, mas não temos certeza se vinham mesmo dos olmos ou se caíam, digamos, dos castanheiros, e nenhum de nós tem à mão um manual de botânica, tão popular entre exploradores e realistas.) De qualquer modo, muitas pessoas em nossa vizinhança não tinham dificuldades em imaginar motivos possíveis para que as meninas ligassem o olmo a Cecilia. “Não estavam salvando a *árvore*”, declarou a sra. Scheer. “Estavam salvando a memória da irmã.”

Três anéis se formaram em volta da árvore: o anel loiro das meninas Lisbon, o anel verde-floresta dos homens do Departamento de Parques e,

mais distante, o anel de curiosos. Os homens discutiram com as meninas, ficaram mais severos, tentaram suborná-las com um passeio de caminhão e, por fim, apelaram para ameaças. O mestre de obras mandou seus homens fazerem uma pausa para o almoço, pensando que as meninas desistiriam, mas mesmo depois de quarenta e cinco minutos elas continuavam envolvendo a árvore. Ele acabou indo até a casa para falar com o sr. e a sra. Lisbon, mas, para nossa surpresa, eles não foram nada prestativos. Abriram a porta juntos, o sr. Lisbon com o braço sobre os ombros da esposa em uma rara demonstração física de afeto. “Temos ordens de cortar seu olmo”, explicou o mestre de obras. “Mas suas filhas não estão deixando.”

“Como vocês sabem que a árvore está doente?”, a sra. Lisbon perguntou.

“Acredite em mim. Nós sabemos. Ela tem folhas amarelas. Ela *tinha* folhas amarelas. Já cortamos esse galho. A árvore está morta, pelo amor de Deus.”

“Somos partidários do aritex”, disse o sr. Lisbon. “Conhece? Nossa filha nos mostrou um artigo a respeito. É um tratamento menos agressivo.”

“E que não funciona. Olha, se deixarmos essa árvore aí todas as outras vão morrer até o ano que vem.”

“É o que vai acontecer de qualquer modo, do jeito que as coisas andam”, disse o sr. Lisbon.

“Não quero ter de chamar a polícia.”

“Polícia?”, perguntou a sra. Lisbon. “As meninas só estão paradas no próprio gramado. Desde quando isso é crime?”

Nessa hora o mestre de obras desistiu, mas não levou a ameaça adiante. Quando voltou ao caminhão, o Pontiac azul da srta. Perl tinha estacionado atrás dele. Um fotógrafo do jornal já estava tirando as fotos que mais tarde seriam publicadas. Menos de uma hora tinha se passado entre o instante em que as meninas cercaram a árvore e o inusitado flagra da srta. Perl, mas ela nunca divulgou a fonte da informação. Muita gente acredita que foram as próprias meninas, em busca de publicidade, mas não há como saber.

Enquanto o fotógrafo seguia clicando, o mestre de obras mandou seus homens entrarem no caminhão. No dia seguinte, foi publicado um artigo curto, acompanhado por uma fotografia granulada em que as meninas abraçavam a árvore (Peça nº 8). Pareciam um grupo de druidas adorando o olmo. Na foto não se pode ver que a árvore termina de repente, seis metros acima de suas cabeças inclinadas.

“Quatro irmãs de Cecilia Lisbon, a adolescente do East Side cujo suicídio no verão passado chamou atenção para um problema nacional, colocaram os corpos em risco nesta quarta-feira em uma tentativa de salvar o olmo que Cecilia tanto amava. A árvore foi diagnosticada com grafiose no ano passado, e sua remoção estava marcada para esta primavera.” A partir disso, ficou claro que a srta. Perl aceitava a teoria de que as meninas salvaram a árvore em memória da irmã, e, pelo que lemos no diário de Cecilia, não há motivos para discordar. Anos mais tarde, todavia, quando conversamos com o sr. Lisbon, ele negou essa versão da história. “Quem gostava de árvores era a Therese. Sabia tudo sobre elas. Todas as espécies. A profundidade das raízes. Não me lembro de algum dia ter visto Cecilia demonstrar qualquer interesse pela vida vegetal, sinceramente.”

As meninas só romperam a ciranda depois que o Departamento de Parques foi embora. Esfregando os braços doloridos, voltaram para dentro de casa sem sequer olhar para nós, reunidos nos jardins vizinhos. Chase Buell ouviu Mary dizer “Eles vão voltar” enquanto elas entravam. O sr. Patz, acompanhado por um grupo de umas dez pessoas, afirmou: “Eu estava do lado delas. Quando os homens da prefeitura foram embora, deu vontade de aplaudir”.

A árvore sobreviveu por mais algum tempo. O Departamento de Parques transferiu-a para o fim da lista, removendo outras árvores do nosso quarteirão, mas ninguém mais foi corajoso ou iludido o suficiente para enfrentá-los. O olmo dos Buell, com o balanço de pneu, foi derrubado; o olmo dos Fusilli desapareceu enquanto estávamos na escola; e o olmo dos Shalaan também sumiu. Logo o Departamento de Parques passou para os

outros quarteirões, embora o zumbido incessante das motosserras nunca tenha permitido que nós, ou as meninas, nos esquecêssemos de sua existência.

A temporada de beisebol teve início e nos perdemos em campos verdes. Às vezes, nos velhos tempos, o sr. Lisbon levava as meninas para assistir a uma partida, e elas se sentavam nas arquibancadas, torcendo como todo mundo. Mary conversava com as animadoras de torcida. “Ela sempre quis ser animadora. Mas a mãe dela não deixava”, disse Kristi McCulchan. “Ensinei alguns passos. Ela era muito boa.” Não tínhamos dúvida. Sempre olhamos para as meninas Lisbon, em vez de assistir às nossas animadoras tontas. Em jogos tensos elas roíam os punhos e achavam que todas as bolas bem rebatidas seriam um *home run*. Quicavam para cima e para baixo e então se levantavam, acompanhando a descida precoce da bola em direção à luva do defensor externo. No ano dos suicídios as meninas não apareceram em jogo nenhum, e nem esperamos por isso. Aos poucos, fomos parando de esquadrihar as arquibancadas em busca de seus rostos empolgados, e deixamos de caminhar por baixo dos bancos para ver o que conseguíamos enxergar das meninas, cortadas em fatias.

Embora sentíssemos pena e continuássemos pensando nas meninas Lisbon, elas estavam cada vez mais distantes de nós. As imagens preciosas que guardávamos delas — em roupas de banho, atravessando o jato de um irrigador de jardim ou correndo de uma mangueira transformada em cobra gigante pela pressão da água — começaram a desvanecer, ainda que meditássemos religiosamente sobre elas em nossos momentos mais íntimos, deitados na cama ao lado de dois travesseiros unidos por um cinto para simular uma forma humana. Não conseguíamos mais evocar com nossos ouvidos internos os tons e cadências precisos das vozes das meninas Lisbon. Até o sabonete de jasmim da Jacobsen’s, armazenado dentro de uma velha caixa de pão, havia umedecido e perdido o aroma, e agora tinha

o mesmo cheiro de uma caixa de fósforos molhada. Ao mesmo tempo, o fato de as garotas estarem afundando aos poucos não tinha penetrado nossas mentes por completo, e em algumas manhãs acordávamos para um mundo ainda intacto: espreguiçávamos, saíamos da cama e só depois de esfregar os olhos diante da janela lembrávamos da casa que apodrecia do outro lado da rua e das janelas que, escurecidas pelo limo, escondiam as meninas do nosso olhar. A verdade era a seguinte: estávamos começando a esquecer as meninas Lisbon, e não havia mais nada de que pudéssemos lembrar.

As cores dos olhos estavam se apagando, o lugar das pintas, covinhas e cicatrizes. Fazia tanto tempo que não víamos os sorrisos das meninas Lisbon que não conseguíamos mais visualizar seus dentes acavalados. “Viraram apenas lembranças”, disse Chase Buell, triste. “Está na hora de esquecermos delas.” Mas assim que pronunciou essa frase, rebelou-se contra as próprias palavras, assim como todos nós. E em vez de consagrar as meninas ao esquecimento, voltamos a reunir seus pertences, tudo o que tínhamos acumulado durante nossa estranha curadoria: o tênis de cano alto de Cecília; o microscópio de Therese; uma caixa de joias onde um fio do cabelo loiro-encardido de Mary jazia sobre algodão; a fotocópia do santinho laminado da Virgem de Cecília; uma das blusinhas de Lux. Empilhamos tudo no meio da garagem do Joe Larson, abrindo a porta automática até a metade para enxergar o lado de fora. O sol tinha se posto e o céu estava escuro. Sem o Departamento de Parques, a rua tinha voltado a ser nossa. Pela primeira vez em meses, uma luz se acendeu na casa dos Lisbon, e logo em seguida se apagou. Outra luz, em um cômodo adjacente, piscou em resposta. Ao redor das auréolas dos postes de luz, percebemos um discreto turbilhão que de início não reconhecemos por ser tão familiar, um padrão de êxtase e loucura desprovido de qualquer sentido: o aglomerado das primeiras efeméridas da estação.

Um ano tinha se passado e ainda não entendíamos nada. De cinco, as meninas se reduziram a quatro, e todas elas — as vivas e a morta —

estavam se tornando sombras. Nem mesmo a coleção de pertences variados disposta aos nossos pés servia para reafirmar sua existência, e nada parecia mais anônimo que uma certa bolsa de vinil, coberta de correntes douradas, que podia ter pertencido a qualquer uma das meninas ou a qualquer menina no mundo. O fato de um dia termos sido íntimos o suficiente para reconhecer o aroma dos xampus de cada uma delas (de um jardim de ervas aromáticas ao capim-limão, passando por um bosque de maçãs-verdes) começou a se tornar cada vez mais irreal.

Por quanto tempo conseguiríamos permanecer fiéis às meninas? Por quanto tempo conseguiríamos manter pura a sua memória? De certo modo não as conhecíamos mais, e seus novos hábitos — abrir uma janela, por exemplo, para atirar uma toalha de papel amassada — faziam com que nos perguntássemos se um dia as tínhamos realmente conhecido, ou se nossa vigilância não tinha passado de uma papiloscopia de fantasmas. Nossos talismãs pararam de funcionar. Ao ser tocada, a saia xadrez de Lux evocava apenas uma lembrança indistinta de como ela a usava na escola — uma mão entediada remexendo o alfinete de prata, abrindo, deixando as pregas soltas sobre os joelhos à mostra, prestes a cair a qualquer instante, mas nunca, nunca... Tínhamos de manipular a saia por minutos a fio para enxergar claramente. E todos os outros slides em nosso carrossel começaram a desbotar da mesma forma, ou clicávamos e nada aparecia na fenda do projetor, deixando-nos arrepiados diante da parede branca.

Teríamos perdido as meninas de vez se elas não tivessem entrado em contato conosco. Bem quando começamos a perder as esperanças de algum dia estar perto delas de novo, mais santinhos laminados da Virgem começaram a aparecer. O sr. Hutch topou com um deles enfiado debaixo do limpador de para-brisa do carro e, sem reconhecer sua importância, amassou a imagem e jogou-a no cinzeiro. Foi encontrada mais tarde por Ralph Hutch, sob uma camada de cinzas e bitucas de cigarro. Quando o santinho chegou às nossas mãos, estava queimado em três pontos. Ainda assim, dava pra ver que era idêntico à imagem da Virgem que Cecilia

segurava na banheira, e quando limpamos a fuligem, o número de telefone 555-MARIA veio à tona no verso.

Hutch não foi o único a encontrar um santinho. A sra. Hessen encontrou outro enfiado no meio das roseiras. Certo dia, Joey Thompson escutou um chiado incomum nas rodas da bicicleta e, quando olhou para baixo, viu um santinho da Virgem colado entre os raios. Por fim, Tim Winer encontrou um santinho preso no reboco das janelas do gabinete, olhando para ele. A imagem estava ali havia algum tempo, segundo ele, porque a superfície laminada tinha absorvido umidade, dando ao rosto da Virgem um toque de gangrena. Fora isso era igual: vestida com um manto azul de gola redonda de lamê dourado. Na cabeça, tinha uma coroa que lembrava o logotipo da margarina Imperial. Um rosário envolvia a cintura e, como de costume, a Mãe Santíssima tinha a expressão beatífica de alguém que toma lítio. Ninguém jamais viu alguma das meninas espalhando os santinhos, nem descobriu por que elas faziam isso. Mesmo agora, tantos anos depois, conseguimos nos recordar sem dificuldade da excitação que tomava conta de todos nós quando alguém aparecia com uma nova descoberta. Os santinhos eram imbuídos de uma significância que não conseguíamos decifrar, e seu estado lamentável — rasgões, mofo — fazia com que parecessem ancestrais. “Sentíamos”, escreveu Tim Winer em seu diário, “como se estivéssemos desenterrando a tornozela de uma pobre garota soterrada em Pompeia. Ela tinha acabado de colocar a joia e a sacudia diante da janela para admirar o brilho das pedras, que de repente se acenderam e ficaram vermelhas como a erupção do vulcão” (Winer era um grande leitor de Mary Renault).

Além dos santinhos da Virgem, tivemos certeza de que as meninas estavam nos mandando sinais de outras maneiras. Já era maio quando a lanterna chinesa de Lux começou a piscar um código Morse indecifrável. Todas as noites, enquanto a rua escurecia, a luz se acendia e o calor da lâmpada fazia girar uma lanterna mágica interna que projetava sombras nas paredes. Imaginamos que as sombras compunham alguma mensagem,

e isso foi confirmado por binóculos, mas no fim das contas descobrimos que as mensagens estavam escritas em chinês. A lanterna costumava se apagar e se acender em padrões diversos — três curtos, dois longos, dois longos, três curtos —, após os quais a luz do quarto se acendia, revelando o cômodo como em uma exposição de museu. Respeitamos as cordas de veludo enquanto avançamos em nossa breve excursão pelo mobiliário de fins do século xx: uma cabeceira de cama da Sears com criado-mudo combinando; a luminária da Apollo 11 de Therese iluminando o pôster em tamanho real de Billy Jack com um chapéu negro de abas retas e um cinto navajo. A visita durou apenas trinta segundos, e então o quarto de Lux e Therese ficou escuro novamente. Em seguida o quarto de Bonnie e Mary se acendeu duas vezes, como se fosse uma resposta. Nenhuma silhueta passou diante das janelas, nem a duração das iluminações correspondia a qualquer atividade habitual. As luzes das meninas se acendiam e apagavam sem que conseguíssemos encontrar nenhum motivo para isso.

Tentávamos decifrar o código todas as noites. Tim Winer começou a registrar os clarões das meninas com seu lápis mecânico, mas de alguma forma sabíamos que eles não corresponderiam a nenhum modo estabelecido de comunicação. Em algumas noites as luzes nos hipnotizavam tanto que, quando recobrávamos a consciência, tínhamos esquecido onde estávamos e o que estivéramos fazendo, e só restava o brilho de cabaré da lanterna chinesa de Lux iluminando o quatinho dos fundos de nossos cérebros.

Levamos algum tempo para perceber as luzes no antigo quarto de Cecilia. Distraídos pelos clarões nos extremos da casa, deixamos de notar os pontinhos vermelhos e brancos cintilando na janela de onde ela tinha pulado dez meses antes. Depois de percebê-los, não conseguíamos chegar a uma conclusão a respeito do que seriam. Alguns acreditavam que eram varetas de incenso brilhando durante uma cerimônia secreta, outros alegavam que eram apenas cigarros. A teoria dos cigarros foi por água abaixo assim que detectamos um número de pontos vermelhos luminosos

bem maior que o de possíveis fumantes, e, quando contamos dezesseis, compreendemos ao menos parte do mistério: as meninas tinham criado um santuário para a irmã morta. Aqueles que frequentavam a missa comentaram que a janela lembrava a gruta da Igreja católica de St. Paul, no lago, mas em vez de fileiras organizadas de velas votivas, todas iguais em tamanho e importância como as almas que conduziam, as meninas tinham projetado uma fantasmagoria de faróis. Fundiram a cera das velas da sala de jantar em uma única peça de parafina, dotada de seu próprio pavio. Criaram dez tochas a partir de uma “vela artesanal” psicodélica comprada por Cecilia em uma feirinha de rua. Acenderam as seis velas bojudas de emergência que o sr. Lisbon guardava no armário do andar de cima para usar em caso de queda de energia. Atearam fogo em três batons de Mary, que queimavam surpreendentemente bem. No peitoril da janela, em xícaras penduradas em cabides, em velhos vasos de plantas, em caixas de leite cortadas ao meio, as velas queimavam. À noite, víamos Bonnie cuidando das chamas. Às vezes, ao encontrar velas se afogando na própria cera, ela escavava trincheiras com tesouras; mas na maior parte do tempo ficava observando as velas, como se o resultado final disso fosse um recado para ela, as chamas quase se apagando, mas persistindo, ávidas por oxigênio.

Além de rogar a Deus, as velas rogavam também a nós. A lanterna chinesa enviava seu s.o.s. intraduzível. A luz do quarto nos mostrava o estado deplorável da casa dos Lisbon e também Billy Jack, que tinha vingado o estupro da namorada usando técnicas renegadas de caratê. Os sinais das meninas chegavam até nós e a mais ninguém, como uma estação de rádio sintonizada apenas pelos nossos aparelhos ortodônticos. À noite, imagens residuais piscavam por trás de nossas pálpebras ou pairavam sobre nossas camas como um enxame de vaga-lumes. Nossa incapacidade de fornecer qualquer resposta tornou os sinais ainda mais importantes. Assistíamos todas as noites ao espetáculo, sempre à beira de descobrir a chave, e Joe Larson tentou até piscar as luzes do próprio quarto em

resposta, mas isso fez a casa dos Lisbon ficar totalmente às escuras, e nos sentimos repreendidos.

A primeira carta chegou no dia 7 de maio. Inserida na caixa de correio de Chase Buell com o resto da correspondência, não tinha selo nem endereço de remetente, mas quando a abrimos reconhecemos de imediato a hidrográfica roxa com a qual Lux gostava de escrever.

*Caro qualquer um,
Diz pro Trip que eu o superei.
Ele é podre.
Adivinha Quem*

E isso era tudo. Outras cartas chegaram nas semanas seguintes, expressando diversos estados de espírito, cada envelope entregue em nossas casas na calada da noite pelas próprias meninas. Ficávamos ouriçados ao imaginá-las escapando de casa e andando pela rua, e houve noites em que tentamos ficar acordados por tempo suficiente para vê-las. Sempre acordávamos de manhã percebendo que tínhamos caído no sono durante a vigia. Na caixa de correio, como uma moeda deixada sob nossos travesseiros pela Fada dos Dentes, uma carta estava à nossa espera. Foram oito, no total. Nem todas redigidas por Lux. Nenhuma assinada. Todas curtas. Uma delas dizia: “Lembram de nós?”. Outra dizia: “Abaixo os garotos nojentos”. E outra: “Atenção às nossas luzes”. A mais longa dizia: “Nessa escuridão haverá luz. Vocês nos ajudam?”.

Durante o dia, a casa dos Lisbon parecia abandonada. O lixo que a família colocava na rua uma vez por semana (também no meio da noite, porque ninguém os via fazer isso, nem mesmo o Tio Tucker) ficava cada vez mais parecido com os resíduos de pessoas condenadas a um longo cerco. Andavam comendo feijão-verde enlatado. Temperando arroz com molho à bolonhesa pronto. À noite, quando as luzes emitiam seus sinais, cavocávamos nossos cérebros atrás de alguma maneira de fazer contato

com as meninas. Tom Faheem sugeriu empinar uma pipa com um bilhete perto da casa dos Lisbon, mas a ideia foi vetada por motivos logísticos. Johnny Buell propôs como alternativa que atirássemos o mesmo bilhete com uma pedra pela janela das meninas, mas ficamos com medo que o barulho do vidro se quebrando alertasse a sra. Lisbon. No fim das contas, a resposta era tão simples que precisamos de uma semana para chegar até ela.

Telefonamos para as meninas.

Na lista telefônica dos Larson, desbotada pelo sol, entre Licker e Little, encontramos o registro intacto de Lisbon, Ronald A. Estava bem na metade da página ímpar, sem nenhuma marca, código ou símbolo, nem mesmo um asterisco fazendo referência a uma sofrida nota de rodapé. Ficamos olhando para aquele registro por algum tempo. Então, usando três dedos indicadores ao mesmo tempo, discamos.

O telefone tocou onze vezes antes que o sr. Lisbon atendesse. “O que vai ser hoje?”, perguntou de cara com uma voz de cansaço. Parecia estar enrolando a língua. Cobrimos o bocal do telefone e não dissemos nada.

“Estou esperando. Hoje vou ficar ouvindo toda a merda que você tem para dizer.”

Um clique soou na linha, como uma porta se abrindo para um corredor vazio.

“Olha aqui. Dá um tempo, certo?”, o sr. Lisbon balbuciou.

Uma pausa. Respirações variadas, reformuladas mecanicamente, se encontraram no espaço eletrônico. Então o sr. Lisbon falou com uma voz que não era dele, um guincho agudo... a sra. Lisbon tinha agarrado o telefone.

“Por que não nos deixa em paz?”, gritou, e depois bateu o telefone no gancho.

Não desligamos. Por mais cinco segundos a respiração furiosa da sra. Lisbon soprou pelo fone, mas, como esperávamos, a ligação não foi interrompida. Na outra ponta, uma presença obscura ficou à espera.

Emitimos um olá hesitante. Depois de um instante, uma voz débil e enfraquecida respondeu: “Oi”.

Fazia muito tempo que não ouvíamos as meninas Lisbon falarem, mas a voz não sacudiu nossas lembranças. Soava — talvez porque o aparelho estivesse chiando — irreparavelmente alterada, diminuída, a voz de uma criança que caiu dentro de um poço. Não sabíamos qual das meninas estava falando, nem sabíamos o que falar. Ainda assim continuamos todos ali — ela, eles, nós — e, em algum canto adjacente do sistema telefônico, outra linha se conectou. Um homem começou a ter uma conversa subaquática com uma mulher. Conseguimos escutar metade da conversa (“Pensei numa salada...” “Salada? Você vai acabar me matando com essas saladas”), mas então outro circuito deve ter sido liberado, porque o casal foi abafado de repente, nos deixando num silêncio cheio de zumbidos, e a voz, em carne viva mas agora mais forte, disse: “Merda. Depois a gente se vê”, e a ligação foi encerrada.

Telefonamos mais uma vez no dia seguinte, no mesmo horário, e a ligação foi atendida ao primeiro toque. Esperamos um momento, por segurança, e então levamos adiante o plano traçado na noite anterior. Segurando o fone diante de uma das caixas de som do sr. Larson, tocamos a canção que comunicava da forma mais completa o que sentíamos pelas meninas Lisbon. Não conseguimos mais lembrar o título dessa música, e uma busca extensiva em discos daquele período se mostrou infrutífera. Mas lembramos os sentimentos essenciais, versos sobre dias difíceis, noites longas, um homem parado diante de uma cabine telefônica quebrada esperando que de alguma forma o telefone toque, e chuva e arco-íris. Eram guitarras, principalmente, exceto por um interlúdio ao som suave de um violoncelo. Tocamos a canção pelo telefone, Chase Buell falou nosso número, e desligamos.

No dia seguinte, na mesma hora, nosso telefone tocou. Atendemos de imediato, e após certa confusão (o aparelho telefônico foi derrubado) ouvimos uma agulha descer sobre um disco e a voz de Gilbert O’Sullivan

começou a cantar em meio a arranhões. Talvez você se lembre da canção, uma balada que registra os infortúnios da vida de um jovem que a cada verso vai ficando mais sozinho (os pais morrem, a noiva o abandona no altar). Sabíamos que era a música predileta da sra. Eugene, porque ela vivia cantarolando essa balada diante das panelas fumegantes. A música nunca tinha significado muita coisa para nós, pois falava de uma idade à qual ainda não tínhamos chegado, mas assim que a ouvimos tocando baixinho através do telefone, vinda das meninas Lisbon, sentimos seu impacto. A voz élfica de Gilbert O’Sullivan era tão aguda quanto a de uma garota. As letras podiam ser registros de diário cochichados em nossos ouvidos pelas meninas. Ainda que não fossem delas as vozes que escutávamos, a canção conjurava suas imagens de forma mais vívida do que nunca. Sentíamos as meninas Lisbon do outro lado, soprando a poeira da agulha, segurando o telefone sobre o disco negro giratório e tocando a música num volume baixo o suficiente para não ser escutado pelos pais. Quando a canção terminou, a agulha deslizou pelo anel interno, emitindo um clique repetido (como se fosse o mesmo instante vivido muitas e muitas vezes). Joe Larson tinha nossa resposta engatilhada, e depois que a tocamos as meninas Lisbon tocaram a delas, e a noite prosseguiu assim. A maioria das canções que tocamos foram esquecidas, mas parte dessa troca de contrapontos sobreviveu registrada a lápis por Demo Karafilis no verso do seu disco *Tea for the Tillerman*, de Cat Stevens. Aqui está:

as meninas Lisbon “Alone Again, Naturally”,
Gilbert O’Sullivan
nós .“You’ve Got a Friend”, James Taylor
as meninas Lisbon “Where Do the Children
Play?”, Cat Stevens
nós “Dear Prudence”, The Beatles
as meninas Lisbon “Candle in the Wind”, Elton John
nós “Wild Horses”, The Rolling Stones

as meninas Lisbon “At Seventeen”, Janice Ian
nós “Time in a Bottle”, Jim Croce
as meninas Lisbon “So Far Away”, Carole King

Na verdade, não temos certeza sobre a ordem. Demo Karafilis anotou os títulos aleatoriamente. Mas a ordem acima cumpre seu papel de traçar o avanço básico de nossa conversa musical. Como Lux tinha queimado os discos de rock, as canções das meninas eram basicamente folk. Vozes límpidas e queixosas reivindicavam justiça e igualdade. Uma rabeca ocasional evocava o campo que existira um dia. Os músicos tinham pele ruim ou usavam botas. As canções, uma após a outra, palpitavam com dores secretas. Passamos o fone grudento de orelha em orelha, escutando batidas tão regulares como se estivéssemos com os ouvidos encostados nos peitos das meninas. Às vezes tínhamos a impressão de ouvi-las cantando junto, e era quase como estar em um show com elas. Nossas canções, em sua maioria, eram canções de amor. Cada seleção tentava levar a conversa a uma direção mais íntima. Mas as meninas Lisbon se mantinham em tópicos mais impessoais. (Aproximamo-nos e falamos sobre o seu perfume. Elas responderam que deviam ser as magnólias.) Depois de algum tempo, nossas canções ficaram mais tristes e melosas. Foi então que as meninas tocaram “So Far Away”. Percebemos a guinada imediatamente (elas tinham deixado a mão repousar sobre nosso pulso), e escolhemos “Bridge Over Troubled Water”, aumentando o volume porque a canção expressava melhor do que qualquer outra como nos sentíamos a respeito das meninas e como queríamos ajudá-las. Quando terminou, ficamos à espera da resposta. Após uma longa pausa, a vitrola voltou a girar, e escutamos a canção que mesmo hoje, em meio à música ambiente enlatada dos shoppings, nos faz parar e olhar para um tempo que se perdeu:

*Hey, have you ever tried
Really reaching out for the other side*

*I may be climbing on rainbows,
But, baby, here goes:
Dreams, they're for those who sleep
Life, it's for us to keep
And if you're wondering what this song is leading to
I want to make it with you. ***

A linha ficou muda. (Sem aviso, as meninas nos envolveram em seus braços, fizeram confissões ardentes em nossos ouvidos e fugiram da sala.) Por alguns minutos ficamos imóveis, ouvindo o zumbido da linha telefônica. Então começou a soar um bipe raivoso e uma gravação nos mandou desligar o telefone, desligá-lo imediatamente.

Nunca tínhamos sonhado que as meninas também pudessem nos amar. Era uma ideia estonteante, e deitamos no carpete dos Larson, que tinha cheiro de desodorante de animais de estimação e, mais no fundo, dos próprios animais de estimação. Por um longo tempo, ninguém falou nada. Mas pouco a pouco, ao movermos pedaços de informação em nossas cabeças, enxergamos as coisas por um novo ângulo. As meninas não tinham nos convidado para a festa no ano anterior? Não sabiam nossos nomes, nossos endereços? Quando limpavam círculos nas janelas sujas, não olhavam para fora à nossa procura? Esquecemos de todo o resto e nos demos as mãos, sorrindo de olhos fechados. No aparelho de som, Garfunkel atingiu as notas agudas e não pensamos em Cecília. Pensamos somente em Mary, Bonnie, Lux e Therese, desamparadas na vida, impossibilitadas de falar conosco, o que naquela noite se deu de forma inexata e tímida. Recordamos seus últimos meses na escola, coletando novas lembranças. Certo dia, Lux tinha esquecido o livro de matemática e precisou sentar-se com Tom Faheem. Na margem de uma página, escreveu: “Quero sair daqui”. Até onde ia esse desejo? Pensando em retrospecto, concluimos que as meninas tinham passado o tempo inteiro tentando falar conosco e pedir nossa ajuda, mas estivéramos apaixonados demais para ouvir. Nossa vigilância tinha sido tão concentrada que não

deixamos passar nada, exceto um simples olhar devolvido. A quem mais elas poderiam recorrer? Não aos pais. Nem aos vizinhos. Dentro de casa eram prisioneiras; fora dela, leprosas. E assim se esconderam do mundo, esperando por alguém — nós — para salvá-las.

Mas nos dias seguintes não tivemos sucesso ao telefonar para as meninas. O telefone tocava sem esperança, desolado. Imaginamos o aparelho uivando debaixo de travesseiros enquanto as meninas procuravam por ele, em vão. Sem conseguir fazer contato, compramos *The Best of Bread* e colocamos “Make It With You” para tocar repetidas vezes. Conversamos muito sobre túneis, que começariam no porão dos Larson e passariam por baixo da rua. A terra poderia ser transportada nas nossas calças, que seriam esvaziadas durante passeios como em *Fugindo do Inferno*. As possibilidades dramáticas nos atraíram tanto que por algum tempo esquecemos que nosso túnel já tinha sido escavado: o esgoto pluvial. Mas quando conferimos as galerias, vimos que estavam cheias d’água: o nível do lago tinha voltado a subir naquele ano. Não importava. O sr. Buell tinha uma escada extensível que poderíamos facilmente apoiar nas janelas das meninas. “Como se estivessem fugindo para casar”, comentou Eugie Kent, e as palavras fizeram nossas mentes vagarem até um juiz de paz de cidade pequena, com rosto vermelho, e um vagão-dormitório de trem atravessando campos azuis de trigo à noite. Imaginamos todo tipo de coisas, à espera de um sinal das meninas.

Nada disso — os discos tocando, as luzes piscantes, os santinhos da Virgem — chegou aos jornais, é claro. Encarávamos nossa comunicação com as Lisbon como uma confidência sagrada, mesmo depois de tamanha fidelidade ter deixado de fazer sentido. A srta. Perl (que mais tarde publicou um livro com um capítulo inteiro dedicado às meninas Lisbon) descreve seus ânimos afundando cada vez mais, em uma progressão inevitável. Demonstra suas patéticas tentativas finais de criar alguma vida — Bonnie cuidando do santuário, Mary usando suéteres de cores berrantes —, mas cada pedra com a qual as meninas construía um abrigo tinha,

para a srta. Perl, uma base de lama e vermes. As velas eram um espelho transparente entre dois mundos: convocavam Cecilia de volta, mas também incitavam as irmãs a segui-la. Os belos suéteres de Mary mostravam apenas uma desesperada ânsia adolescente por parecer bonita, enquanto os moletons folgados de Therese revelavam uma “falta de autoestima”.

Conhecíamos a verdade. Três noites depois que tocamos os discos, vimos Bonnie levar uma mala de viagem preta para o quarto. Colocou-a sobre a cama e começou a enchê-la de roupas e livros. Mary apareceu e adicionou seu espelho climático. Discutiram sobre o conteúdo da mala e, zangada, Bonnie tirou algumas das roupas que tinha colocado e abriu mais espaço para as coisas de Mary: um toca-fitas, um secador de cabelos e o objeto que só identificaríamos mais tarde, um calço de porta em ferro fundido. Não tínhamos ideia do que as meninas estavam fazendo, mas percebemos na hora a mudança de atitude. Elas se moviam com uma determinação renovada. Não estavam mais sem rumo. Foi Paul Baldino que interpretou suas ações:

“Parece que elas vão tentar fugir”, comentou, abaixando os binóculos. Emitiu essa conclusão com o ar confiante de alguém que tinha visto parentes escapulirem para a Sicília ou a América do Sul, e acreditamos nele de imediato. “Aposto dez dólares que até o fim da semana essas meninas vão ter caído fora.”

Ele tinha razão, mas não no sentido que imaginava. O último bilhete, escrito no verso de um santinho laminado da Virgem Maria, chegou à caixa de correio de Chase Buell no dia 14 de junho. Dizia apenas: “Amanhã. Meia-noite. Aguardem o sinal”.

Naquela época do ano, as efeméridas cobriam as janelas, o que tornava difícil olhar para fora. Na noite seguinte, nos reunimos no terreno baldio ao lado da casa do Joe Larson. O sol tinha se posto no horizonte, mas ainda

iluminava o céu com um tom alaranjado e químico, mais belo que a própria natureza. Do outro lado da rua, a casa dos Lisbon estava às escuras, exceto pela bruma vermelha do santuário de Cecilia, quase oculto. Do chão, não conseguíamos enxergar direito o andar de cima, e tentamos subir no telhado dos Larson. Fomos impedidos pelo sr. Larson. “Acabei de consertar”, protestou. Voltamos ao terreno baldio e então saímos para a rua, encostando a palma da mão no asfalto que ainda guardava o calor do sol daquele dia. O cheiro encharcado da casa dos Lisbon nos alcançou para em seguida esmaecer, e chegamos a pensar que era fruto de nossa imaginação. Joe Hill Conley começou a subir nas árvores, como de costume, mas nós já tínhamos passado dessa fase. Ficamos assistindo ele escalar um jovem bordo. Não conseguiu subir muito alto, porque os galhos finos não aguentariam o peso. Ainda assim, Chase Buell perguntou: “Está vendo alguma coisa?”. Joe Hill Conley franziu o cenho e em seguida puxou o canto dos olhos com os dedos, manobra que para ele funcionava melhor que semicerrar os olhos, mas acabou balançando a cabeça em sinal de negação. De qualquer modo, isso nos deu uma ideia, e nos dirigimos todos à velha casa na árvore. Observando através da folhagem, avaliamos suas condições. Parte do telhado tinha sido arrancada por uma tempestade anos antes, e a maçaneta, nosso toque especial, tinha desaparecido, mas a estrutura ainda parecia habitável.

Subimos até a casa na árvore da forma como sempre fizemos, apoiando os pés em um nó no tronco e em seguida na tábua pregada um pouco acima, então em dois pregos tortos, para enfim agarrar a corda esfarrapada e puxar o corpo para cima, até passar pelo alçapão. Havíamos crescido tanto que mal conseguíamos passar pelo buraco, e logo que entramos o piso de compensado vergou com o nosso peso. A janela oblonga que anos antes tínhamos aberto com um serrote ainda dava para a frente da casa dos Lisbon. Ao lado dela, havia cinco fotografias manchadas das meninas, pregadas com tachas cobertas de ferrugem. Não nos lembrávamos de ter colocado as fotografias dentro da casa na árvore, mas ali estavam elas,

desbotadas pelo tempo e pelas intempéries, de modo que tudo o que conseguíamos enxergar eram os contornos fosforescentes dos corpos das meninas, cada uma representando uma letra brilhante de um alfabeto desconhecido. Do lado de fora, lá embaixo, algumas pessoas tinham saído para regar gramados ou canteiros, projetando laços de prata. A voz de caipira do nosso narrador local de beisebol surgiu em dezenas de rádios, descrevendo um drama lento que não tínhamos como ver, e a cantoria da torcida também se fez ouvir nos lances mais emocionantes, convergindo no alto das árvores para em seguida se dispersar. Ficou ainda mais escuro. As pessoas entraram em suas casas. Tentamos acender o pavio da velha lamparina de querosene e acabamos conseguindo, graças a algum resíduo invisível, mas não demorou nem um minuto para que efeméridas começassem a jorrar pela janela, e então apagamos a lamparina. Ouvíamos os corpos dos insetos se chocando contra os postes de luz, como uma chuva de bolas de pelo, e também estourando debaixo dos pneus dos carros que passavam. Alguns insetos explodiram quando encostamos nas paredes da casa na árvore. Inertes exceto quando removidos, batiam as asas com fúria entre nossos dedos e então voavam para se agarrar novamente a qualquer coisa, inertes outra vez. A crosta de seus corpos mortos ou moribundos escurecia os postes de luz, os faróis dos carros, e transformava as janelas das casas em cortinas de teatro que deixavam passar alguma luz. Então nos recostamos, puxando uma embalagem com seis cervejas quentes pela corda, e bebemos, e esperamos.

Todos nós havíamos dito que dormiríamos na casa de um amigo, de modo que tínhamos a noite inteira para ficar sentados bebendo sem ser incomodados por adultos. Mas nem quando escureceu, e nem depois disso, vimos outras luzes na casa dos Lisbon além das velas. Pareciam queimar mais discretamente, e suspeitamos que, apesar de todos os esforços, as meninas estavam ficando sem cera. A janela de Cecilia tinha o brilho úmido de um aquário sujo. Ao apoiar o telescópio do Carl Tagel na janela da casa na árvore, conseguimos enxergar a lua bexiguenta cruzando

silenciosa o espaço, e em seguida o azul de Vênus, mas quando viramos o telescópio para a janela de Lux, a imagem ficou tão próxima que não pudemos mais ver coisa alguma. Uma coisa que de início parecia ser o xilofone de sua coluna, encurvada na cama, acabou se revelando como uma moldura decorativa. Um caroço viscoso de pêsego, esquecido sobre o criado-mudo numa época de alimentos frescos, despertou inúmeras conjecturas fantásticas. Sempre que enxergávamos Lux ou qualquer outra coisa se movendo, a peça era pequena demais para que conseguíssemos montar o quebra-cabeça, e por fim desistimos, recolhendo o telescópio e confiando em nossos próprios olhos.

A meia-noite passou em silêncio. A lua se pôs. Uma garrafa de vinho de morango Boone's Farm se materializou, passou de mão em mão e foi colocada sobre um galho. Tom Bogus rolou até a entrada da casa na árvore e sumiu de vista. Um minuto depois, ouvimos ele vomitar nos arbustos do terreno baldio. Ficamos acordados o suficiente para ver o Tio Tucker surgir com um pedaço de linóleo da décima terceira camada, que ele estava instalando para tentar fazer alguma coisa com seu tempo. Depois de pegar uma cerveja na geladeira da garagem, caminhou até o jardim e inspecionou o território noturno. Escondido atrás de uma árvore, esperou que Bonnie aparecesse com o terço na mão. Daquele ponto de observação, ele não tinha como enxergar a lanterna se acender na janela do quarto, e já tinha voltado para dentro de casa quando escutamos a janela se abrir. A essa altura, estávamos olhando fixamente naquela direção. A lanterna serpenteou pela escuridão. Então a luz se acendeu e se apagou três vezes seguidas.

Uma brisa soprou. No escuro, as folhas da nossa árvore começaram a tremelicar e o ar foi preenchido pelo aroma de crepúsculo da casa dos Lisbon. Nenhum de nós se lembra de ter pensado coisa alguma nem decidido coisa alguma, porque naquele momento nossas mentes tinham parado de funcionar, preenchendo-nos com a única paz que chegamos a conhecer. Estávamos acima da rua, no alto, na mesma altura das meninas

Lisbon em seus quartos decadentes, e elas estavam nos chamando. Ouvimos um estalar de madeira. Então, por um instante, as vimos — Lux, Bonnie, Mary e Therese — emolduradas numa única janela. Olhavam em nossa direção, olhavam para nós através do vazio. Mary nos mandou um beijo, ou limpou a boca. A lanterna se apagou. A janela se fechou. E elas tinham desaparecido.

Nem chegamos a parar para debater. Em fila indiana, como paraquedistas, saltamos da árvore. Era um pulo bem fácil, e apenas com o impacto percebemos como o chão estava próximo: no máximo a três metros. Pulando do gramado, quase dava para encostar a mão no piso da casa na árvore. Nossa nova altura nos deixou atônitos, e mais tarde muitos disseram que isso contribuiu para nossa determinação, porque pela primeira vez em nossas vidas nos sentimos homens.

Avançamos em direção à casa de vários pontos diferentes, escondidos pelas sombras das árvores sobreviventes. À medida que nos aproximávamos, alguns de nós rastejando em estilo militar e outros ainda sobre os dois pés, o cheiro ficou mais forte. O ar ficou denso. Logo chegamos a uma barreira invisível: fazia meses que ninguém se aproximava tanto da casa dos Lisbon. Hesitamos até Paul Baldino levantar a mão, dando o sinal, e então chegamos todos ainda mais perto. Roçamos nas paredes de tijolo, agachamos ao passar pelas janelas e ficamos com teias de aranha no cabelo. Alcançamos a confusão úmida do quintal. Kevin Head tropeçou no alimentador de pássaros, que permanecia no mesmo lugar. O alimentador quebrou ao meio e as sementes restantes se espalharam pelo chão. Congelamos, mas nenhuma luz se acendeu. Depois de um minuto, avançamos um pouco mais. Mosquitos passavam como caças-bombardeiros por nossas cabeças, mas nem prestávamos atenção. Estávamos ocupados demais, olhando para a escuridão lá em cima em busca de uma escada feita com lençóis amarrados e de um vulto descendo de camisola. Não víamos nada. A casa se erguia sobre nós e as janelas refletiam massas negras de folhas. Cochichando, Chase Buell nos lembrou que tinha acabado de

tirar a carteira de motorista e mostrou as chaves do Cougar da mãe. “Podemos usar meu carro”, disse. Tom Faheem remexeu os canteiros descuidados atrás de pedrinhas para atirar nas janelas das meninas. Uma janela do andar de cima poderia se abrir a qualquer momento, rompendo o lacre de efeméridas, e um rosto olharia para nós pelo resto de nossas vidas.

Ao chegar à janela dos fundos, tivemos coragem suficiente para dar uma espiada lá dentro. Por entre uma moita de plantas mortas no peitoril da janela, divisamos o interior da casa: uma paisagem marinha de objetos confusos, avançando e retrocedendo à medida que nossos olhos se acostumavam com a luz. A poltrona do papai rolou para a frente, o descanso de pés ereto como uma pá de retirar neve. O sofá de vinil marrom se esgueirou para trás, contra a parede. Enquanto os móveis se afastavam, o piso parecia se erguer, como um palco hidráulico, e à luz solitária do cômodo, proveniente de um pequeno abajur, enxergamos Lux. Estava deitada de barriga para cima em um pufe, joelhos erguidos e separados, a parte de cima do corpo afundada no assento que se fechava sobre ela como uma camisa de força. Vestia jeans azuis e tamancos de camurça. Os cabelos longos escorriam pelos ombros. Estava com um cigarro na boca, a cinza comprida prestes a cair.

Não sabíamos o que fazer dali em diante. Não tínhamos instruções. Pressionamos o rosto contra as janelas, usando as mãos como visores. As vidraças conduziam vibrações sonoras e, enquanto nos aproximávamos, conseguíamos sentir as outras meninas se movendo acima de nós. Alguma coisa deslizou, parou e voltou a deslizar. Alguma coisa bateu. Afastamos o rosto e tudo ficou imóvel. Então retornamos ao vidro inquieto.

Lux Tateava atrás de um cinzeiro. Sem encontrar nenhum ao seu alcance, bateu a cinza nos jeans e esfregou-a com a mão. Ao se mover, emergiu do pufe e vimos que usava uma blusinha frente única. Amarradas com um laço atrás do pescoço, as alças desciam finas pelos ombros pálidos e as clavículas esculturais, até enfim chegarem ao tecido amarelo. A blusa estava levemente torta do lado direito, revelando uma dobrinha branca e

macia quando Lux se esticava. “Julho, dois anos atrás”, disse Joe Hill Conley, identificando a última vez em que tínhamos visto aquela roupa. Era um dia muito quente e Lux, vestida daquele jeito, saiu de casa por cinco minutos, até a mãe mandar que voltasse para se trocar. Agora, a blusinha remetia a todo o tempo que nos separava daqueles dias, a tudo o que tinha acontecido. Acima de tudo, sinalizava que as meninas estavam indo embora, e que dali em diante vestiriam o que bem entendessem.

“Talvez seja melhor bater”, sussurrou Kevin Head, mas nenhum de nós bateu. Lux voltou ao pufe. Esmagou o cigarro no chão. Atrás dela, na parede, uma sombra cresceu. Ela se virou abruptamente e sorriu quando um gato de rua que nunca tínhamos visto pulou em seu colo. Ela abraçou o corpo impassível do animal até ele se contorcer e se desvencilhar (essa é outra coisa que precisamos incluir aqui: até o fim, Lux amou aquele gato de rua. Ele fugiu e acabou ficando fora deste relatório). Lux acendeu outro cigarro. Com o clarão do fósforo, olhou para a janela. Ergueu o queixo e achamos que tinha nos visto, mas então passou a mão pelo cabelo. Estava apenas examinando o próprio reflexo. A luz no interior da casa nos tornava invisíveis do lado de fora, e permanecemos a poucos centímetros da janela sem que ela nos enxergasse, como se olhássemos para Lux de um outro plano da existência. O brilho tênue da janela cintilava em nossos rostos. Nossos troncos e pernas sumiram na escuridão. No lago, a buzina de um cargueiro soou, numa noite sem nevoeiro. Outro cargueiro respondeu com um tom mais grave. Aquelas alças poderiam ser desfeitas com uma puxada só.

Tom Faheem foi o primeiro, desmentindo sua reputação de tímido. Subiu até a varanda dos fundos, abriu a porta sem fazer barulho e permitiu que voltássemos, enfim, a entrar na casa dos Lisbon.

“Estamos aqui”, foi tudo o que disse.

Lux ergueu os olhos, mas não saiu do pufe. Os olhos sonolentos não pareciam surpresos de nos ver ali, mas na base de seu pescoço muito branco um vermelho da cor de uma lagosta começou a se espalhar.

“Finalmente”, ela respondeu. “A gente estava esperando por vocês.” Deu outra tragada.

“Temos um carro”, Tom Faheem continuou. “Está com o tanque cheio. Podemos ir para onde vocês quiserem.”

“É só um Cougar”, explicou Chase Buell, “mas o porta-malas é bem grande.”

“Posso sentar na frente?”, Lux perguntou, torcendo a boca para exalar a fumaça de lado, educada.

“Mas é claro.”

“E qual dos garanhões vai sentar na frente comigo?”

Lux levantou a cabeça em direção ao teto e soprou uma série de anéis de fumaça. Ficamos observando eles subirem, e desta vez Joe Hill Conley não se adiantou para enfiar o dedo em um deles. Demos uma olhada no interior da casa pela primeira vez. O cheiro, agora que tínhamos entrado, estava mais forte do que nunca. Era um cheiro de gesso molhado, ralos entupidos com nós intermináveis dos cabelos das meninas, armários mofados e canos com vazamentos. Latas de tinta estavam posicionadas debaixo de goteiras, todas preenchidas com soluções diluídas de outros tempos. A sala tinha a aparência de um cômodo saqueado. A televisão estava em um canto, sem a tela, e na frente a caixa de ferramentas aberta do sr. Lisbon. Faltavam pernas e braços nas cadeiras, e algo sugeria que os Lisbon estavam usando a madeira como lenha.

“Onde estão seus pais?”

“Dormindo.”

“E as suas irmãs?”

“Já vêm.”

Ouvimos um baque no porão e recuamos até a porta dos fundos. “Vem”, disse Chase Buell. “Melhor a gente cair fora. Está ficando tarde.” Mas Lux não fez nada além de soprar a fumaça mais uma vez, sacudindo a cabeça. Afastou uma das alças da blusinha, expondo a marca deixada na pele. Tudo tinha voltado a ficar silencioso. “Esperem”, ela disse. “Só mais uns cinco

minutos. Ainda não acabamos de fazer as malas. A gente teve que esperar meus pais dormirem. Eles demoram um tempão pra cair no sono. Especialmente a minha mãe. Ela tem insônia. Ainda deve estar acordada.”

Então Lux se levantou. Ficamos olhando ela se erguer do pufe, inclinando-se para a frente para ganhar mais impulso. A blusinha, com suas alças frágeis, pendeu completamente do corpo, de modo que enxergamos o ar negro entre o material e a pele, e em seguida o clarão delicado dos seios cobertos de farinha de trigo.

“Meus pés estão inchados”, ela comentou. “É bem estranho. É por isso que estou de tamancos. Vocês gostam?” Sacudiu um deles com a ponta dos dedos dos pés.

“Sim.”

Agora ela estava completamente ereta. Não era muito alta. Tivemos de ficar repetindo para nós mesmos que aquilo estava acontecendo, que esta era mesmo Lux Lisbon, que estávamos no mesmo cômodo que ela. Lux baixou os olhos, olhando para si mesma, ajustou a blusinha e arrumou com o polegar a dobrinha exposta do lado direito. Então voltou a olhar para cima como se encarasse todos nós ao mesmo tempo, no fundo dos olhos, e começou a caminhar. Arrastava os tamancos, movendo-se na direção das sombras e, à medida que se aproximava, ouvíamos seus pés deixando marcas sobre o chão empoeirado. No escuro, ela declarou: “Não vai caber todo mundo num Cougar”. Deu mais um passo e seu rosto ressurgiu. Por um segundo, não parecia vivo: era branco demais, com bochechas perfeitamente esculpidas, sobrancelhas arqueadas de contornos perfeitos e lábios grossos feitos de cera. Mas então ela se aproximou e enxergamos a luz em seus olhos, que desde então continuamos procurando.

“Melhor pegar o carro da minha mãe, não acham? É maior. Quem sabe dirigir?”

Chase Buell levantou a mão.

“Acha que consegue dirigir uma peruá?”

“Claro.” E em seguida: “Não é câmbio manual, né?”.

“Não.”

“Claro. Sem problemas.”

“Posso dirigir um pouco?”

“Claro. Mas a gente precisa sair daqui. Escutei alguma coisa. Pode ser a sua mãe.”

Lux se aproximou de Chase Buell. Chegou tão perto que seu hálito fez o cabelo dele se mexer. E então, diante de todos nós, desafivelou o cinto dele. Nem precisou olhar para baixo. Foi guiada pelos dedos, e só por um breve instante alguma coisa emperrou, ao que ela balançou a cabeça como um músico que erra uma nota fácil. Olhou dentro dos olhos dele o tempo todo, ficando nas pontas dos pés, e no silêncio da casa ouvimos as calças afrouxando. O zíper se abriu até o fim, percorrendo nossas espinhas. Nenhum de nós se mexeu. Chase Buell não se mexeu. Os olhos de Lux, ardendo aveludados, cintilaram na sala escura. Uma veia pulsava suavemente em seu pescoço, a mesma sobre a qual se deve aplicar perfume. Mesmo que ela estivesse fazendo aquilo com Chase Buell, todos podíamos sentir Lux abrindo nossas calças, estendendo a mão e nos pegando do jeito que sabia que poderíamos ser pegos. Bem no último segundo, outro impacto abafado veio do porão. No andar de cima, o sr. Lisbon tossiu enquanto dormia. Lux parou. Desviou o olhar, pensando consigo mesma, e então disse: “Não dá pra gente fazer isso agora”.

Largou o cinto de Chase Buell e foi até a porta dos fundos. “Preciso tomar um pouco de ar fresco. Vocês me deixaram toda agitada.” Então sorriu, de um sorriso frouxo e desajeitado, genuíno, desprovido de beleza. “Vou esperar no carro. Fiquem aqui esperando as minhas irmãs. A gente vai levar muita coisa.” Enfiou a mão em uma vasilha ao lado da porta dos fundos, em busca das chaves do carro. Fez menção de sair, mas parou mais uma vez.

“Pra onde a gente vai?”, perguntou.

“Pra Flórida”, respondeu Chase Buell.

“Legal”, disse Lux. “Flórida.”

Um minuto depois, ouvimos a porta do carro batendo na garagem. Alguns de nós lembram-se de ter ouvido a melodia tênue de uma canção popular vagando pela noite, informando-nos que Lux tinha ligado o rádio. Esperamos. Não sabíamos ao certo onde estavam as outras meninas. Pelos sons que escutávamos, malas estavam sendo feitas no andar de cima: uma porta de armário se abriu, uma maleta sacudiu um colchão de molas. Pés se moviam nos andares de cima e de baixo. Alguma coisa estava sendo arrastada pelo piso do porão. Ainda que a natureza dos sons nos escapasse, eles estavam cercados de uma certa precisão; cada movimento parecia exato, parte de um elaborado plano de fuga. Compreendemos que éramos apenas peões naquela estratégia, úteis por algum tempo, mas isso não diminuiu nossa euforia. Estávamos dominados pela ideia de que logo estaríamos dentro do carro com as meninas, arrancando-as de nossa vizinhança verdejante e levando-as em direção à desolação pura e livre de estradas secundárias que ainda nem conhecíamos. Usamos joquempô para decidir quem iria no carro e quem ficaria para trás. E todo o tempo, a sensação de que logo as meninas estariam conosco nos preenchia com uma felicidade silenciosa. Quem poderia prever se nos acostumaríamos com aqueles sons? Com aqueles bolsos elásticos de cetim se fechando com alarde dentro de malas? Com bijuterias chacoalhando? Com o barulho de corcunda coxo das meninas carregando malas por um corredor anônimo? Estradas desconhecidas tomaram forma em nossas mentes. Nós nos vimos abrindo caminho pela mata fechada, descobrindo braços de rio e velhos estaleiros. Em algum posto de gasolina, pediríamos a chave do banheiro feminino, porque as meninas teriam vergonha de fazê-lo. Ouviríamos rádio com as janelas abertas.

Em algum ponto do devaneio, a casa ficou silenciosa. Imaginamos que as meninas tinham acabado de fazer as malas. Peter Sissen sacou a lanterninha e fez uma breve incursão à sala de jantar, voltando para dizer: “Ainda tem uma no porão. A luz da escada está acesa”.

Parados ali, sacudimos a lanterninha, esperamos pelas meninas, mas ninguém apareceu. Tom Faheem se arriscou até o primeiro degrau, mas o rangido foi tão alto que ele logo recuou. O silêncio da casa ressoava em nossos ouvidos. Um carro passou, fazendo uma sombra varrer a sala de jantar e iluminando por um momento o quadro dos peregrinos. A mesa de jantar estava tomada por uma pilha de casacos de inverno envoltos em plástico. Havia outros pacotes gigantescos. A casa parecia um sótão onde o lixo se acumulava, estabelecendo relações revolucionárias: a torradeira na gaiola; sapatilhas espetadas em um cesto de palha para pescaria. Serpenteamos em meio à confusão, passando por espaços abertos para jogos — um tabuleiro de gamão, xadrez chinês — e em seguida voltamos a nos mover por matagais de batedeiras e botas de borracha. Estava escuro demais para enxergar, mas ouvimos um breve chiado, como se alguém estivesse suspirando. Um trapezoide de luz se projetou do porão. Fomos para as escadas e aguçamos os ouvidos. Então começamos a descer até a sala de jogos.

Chase Buell foi primeiro, e enquanto descíamos, segurando o passador do cinto de quem ia na frente, viajamos um ano, de volta ao dia em que tínhamos descido aqueles mesmos degraus para comparecer à única festa que as meninas Lisbon tiveram permissão de dar. Quando chegamos ao final, era como se tivéssemos literalmente voltado no tempo. Tirando os quase três centímetros de água que cobriam o piso, o lugar estava exatamente como tínhamos deixado: a decoração da festa de Cecilia nunca tinha sido desfeita. A toalha de papel, coberta de fezes de rato, ainda forrava a mesa de jogo. Uma gosma amarronzada de ponche jazia dentro da tigela de vidro lapidado, coagulada e polvilhada de moscas. O *sherbet* tinha derretido havia muito tempo, mas uma concha ainda se projetava do sedimento pastoso, e copos, cinzentos de poeira e teias de aranha, continuavam enfileirados diante dele. Uma profusão de balões murchos pendia do teto, amarrados em fitas delgadas. A partida de dominó ainda esperava por um três ou um sete.

Não sabíamos para onde as meninas tinham ido. Ondulações se espalhavam pela superfície da água, como se alguma coisa tivesse acabado de mergulhar ou passar nadando. O ralo gorgolejante sugava intermitentemente. A água lambia as paredes, refletindo nossos rostos rosados, além das serpentinas vermelhas e azuis no alto. As mudanças no cômodo — baratas aderindo às paredes, um rato morto flutuando — apenas enfatizavam o que não tinha mudado. Era só semicerrar os olhos e tampar o nariz que nos víamos acreditando que a festa ainda estava acontecendo. Buzz Romano cruzou a água até a mesa de jogo e, bem diante dos nossos olhos, começou a dançar, imitando os passos que tinha aprendido com a mãe no esplendor papal de sua sala de estar. Abraçava somente o ar, mas conseguíamos vê-la — vê-las — todas as cinco, presas em seus braços. “Essas meninas me deixam louco. Se eu pudesse agarrar uma delas, só uma vez”, declarou, com lodo entrando e saindo dos sapatos. A dança acentuou o cheiro de esgoto, e depois disso sentimos, mais forte do que nunca, o cheiro que nunca conseguiríamos esquecer. Porque foi então que vimos, sobre a cabeça de Buzz Romano, a única coisa que tinha mudado naquele cômodo desde que o deixamos, um ano antes. Em meio aos balões murchos, pendiam as superfícies marrons e brancas dos sapatos bicolores de Bonnie. Ela tinha amarrado a corda na mesma viga das decorações.

Nenhum de nós se mexeu. Buzz Romano, alheio a tudo, continuou dançando. Acima dele, com um vestido cor-de-rosa, Bonnie parecia limpa e festiva, como uma *piñata*. Levamos um minuto para entender. Olhamos para Bonnie lá em cima, para as pernas longas e esguias com as meias brancas da crisma, e a vergonha que nunca mais iria embora tomou conta de todos nós. Os médicos que consultamos mais tarde atribuíram nossa reação ao choque. Mas o sentimento tinha mais a ver com culpa, com o fato de termos percebido tudo na última hora e tarde demais, como se Bonnie estivesse murmurando não apenas o segredo de sua morte, mas também de sua própria vida, das vidas de todas as meninas. Estava tão

imóvel. Seu peso era tão imenso. As solas dos sapatos molhados estavam cravejadas com pedacinhos de mica, brilhando e pingando.

Nunca a conhecemos. Elas tinham nos levado até ali para que descobríssemos isso.

Por quanto tempo ficamos daquele jeito, comungando com seu espírito ausente, não conseguimos lembrar. Tempo o bastante para que nossa respiração coletiva produzisse no cômodo uma brisa que fez Bonnie girar na corda. Ela rodou lentamente e, em dado momento, o rosto surgiu em meio às algas de balões, nos mostrando a realidade da morte que ela havia escolhido. Era um mundo de órbitas oculares enegrecidas, sangue se acumulando nas extremidades inferiores, juntas rígidas.

Já sabíamos do resto — ainda que nunca tenhamos conseguido confirmar a sequência de eventos. Até hoje debatemos o assunto. O mais provável é que Bonnie tenha morrido enquanto estávamos parados na sala de estar, sonhando com estradas. Mary colocou a cabeça dentro do forno logo em seguida, ao ouvir Bonnie chutar a mala que lhe servia de apoio. Estavam prontas a ajudar umas às outras, se fosse necessário. Talvez Mary ainda estivesse respirando quando passamos por ela a caminho do porão, e deixamos de enxergá-la no escuro por menos de meio metro, conforme medimos mais tarde. Therese, recheada de remédios para dormir que engolira com gim, já estava praticamente morta quando entramos na casa. Lux foi a última a partir, vinte ou trinta minutos depois que saímos. Ao fugir, gritando sem produzir som algum, esquecemos de parar na garagem, onde a música ainda tocava. Eles a encontraram no banco da frente do carro, com o rosto sereno e acinzentado, segurando o acendedor de cigarros, cuja espiral havia queimado a palma de sua mão. Havia fugido no carro, exatamente como esperávamos. Mas, no fim das contas, descobrimos que ela tinha desafivelado nossos cintos com a mera intenção de nos distrair, para que ela e as irmãs pudessem morrer em paz.

* “Virgem suicida/ O que fez tão sofrida?/ Eu não quero mais ficar/ Neste holocausto genocida/ Ela me deu o seu cabaço/ Ela é minha virgem suicida” (N. T.)

** “Ei, você já tentou/ Chegar mesmo ao outro lado/ Posso estar escalando o arco-íris/
Mas baby, aqui vai:// Sonhos são para quem dorme/ A vida é nossa para cuidar/ E se você
quer saber onde esta canção quer chegar/ Eu quero é chegar em você.” (N. T.)

Cinco

Já os conhecíamos. Conhecíamos o jeito de dirigir do magrinho, os surtos de aceleração no meio da quadra, as guinadas cautelosas e o hábito de sempre calcular mal o acesso da casa dos Lisbon, de modo que sempre acabava estacionando sobre a grama. Conhecíamos o som curvo que a sirene fazia ao passar, um fenômeno que Therese identificou corretamente como o efeito Doppler da terceira vez que a ambulância veio, mas não da quarta, pois dessa vez quem tinha se curvado era ela, rodopiando em espirais lentas, uma sensação parecida com a de ser sugado pelas próprias entranhas. Conhecíamos a pele sensível do gordo, vermelha e castigada pela navalha, o calço metálico que ele usava no salto do sapato por ter a perna esquerda mais curta que a direita e o som metálico desigual que produzia ao avançar pelo acesso de macadame. Conhecíamos a tendência à oleosidade dos cabelos do magrinho, porque quando vieram buscar Cecilia o cabelo comprido dele parecia com o de Bob Seger, mas naquele momento, um ano mais tarde, os fios sedosos tinham desaparecido e ele mais parecia um rato afogado. Ainda não conhecíamos os dois a ponto de saber seus nomes verdadeiros, mas estávamos começando a intuir as condições de suas vidas de paramédicos, o cheiro de curativos e máscaras de oxigênio, o gosto de jantares pré-calamidade em bocas ressuscitadas, o sabor da vida se esvaindo diante de seus rostos inchados de esforço, o sangue, os pedaços de cérebro, as bochechas azuis, os olhos saltados e — em nosso quarteirão — a série de corpos inertes usando pulseiras de berloques e medalhinhas douradas em formato de coração.

Quando vieram pela quarta vez, estavam quase sem esperanças. A ambulância parou da mesma forma abrupta, os pneus derraparam e as portas se abriram de repente, mas, ao saltarem para fora do veículo, os paramédicos tinham perdido a aparência destemida e agora eram claramente dois homens com medo da humilhação. “Aqueles dois de novo”, comentou Zachary Larson, cinco anos. O gordo deu uma olhada para o magrinho e os dois se dirigiram à casa, dessa vez sem levar equipamento algum. A sra. Lisbon atendeu a porta, com o rosto branco. Apontou para dentro sem dizer nada. Quando os paramédicos entraram, ela permaneceu na porta, apertando o cinto do robe. Arrumou o capacho duas vezes com a ponta do dedão. Logo os paramédicos saíram novamente, transformados e eletrizados, e pegaram a maca. Um minuto depois estavam carregando Therese para fora, com o rosto para baixo. O vestido, preso ao redor da cintura, revelava suas roupas de baixo inconvenientes, da cor de uma bandagem atlética. Os botões nas costas estavam abertos, mostrando um pedaço de costas cor de cogumelo. Sua mão ficava caindo para fora da maca e todas as vezes era colocada de volta pela sra. Lisbon. “Fica aí”, ela ordenava, aparentemente à mão. Mas a mão voltava a deslizar. A sra. Lisbon parou, seus ombros caíram, ela parecia desistir. No instante seguinte estava correndo, agarrando o braço de Therese e murmurando algo que certas pessoas entenderam como “Você, também?”, e que a sra. O’Connor, que tinha sido atriz na faculdade, entendeu como “Cruel que nem”.

A essa hora já tínhamos voltado para as nossas camas e fingíamos estar dormindo. Lá fora, o Xerife colocou uma máscara de oxigênio para entrar na garagem e levantar a porta automática. Quando ela se abriu (foi o que nos contaram) não saiu nada, nem um sinal da fumaça que todos esperavam, nem mesmo uma réstia de gás que fizesse as coisas tremularem como em uma miragem — o furgão vibrava, e como o Xerife tinha esbarrado sem querer em outro controle, os limpadores de para-brisa estavam enlouquecidos. O gordo entrou na casa para tirar Bonnie da viga,

equilibrando uma cadeira sobre a outra como se fosse um artista de circo. Encontraram Mary na cozinha, ainda não morta, mas quase, a cabeça e o torso enfiados no forno como se ela estivesse esfregando o interior. Uma segunda ambulância chegou (a única vez em que isso aconteceu), trazendo uma dupla de paramédicos mais eficientes que o Xerife e o gordo. Eles correram para dentro da casa e salvaram a vida de Mary. Por pouco tempo. O pouco que ainda havia para salvar.

Tecnicamente, Mary sobreviveu por mais de um mês, embora todo mundo sentisse o contrário. Depois daquela noite, as pessoas falavam das meninas Lisbon usando os verbos no passado, e quando se dignavam a mencionar Mary, era nítido o desejo velado de que ela se apressasse para terminar com tudo de uma vez. Na verdade, os suicídios finais surpreenderam pouca gente. Mesmo nós, que tentamos salvar as garotas, acabamos nos considerando temporariamente insanos. Em retrospecto, a mala surrada de Bonnie perdeu qualquer associação com as ideias de viagem e voo e se tornou apenas o que era: um contrapeso usado em um enforcamento, como os sacos de areia em faroestes antigos. Ainda assim, mesmo que todos concordassem que os suicídios tinham sido tão previsíveis quanto as estações do ano ou a velhice, nunca conseguimos atingir um consenso para explicá-los. Os suicídios finais pareciam confirmar a teoria do dr. Hornicker, segundo a qual meninas estariam sofrendo de Transtorno de Estresse Pós-Traumático, mas o próprio dr. Hornicker, mais tarde, se distanciou dessa conclusão. Mesmo que o suicídio de Cecilia tenha servido de inspiração para as outras, isso ainda não explicava por que Cecilia tinha se matado, para começo de conversa. Em uma reunião do Lions Club convocada às pressas, dr. Hornicker, o orador convidado, levantou a possibilidade de uma causa química, citando um novo estudo sobre “índices de receptores plaquetários de serotonina em crianças suicidas”. O dr. Kotbaum, do Western Psychiatric Institute, havia descoberto que muitos suicidas possuíam uma quantidade deficiente de serotonina, um neurotransmissor essencial para a regulação do humor.

Como o estudo foi publicado depois do suicídio de Cecilia, o dr. Hornicker nunca chegou a medir seu nível de serotonina. Mas examinou uma amostra de sangue tirada de Mary, que apontava uma leve deficiência de serotonina. Ela foi medicada e, após duas semanas de testes psicológicos e terapia intensiva, outro exame foi realizado. Dessa vez o nível de serotonina parecia normal.

Quanto às outras meninas, todas passaram por autópsias, de acordo com uma lei estadual que exigia a investigação de todas as mortes por suicídio. O texto concedia uma liberdade considerável para a polícia em tais casos, e o fato de não terem requisitado anteriormente uma autópsia em Cecilia levou muitos a acreditarem que o sr. e a sra. Lisbon tinham se tornado suspeitos de algum crime, ou que tinham tentado pressionar a polícia a seguir adiante. Um único legista, trazido da cidade com dois assistentes exaustos, abriu os cérebros e as cavidades corporais das meninas, perscrutando seu interior em busca do mistério de seu desespero. Usaram um método de linha de montagem, em que os assistentes manipulavam uma menina por vez diante do médico enquanto ele usava a serra, a mangueira, o aparelho de sucção. Fotografias foram tiradas, mas nunca vieram a público, e não teríamos mesmo estômago para olhá-las. Lemos, contudo, o relatório do legista, escrito em um estilo pitoresco que tornava as mortes das meninas tão irreais quanto o noticiário. Mencionava a impressionante pureza de seus corpos, os mais jovens que já tinha examinado, sem qualquer sinal de desgaste ou alcoolismo. Os corações, lisos e azuis, pareciam balões cheios d'água, e os demais órgãos eram dotados de uma clareza semelhante, digna de um livro de anatomia. Em pessoas mais velhas ou em doentes crônicos, os órgãos tendem a perder a forma, a se distender, mudar de cor, estabelecer conexões com órgãos com os quais não têm relação alguma, de modo que em geral as entranhas se parecem, nas palavras do legista, “com um lixão”. As meninas Lisbon, por outro lado, pareciam “guardadas dentro de vidros. Como em uma exposição”. Ainda assim, o legista ficou triste ao perfurar e retalhar aqueles

corpos imaculados, e algumas vezes foi tomado pela emoção. Na margem de uma das páginas, rabiscou uma anotação para si mesmo: “Dezessete anos de experiência e estou à beira de um colapso nervoso”. Perseverou em suas funções, entretanto, encontrando a massa de pílulas semidigeridas no íleo de Therese, a porção estrangulada do esôfago de Bonnie e o caos do monóxido de carbono no sangue morno de Lux.

A matéria da srta. Perl, publicada na edição noturna do jornal, foi a primeira a assinalar a importância da data. As meninas acabaram se matando no dia 16 de junho, aniversário dos cortes no pulso de Cecilia. A srta. Perl deu muita atenção a isso, falando em “prenúncio sinistro” e “coincidência tétrica”, e dando início sozinha ao furor de especulações que se estende até os dias de hoje. Nos artigos subsequentes — um a cada dois ou três dias, ao longo de duas semanas —, ela mudou de tom, passando do registro solidário de alguém que compartilhava do luto à precisão cirúrgica daquilo que ela nunca conseguiu ser: uma repórter investigativa. Percorrendo a vizinhança com seu Pontiac azul, compilou reminiscências até chegar a uma conclusão estanque, bem menos confiável que a nossa, que já é cheia de furos. Alimentada pelas insistentes perguntas da srta. Perl, Amy Schraff, uma velha amiga de Cecilia, vomitou uma lembrança dos dias pré-suicídio: numa tarde entediada, Cecilia tinha feito ela se deitar na cama, sob o móvel do zodíaco. “Feche os olhos e fique com eles bem fechados”, ela teria dito. A porta se abriu e as outras irmãs entraram no quarto. Colocaram as mãos sobre o rosto e o corpo de Amy. “Com quem você quer fazer contato?”, Cecilia perguntou. “Com a minha avó”, foi a resposta de Amy. As mãos sobre o seu rosto estavam frias. Alguém acendeu um incenso. Um cachorro latiu. Nada aconteceu.

A partir desse episódio, que em termos de espiritismo é um indício tão significativo quanto encontrar dentro do armário um tabuleiro para jogo do copo, a srta. Perl baseou sua alegação de que os suicídios foram um ritual esotérico de autossacrifício. A terceira matéria, com a manchete “Suicídios podem ter sido pacto”, esboça as linhas gerais da teoria conspiratória

segundo a qual as meninas planejaram os suicídios em sincronia com um evento astrológico nunca identificado. Cecilia teria apenas tomado a dianteira, enquanto as irmãs aguardaram nas coxias. Velas iluminavam o palco. No fosso da orquestra, a banda Cruel Crux começava a tocar. Na plateia, o programa que tínhamos em mãos mostrava uma imagem da Virgem. A srta. Perl coreografou tudo muito bem. No entanto, nunca conseguiu explicar por que as meninas escolheram a data da *tentativa* de suicídio de Cecilia, em vez de sua morte de fato, três semanas mais tarde, no dia 9 de julho.

Mas essa discrepância não serviu de obstáculo para ninguém. Assim que os suicídios em série aconteceram, a imprensa se abateu sem tréguas sobre a nossa rua. As três emissoras locais de televisão enviaram suas equipes, e até mesmo um correspondente nacional apareceu a bordo de um trailer. Ouviu falar dos suicídios em uma parada de caminhoneiros no canto sudoeste do estado, e tinha vindo conferir com os próprios olhos. “Duvido que vá me render alguma coisa”, confessou. “Esperam que eu fale de coisas mais animadas.” Mesmo assim, estacionou o trailer no final do quarteirão, e dali em diante o víamos relaxar nos bancos forrados de tecido xadrez ou preparar hambúrgueres no fogão em miniatura. Sem se deixar abater pela condição delicada dos pais das meninas, as equipes do jornalismo local publicaram matérias imediatamente. Foi então que vimos as imagens da casa dos Lisbon gravadas meses antes, uma panorâmica do teto encharcado e da sisuda porta de entrada, direcionando para uma recapitulação na qual todas as noites os mesmos cinco rostos apareciam em sequência: primeiro Cecilia e depois suas irmãs, todas em fotos de anuários da escola. Naquela época, as entradas ao vivo ainda eram novidade, e muitas vezes os microfones ficavam mudos ou as luzes se apagavam, deixando os repórteres falando no escuro. Curiosos, ainda não entediados com a televisão, espectadores competiam para aparecer na imagem, enfiando a cabeça no quadro. Dia após dia os repórteres tentavam entrevistar o sr. e a sra. Lisbon, e dia após dia fracassavam. Mas na hora do noticiário, davam a impressão

de ter tido acesso até mesmo aos quartos das meninas, a julgar pelos tesouros íntimos que revelavam. Um repórter exibiu um vestido de noiva feito no mesmo ano em que o vestido de Cecilia, e exceto pela bainha desfeita, não conseguíamos diferenciar um do outro. Outro repórter encerrou a transmissão lendo uma carta enviada por Therese ao departamento de inscrições da Brown — “ironicamente”, nas palavras dele, “apenas três dias antes de colocar um fim a qualquer sonho de cursar uma faculdade... ou de qualquer outra coisa”. Aos poucos, os repórteres passaram a se referir às Lisbon pelos nomes próprios, e preferiram colecionar reminiscências a entrevistar especialistas médicos. Como nós, eles se tornaram zeladores das vidas das meninas, e se tivessem feito um trabalho completo que nos satisfizesse, talvez não tivéssemos sido forçados a vagar eternamente pelos meandros da hipótese e da memória. Cada vez menos os repórteres se perguntavam por que as meninas tinham se matado. Em vez disso, falavam sobre seus hobbies e distinções acadêmicas. Wanda Brown, do canal 7, desenterrou uma foto que mostrava Lux de biquíni na piscina comunitária, permitindo que um salva-vidas esticado na cadeira aplicasse óxido de zinco em seu nariz de coelhinha. Toda noite os repórteres revelavam uma nova anedota ou uma nova imagem, mas essas descobertas não tinham relação alguma com aquilo que sabíamos ser verdadeiro, e depois de algum tempo começou a parecer que estavam falando sobre outras pessoas. Pete Patillo, do canal 4, mencionou o “amor por cavalos” de Therese, embora nunca tenhamos visto Therese perto de um cavalo, e Tom Thomson, do canal 2, vivia trocando os nomes das meninas. Os repórteres apresentavam como fatos os boatos mais apócrifos, e misturavam detalhes de histórias que tinham compreendido apenas em termos gerais (foi assim que as roupas de baixo pretas de Cecilia apareceram no boneco de cera que Pete Patillo usou para representar Mary). Sabendo que o resto da cidade acreditava no noticiário como se fosse a palavra de Deus, ficávamos ainda mais desanimados. Na nossa opinião, os forasteiros não tinham o direito de se referir a Cecilia como “a

maluca”, porque não tinham chegado a essa alcunha após uma longa apuração de informações adquiridas em primeira mão. Pela primeira vez na vida simpatizamos com o presidente, porque vimos como a esfera em que tínhamos influência era distorcida de um modo violento por quem não tinha a menor condição de saber o que estava acontecendo. Até nossos pais pareciam estar concordando cada vez mais com a versão televisiva das coisas, engolindo as bobagens dos repórteres como se eles tivessem condições de nos contar a verdade sobre nossas próprias vidas.

Depois do vale-tudo dos suicídios, o sr. e a sra. Lisbon desistiram de tentar levar uma vida normal. A sra. Lisbon parou de ir à igreja, e quando o padre Moody apareceu em sua casa para consolá-la, ninguém atendeu a porta. “Fiquei tocando a campainha”, ele contou. “Não adiantou nada.” Durante toda a estadia de Mary no hospital, a sra. Lisbon só apareceu uma vez. Herb Pitzenberger contou que a viu saindo pela varanda dos fundos com uma pilha de páginas manuscritas. Colocou tudo no chão e ateou fogo. Nunca ficamos sabendo o que era.

Mais ou menos nessa época, a srta. Carmina D’Angelo recebeu um telefonema do sr. Lisbon, pedindo a ela que voltasse a colocar a casa à venda (ele tinha desistido da ideia logo após o suicídio de Cecilia). A srta. D’Angelo comentou polidamente que o estado atual da casa não facilitaria a negociação, mas o sr. Lisbon respondeu: “Sei disso. Tem um cara vindo”.

E o tal cara era o professor de inglês da escola, sr. Hedlie. Liberado do trabalho para as férias de verão, chegou em um fusca que ainda trazia no para-choque um adesivo de apoio ao último candidato democrata à presidência, fracassado. Ao sair do carro, vimos que não estava usando o blazer e as calças de ex-diretor de escola, mas uma túnica africana de um verde-amarelo berrante e um par de sandálias de couro de lagarto. O cabelo passava das orelhas e ele se movia com o andar boêmio dos professores quando estão de férias, retomando uma rotina desregrada. Apesar do visual de líder de comunidade alternativa, começou imediatamente a trabalhar duro e passou três dias carregando uma

montanha de lixo para fora da casa dos Lisbon. Enquanto o sr. e a sra. Lisbon foram para um hotel, o sr. Hedlie tomou conta da casa, jogando fora esquis para a neve, aquarelas, sacos de roupa e um bambolê. Arrastou para fora o sofá marrom gasto, cortando o móvel ao meio quando constatou que não passaria pela porta. Encheu sacos de lixo com pegadores de panela, cupons velhos, montes de fios retorcidos, chaves antigas. Acompanhamos seus ataques à bagunça de cada quarto, avançando incansável com a pá de lixo, e no terceiro dia vimos que começou a usar uma máscara cirúrgica por causa da poeira. Não falava mais conosco usando frases gregas obscuras nem se interessou por nossas partidas de beisebol no terreno baldio, mas chegava todas as manhãs com a expressão de desalento de um homem que tenta drenar um pântano com uma esponja de lavar louça. Enquanto erguia tapetes e jogava toalhas fora, liberava em ondas os odores da casa, e muitas pessoas acreditavam que ele não usava a máscara cirúrgica para se proteger da poeira, mas sim para não respirar as emanções das meninas Lisbon, que seguiam vivas em lençóis e cortinas, em papéis de parede descascando, em pedaços de carpete mantidos novinhos em folha atrás de penteadeiras e criados-mudos. No primeiro dia o sr. Hedlie se restringiu ao térreo, mas no dia seguinte se aventurou nos palácios saqueados dos quartos das Lisbon, mergulhado até os tornozelos em peças de roupa das quais se desprendia a música de um tempo passado. Puxando o lenço nepalês de Cecilia de trás da cabeceira de uma cama, foi saudado, em cada ponta cheia de franjas, com o tilintar de sininhos esverdeados pela corrosão. Molas de colchões emitiam lamentos de duas notas ao serem acionadas. Pele morta nevava de travesseiros.

Esvaziou seis prateleiras do armário do andar de cima, jogando fora pilhas de toalhas de banho e de rosto, capas de colchão puídas e manchadas de cor-de-rosa ou verde-limão, cobertores embebidos com o sono derramado das meninas. Na prateleira mais alta, encontrou e atirou longe a farmácia doméstica — uma bolsa de água quente com textura de pele inflamada, um frasco azul-escuro de Vick Vaporub com marcas de

dedo por dentro, uma caixa de sapatos cheia de bálsamos para micose e conjuntivite, unguentos para as partes pudendas, tubos de alumínio amassados, espremidos ou enrolados como línguas de sogra. E também: aspirina infantil sabor laranja que as meninas mascavam como se fossem balas, um velho termômetro (infelizmente oral) num estojo de plástico preto e uma variedade de outros implementos que foram pressionados, inseridos e aplicados dentro ou fora dos corpos das meninas; em resumo, todos os emplastos terrestres que a sra. Lisbon tinha passado anos usando para manter as meninas vivas e bem.

Foi quando encontramos os discos dos Grand Rapids Gospelers, de Tyrone Little and The Believers, e os outros. Todas as noites, quando o sr. Hedlie ia embora, coberto por uma película branca que o deixava trinta anos mais velho, percorríamos a mistura de tesouros e lixo que ele depositava na calçada. Ficamos surpresos com a liberdade que o sr. Lisbon tinha dado ao sr. Hedlie, pois este jogou fora não apenas itens substituíveis, como latinhas de graxa para sapatos (escavadas no centro até revelar o metal do fundo), mas também retratos de família, um irrigador oral que ainda funcionava e uma tira de papel parafinado que marcava o crescimento de cada filha em intervalos de um ano. A última coisa que o sr. Hedlie jogou fora foi o televisor sem tela, que Jim Crotter levou para o quarto, e dentro do qual acabou encontrando a iguana empalhada que Therese usava para ensinar biologia, com a cauda quebrada e sem a portinha no abdome, deixando à mostra diversos órgãos de plástico. Recolhemos os retratos de família, é claro, e depois de organizar uma exposição permanente em nossa casa na árvore, sorteamos o resto entre nós. Em sua maioria, as fotos tinham sido tiradas muitos anos antes, durante o que parecia ser um tempo mais feliz, com almoços quase infinitos de família, ao ar livre. Uma das fotografias mostra as meninas sentadas de pernas cruzadas na gangorra do jardim (o fotógrafo tinha inclinado a câmera), usando como contrapeso uma grelha fumegante. (Lamentamos informar que a fotografia em questão, Peça nº 47, sumiu há

pouco tempo do envelope.) Está também entre as nossas preferidas a série de retratos em totem, tiradas num ponto turístico, onde o rosto de cada uma das meninas foi substituído por um animal sagrado.

Mas apesar de todos esses novos indícios das vidas das meninas e da queda súbita da convivência familiar (as fotos praticamente acabam quando Therese está para completar doze anos), aprendemos pouco sobre elas além do que já sabíamos. Era como se a casa pudesse seguir regurgitando ruínas eternamente, um marmoto de pantufas sem par e vestidos pendurados em cabides como espantalhos, e mesmo depois que peneirássemos tudo isso, ainda não entenderíamos nada. Mas o fluxo teve um fim. Três dias depois de ter se enfurnado na casa, o sr. Hedlie saiu, abrindo a porta da frente pela primeira vez e descendo os degraus da varanda para colocar ao lado da placa de VENDE-SE uma outra, menor, onde se lia FAMÍLIA VENDE TUDO. Naquele dia e nos dois dias seguintes, o sr. Hedlie ofereceu um estoque que abarcava não apenas a louça trincada comum a esse tipo de brechó, mas também os bens pesados e duráveis oferecidos em leilões ocorridos após a liquidação das propriedades. Todos foram até lá, não para comprar, mas apenas para entrar na casa dos Lisbon, transformada em uma área limpa e espaçosa cheirando a desinfetante de pinho. O sr. Hedlie tinha jogado fora todos os artigos de cama e mesa, qualquer coisa que houvesse pertencido às meninas e tudo o que estava quebrado, deixando apenas móveis, mesas lustradas com óleo de linhaça, cadeiras de cozinha, espelhos e camas, todos os itens trazendo uma etiqueta branca que informava o preço em sua caligrafia afeminada. Os preços eram definitivos; ele não negociava. Passeamos pela casa, pelo térreo e pelo andar de cima, tocando nas camas onde as meninas nunca mais dormiriam ou nos espelhos que nunca mais exibiriam seus reflexos. Nossos pais não compravam móveis usados e sem dúvida não comprariam móveis manchados pela morte, mas examinaram tudo, como os outros que apareceram em resposta ao anúncio publicado no jornal. Um padre ortodoxo grego, barbudo, apareceu com um grupo de viúvas rotundas.

Depois de grasnarem como corvos e empinarem os narizes diante de tudo, as viúvas mobiliaram o quarto da nova residência paroquial do padre com a cama de dossel que pertencia a Mary, a penteadeira de nogueira de Therese, a lanterna chinesa de Lux e o crucifixo de Cecilia. Outros chegaram, e pouco a pouco foram levando embora o conteúdo da casa. A sra. Krieger encontrou o aparelho ortodôntico de Kyle exposto sobre uma mesa em frente à garagem, e depois de fracassar tentando convencer o sr. Hedlie de que aquilo pertencia ao seu filho, comprou o aparelho de volta por três dólares. A última coisa que vimos foi um homem de bigode escultural colocando o modelo de veleiro no porta-malas de seu Eldorado.

Ainda que a parte externa da casa continuasse em péssimo estado, o interior tinha voltado a ficar apresentável, e nas semanas seguintes a srta. D'Angelo conseguiu vender a casa para o jovem casal que mora lá hoje, ainda que não possam mais ser chamados de jovens. Mas na época, no primeiro impulso de quem tem dinheiro pra torrar, fizeram uma oferta que foi aceita pelo sr. Lisbon, ainda que estivesse bem abaixo da quantia que ele mesmo havia pago. Nesse ponto, a casa estava quase toda vazia, e a única coisa que restava lá dentro era o santuário de Cecilia, uma massa confusa de cera derretida que tinha se fundido ao peitoril da janela e na qual o sr. Hedlie evitou mexer por uma questão de superstição. Achamos que talvez nunca mais víssemos o sr. e a sra. Lisbon, e já naquela época demos início ao impossível processo de tentar esquecer sua existência. Nossos pais pareceram mais bem-sucedidos nessa tentativa, voltando sem demora às partidas de tênis em dupla e aos cruzeiros regados a coquetéis. Reagiram aos suicídios derradeiros com um choque discreto, como se estivessem esperando por aquilo ou algo pior, como se já tivessem visto de tudo. O sr. Conley arrumou a gravata de tweed que usava até mesmo para cortar a grama e declarou: “O capitalismo resultou em bem-estar material, mas também em falência espiritual”. Seguiu ministrando uma palestra em salas de estar a respeito das necessidades humanas e dos absurdos da competição, e embora ele fosse o único comunista que conhecíamos, suas

ideias diferiam apenas em grau das ideias de todo mundo. Alguma doença no coração do país tinha infectado as meninas. Nossos pais achavam que tinha relação com a música, com o ateísmo ou com o relaxamento moral em relação ao sexo, que ainda nem tínhamos praticado. O sr. Hedlie mencionou que a Viena do *fin-de-siècle* testemunhou um surto semelhante de suicídios entre jovens e botou a culpa de tudo no infortúnio de se viver em um império moribundo. Tinha algo a ver com o fato de a correspondência não ser entregue no tempo correto, com o modo como os buracos nunca eram consertados na rua, com a roubalheira na prefeitura, os tumultos raciais, ou com os oitocentos e um incêndios criminosos ocorridos na cidade na véspera do Halloween. As meninas Lisbon se tornaram um símbolo do que estava errado com o país, da dor que ele infligia até mesmo em seus cidadãos mais inocentes, e para melhorar as coisas, um grupo de pais doou à nossa escola um banco em sua memória. De início, a intenção era homenagear apenas Cecilia (o projeto tinha se iniciado oito meses antes, logo após o Dia do Luto), mas a placa foi trocada em cima da hora para incluir também as outras meninas. Era um banco pequeno, feito com uma árvore do norte do Michigan. “Madeira virgem”, disse o sr. Krieger, que tinha readaptado as máquinas da sua fábrica de filtros de ar para fazer o banco. A placa exibia uma inscrição simples: EM MEMÓRIA DAS MENINAS LISBON, FILHAS DESTA COMUNIDADE.

Mary ainda estava viva a essa altura, é claro, mas a placa não reconhecia esse fato. Ela voltou do hospital alguns dias mais tarde, após duas semanas de internação. Sabendo que nunca compareceriam, o dr. Hornicker nem chegou a pedir que o sr. e a sra. Lisbon fossem às sessões de terapia. Aplicou em Mary a mesma bateria de testes que Cecilia tinha feito, mas não encontrou sinal algum de doenças psiquiátricas como esquizofrenia ou psicose maníaco-depressiva. “Os pontos indicavam uma adolescente relativamente bem-ajustada. Seu futuro não era brilhante, é claro. Recomendei terapia contínua para lidar com o trauma. Mas deixamos a serotonina lá no alto e ela parecia bem.”

Mary voltou para uma casa sem mobília. O sr. e a sra. Lisbon, de volta do hotel, estavam acampando no quarto de casal. Mary também recebeu um saco de dormir. O sr. Lisbon, cuja reticência acerca dos dias que se seguiram ao triplo suicídio podíamos muito bem compreender, nos falou pouco sobre as condições de Mary ao voltar para casa. Onze anos antes, quando as meninas ainda eram crianças, a família havia chegado à casa uma semana antes do caminhão de mudanças. Também tiveram de acampar daquela vez, lendo histórias à luz de uma lamparina de querosene antes de dormir, no chão, e essa lembrança acabou voltando à mente do sr. Lisbon em seus últimos dias na casa. “Às vezes, no meio da noite, eu me esquecia de tudo o que tinha acontecido. Caminhava pelo corredor e, por um instante, era como se a gente tivesse acabado de se mudar. As meninas estavam dormindo dentro da tenda na sala de estar.”

Abandonada no outro extremo dessa linha do tempo, Mary ficava deitada dentro do saco de dormir sobre o piso duro do quarto que ela não precisava mais dividir. Era um saco de dormir antigo, com um forro de flanela felpuda decorado com patos mortos, caçadores de gorro vermelho e uma truta saltando com um anzol cravado na boca. Ela fechava o zíper do saco de modo que só o rosto ficasse do lado de fora, ainda que fosse verão. Dormia tarde, falava pouco e tomava seis banhos por dia.

Do nosso ponto de vista, a tristeza dos Lisbon estava além de qualquer compreensão, e quando os víamos, naqueles últimos dias, ficávamos impressionados com qualquer coisa que fizessem. Como conseguiam se sentar para comer? Ou sair para a varanda dos fundos à noite para aproveitar a brisa? Como a sra. Lisbon conseguia, como fez certa noite, cambalear para fora de casa e atravessar o caos do próprio jardim para colher uma das bocas-de-leão da sra. Bates? Aproximou a flor do rosto, pareceu insatisfeita com a fragrância, enfiou-a no bolso como se fosse um lenço de papel usado e caminhou até a rua, apertando os olhos para encarar a vizinhança sem os óculos. Todas as noites, também, o sr. Lisbon estacionava a perua na sombra, abrindo o capô para analisar o motor. “O

sujeito precisa se manter ocupado”, disse o sr. Eugene, comentando esse comportamento. “O que mais se pode fazer?”

Mary desceu a rua e tomou a primeira aula de voz com o sr. Jessup em um ano. Não tinha marcado um horário, mas o sr. Jessup não podia mandá-la embora. Sentou-se ao piano, guiando Mary através das escadas, e então enfiou a cabeça em uma lixeira metálica para verificar como ressoava seu vibrato bem treinado. Mary cantou a canção nazista de *Cabaret*, a mesma que ela e Lux haviam ensaiado no dia em que as tragédias tiveram início, e o sr. Jessup comentou que todo o sofrimento concedera à sua voz um tom pesaroso e maduro, muito superior à sua idade. “Ela foi embora sem pagar pela aula”, ele disse, “mas aquilo era o mínimo que eu podia fazer.”

Estávamos novamente em pleno verão, e mais de um ano havia se passado desde a ocasião em que Cecilia cortara os pulsos, espalhando o veneno pelo ar. Um vazamento no complexo industrial do Rouge tinha aumentado os fosfatos no lago, produzindo uma espuma tão grossa de algas que chegava a fazer motores de popa engasgarem. Nosso belo lago começou a parecer um tanque de nenúfares, acarpetado por uma espuma ondulante. Pescadores arremessavam pedras da margem, abrindo buracos pelos quais podiam lançar suas linhas. O cheiro pantanoso que veio à tona era uma afronta às mansões refinadas das famílias da indústria automobilística, às quadras elevadas e verdes de *paddle* e às cerimônias de formatura celebradas sob tendas iluminadas. Debutantes choravam o infortúnio de serem apresentadas à sociedade em uma estação que ficaria marcada na mente de todos pelo mau cheiro. Mas os O’Connor apareceram com a solução engenhosa de usar “Asfixia” como o tema da festa de debutante da filha Alice. Os convidados chegaram usando smokings e máscaras de gás, vestidos de gala e capacetes de astronauta, e o próprio sr. O’Connor envergou um traje de escafandrista, abrindo a portinhola de vidro na máscara apenas para tomar longos goles de bourbon com água. No ápice da festa, quando Alice adentrou o salão dentro de um

pulmão artificial alugado do Hospital Henry Ford especialmente para aquela noite (o sr. O'Connor fazia parte do conselho), o cheiro podre que tomava conta do ar era apenas a cereja do bolo da atmosfera festiva.

Como todo mundo, fomos à festa de debutante de Alice O'Connor para esquecer as meninas Lisbon. Os garçons negros de coletes vermelhos nos serviram álcool sem pedir documento algum, e em troca, por volta das três da manhã, não abrimos o bico quando os vimos colocando as caixas de bourbon que tinham sobrado no porta-malas de um Cadillac que quase raspava o chão, de tão carregado. Na festa, conhecemos meninas que nunca tinham pensado em tirar as próprias vidas. Demos bebida a elas, dançamos com elas até ficarem tontas e as levamos até a varanda coberta de tela. Elas perderam os sapatos de salto alto no caminho, nos beijaram em meio à escuridão úmida e em seguida escapuliram para vomitar discretamente nos arbustos. Alguns de nós seguramos suas cabeças enquanto vomitavam, depois deixamos que lavassem as bocas com cerveja para voltarmos a beijá-las. As meninas estavam imensas em seus vestidos formais, estruturados em torno de uma armação de arame. Tinham quilos de cabelo presos no alto das cabeças. Bêbadas, e nos beijando, ou desmaiadas em cadeiras, estavam destinadas à universidade, a maridos, à criação de filhos, a uma infelicidade apenas vagamente percebida — destinadas, em outras palavras, à vida.

Na atmosfera da festa, os rostos dos adultos foram ficando vermelhos. A sra. O'Connor caiu de uma poltrona e a saia balão voou por cima da sua cabeça. O sr. O'Connor arrastou uma das amigas da filha para dentro do banheiro. A vizinhança inteira passou pela casa dos O'Connor naquela noite, cantando as músicas antigas que a banda medíocre tocava, ou então vagando pelos corredores, pela sala de jogos empoeirada, ou entrando no elevador que não funcionava mais. Erguendo taças de champanhe, as pessoas disseram que nossa indústria estava se recuperando, assim como nossa nação e nosso modo de vida. Os convidados desfilavam do lado de fora, iluminados por lanternas venezianas que levavam ao lago. Sob o luar,

a espuma de algas parecia um tapete felpudo, o lago inteiro transformado em uma sala de estar submersa. Alguém caiu na água, foi resgatado e ficou deitado no píer. “Chega”, disse, às gargalhadas. “Adeus, mundo cruel!” Tentou rolar de novo para dentro do lago, mas foi impedido pelos amigos.

“Vocês não entendem!”, ele insistiu. “Sou um adolescente! Tenho problemas!”

“Fica quieto”, ralhou uma voz feminina. “Vão ouvir.”

Dava para enxergar os fundos da casa dos Lisbon em meio às árvores, mas não se via luz alguma, provavelmente porque àquela altura a energia elétrica já tinha sido cortada. Voltamos para dentro, onde as pessoas estavam se divertindo. Os garçons serviam sorvete verde em tigelinhas de prata. Um tubo de gás lacrimogêneo foi aberto na pista de dança, emitindo uma névoa inofensiva. O sr. O’Connor dançou com Alice. Todos brindaram ao futuro dela.

Ficamos até raiar o dia. Assistindo ao primeiro amanhecer alcoólico de nossas vidas (um *fade-in* descolorido, usado à exaustão ao longo dos anos pelo diretor monotemático), estávamos com os lábios inchados de tanto beijar e as bocas latejando com o sabor de garotas. Já tínhamos casado e nos divorciado, de certo modo, e Tom Faheem encontrou uma carta de amor no bolso da calça, esquecida pela última pessoa que tinha alugado o smoking. As efeméridas nascidas durante a noite ainda batiam as asas em árvores e postes de luz, e deixavam a calçada gosmenta sob nossos pés, como se estivessemos caminhando sobre inhome. O dia prometia ser abafado. Tiramos os paletós e cambaleamos pela rua dos O’Connor, viramos a esquina e descemos a nossa própria rua. Ao longe, diante da casa dos Lisbon, a ambulância estava estacionada, irradiando suas luzes. Nem se deram ao trabalho de usar a sirene.

Foi a manhã em que os paramédicos apareceram pela última vez, em nossa opinião com a lerdeza de sempre, e o gordo fez aquela piada sobre não estarmos na TV. Nessa altura, já haviam estado tantas vezes na casa que nem chegaram a bater na porta, simplesmente se dirigiram para dentro,

passando pela cerca que não estava mais lá, entrando na cozinha para ver se o gás estava ligado, descendo em seguida até o porão, onde não encontraram nada amarrado na viga, e enfim subindo ao andar de cima, onde o segundo quarto que conferiram continha o que estavam procurando: a última filha dos Lisbon, dentro de um saco de dormir, e cheia de soporíferos.

Estava tão maquiada que os paramédicos tiveram a estranha sensação de que ela já tinha sido preparada para o velório por um agente funerário, e essa impressão durou até perceberem que o batom e a sombra estavam borrados. Ela havia se arranhado um pouco nos últimos instantes. Usava um vestido preto e um véu, que fizeram algumas pessoas se recordarem dos trajes de luto de Jackie Kennedy, e era verdade: ao sair pela porta da frente, a procissão final, com os dois paramédicos lembrando carregadores uniformizados de caixão, e o som das bombinhas de pós-feriado estourando ao longe, trouxeram à mente a solenidade do funeral de um personagem nacionalmente conhecido. Como nem o sr. nem a sra. Lisbon apareceram, a despedida ficou por nossa conta, e pela última vez nos aproximamos e ficamos em posição de sentido. Vince Fusilli ergueu o isqueiro aceso, como se estivesse em um show de rock. Era a melhor chama eterna que podíamos oferecer.

Por algum tempo tentamos aceitar as explicações genéricas que classificavam o sofrimento das Lisbon como algo meramente histórico, que brotara da mesma fonte de outros suicídios adolescentes. Segundo tais teorias, cada morte fazia parte de uma tendência. Tentamos voltar às nossas antigas vidas e deixar as meninas descansarem em paz, mas algo de assombrado seguia pairando sobre a casa dos Lisbon. Sempre que olhávamos para ela, víamos os contornos de uma chama subindo em arco a partir do telhado, ou se movendo em uma das janelas do andar de cima. Muitos de nós continuamos tendo sonhos nos quais as meninas Lisbon

pareciam mais reais do que tinham sido em vida, e acordávamos certos de que seu perfume do além permanecia sobre nossos travesseiros. Quase todos os dias nos encontrávamos para repassar as evidências, recitando trechos do diário de Cecilia (a descrição de Lux experimentando um mar gelado, com uma das pernas arqueadas como se fosse um flamingo, era bem popular naquela época). Ainda assim, sempre encerrávamos essas sessões com a sensação de que estávamos refazendo um caminho que não levava a lugar algum, e ficávamos cada vez mais mal-humorados e frustrados.

Por um golpe de sorte, no dia do suicídio de Mary os funcionários do cemitério chegaram a um acordo após quatrocentos e nove dias de negociação. A duração da greve tinha feito os necrotérios ficarem abarrotados meses antes, e os muitos corpos à espera de enterro agora voltavam ao estado, dentro de caminhões refrigerados ou em aviões, dependendo das condições econômicas do falecido. Um caminhão se envolveu em um acidente na autoestrada Chrysler e capotou, e a primeira página do jornal exibia uma fotografia com caixões metálicos sendo cuspidos do caminhão como lingotes. Ninguém compareceu ao enterro coletivo final das meninas Lisbon, exceto os pais delas, o sr. Calvin Honnicutt (um funcionário do cemitério que tinha acabado de voltar ao trabalho) e o padre Moody. Como o espaço disponível era limitado, as sepulturas das meninas não ficavam lado a lado, mas bem separadas, de modo que os presentes ao enterro tiveram de dar algumas voltas, passando de uma sepultura à outra na velocidade desgastante e lenta do tráfego no cemitério. Segundo o padre Moody, os constantes embarques e desembarques na limusine fizeram com que ele se esquecesse de qual menina estava em qual sepultura. “Tive que fazer uns discursos meio genéricos”, afirmou. “O cemitério estava uma confusão naquele dia. Estamos falando de um ano inteiro de falecidos. O lugar estava todo esburacado.” O sr. e a sra. Lisbon tinham sido reduzidos pela tragédia a um estupor submisso. Seguiam o padre de cova em cova, quase sem falar.

Sedada, a sra. Lisbon ficava olhando para o céu, como se estivesse observando pássaros. Disse o sr. Honnicutt: “Naquela altura eu já estava trabalhando por dezessete horas seguidas, graças a pílulas de cafeína. Só naquele turno, já tinha enterrado mais de cinquenta pessoas. Mesmo assim, quando vi aquela senhora, desmoronei”.

Vimos o sr. e a sra. Lisbon quando voltaram do cemitério. Com dignidade, saíram da limusine e caminharam até a casa, desbravando o matagal até encontrar os degraus de acesso à varanda. Passaram por cima dos pedaços quebrados de ardósia. Pela primeira vez na vida, percebemos uma semelhança entre o rosto da sra. Lisbon e os rostos das filhas, mas pode ter sido por causa do véu negro que algumas pessoas se lembram de tê-la visto usar. Não nos lembramos de véu nenhum e consideramos esse detalhe uma mera invenção de memórias românticas. Ainda assim, temos a imagem da sra. Lisbon virando-se para a rua e exibindo o rosto de uma maneira inédita para aqueles que estavam ajoelhados diante de janelas de sala de jantar, espiando através de cortinas quase transparentes, ou suando no sótão dos Pitzenberger; e também para nós, que estávamos olhando por sobre capôs de carros ou de terrenos baldios, por detrás de churrasqueiras ou do ápice do arco de um balanço — ela se virou, lançou o olhar azul em todas as direções, o mesmo olhar colorido das meninas, gélido, espectral e incognoscível, e então virou as costas e seguiu o marido para dentro de casa.

Como não tinha sobrado nenhuma mobília, não imaginávamos que os Lisbon ficariam ali por muito tempo. No entanto, três horas se passaram e eles não haviam ressurgido. Chase Buell usou um bastão de treino para rebater uma bola de plástico no quintal deles, mas voltou dizendo não ter visto nenhum sinal de vida dentro da casa. Não vimos o sr. e a sra. Lisbon saírem durante o resto do dia nem no início da noite. Já era madrugada quando eles enfim saíram da casa. Ninguém os viu, exceto o Tio Tucker. Anos mais tarde, quando o entrevistamos, ele estava completamente sóbrio e recuperado das décadas de abuso de álcool, e contrastando com todos os

outros, incluindo nós mesmos, que estávamos com uma aparência bem pior, o Tio Tucker parecia muito mais jovem e saudável do que antes. Perguntamos se ele se lembrava de ver os Lisbon indo embora, e ele respondeu que sim. “Eu tinha saído para fumar. Eram umas duas da manhã. Ouvi a porta se abrindo do outro lado da rua, então eles saíram. A mãe parecia bêbada. O marido meio que ajudou ela a entrar no carro. E eles foram embora. Bem rápido. Caíram fora.”

Quando acordamos na manhã seguinte, a casa dos Lisbon estava vazia. Parecia mais arruinada do que nunca, dando a impressão de ter implodido, como um pulmão com pneumotórax. Assim que o jovem casal de novos vizinhos tomou posse da casa, tivemos tempo, entre a raspagem da tinta, a nova pintura e o conserto do telhado, a extração dos arbustos e a instalação da grama japonesa, para aglutinar intuições e teorias sob a forma de uma história com a qual podíamos viver. O jovem casal de novos vizinhos derrubou as janelas da frente (que ainda tinham as marcas de nossos dedos e narizes) e instalaram janelas deslizantes com vedação hermética. Uma equipe de trabalhadores com macacões brancos e bonés lixou a casa inteira com jatos de areia e passou as duas semanas seguintes aplicando rajadas de uma pasta branca e espessa. O mestre de obras, identificado pelo uniforme como “Mike”, nos informou que “o novo método kenitex” eliminaria de uma vez por todas qualquer necessidade de repintura. “Logo, logo todo mundo vai usar kenitex”, afirmou enquanto os homens operavam as pistolas pulverizadoras, recobrando a superfície inteira da casa. Quando terminaram, a casa dos Lisbon tinha sido transformada em um bolo de casamento gigante coberto de glacê, mas levou menos de um ano para que pedaços de kenitex começassem a se desprender em nacos que pareciam titica de passarinho. Achamos que era uma vingança justa contra o jovem casal de novos vizinhos que havia se dedicado com tanto afínco a remover sinais das meninas Lisbon que ainda nos eram tão queridos: o telhado de ardósia, onde Lux havia transado, foi coberto de madeira lixada; o canteiro de flores dos fundos da casa, cujo solo tinha sido analisado por Therese em

busca de chumbo, foi calçado com tijolos vermelhos para que a jovem esposa pudesse colher flores sem molhar os pés; e os próprios quartos das meninas foram transformados em espaços particulares para que o jovem casal de novos vizinhos pudesse se dedicar aos seus interesses individuais — uma mesa e um computador no antigo quarto de Lux e Therese, um tear onde tinha sido o quarto de Mary e Bonnie. A banheira onde nossas náiades haviam flutuado, Lux semissubmersa fumando cigarros espetados para fora d'água como se respirasse por juncos, foi arrancada para dar lugar a uma banheira de fibra de vidro com hidromassagem. Analisamos a banheira do meio-fio, lutando contra a ânsia de deitar dentro dela. As crianças pequenas que se deitaram não tinham como entender o significado do ato. O jovem casal de novos vizinhos transformou a casa em um elegante espaço vazio dedicado à meditação e à serenidade, cobrindo com biombos japoneses as lembranças revoltas das meninas Lisbon.

Não foi apenas a casa dos Lisbon que mudou, mas a rua inteira. O Departamento de Parques continuou derrubando árvores, removendo um olmo doente para salvar os vinte restantes, depois removendo outro para salvar os dezenove restantes e assim por diante, até que restasse apenas a meia-árvore diante da antiga casa dos Lisbon. Ninguém conseguiu assistir quando eles vieram (Tim Winer comparou a árvore ao último falante nativo de manês), mas derrubaram-na com a serra circular, como as outras, salvando árvores distantes, em outras ruas. Todo mundo ficou dentro de casa durante a execução da árvore dos Lisbon, mas mesmo em nossos esconderijos sentíamos como a rua estava ficando ofuscante, a vizinhança inteira transformada em uma fotografia superexposta. Acabamos forçados a admitir como nosso subúrbio carecia de imaginação, tudo disposto em uma grade cuja uniformidade insípida fora ocultada pelas árvores, e o velho artifício dos estilos arquitetônicos diferentes perdeu a capacidade de fazer com que nos sentíssemos únicos. O Tudor dos Krieger, o colonial francês dos Buell, a imitação de Frank Lloyd Wright dos Buck — telhados assando ao sol e nada mais.

Pouco tempo depois, o FBI prendeu Sammy “Tubarão” Baldino, que não conseguiu usar o túnel de fuga e, após um longo julgamento, acabou indo para a prisão. Ao que consta, ele continuou gerenciando suas operações criminosas atrás das grades. A família Baldino permaneceu na casa, ainda que os homens em limusines à prova de balas tenham deixado de aparecer nas tardes de domingo para prestar homenagens. Sem poda, os loureiros assumiram formas estranhas e desarmônicas, e o terror inspirado pela família foi diminuindo dia após dia, até que alguém teve a coragem de vandalizar um dos leões da escadaria de entrada. Aos poucos Paul Baldino parecia apenas mais um garoto gordo com olheiras, e um dia escorregou, ou foi empurrado, nos chuveiros da escola, e o vimos deitado nos azulejos abraçando o próprio pé. Logo outros membros da família também foram presos e os Baldino acabaram se mudando, carregando as obras de arte renascentistas e as três mesas de bilhar em três caminhões. Um milionário desconhecido comprou a casa. Aumentou a altura da cerca em trinta centímetros.

Todos com quem conversamos estimaram a data do fim de nossa vizinhança como o dia do suicídio das meninas Lisbon. Embora de início as pessoas tenham colocado a culpa nelas, aos poucos a maré foi mudando, e as meninas deixaram de ser vistas como bodes expiatórios e passaram a ser consideradas videntes. Cada vez mais as pessoas se esqueciam dos motivos individuais que poderiam ter levado cada uma delas a se matar, os transtornos de estresse e os neurotransmissores insuficientes, e, em vez disso, atribuíram as mortes à sabedoria das meninas ao prever a derrocada do subúrbio. As pessoas enxergavam essa clarividência nos olmos exterminados, na luminosidade austera, na decadência progressiva de nossa indústria automobilística. Mas essa mudança de pensamento quase passou despercebida, porque raramente encontrávamos uns aos outros. Sem árvores, não havia folhas para varrer nem pilhas de folhas para queimar. No inverno, a neve continuou decepcionando. Não tínhamos mais as meninas Lisbon para espionar. De vez em quando, é claro, enquanto éramos

transportados para a melancolia do resto de nossas vidas (um lugar que as Lisbon, em uma postura que parecia cada vez mais sábia, não se deram ao trabalho de conhecer), parávamos, geralmente sozinhos, para fitar o sepulcro caiado da antiga casa dos Lisbon.

As meninas Lisbon tornaram o suicídio algo familiar. Mais tarde, quando outros conhecidos escolheram acabar com as próprias vidas — às vezes tendo até mesmo emprestado um livro no dia anterior —, sempre os imaginamos como se estivessem tirando botas incômodas para adentrar o bolor altamente associativo de um chalé no alto de uma duna, de frente para o mar. Todos tinham lido nas nuvens os sinais de desgraça escritos em grego pela velha sra. Karafilis. Por caminhos diferentes, com olhos de cores diferentes ou modos diferentes de menear a cabeça, haviam decifrado o segredo da covardia ou da coragem, qualquer que ele fosse. E as Lisbon tinham sempre chegado antes deles. Elas tinham se matado por nossas florestas moribundas, pelos peixes-boi mutilados por hélices ao emergirem para beber em mangueiras de jardim; tinham se matado ao ver pilhas de pneus usados mais altas que pirâmides; tinham se matado porque fracassaram na tentativa de encontrar um amor que nenhum de nós jamais poderia ser. No fim das contas, as torturas que despedaçaram as meninas Lisbon apontavam para uma simples e fundamentada recusa em aceitar o mundo que lhes tinha sido entregue, tão cheio de falhas.

Mas isso veio mais tarde. Imediatamente após os suicídios, quando nosso subúrbio passava por sua breve fase de infâmia, o assunto das meninas Lisbon virou quase um tabu. “Depois de algum tempo era como ficar remexendo num cadáver”, descreveu o sr. Eugene. “E os exageros da mídia liberal também não ajudaram. Salvem as meninas Lisbon. Salvem as percas-do-tennessee. Quanta bobagem!” As famílias se mudaram ou se dispersaram, todas em busca de um lugar diferente no Cinturão do Sol, e por algum tempo a impressão era de que nosso único legado seria a deserção. Depois de termos desertado da cidade para escapar de sua putrefação, desertávamos das margens verdejantes de nossa faixa de terra

cercada de água, batizada de “Ponta Grossa” por exploradores franceses em uma piada obscena que em trezentos anos ninguém jamais entendeu. Mas o êxodo durou pouco. Uma a uma, as pessoas foram voltando das breves estadias em outras comunidades, restaurando o banco de memória defeituoso no qual baseamos esta investigação. Dois anos atrás, nossa última grande mansão automobilística foi demolida para dar lugar a um loteamento. O mármore italiano que forrava o saguão de entrada — um raro cor-de-rosa encontrado em uma única pedreira no mundo inteiro — foi retalhado e vendido aos pedaços, assim como as instalações hidráulicas folheadas a ouro e os afrescos do teto. Como os olmos também se foram, restaram apenas as substitutas raquíticas. E nós. Não temos mais sequer o direito de fazer churrasco (lei municipal antipoluição), mas se tivéssemos esse direito talvez ainda nos reuníssemos, quem sabe, pelo menos alguns de nós, para lembrar a casa dos Lisbon e as meninas cujos cabelos, enrolados em escovas que ainda guardamos com zelo, começaram a se parecer mais e mais com a pelagem artificial de animais expostos em um museu de história natural. Tudo está se arruinando — da Peça nº 1 à nº 97, dispostas em cinco malas diferentes, cada uma acompanhada pela fotografia da falecida como em uma lápide copta, e guardadas na casa na árvore, que foi reformada e colocada em uma de nossas últimas árvores: (nº 1) a polaroide da casa, fotografada pela srta. D’Angelo, coberta por uma pátina esverdeada que se parece com limo; (nº 18) os velhos cosméticos de Mary, cada vez mais ressecados e se transformando em poeira bege; (nº 32) o tênis de cano alto em lona de Cecilia, amarelado de forma definitiva apesar da manutenção com escova de dentes e detergente; (nº 57) as velas votivas de Bonnie, mordiscadas por ratos todas as noites; (nº 62) os slides de amostras de Therese, exibindo a invasão de novas bactérias; (nº 81) o sutiã de Lux (Peter Sissen o roubou do crucifixo, devemos admitir de uma vez por todas), ficando cada vez mais rígido e protético, como algo que poderia ser usado por uma avó. Não selamos nossa tumba com perfeição e nossos objetos sagrados estão sucumbindo.

No fim tínhamos peças do quebra-cabeça, mas por mais que tentássemos montá-lo, alguns vazios permaneciam, formas estranhas mapeadas pelas peças circundantes, como países que não conseguíamos identificar. “Toda sabedoria leva ao paradoxo”, declarou o sr. Buell pouco antes de terminarmos nossa última entrevista, e sentimos que ele estava nos dizendo para esquecermos as meninas, deixá-las nas mãos de Deus. Sabíamos que Cecilia tinha se matado por ser desajustada, porque tinha sido chamada pelo além, e sabíamos que suas irmãs, depois de serem abandonadas, sentiram o chamado dela, daquele lugar. Mas mesmo ao chegarmos a essas conclusões, sentíamos nossas gargantas se apertarem, porque elas são ao mesmo tempo verdadeiras e falsas. Tanto se escreveu sobre as meninas nos jornais, tanto foi dito em conversas de fundo de quintal ou relatado em consultórios psiquiátricos com o passar dos anos, que nossa única certeza é a insuficiência das explicações. O sr. Eugene, que nos contou que os cientistas estavam prestes a descobrir os “genes ruins” que causam câncer, depressão e outras doenças, manifestou sua esperança de que em breve “também descubram um gene do suicídio”. Ao contrário do sr. Hedlie, ele não encarava os suicídios como uma resposta ao nosso momento histórico. “Porra”, disse, “desde quando os jovens de hoje em dia têm algo com o que se preocupar? Se querem mesmo ter problemas, deveriam morar em Bangladesh.”

“Foi uma combinação de diversos fatores”, escreveu o dr. Hornicker no último relatório, feito sem nenhum propósito médico, mas apenas porque ele não conseguia tirar as meninas da cabeça. “Para a maioria das pessoas”, afirmou, “o suicídio é como uma roleta russa. A arma tem apenas uma bala. No caso das meninas Lisbon, estava totalmente carregada. Uma bala para abusos domésticos. Uma bala para predisposição genética. Uma bala para mal-estar histórico. Uma bala para ímpeto inevitável. As outras duas balas são impossíveis de nomear, mas isso não significa que não estivessem ali.”

Mas tudo isso é vento que passa. A essência dos suicídios não consistia em tristeza ou mistério, mas apenas em egoísmo. As meninas tomaram nas próprias mãos decisões que deveriam ser deixadas para Deus. Tornaram-se poderosas demais para viver entre nós, absortas demais em si mesmas, visionárias demais, cegas demais. Depois delas, o que permaneceu não foi a vida, que sempre sobrepuja a morte natural, mas uma lista absolutamente trivial de fatos mundanos: um relógio tiquetaqueando na parede, uma sala na penumbra ao meio-dia e o ultraje de um ser humano pensando apenas em si mesmo. O cérebro dela se distanciando de todo o resto mas flamejando em pontos específicos de dor, ofensas pessoais, sonhos perdidos. Todos os outros entes queridos retrocedendo como gelo arrastado pela corrente, encolhendo até se tornarem pontos negros agitando os bracinhos, fora do alcance dos ouvidos. E então a corda presa na viga, o remédio para dormir colocado na palma da mão junto à linha da vida comprida e mentirosa, a janela escancarada, o forno ligado, enfim. Elas nos fizeram participar de sua própria loucura, porque não conseguíamos deixar de refazer seus passos, repassar seus pensamentos, e ver que nenhum deles conduzia até nós. Não conseguíamos imaginar o vazio de uma criatura que encosta uma navalha nos pulsos e abre as veias, o vazio e a tranquilidade. E tivemos de esfregar os focinhos nos últimos rastros que elas deixaram, as marcas de lama no chão, as malas que serviram de degrau, tivemos de respirar para sempre o ar dos cômodos onde elas se mataram. No fim não importava quantos anos elas tinham ou que fossem meninas, mas apenas que as amamos e que elas não nos ouviram chamar, e ainda não nos ouvem, aqui em cima na casa na árvore, com cabelos rareando e barrigas moles, chamando-as para fora dos quartos onde entraram para ficar sozinhas para sempre, sozinhas no suicídio, que é mais profundo que a morte, e onde nunca encontraremos as peças para montá-las outra vez.



Nascido em Detroit, nos Estados Unidos, em 1960, Jeffrey Eugenides é um dos principais escritores de sua geração. Depois de *As virgens suicidas* (1993), lançou *Middlesex* (2002), romance vencedor do prêmio Pulitzer, e *A trama do casamento* (2011), publicado no Brasil pela Companhia das Letras.

Facebook oficial: [www.facebook.com/ jeffreyeugenidesnovelist](http://www.facebook.com/jeffreyeugenidesnovelist)

Copyright © 1993 by Jeffrey Eugenides

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução parcial ou total em qualquer meio.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Virgin Suicides

Capa
Kiko Farkas e Adriano Guarnieri/ Máquina Estúdio

Foto de capa
Elle Hanley

Preparação
Julia de Souza

Revisão
Marina Nogueira
Adriana Cristina Bairrada

ISBN 978-85-8086-619-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br